



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE BEJA

Mestrado em Educação Especial
Domínio Cognitivo e Motor

PROJETO

PERCEBER PARA INTERVIR:

*A ATITUDE DOS PROFESSORES DO PRÉ-ESCOLAR E PRIMEIRO CICLO DO
AGRUPAMENTO Nº 3 DE BEJA, FACE À INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM
MULTIDEFICIÊNCIA NAS CLASSES REGULARES*

MESTRANDA: Marília José da Costa Amador Coelho Pelica

Beja, 2012



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE BEJA

Mestrado em Educação Especial
Domínio Cognitivo e Motor

PROJECTO

PERCEBER PARA INTERVIR:

A ATITUDE DOS PROFESSORES DO PRÉ-ESCOLAR E PRIMEIRO CICLO DO

AGRUPAMENTO Nº 3 DE BEJA, FACE À INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM

MULTIDEFICIÊNCIA NAS CLASSES REGULARES

MESTRANDA: Marília José da Costa Amador Coelho Pelica

ORIENTADORA: Mestre/Especialista Adelaide Espírito Santo

Beja, 2012

RESUMO

Este projeto de investigação partiu do facto da investigadora, como coordenadora de uma Unidade de Apoio Especializado à Multideficiência que, até ao momento, atende alunos do Pré-escolar e do Primeiro Ciclo do Ensino Básico verificar que, para a maioria dos professores do ensino regular, estes alunos não são vistos como sendo seus, mas sim da Unidade. A partir desta constatação pretendeu-se **levar as educadoras do Pré-escolar e as professoras do Primeiro Ciclo do Agrupamento a refletir sobre quais os constrangimentos e necessidades sentidas na promoção de práticas inclusivas, no sentido de modificar/melhorar as suas atitudes, face à inclusão de crianças com Multideficiência na sua sala de aula.**

O projeto de investigação-ação assentou em três ciclos de investigação – Planeamento/avaliação; reflexão/intervenção e avaliação – com recurso, em todos eles, à técnica da entrevista reflexiva e subsequente análise de conteúdo, a todas as professoras (do ensino regular e do ensino especial) que intervêm com os alunos com multideficiência.

Considerámos imperioso ir para além da avaliação pelo que se procurou refletir com as colegas sobre as suas preocupações, dúvidas e necessidades e cooperar na procura de estratégias para uma inclusão de qualidade, dos alunos com multideficiência

Consideramos que o aspeto mais relevante deste trabalho assentou no facto de não se ficar só pela investigação mas sim apostarmos na intervenção com o intuito de gerarmos um ambiente mais rico e confiante nos educadores e professores do ensino regular que conseqüentemente levará à criação de atitudes mais positivas, por parte dos mesmos.

Palavras-chave: Multideficiência; Inclusão; Atitudes; Cooperação

ABSTRACT

This research project is rooted on the fact that the researcher – as coordinator of a unit which provides support for multiple disabilities, heretofore serving pre-school and primary school children – has realized that most regular teachers do not conceive these students as their own, yet as a unit's accountability. The aim steamed from this observation was to **bring pre-school educators and primary school teachers within the group to reflect on the perceived needs and constraints in promoting inclusive practices, in order to modify / enhance their attitudes towards the inclusion of multiple-disabled children in their classroom.**

The action research project was based on three research cycles – planning / assessment, reflection/assessment and intervention – in which a reflexive interview technique, followed by a content analysis, has been applied to all teachers (from both regular and special education) working with multiple-disabled students.

We considered as crucial to go beyond the evaluation, and thus attempted to reflect with those fellow professionals upon their concerns, questions and needs, as well as to cooperate striving for strategies that will provide a quality inclusion for multiple-disabled students.

We are certain that the most significant aspect of this work is that not only had we invested on research but also on intervention with the aim of generating a richer and more supportive environment in addition to confident educators and teachers. These features certainly lead, consequently, to the promotion of more positive attitudes from those professionals within the regular education systems.

Key-Words: Multiple Disability, Inclusion; Attitudes; Cooperation

AGRADECIMENTOS

O importante, não são as palavras que escrevemos, mas o que sentimos. No entanto, há coisas que merecem ser ditas e por tudo isso queremos deixar o nosso sincero agradecimento às pessoas que tornaram possível que chegássemos até aqui.

Agradecemos em primeiro lugar à minha família pela compreensão e força que sempre me deram ao longo de todo este percurso.

Um agradecimento muito especial à Dr.^a Adelaide Espírito Santo, que orientou e apoiou a investigação e a realização deste trabalho. Pela sua disponibilidade, sempre que era necessário esclarecer dúvidas e pela motivação dada, um reconhecido muito obrigado.

Agradecemos também à Direção do Agrupamento nº 3 de Beja, na pessoa do professor Joaquim Cabecinha, como diretor e à coordenadora dos SEAE, professora Teresa Baião pela compreensão demonstrada no tempo que foi dispensado para a realização desta investigação.

Um agradecimento também muito especial às colegas de E.E. e técnicas da UAEM que permitiram apoiar o desenvolvimento deste projeto.

Às professoras participantes no projeto de investigação, também um reconhecido agradecimento, sem a colaboração das quais não seria possível a realização desta investigação.

A todos, muito obrigada!

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPITULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
1. Deficiência: As diferentes formas de a definir e classificar	5
1.1. A deficiência mental e a multideficiência	9
1.1.1. Características da Deficiência Mental	9
1.2. A paralisia cerebral e a multideficiência	11
1.2.1. Paralisia Cerebral - uma causa da Multideficiência	11
1.2.2. Características gerais da criança com Paralisia Cerebral	12
1.2.3. Preparar a Intervenção Educativa da Criança com Paralisia Cerebral	13
1.3. A multideficiência: Suas Características	15
1.3.1. O aluno com Multideficiência	18
1.3.2. A aprendizagem no aluno com Multideficiência	20
2.- A Escola Inclusiva e a Multideficiência	23
2.1. Obstáculos à Educação Inclusiva	29
3. A atitude dos professores na inclusão dos alunos com Multideficiência	33
3.1. Fatores que influenciam as Atitudes	39
CAPÍTULO 2 – ESTUDO EMPÍRICO	51
II METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS	52
1. Problemática e sua Contextualização	52
2. Delimitação da Investigação	55
3. Objetivos da Investigação	57
4. Participantes no estudo	59
5. Técnicas de Recolha e Tratamento de Dados	63
III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS RESULTADOS	68
6. Análise dos Dados	68
Primeiro Ciclo	68
Segundo Ciclo	106
Terceiro Ciclo	130
3. Considerações Finais	137
4. Proposta de Intervenção	140
BIBLIOGRAFIA	147
Apêndices (livro anexo)	

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº 1: Necessidade de Formação Específica em E.E.	68
Quadro nº 2: Impacto da Inclusão nos Professores do Ensino Regular	72
Quadro nº 3: Formação Contínua em Educação	76
Quadro nº 4: Formação em N.E.E./Educação Especial	78
Quadro nº 5: Confronto entre Barreiras e Facilitadores da Inclusão	80
Quadro nº 6: Boas Práticas Apontadas	82
Quadro nº 7: Propostas para uma Melhor Inclusão do Aluno Multideficiente	86
Quadro nº 8: Multideficiência	89
Quadro nº 9: Inclusão/Integração	94
Quadro nº 10: Confronto entre Vantagens e Desvantagens da Inclusão	97
Quadro nº 11: Parecer sobre a Inclusão de Alunos com Multideficiência	100
Quadro nº 12: O Papel do Professor na Promoção da Inclusão	103
Quadro nº 13: Experiência Profissional com Alunos de E.E.	104
Quadro nº 14: Impacto da Inclusão	106
Quadro nº 15: Formação em N.E.E./Educação Especial	110
Quadro nº 16: Necessidade de Formação Específica em E.E.	111
Quadro nº 17: Boas Práticas Apontadas	112
Quadro nº 18: Confronto entre Barreiras e Facilitadores da Inclusão	114
Quadro nº 19: Propostas para uma Melhor Inclusão do Aluno Multideficiente	116
Quadro nº 20: Propostas dos Professores DE E.E. para uma Melhor Inclusão do Aluno Multideficiente	116
Quadro nº 21: Multideficiência	118
Quadro nº 22: Inclusão/Integração	120
Quadro nº 23: Confronto entre Vantagens e Desvantagens da Inclusão – Parecer das Docentes do Ensino Regular	122
Quadro nº 24: Confronto entre Vantagens e Desvantagens da Inclusão, Segundo os Professores de E.E.	123
Quadro nº 25: Parecer sobre a Inclusão de Alunos com Multideficiência	124

Quadro nº 26: O Papel do Professor na Promoção da Inclusão	127
Quadro nº 27: Categoria – Papel do Professor de E.E. na Promoção da Inclusão	127
Quadro nº 28: Sugestões	134



INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com NEE no sistema regular de ensino constitui uma inovação educativa defendida em grande parte dos países. No entanto, a implementação de práticas inclusivas constitui ainda um processo difícil e lento, uma vez que as escolas e os professores não estão suficientemente preparados para as exigências que uma escola inclusiva supõe.

Quando falamos em inclusão de alunos com Multideficiência o quadro ainda se torna mais complexo pois estamos perante crianças que por apresentarem uma combinação de acentuadas limitações no domínio cognitivo, motor e/ou sensorial, podem necessitar de cuidados de saúde e de educação específicos.

As especificidades que apresentam, associadas à necessidade de recursos materiais e humanos diferenciados, determinam que se proceda a mudanças estruturais e atitudinais nas escolas que recebem estes alunos.

Para atender à necessidade de dar resposta à inclusão de alunos com Multideficiência, e de acordo com o Decreto-Lei nº 3/2008, no Agrupamento nº 3 Santiago Maior de Beja foi criada, desde o ano transato, uma Unidade de Apoio Especializado para a Educação de alunos com Multideficiência (UAEM) que, até ao momento, atende alunos do Pré-escolar e do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

A investigadora, como coordenadora desta UAEM e seguindo a filosofia de Inclusão deste Agrupamento, considera que esses alunos devem fazer parte das turmas onde estão matriculados, mas o que tem verificado é que, para a maioria dos professores do ensino regular, estes alunos não são vistos como sendo seus, mas sim da Unidade.

Esta constatação veio demonstrar que se torna premente proceder a um estudo sobre a atitude que os professores destes níveis de ensino têm face à inclusão dos alunos

com Multideficiência, bem como sobre as dificuldades e necessidades sentidas, no sentido de intervir, numa base reflexiva, com vista a modificar essas mesmas atitudes.

Partindo da análise da situação atual, com vista a atingir a situação ideal de criação, nos professores, de atitudes positivas que conduzam à implementação de práticas inclusivas nas suas salas, urge intervir junto dos professores que têm nas suas salas alunos multideficientes, para promover a Inclusão.

Consideramos este tema bastante pertinente pois uma intervenção adequada poderá ajudar a melhorar significativamente a prática pedagógica dos educadores e professores do ensino regular, uma vez que esta investigação levará a refletir e a procurar estratégias que conduzam à inclusão das crianças com Multideficiência, promovendo uma melhor aceitação e abertura à diferença por parte dos educadores e professores titulares de turma.

Consideramos que o aspeto mais relevante deste projeto assenta no facto de não se ficar só pela investigação mas sim apostarmos na intervenção com o intuito de gerarmos um ambiente mais rico e confiante nos educadores e professores do ensino regular que conseqüentemente levará à criação de atitudes mais positivas por parte dos mesmos.

O presente estudo encontra-se organizado em duas partes. Na primeira parte apresentamos o enquadramento teórico onde procedemos a uma breve resenha sobre a problemática da deficiência e Multideficiência, debruçando-nos um pouco mais sobre a criança com Multideficiência: suas características e necessidades, como aprende e como deve ser ensinada. Seguidamente, abordamos a temática da inclusão, a emergência da educação inclusiva, seu enquadramento legislativo e desafios colocados pela mesma ao professor do ensino regular. Por último referimo-nos às atitudes (quer ao conceito, quer

às atitudes dos professores face à inclusão de crianças com Multideficiência nas suas salas) e aos fatores que influenciam essas mesmas atitudes.

A segunda parte – Estudo Empírico – está subdividida também em duas partes. Na primeira referente à Metodologia de Investigação, apresentamos a problemática e sua contextualização, a delimitação da investigação, os objetivos da investigação, a caracterização dos participantes no estudo e as técnicas de recolha de dados. Na segunda apresentamos a análise interpretativa dos resultados dos dados dos três ciclos da investigação.

Por fim apresentamos as considerações finais decorrente dos resultados da investigação e a subsequente proposta de intervenção nos moldes de uma oficina de formação como resposta às necessidades encontradas, e por último a bibliografia.

Em apêndice encontram-se os guiões das entrevistas, as entrevistas e as grelhas de análise de conteúdo.

CAPITULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Deficiência: As diferentes formas de a definir e classificar

Ao nos propormos realizar um trabalho de investigação sobre a problemática da Multideficiência, urge clarificarmos alguns conceitos chave como é o caso do conceito de deficiência.

A clarificação de conceitos em qualquer estudo, permite precisar as características do mesmo, e inseri-lo num quadro teórico de referência.

Falar da problemática da deficiência não é sem dúvida inovador, mas os vários conceitos que se ligam a ela têm sido uma fonte de estudos em permanente construção.

A palavra deficiente, de acordo com França (2000), oriunda do latim (*deficere*) significa incompleto, imperfeito, falho, aquele em que há uma deficiência. A palavra deficiência (*deficientia*), igualmente proveniente do latim refere-se a imperfeição, insuficiência, lacuna, enfraquecimento, falta.

Já a UNESCO em 1977 definiu que a deficiência é uma de entre todas as possibilidades do ser humano, portanto, deve ser considerada, mesmo se as suas causas e consequências se modificam, como um fator natural que nós mostramos e de que falamos do mesmo modo que o fazemos em relação a todas as outras potencialidades humanas.

A OMS define deficiência no domínio da saúde como sendo "Qualquer perda ou anormalidade da estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatómica" (Organização Mundial de Saúde (OMS), 1980: 35) citado por Vieira e Pereira (1996:39).

De acordo com esta definição, o conceito de "deficiência", incluindo em si a noção de "perda" é muito mais ampla que o conceito de "perturbação". Na verdade, perder uma perna, por exemplo, é uma "deficiência" física mas nem por isso se trata de uma "perturbação". A deficiência, assim encarada, caracteriza-se então por perdas ou

alterações que, por sua vez, podem ser **temporárias** ou **permanentes**. Dizer que um indivíduo "tem uma deficiência" não implica, portanto, que o indivíduo tenha uma doença nem que tenha de ser encarado como "doente".

O conceito deficiência, atualmente é visto e analisado pelas entidades que dele se ocupam, não como uma simples característica ou atributo da pessoa mas como o produto que resulta de uma relação interativa entre a pessoa, o ambiente físico e as construções sociais e crenças onde esta se insere, construções sociais que muitas vezes estão na base de processos de discriminação em questões sociais ou laborais (Centro de Reabilitação Profissional de Gaia - CRPG, 2007). Ser deficiente pode ser uma característica da pessoa mas a incapacidade é o resultado da sua impossibilidade em interagir com a sociedade em total autonomia porque essa mesma sociedade não apresenta as condições necessárias para que a pessoa viva e atue em igualdade de circunstâncias com os outros que a rodeiam.

Em virtude de deficiências mentais, físicas ou sensoriais, há no mundo vários milhões de pessoas classificadas como portadoras de deficiência. Numa tentativa de se produzir uma classificação da nomenclatura aplicada aos deficientes, a OMS, (1980) apresenta os seguintes conceitos para impedimento, deficiência e incapacidade:

- **Impedimento** – alguma perda ou anormalidade das funções ou da estrutura anatómica, fisiológica ou psicológica do corpo humano;
- **Deficiência** – alguma restrição ou perda, resultante do impedimento, para desenvolver habilidades consideradas normais para o ser humano;
- **Incapacidade** – uma desvantagem individual, resultante do impedimento ou da deficiência, que limita ou impede o cumprimento ou desempenho de um papel social, dependendo da idade, sexo e fatores sociais e culturais.

Martin, Jáuregui e López (2004) reforçam a definição de incapacidade considerando que esta reflete a consequência da deficiência do ponto de vista do rendimento funcional e da atividade do indivíduo. Os autores acrescentam ainda o conceito de **Restrição** que se refere às desvantagens que o indivíduo experimenta como consequência das incapacidades. As restrições refletem a interação e a adaptação do indivíduo ao meio e vice-versa.

É importante diferenciar os conceitos. Pode faltar a um aluno um segmento de uma perna (agenesia de membro), o que seria a deficiência. Ao tentar caminhar, por exemplo, ficaria evidente a incapacidade. Se dispõe de uma prótese, mas não pode articular o joelho (flexionar e esticar a perna) para subir/descer escadas, evidenciar-se-á a restrição. Por conseguinte, quanto mais adaptado estiver o meio no qual ele se movimenta (rampas, elevadores, etc.), menor será a restrição.

Na Classificação Internacional da Funcionalidade Incapacidade (CIF: 2003), o termo deficiência corresponde, a alterações apenas no nível do corpo, enquanto o termo incapacidade seria bem mais abrangente, indicando os aspetos negativos da interação entre um indivíduo (com uma determinada condição de saúde) e seus fatores contextuais (fatores ambientais ou pessoais), ou seja, algo que envolva uma relação dinâmica. Um indivíduo pode apresentar uma deficiência (ao nível do corpo) e não necessariamente viver qualquer tipo de incapacidade. De modo oposto, uma pessoa pode viver a incapacidade sem ter nenhuma deficiência, apenas por influência de estigmas ou preconceitos (barreira de atitude).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), adota uma classificação que reconhece os seguintes tipos de deficiências como os mais frequentes: visual, auditiva, mental, motora (ou física) e múltipla.

• **Deficiência visual** - é a perda ou redução da capacidade visual em ambos os olhos, com carácter definitivo, não sendo suscetível de ser melhorada ou corrigida com o uso de lentes e/ou tratamento clínico ou cirúrgico.

• **Deficiência auditiva** - trivialmente conhecida como surdez, consiste na perda parcial ou total da capacidade de ouvir, isto é, um indivíduo que apresente um problema auditivo. É considerado surdo todo o indivíduo cuja audição não é funcional no dia-a-dia, e considerado parcialmente surdo todo aquele cuja capacidade de ouvir, ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva.

• **Deficiência motora** - é uma disfunção física ou motora, a qual poderá ser de carácter congénito ou adquirido. Desta forma, esta disfunção irá afetar o indivíduo, no que diz respeito à mobilidade. À coordenação motora ou à fala. Este tipo de deficiência pode decorrer de lesões neurológicas, neuromusculares, ortopédicas e ainda de mal formação.

- Tipos de deficiência motora

- monoplegia: paralisia de um membro do corpo;
- hemiplegia: paralisia de metade do corpo;
- paraplegia: paralisia da cintura para baixo;
- tetraplegia: paralisia do pescoço para baixo;
- amputado: falta de um membro do corpo.

O grande desafio da escola é possibilitar que os alunos com incapacidade motora sejam cada vez mais autónomos. Conseguiremos isso sempre que lhes facilitarmos o acesso, possibilitarmos uma postura adequada para desenvolver as tarefas escolares, proporcionarmos suportes técnicos à comunicação, etc.

• **Deficiência mental** – é a designação que caracteriza os problemas que ocorrem no cérebro e levam a um baixo rendimento, mas que não afetam outras regiões ou áreas cerebrais.

De acordo com Vieira e Pereira (1996) e Bautista (1997), deficiente mental - é toda a pessoa que tenha um QI abaixo de 70 e cujos sintomas tenham aparecido antes dos dezoito anos.

Segundo a vertente pedagógica, apresentada por Bautista (op. cit.), o deficiente mental será o indivíduo que tem uma maior ou menor dificuldade em seguir o processo regular de aprendizagem e que por isso tem necessidades educativas especiais, ou seja, necessita de apoios e adaptações curriculares que lhe permitam seguir o processo regular de ensino.

1.1. A deficiência mental e a multideficiência

1.1.1. Características da Deficiência Mental

Como o objetivo deste estudo envolve o atendimento educativo à criança multideficiente, devemos ter em consideração o conceito de Multideficiência.

Sendo consideradas as pessoas com Multideficiência como "indivíduos que apresentam necessidades educativas especiais de carácter prolongado com acentuadas limitações no funcionamento cognitivo, associados a limitações noutros domínios, nomeadamente no domínio motor e/ ou sensorial (visual e auditivo), com reflexos no desenvolvimento e aprendizagem" (I.P.L. – E.S.E./2007), torna-se pertinente abordarmos a problemática da deficiência mental de uma forma mais particular.

Nas pessoas com deficiência mental, tal como em todas as outras pessoas, o comportamento pessoal e social é muito variável e não se pode portanto falar de características iguais em todas as pessoas com deficiência mental. Não existem duas pessoas, deficientes ou não, que possuam a mesma constituição biológica ou as mesmas experiências ambientais. Assim, a variedade é enorme e, enquanto numas é notável o

atraso de desenvolvimento, outras apresentam um aspeto saudável, para além de toda uma série de características em que a diferença entre umas e outras é enorme.

De acordo com Bautista (1997), através de alguns estudos experimentais, foi demonstrada a existência de algumas características que distinguem os deficientes mentais dos outros.

Destacam-se, como mais significativas, as seguintes:

Físicas: Falta de equilíbrio, Dificuldades de locomoção; Dificuldades de coordenação; Dificuldades de manipulação.

Pessoais: Ansiedade; Falta de autocontrolo; Tendência para evitar situações de fracasso e não procurar o êxito; Possível existência de perturbações da personalidade.

Sociais: Atraso evolutivo em situações de jogo; Problemas de memória; Problemas de categorização; Dificuldade na resolução de problemas; Défice linguístico; Problemas nas relações sociais.

As dificuldades com que nos deparamos no desenvolvimento de um deficiente mental são várias: dificuldades psicomotoras; dificuldades sensoriais; dificuldades nas relações sociais e dificuldades de linguagem.

No momento de planificar qualquer intervenção educativa, deveremos pensar nessas dificuldades, consoante as possibilidades e limitações de cada indivíduo, estabelecer o programa adequado para cada caso, com um grande objetivo, o de favorecer ao máximo o desenvolvimento das suas potencialidades.

Quando um indivíduo com deficiência mental apresenta acentuadas limitações no domínio cognitivo, associadas a limitações no domínio sensorial e que pode ainda necessitar de cuidados de saúde, estamos sem dúvida, perante alguém com Multideficiência.

Todas estas limitações dificultam a interação natural com o ambiente, colocando em grande risco o desenvolvimento e o acesso à aprendizagem.

Sabemos que a Multideficiência que está associada a deficiência mental é a que atinge maior número de indivíduos. As unidades especializadas foram criadas com o objetivo de dar resposta aos alunos com estes problemas.

1.2. A paralisia cerebral e a multideficiência

1.2.1. Paralisia Cerebral - uma causa da Multideficiência

Ao abordarmos a problemática da Multideficiência e fazermos um estudo bibliográfico aprofundado sobre o tema, considerando o indivíduo com Multideficiência aquele que apresenta necessidades educativas especiais de carácter prolongado, que se enquadram no domínio cognitivo, sensorial e/ou motor, pareceu-nos importante fazer uma breve abordagem sobre a Paralisia Cerebral pois é a mais frequente causa da Multideficiência.

A paralisia cerebral, de acordo com Bautista (1997), pode apresentar deficiências associadas pois uma lesão cerebral pode afetar uma ou várias funções, pelo que é frequente que as perturbações motoras possam estar acompanhadas por alterações de outras funções como a linguagem, audição, visão, desenvolvimento mental, carácter, epilepsia e/ou transtornos perceptivos. Daí se percebe que a paralisia cerebral é a causa mais frequente da Multideficiência. Num estudo apresentado por Nunes (2002) sobre os aspetos relativos ao tipo de patologias apresentadas em crianças e jovens com Multideficiência, a paralisia cerebral foi referida em 35% dos casos, sendo a patologia mais mencionada em todas as DRE, exceto na DRE de Lisboa.

O termo paralisia cerebral, na opinião de Bautista (1997), emprega-se geralmente para definir um grupo de afeções caracterizadas pela disfunção motora, cuja principal causa é uma lesão encefálica não progressiva, acontecida antes, durante, ou pouco depois do parto, emprega-se geralmente o termo paralisia cerebral. É uma perturbação complexa que compreende vários sintomas: alteração da função neuromuscular com défices sensoriais (audição, visão, fala) ou não, dificuldades de aprendizagem com défice intelectual ou sem ele e problemas emocionais.

Segundo Cahuzac (1985), citado por Bautista (op. cit.), a paralisia cerebral é uma desordem permanente e não imutável da postura e de movimentos, devido a uma disfunção do cérebro antes que o seu crescimento e desenvolvimento estejam completos.

Nesta definição do autor será necessário esclarecer quatro noções essenciais:

- É uma desordem permanente que, embora definitiva, não é evolutiva.
- Não é mutável, como tal, suscetível de melhoras.
- Não está em relação com o nível mental; a perturbação predominante é a perturbação motora.
- Pode surgir durante todo o período de crescimento cerebral, sem referência a nenhuma etiologia precisa.

1.2.2. Características gerais da criança com Paralisia Cerebral

A criança com paralisia cerebral tem características muito específicas a vários níveis:

Nível Motor: Persistência de reflexos primitivos; Postura anormal; Atraso no desenvolvimento psicomotor; Disfunção percetivo-motora (mais frequente nos

espásticos); Perturbações da linguagem (mais frequente nos atetósicos); Epilepsia (mais frequente nos espásticos).

Atraso no desenvolvimento intelectual, raro nos atetósicos e frequente nos outros dois tipos.

Nível Sócio afetivo: Alterações comportamentais que comportam: instabilidade emocional, hiperatividade, falta de atenção, receio, impulsividade, apatia e dificuldades de integração.

Nível sensorial: As características específicas a este nível são perturbações visuais e auditivas. Uma grande parte das crianças com paralisia cerebral, são muito dependentes a vários níveis, nomeadamente, ao nível higiene pessoal e da alimentação, tornando-as muito dependentes.

1.2.3. Preparar a Intervenção Educativa da Criança com Paralisia Cerebral

Quando preparamos a intervenção educativa, junto de crianças com paralisia cerebral, deve-se ter em atenção vários fatores, tais como, a mobilidade; a preensão; a comunicação; o sentar.

Mobilidade - O mais relevante para os educadores, segundo Martin *et al.* (2004), não é tanto o diagnóstico mas as características de cada indivíduo, no que se refere aos dados que descrevem as condutas motoras nas áreas em que se desenvolverá o seu desempenho pessoal, social e escolar.

Assim será importante saber como o aluno se desloca: se anda de forma autónoma, em ambientes externos ou apenas internos; se se movimenta com suportes ortopédicos e quais utiliza, se se arrasta sobre as nádegas, de braços ou se gira. Enfim, quais são as possibilidades de deslocamento e mobilidade que apresenta, para sabermos como terá acesso à escola e como se poderá facilitar a mobilidade. Será necessário, então, fazer

uma análise exaustiva das barreiras arquitetônicas existentes e um plano para eliminá-las, de modo a lhe possibilitar o acesso às diferentes dependências.

Preensão - Devemos questionar também sobre como usa as mãos, se pode segurar, se pode soltar, se pode deslocar o objeto por arrasto, se tem intenção manipuladora, se pode indicar, se dirige a mão ao objeto ou qual o seu grau de coordenação óculo-manual. Tudo isto para que possamos saber se poderá usar os materiais escolares básicos ou se teremos de introduzir diferentes instrumentos adaptados e suportes técnicos.

Comunicação - É imprescindível também saber quais são as possibilidades de comunicação da criança, se tem linguagem oral, se esta é inteligível, se utiliza algum código de comunicação aumentativa ou se já utilizou algum suporte técnico para a comunicação.

Em função das suas possibilidades e competências comunicativas poderemos estabelecer e propor as estratégias necessárias como a introdução de sistemas aumentativos de comunicação e de alguns suportes técnicos à comunicação na sala de aula e na escola em geral.

Sentar - Do mesmo modo é imprescindível conhecer as possibilidades de assentamento destes alunos e o seu grau de controlo do tronco para lhes podermos proporcionar uma postura adequada na sala, um mobiliário específico ou simples adaptações do mobiliário-padrão, para permitir e facilitar a realização das tarefas escolares.

Questões relativas ao controle dos esfíncteres e à existência de processos convulsivos também são essenciais pois para podermos estruturar a intervenção educativa e programar a consecução de determinado objetivo, devemos descartar a existência de uma causa fisiológica que lhe impeça de alcançar tal objetivo.

1.3. A multideficiência: Suas Características

Do acima exposto conclui-se que quando a pessoa sofre lesões orgânicas graves, estas refletem-se ao nível do funcionamento do sistema nervoso central, mas também afetam outros órgãos, tais como: o dos sentidos, os membros, a fala e a saúde em geral, levando a problemas tão diversificados como epilepsia, dificuldades de alimentação, controlo dos esfíncteres, entre outros (Vieira e Pereira, 1996). A pessoa apresenta então uma combinação de acentuadas limitações que se enquadram na chamada Multideficiência.

A Multideficiência surge como uma das condições que mais controvérsia tem gerado no que respeita à inclusão de alunos com deficiência nas escolas do ensino regular. É uma problemática que resulta da associação de diferentes tipos de deficiências e por isso mesmo, são muitas e diferenciadas as necessidades educativas desta população.

Nunes (2008), citando Orelove, Sobsey e Silberman (2004) e Saramago *et al.* (2004), refere que as pessoas com Multideficiência:

“...apresentam acentuadas limitações no domínio cognitivo, associadas a limitações no domínio motor e/ou no domínio sensorial (visão ou audição), e que podem ainda necessitar de cuidados de saúde específicos. Estas limitações impedem a interação natural com o ambiente, colocando em grave risco o acesso ao desenvolvimento e à aprendizagem” (Nunes, 2008:9).

A citação apresentada dá-nos conta de quanto a Multideficiência se torna uma problemática com um quadro complexo e muito específico e que a criança com Multideficiência pode apresentar um conjunto muito variado de necessidades de acordo com a sua problemática.

As crianças com Multideficiência, como nos diz Nunes (2005), apresentam Necessidades Educativas Especiais de alta intensidade, pois evidenciam manifestações

muito graves, e de baixa frequência, uma vez que se caracterizam por uma menor incidência. A problemática da Multideficiência, embora de baixa incidência (em Portugal observa-se um valor que ronda os 1,95% do total da população com NEE (Correia, 2008), requer uma enorme atenção e preocupação por parte dos profissionais da área médica, social e educacional, face ao conjunto muito variado de necessidades que podem surgir.

Orelove e Sobsey (2000), citados por Nunes (2002) agruparam as necessidades encontradas em três grandes blocos:

Necessidades físicas e médicas – Como foi referido no ponto 1.2.1., a mais frequente causa da Multideficiência é a Paralisia Cerebral, a qual prejudica a postura e a mobilidade da criança. Por isso, é fundamental estar atento às questões do posicionamento e da manipulação, para se poder promover a sua aprendizagem e melhorar a sua qualidade de vida.

As limitações sensoriais sobretudo as visuais e as auditivas são também muito comuns na população com esta problemática.

As convulsões representam igualmente um sério desafio médico, podendo a medicação ter efeitos secundários.

O risco de surgirem dificuldades no controlo respiratório e pulmonar tem mais probabilidades de existir nestas crianças/ jovens, devido aos problemas musculares e esqueléticos. O momento da refeição pode também representar uma dificuldade, nomeadamente quando têm problemas de deglutição ou mastigação.

São mais vulneráveis às doenças do que as outras crianças/jovens, apresentando menos resistências físicas que as leva a poder ter problemas de saúde, vários.

Necessidade Educativas – A perda ou diminuição da função nos sistemas sensoriais e motores torna ainda mais urgente a necessidade de uma educação adequada.

Esta necessidade relaciona-se com o posicionamento e manuseio, os métodos de comunicação, as possibilidades de escolha, entre outros.

O correto posicionamento e manuseio da criança poderá reduzir a dor e prevenir deformidades. Face às suas limitações, é importante que o seu posicionamento seja adequado para ver, ouvir, aceder e manipular materiais, sendo este importante fator no acesso às aprendizagens.

A maioria encontra-se impossibilitada de usar a fala para comunicar, pelo que necessitam de treinar um método de comunicação apropriado como forma de compreensão e expressão de necessidades e interesses pessoais. Além disso, como não conseguem pedir ou satisfazer autonomamente as suas necessidades e interesses, deve ser-lhes dado a possibilidade de escolha.

Necessidades Emocionais – Estes alunos, como qualquer ser humano necessitam de afeto e atenção, pelo que lhes devem ser proporcionadas oportunidades para interagir com o contexto à sua volta e desenvolver relações sociais e afetivas com os adultos e os seus pares, pelo que é importante não tratar estas crianças como se fossem incapazes de ter afetos, gostos próprios, preferências por objetos ou situações. Torna-se necessário respeitar as suas decisões por mais elementares que sejam.

A Multideficiência sendo um fator que impossibilita o indivíduo de interagir com o meio, conseqüentemente, reduz as possibilidades de maturação espontânea e/ou de apropriação, ou seja, afeta todo o processo de aprendizagem e desenvolvimento através de uma interação com a realidade, quer física, quer social.

Como tal, as necessidades acima descritas implicam o recurso a um tipo de abordagem educativa que seja sensível à condição da criança e ao seu contexto socioeconómico. Daí que a educação tenha de ser planeada de uma forma sistemática e dentro de um processo de colaboração de tomada de decisões.

1.3.1. O aluno com Multideficiência

Tendo em conta o que acabámos de referir, os alunos com Multideficiência apresentam acentuadas limitações ao nível de algumas funções mentais, bem como acentuadas dificuldades ao nível da comunicação e da linguagem e ao nível das funções motoras, nomeadamente na mobilidade.

Podem apresentar também, limitações nas funções visuais ou auditivas, sendo frequente coexistirem graves problemas de saúde física, nomeadamente epilepsia e problemas respiratórios.

Dada a combinação e a gravidade das limitações que apresentam, pela idade em que surgem e pelas experiências vivenciadas, Nunes (2008) refere que os alunos com Multideficiência constituem um grupo muito heterogéneo e conseqüentemente, são alunos com necessidades de aprendizagem únicas e excepcionais que evidenciam um quadro complexo e precisam de apoio permanente na realização da maioria das atividades quotidianas, como seja a alimentação, a higiene, a mobilidade, o vestir e o despir. Contudo, de acordo com o mesmo autor, encontram-se necessidades comuns que nos permitem dizer que, em relação à atividade e participação deste grupo de alunos, as suas maiores dificuldades situam-se ao nível:

- dos processos da interação com o meio ambiente;
- da compreensão do mundo envolvente;
- da seleção dos estímulos relevantes;
- da compreensão e interpretação da informação recebida;
- da aquisição de competências;
- da concentração da atenção;
- do pensamento;
- da tomada de decisões sobre a vida;

- da resolução de problemas.

Para além do apresentado, normalmente, estas crianças não usam a linguagem oral, o que lhes dificulta significativamente a comunicação com os outros. A incapacidade para usar a fala tem um impacto muito forte no desenvolvimento das capacidades individuais, no controlo do ambiente que as rodeia, para além das suas repercussões no desenvolvimento social, necessitando, por isso, de constante estimulação, de numerosas oportunidades de interação e de parceiros que comuniquem com elas de forma adequada em contextos reais, de modo a reforçar as suas tentativas de interação.

As barreiras que se colocam à participação e aprendizagem, destas criança, são muito significativas, na opinião de Nunes (2008), citando (Amaral *et al.*, 2004), faz com que necessitem de:

- Apoio intensivo quer na realização das atividades diárias, quer na aprendizagem.
- Parceiros que os aceitam como participantes ativos.
- Vivências idênticas em ambientes diferenciados.
- Ambientes comuns onde existam oportunidades significativas, para participar, em múltiplas experiências diversificadas.
- Oportunidades para interagir com pessoas e objetos significativos.

Consequentemente, estes alunos precisam do apoio de serviços específicos, nos seus contextos naturais, sempre que possível, de modo a responderem à especificidade das suas necessidades. Estes apoios devem estar consubstanciados no seu programa educativo individual uma vez que as necessidades acima descritas implicam a aplicação de outro tipo de abordagem e de estratégias.

Assim sendo, a sua educação deve de ser planeada de uma forma sistemática e dentro de um processo de colaboração de tomadas de decisões. Esta opinião é reforçada por Orelove e Sobsey (2000), citados por Nunes (2002), ao referirem ser mais eficiente o sistema de serviço baseado no modelo transdisciplinar, no qual as tomadas de decisão em grupo são essenciais.

Contudo, como aluno que é, em termos educativos considera-se fundamental conhecê-lo enquanto pessoa: quais os seus gostos; as suas motivações; como aprende: o que quer aprender; o que precisa de aprender; o que não quer aprender.

1.3.2. A aprendizagem no aluno com Multideficiência

Dadas as limitações e dificuldades identificadas, a criança com Multideficiência apresenta necessidades educativas especiais de carácter prolongado que se enquadram no domínio cognitivo, sensorial e/ou motor.

Embora não se saiba como aprende, Nunes (op. cit.) refere que se sabe que é indispensável a criança com Multideficiência estar inserida em ambientes onde lhe sejam dadas oportunidades de aprendizagem de vida real. Sabe-se ainda que não aprende de uma forma incidental. De acordo com Pereira (2004), as crianças/jovens com Multideficiência não procuram a informação de forma ativa, pelo que toda a sua aprendizagem tem de ser planeada, incluindo o ensino direto de competências dos aspetos mais simples e mais básicos da vida, atendendo ao seu funcionamento no futuro, para poder ter uma melhor qualidade de vida.

Para aprender precisa de interagir com o ambiente natural (inclui as pessoas e os objetos). Nas palavras de Nunes (2001) no seu livro editado pelo Ministério da Educação (ME),

“A experiência e a interação social constituem uma base importante do

desenvolvimento e da aprendizagem. As experiências reais (...) permitem que as crianças/jovens tenham acesso a informação diversificada, a qual serve de alicerce ao desenvolvimento cognitivo e sócio emocional.” (Nunes, 2001: 30).

De facto, as suas maiores limitações não decorrem, na generalidade, daquilo que pode aprender mas do que lhe é ensinado. É essencial centrarmo-nos nela como sendo um aprendiz único, com capacidades e dificuldades específicas. Como nos diz Pereira e Vieira (1996), citados por Nunes (2002:7) *“a desvantagem sofrida por cada indivíduo é pessoal e particular; por isso, a sua educação não pode ser feita sem um ensino individualizado, centrado nas necessidades de cada um”*. Na realidade, antes de mais ela é uma criança que, tal como as outras, tem necessidades básicas e sentimentos, que nos merece respeito e tem direito a uma educação adequada às suas capacidades e necessidades.

Em termos da sua educação o maior desafio para todos, de acordo com as palavras de Nunes (2002), poderá ser reconhecer que se está ainda a aprender. A compreensão desta problemática está algures no caminho à nossa frente, para lá chegar há que continuar a caminhar e a acreditar que é possível.

A aprendizagem destas crianças, conforme nos diz Pereira (2005), ocorre, essencialmente, a partir das suas experiências, nos ambientes naturais e da interação que estabelece com as pessoas e objetos.

Sabemos que a combinação de acentuadas limitações apresentadas pelos alunos com Multideficiência dificulta o seu desenvolvimento e influencia tanto a forma como funcionam nos diversos ambientes, como o modo como aprendem.

No entanto, estas crianças precisam de interagir com os ambientes onde se encontram e de comunicar com as pessoas que os rodeiam para que se possam desenvolver e ter acesso a oportunidades educativas.

A sua educação precisa de ser analisada numa perspetiva ecológica, ou seja, é necessário considerar todos os ambientes que a criança/jovem frequenta, incluindo o familiar e o comunitário.

A organização das respostas educativas deve ter em atenção os seguintes pressupostos básicos:

- As respostas educativas têm de se adequar à especificidade de cada aluno;
- A comunicação é o eixo central de toda a intervenção;
- A aprendizagem deve centrar-se em experiências da vida real.

As crianças/jovens com Multideficiência não procuram a informação de forma ativa. Neste sentido, tudo o que uma criança/jovem com Multideficiência aprende tem de lhe ser ensinado.

As suas principais dificuldades prendem-se com falta de experiências diversificadas e a falta de oportunidades de comunicação, pelo que a sua educação, constitui um desafio para os profissionais que com eles trabalham.

É preciso que os parceiros de comunicação em geral e os docentes em particular, de acordo com Pereira (2004), procurem a melhor forma de:

- a) Proporcionar à criança experiências significativas organizadas e diversificadas.
- b) Garantir que a informação fornecida e as competências a desenvolver sejam úteis e contribuam para aumentar a sua independência na vida futura.
- c) Garantir a generalização das aprendizagens realizadas a todas as situações significativas.
- d) Transmitir informação usando formas de comunicação que respondam às necessidades individuais da criança/jovem.

Estes aspetos têm de ser considerados nos seus programas educativos individuais.

As limitações cognitivas, motoras e/ou sensoriais apresentadas pelos alunos com Multideficiência levou a que ao longo dos tempos, a sua educação tivesse lugar em “regime especial”, ou seja, segregado, porque tal como Felizardo (2010) acentua “na escola perpassa, tal como na sociedade, a lógica da competição, do individualismo e o culto da meritocracia”.

Com a Declaração de Salamanca, em 1994, houve uma mudança de paradigma e considerou-se que as escolas devem de encontrar formas de educar com sucesso todas as crianças, incluindo aquelas que apresentam incapacidades graves.

O que se pretende é criar uma escola com condições para que todos os alunos, independentemente da sua condição, possam aprender todos juntos. Uma escola onde ser diferente, nas palavras de Rodrigues (1995), é um enriquecimento, uma oportunidade de aprendizagem e uma forma de mostrar que cada indivíduo é um ser único e especial, exatamente por ser diferente.

2.- A Escola Inclusiva e a Multideficiência

Para garantirmos que o aluno com Multideficiência se desenvolva e aprenda juntamente com os seus pares, temos de proporcionar as condições para que tal aconteça e isso só pode ser na escola. A escola deve de se adaptar à realidade atual para receber todos alunos, tornando-se numa escola inclusiva, pois como nos diz Correia (2008), a chave para o sucesso da educação, que aceita e trabalha na diferenciação, integrando todos os alunos é a inclusão.

Ao falarmos de educação inclusiva, estamo-nos a referir a uma nova conceção de escola onde todas as crianças sem exceção têm a mesma igualdade de oportunidades independentemente dos valores culturais ou limitações físicas e intelectuais.

A educação inclusiva coloca maiores exigências e renovados desafios à escola

e aos professores, pelo que estes precisam de apoio nos seus esforços para efetivamente implementarem um currículo que responda às características e necessidades de todos os alunos. Capacitar os professores e as escolas a trabalhar com um currículo que responda a estas exigências é, pois, o grande desafio que se coloca à própria escola e aos serviços de apoio. O *Despacho 105/97* veio regular a prestação de serviços de apoio educativo na tentativa de responder às necessidades da escola inclusiva, definindo as funções do docente de apoio educativo, bem como das Equipas de Coordenação dos Apoios Educativos. Este despacho teve como inovação o facto de focar um modelo inclusivo de educação dos alunos com NEE, reconhecendo que as medidas de apoio se situavam ao nível da interação entre as necessidades da escola e as dos alunos.

No sentido de viabilizar este diploma são colocados nas escolas docentes com formação especializada competindo-lhes prestar apoio educativo ao professor, ao aluno e à família, bem como organizar e gerir os recursos e medidas diferenciadas a introduzir no processo de ensino aprendizagem.

Com o passar do tempo surgiram uma série de investigações acerca dos resultados da inclusão nas escolas portuguesas. Um desses estudos foi de Pereira (2005) em que apontava falhas na educação de alunos com NEE, que passavam por considerar que: o conceito de NEE carecia de uma maior especificação; a necessidade de revisão dos critérios de sinalização; a implementação de uma avaliação regular da intervenção; uma melhoria na utilização dos recursos humanos disponíveis, bem como privilegiar a resposta especializada a alunos com NEE de carácter prolongado.

Na procura de respostas às NEE de carácter permanente, principalmente as de alta intensidade e de baixa frequência (Nunes, 2005), em que se enquadra a multideficiência, foi publicado no nosso país o Decreto-lei 3/2008.

Atualmente, o *Decreto-lei 3/2008* de 7 de Janeiro é o documento legislativo que regulamenta a Educação Especial em Portugal. Este decreto define com rigor a população alvo da Educação Especial, circunscrevendo-a às “crianças e jovens que apresentam Necessidades Educativas Especiais decorrentes de alterações funcionais e estruturais de carácter permanente que se traduzem em dificuldades continuadas em diferentes domínios”. É de notar algumas mudanças, nomeadamente, o alargamento do seu âmbito de ação para o nível pré-escolar, particular e cooperativo. Este decreto aborda também o papel dos Encarregados de Educação na implementação da Educação Especial junto dos seus educandos, sugerindo procedimentos a desenvolver, caso a participação dos pais não seja considerada. A nível da organização das escolas, estabelece algumas escolas de referência para o ensino bilingue de alunos surdos, bem como para o ensino de alunos cegos e com baixa visão. Além disso, possibilita a criação de unidades de ensino estruturado para alunos com perturbações do espectro do autismo bem como para alunos com Multideficiência e surdo cegueira congénita.

No seu artigo 26.º é referido que:

“1 - As unidades de apoio especializado para a educação de alunos com Multideficiência e surdo cegueira congénita constituem uma resposta educativa especializada desenvolvida em escolas ou agrupamentos de escolas que concentrem grupos de alunos que manifestem essas problemáticas.

2 - A organização da resposta educativa deve ser determinada pelo tipo de dificuldade manifestada, pelo nível de desenvolvimento cognitivo, linguístico e social e pela idade dos alunos.

3 - Constituem objetivos das unidades de apoio especializado:

a) Promover a participação dos alunos com Multideficiência e surdo cegueira nas atividades curriculares e de enriquecimento curricular junto dos pares da turma a que pertencem;

- b) Aplicar metodologias e estratégias de intervenção interdisciplinares visando o desenvolvimento e a integração social e escolar dos alunos;*
- c) Assegurar a criação de ambientes estruturados, securizantes e significativos para os alunos;*
- d) Proceder às adequações curriculares necessárias;*
- e) Adotar opções educativas flexíveis, de carácter individual e dinâmico, pressupondo uma avaliação constante do processo de ensino e de aprendizagem do aluno e o regular envolvimento e participação da família;*
- f) Assegurar os apoios específicos ao nível das terapias, da psicologia e da orientação e mobilidade aos alunos que deles possam necessitar;*
- g) Organizar o processo de transição para a vida pós-escolar.”*

De facto, a criação das Unidades de Apoio Especializado à Multideficiência, veio permitir criar condições para que os alunos portadores desta problemática possam estar nas escolas de ensino regular para poderem interagir com os seus pares, pois a interação entre os diversos alunos, com ou sem deficiência, é um processo que pode contribuir para a normalização dos comportamentos típicos de cada um, construindo um suporte fundamental na construção da personalidade dos alunos com deficiência e por sua vez os alunos do ensino regular podem desenvolver uma maior aceitação da diferença.

Assim, as crianças com Multideficiência podem desenvolver-se e fazer aprendizagens, ao interagir com os pares em ambientes naturais onde possam participar em atividades apropriadas às suas capacidades e em períodos de tempo de acordo com as suas necessidades.

É ainda de salientar que esta prática de inclusão de alunos com Multideficiência em ambientes de educação com crianças com desenvolvimento típico tem benefícios para todas.

Mas será necessário criar as condições propícias para que tal aconteça. E isso passa por apetrechar as escolas de meios humanos, materiais e técnicos bem como repensar a organização curricular.

De facto, nas nossas escolas, atualmente verifica-se a existência de mais recursos humanos, bem como uma mudança na organização curricular, estes são fatores apontados pelos professores como essenciais para que se processe uma inclusão adequada, e ao nível das quais diziam sentir ainda falhas.

Para além dos recursos humanos, Miranda (2005), citado por Serra (2008), refere que a escola inclusiva deve apoiar-se sobre quatro elementos básicos:

- a informação sobre o aluno e respetivos ambientes de aprendizagem;
- a necessidade de realizar uma planificação ajustada, partindo do conhecimento das experiências do aluno;
- a prática de uma intervenção apropriada, tendo em conta a informação sobre o aluno e as planificações realizadas;
- a reavaliação do trabalho realizado pelo aluno, tendo em vista a adaptação do programa proposto.

Do acima exposto, deduz-se que a Inclusão, implica um esforço de mudança e melhoria da própria escola, de forma a proporcionar a todos as melhores condições possíveis de aprendizagem, sucesso e participação, na base das circunstâncias específicas de cada um. Incluir é criar oportunidades de acesso a uma educação de qualidade, o que passa, entre outros aspetos, pelo reconhecimento de que os alunos devem aprender juntos, que a heterogeneidade e diversidade são um valor, que os contextos sociais de aprendizagem proporcionados, nomeadamente na sala de aula, visam antes de tudo minimizar as barreiras que sempre se colocam à aprendizagem, à participação e ao desenvolvimento.

Como todos nós sabemos a inclusão de crianças com Multideficiência não se efetua somente com base na legislação. Parece fundamental a sensibilização, a mobilização, a participação e o envolvimento dos atores intervenientes no processo, neste caso, os professores, pois têm um papel fundamental na condução de uma inclusão bem-sucedida.

Correia (1999) reconhece serem grandes as responsabilidades cometidas ao professor de ensino regular: espera-se que utilize estratégias e desenvolva atividades de ensino individualizado junto da criança com NEE, mantenha um programa eficaz para o resto do grupo e colabore na integração social do grupo.

No caso concreto dos alunos com Multideficiência, os professores devem adotar determinadas estratégias de ensino que permita, dada a especificidade de cada um destes alunos, promover a sua real inclusão na sua escola.

Apesar de constatarmos que a inclusão de crianças com Multideficiência, na Escola Regular tenha aumentado consideravelmente nos últimos anos, com a criação das Unidades de Ensino Especializado em Multideficiência, contempladas no *Decreto-lei 3/2008*, a sua eficácia continua a ser polémica. Logo podemos constatar que o termo inclusão ainda só é aplicado no discurso e não na prática em grande parte das nossas escolas. O que se verifica na realidade de algumas escolas é que estes alunos são encarados pelos professores do ensino regular como alunos da Unidade de Multideficiência e que vão algumas horas à turma para conviverem com os colegas.

Ladeira e Amaral (1999), defendem que a inclusão de crianças com Multideficiência nas salas de ensino regular, implica uma reflexão relativamente ao papel que a escola tem em relação a estas crianças, bem como à noção de sucesso. A escola é bem mais do que um local onde se aprende a ler e escrever. É, possivelmente,

um local onde se aprende a viver, a participar com outros em atividades, a conhecer melhor a comunidade em que se está inserido, a conviver com pessoas diferentes.

Já Freire (2008), no seu artigo “Um olhar sobre a Inclusão” afirma que:

Com a inclusão, há uma nova forma de compreender as dificuldades educacionais. O problema já não reside no aluno, mas sim na forma como a escola está organizada e no modo com funciona. Não se trata unicamente de saber qual é o défice da criança (...) mas trata-se de saber o que faz o professor, o que faz a classe, o que faz a escola para promover o sucesso desta criança. (Freire, 2008:11).

Cabe, pois, aos professores, e à escola em geral, promoverem estratégias que proporcionem essa mesma inclusão dos diferentes tipos de alunos que têm na sua escola.

2.1. Obstáculos à Educação Inclusiva

Do que atrás foi exposto parece que o sucesso da inclusão depende em grande parte, quer do professor do ensino regular quer do professor de Educação Especial. Pensamos ser pertinente analisar, não só os fatores para a promoção de uma escola inclusiva mas também os constrangimentos que podem surgir no caminho, para que os possamos colmatar.

Se queremos tornar a escola mais eficaz, Azevedo (2003), diz que nos devemos opor aos problemas com continuidade e paciência, renunciar aos efeitos imediatos e ao pensamento mágico, compreender que a reforma da escola não é uma guerra-relâmpago, mas uma longa caminhada.

Segundo o Parecer n.º 9 do C.N.E., de 2004, o primeiro obstáculo ao modelo de Escola Inclusiva, é a formação pois, embora pese os discursos pedagógicos, a generalidade dos professores não foi preparada, na sua formação inicial e contínua, para lidar com a diferença. Isso faz com que um grande número de professores não tenha

recebido formação que lhe permita identificar e intervir adequadamente com os casos de jovens com NEE e muito menos no caso de alunos com Multideficiência.

O sucesso das medidas inclusivas depende, principalmente, da capacidade de resposta dos professores ao nível das estratégias, das atividades de ensino do aluno com NEE de carácter permanente, neste caso, nos alunos com Multideficiência, dos *“conhecimentos básicos e técnicas que lhes permitam compreender as necessidades das crianças e jovens com dificuldades e do processo como estes podem estar integrados em escolas regulares”* (Mittler, 1992, citado por Mesquita e Rodrigues, 1994: 56). Portanto, sem a formação necessária, o conhecimento da natureza dos seus problemas e as implicações que têm no seu processo educativo, Correia (1999), assevera que os professores do ensino regular não lhes podem prestar o apoio adequado.

A formação, na área da Educação Especial, é essencial que se obtenha logo desde o início da formação do docente, como defende Correia (1994) citado por Correia, (1999: 161), que nos diz que *“os cursos de formação inicial das Escolas Superiores de Educação do país deverão incluir uma vertente em Educação Especial (...) e, até, um estágio de, pelo menos, um semestre”*.

Porém, em Portugal, nos cursos onde existe uma disciplina relacionada com as NEE, esta limita-se, por vezes, ao conhecimento teórico de um determinado número de problemáticas, bem como da legislação e das medidas previstas na mesma para fazer face à Inclusão, ficando muito aquém daquilo que são os propósitos da Educação Inclusiva.

O que se sabe é que durante muitos anos a preocupação de formar professores na área da Educação Especial ficou só para aqueles que quiseram seguir essa vertente pedagógica, tendo-se criado as condições para que verificassem nas salas de aula dois “grupos” o dos alunos do ensino regular e o dos alunos de Educação Especial.

A ausência de formação em NEE por parte dos professores do regular e a formação dos professores especializados cria, nas palavras de (Ainscow, 1996), algumas vezes, um clima de alheamento por parte dos professores regulares, deixando parecer que todos os casos difíceis são deficiências e estão fora da sua alçada, diminuindo a sua expectativa e o seu empenhamento em relação a estes alunos, contribuindo para uma menor integração na classe. Porter (1998) considera que ambos os professores devem ter formação embora diferente: ao professor do regular cabe a responsabilidade de ensinar todas as crianças/jovens e ao professor de apoio/Educação Especial o papel de consultadoria. São pessoas que podem ajudar o professor a encontrar soluções operacionais para os problemas que surjam na sala de aula.

A falta de coordenação na criação dos horários dos professores do ensino regular com os de Educação Especial, que os permitam envolver-se em verdadeiras culturas de colaboração tem sido também um obstáculo apontado em diversos estudos, como limitação para a interação entre os professores devido às condições de trabalho propostas pelas escolas, o que obstaculiza a promoção de práticas inclusivas (Lortie, 1975; Flinders., 1988; Rosenholtz, 1988; McTaggart, 1989; Hargreaves A., 1998), citados por Correia, 2007).

Por outro lado, Felizardo (2010) constata uma evolução significativa dos quadros conceituais e dos dispositivos legislativos que têm marcado o contexto nacional e internacional. No entanto, as práticas quotidianas nem sempre têm seguido esta matriz e tem-se assistido a alguns paradoxos e obstáculos, os quais têm abalado esta construção da inclusão, a saber:

“i) A influência das correntes neoliberais dos tempos atuais, obstaculizam um investimento sério em recursos humanos e materiais, e tornam, frequentes vezes, inviáveis, muitas diretivas pró-inclusivas, ou então, as mudanças são implementadas com objetivos primeiramente economicistas, que desvirtuam

muitas diretivas e podem gerar formas de segregação e exclusão, numa aparente capa de inclusão;

ii) A dificuldade em conciliar os valores da inclusão e outros valores conflitantes com aqueles, como sejam, a lógica da competição, do individualismo e o culto da meritocracia, também eles caracterizadores da sociedade e da escola atuais;

iii) A existência de estruturas, regulações normativas e formas de ser e estar que perduram no sistema e são contraditórias com os valores da inclusão” (Felizardo, 2010:9).

Do que foi exposto se depreende que um dos principais fatores apontados como constrangimento à promoção de práticas inclusivas é a falta de formação dos docentes na área das NEE e, no caso particular, na área da Multideficiência. Essa falta de preparação afeta também a criação de boas práticas de trabalho colaborativo entre docentes do Ensino Regular e docentes de Educação Especial, aliada à falta de organização de algumas escolas no sentido de criar a possibilidade de criação de horários compatíveis entre esses docentes e que contemplem momentos de reunião para planificarem em conjunto.

A inclusão visa, pois, garantir que todos os alunos, independentemente das suas características e diferenças, acessem a uma educação de qualidade e vivam experiências significativas. Será necessário que a escola se reorganize de forma a poder dar resposta a todos os alunos para que acessem a um mesmo currículo e, para tal, é essencial a criação de condições promotoras de equidade em que os alunos com Multideficiência possam beneficiar de estratégias e medidas que permitam atenuar as suas diferenças. Ora, isto implica uma grande mudança conceptual e estrutural, que passa por uma nova forma, não só de conceber a escola, como também de conceber a diferença.

Será necessário repensar a escola como um espaço em que haja possibilidade de cooperação entre todos os intervenientes no processo educativo. Em que a escola valorize todos os saberes e os atores educativos apresentem uma forma de ser e de estar adequados com os valores da inclusão.

3. A atitude dos professores na inclusão dos alunos com Multideficiência

Para a inclusão de alunos com NEE, e em especial com Multideficiência, na Escola Regular é reconhecido que um fator que interfere de forma decisiva consiste na atitude dos professores, e no empenhamento com que procuram resolver os problemas que se colocam e ultrapassar os obstáculos que se levantam. Morgado e Silva (1999) referem que os professores, especialmente os do ensino regular ainda não desenvolveram uma compreensão empática das condições subjacentes à deficiência e que, regra geral, tendem a não apoiar a colocação de alunos com NEE nas classes regulares. Estes autores consideram que a implementação e o sucesso da inclusão estão dependentes das atitudes evidenciadas por parte do corpo docente responsável pelo ensino dos alunos com NEE. As representações e as atitudes dos professores face à inclusão escolar das crianças com Multideficiência, depende fundamentalmente das representações de sucesso de cada grupo.

A nossa experiência profissional constatou que ainda existe dificuldade em modificar atitudes de alguns intervenientes neste processo. Muitos estão ainda marcados por ideias e preconceitos antigos, medos e confusões entre integração e inclusão.

Este aspeto é particularmente relevante no processo de inclusão, uma vez que os professores têm de aceitar novas responsabilidades, direcionando a sua ação para áreas diferentes, muitas vezes sentidas como ameaçadoras. Os professores, situando-se na

mediação entre normativos legais e as práticas escolares, são atores privilegiados, dependendo em grande medida das suas atitudes e crenças, o sucesso ou insucesso da inclusão.

Na opinião de Silva (2002), a evolução da legislação, no sentido da inclusão, não tem sido acompanhada de formação adequada aos professores, afirmando que:

“...a integração de alunos com necessidades educativas especiais e, posteriormente a legislação que aponta para a sua inclusão, têm dependido de normativos que apelam ao desempenho de tarefas específicas por parte dos professores do ensino regular, que não têm tido, de um modo geral, formação nesse sentido.” (Silva, 2002:34).

De facto não se pode esperar mudanças significativas nas práticas docentes se não lhes for proporcionada a devida orientação através da formação.

Porque este movimento de inclusão se trata de uma mudança para estes profissionais, persistem um pouco por todo o lado, dúvidas e preocupações naturais que poderão levar à necessidade de mudar as práticas. Processo esse que será mais ágil, ou não, de acordo com Loureiro (2002), consoante as representações que os professores constroem do seu papel e das políticas inclusivas, com repercussões nas atitudes face aos alunos.

O papel do professor é bastante relevante na construção de uma escola e, consequentemente, de uma sociedade inclusiva.

A este respeito, o relatório síntese, apresentado pela AEDNEE (2003) refere a importância do professor na implementação da inclusão:

“A atitude dos professores foi indicada como um fator decisivo na construção de escolas mais inclusivas. Se os professores não aceitarem a educação de todos os alunos como parte integrante do seu trabalho, tentarão que alguém (muitas vezes o professor especialista) assuma a responsabilidade pelos alunos com NEE e organize uma segregação “dissimulada” na escola (por exemplo classe especial)” (AEDNEE, 2003:13).

Pereira (1998:51) com base em Hall e Loucks (1978), propõe um modelo do desenvolvimento de atitudes dos professores perante a mudança nas práticas e disponibilidade para as aprender e aplicar que se compõe de sete níveis:

«-**Nível 0 (Consciencialização)** – Os profissionais têm pouco contacto ou envolvimento com a mudança das práticas.

-**Nível 1 (Informação)** – A primeira atitude é querer saber mais acerca da mudança das práticas.

-**Nível 2 (Pessoalização)** – Os profissionais questionam-se sobre de que forma a mudança das práticas os afetará pessoalmente.

-**Nível 3 (Realização)** – Atitudes centradas na implementação das práticas, como, quando e onde devem ser implementadas.

-**Nível 4 (Consequências)** – Os profissionais questionam-se acerca do impacto que a mudança terá na criança e na família.

-**Nível 5 (Colaboração)** – Os profissionais procuram a colaboração de outros colegas para os ajudar na aplicação de novas práticas.

-**Nível 6 (Avaliação)** – Os profissionais avaliam as novas práticas e, se necessário, procedem às mudanças necessárias para as tornar eficazes.

A mudança efetiva das atitudes e práticas dos docentes envolvem um conjunto de valores, desejos, emoções, sentimentos e inseguranças face às realidades experienciadas na sala de aula e na instituição escolar com os alunos, órgãos de gestão, pessoal auxiliar e colegas de trabalho, que ocupam um lugar de destaque no sucesso ou insucesso das novas políticas educativas.

Se é certo que os professores se sentem mais motivados a mudar de atitude e de práticas quando se estabelecem redes de colaboração e cooperação genuínas que lhes garantam um suporte emocional para fazer face aos riscos da mudança, alimentando a

criatividade para desenvolver novas atividades e estratégias face à diversidade dos alunos, por outro lado a sociedade exige do professor a excelência, o que manifestamente impede que este avance para projetos inovadores sem ter a certeza de obter resultados favoráveis. Ninguém gosta de se expor ao fracasso, daí que abracem as novas filosofias e políticas educativas com alguma cautela e discrição.

Algumas investigações como as levadas a cabo por Minke, Bear, Deemer & Griffin (1996) mostram que os professores do ensino regular se percebem como não estando preparados para ensinar crianças com dificuldades, referindo baixa percepção de autoeficácia a nível pessoal e de ensino e considerando ineficazes as adaptações educativas e curriculares na sala de aula, ao invés dos professores de Educação Especial, que têm uma visão mais positiva da inclusão, acontecendo sensivelmente o mesmo com os professores de educação regular na situação de turmas inclusivas.

Quando se pretende uma mudança nas práticas, na opinião de Ware (1995), os professores têm de ter a ocasião de exprimir as suas convicções sobre si próprios como professores, sobre os seus alunos e sobre as suas práticas; só com base nas suas narrativas se podem planificar mudanças que assumam mais facilmente significado, principalmente se partirem da análise concreta dos contextos específicos das turmas e das escolas. Há que saber escutar as suas opiniões e dúvidas para que se possa compreender e avaliar as suas atitudes.

Os estudos que têm como objetivo avaliar as atitudes dos professores, tentam identificar as variáveis que influenciam essas atitudes. Os aspetos mais referidos na literatura dizem sobretudo respeito às atitudes gerais face à inclusão educativa, o tipo de estratégias instrucionais aplicadas na sala de aula e a percepção do sentido de eficácia pessoal. O uso de estratégias e adaptações instrucionais adequadas aos alunos com problemas escolares está associado ao sentido de eficácia do professor.

Bender, Vail & Scott (1995), avaliando as atitudes dos professores a nível do sentido de eficácia e a nível da inclusão, concluíram que os professores com atitudes mais positivas são os que usam estratégias instrucionais mais adequadas (e com mais frequência) do que os que têm atitudes menos positivas.

Alguns estudos citados no artigo de Avramidis e Norwich (2002), e circunscrevendo-nos às variáveis que dizem respeito à criança, os resultados apontam que os professores evidenciam atitudes mais positivas face à inclusão de crianças com deficiências ligeiras, problemas físicos ou sensoriais do que face à inclusão de crianças com comprometimentos cognitivos ou Multideficiência.

Embora a educação de alunos com Multideficiência constitua um desafio para os profissionais que com eles trabalham, denotando-se ainda dificuldades, não nos podemos esquecer que todos têm os mesmos direitos, devendo a sociedade encontrar formas de os poder instruir e educar, de acordo com as suas necessidades, perspetivando uma vida de qualidade.

A todas as crianças devem ser proporcionadas oportunidades para viver experiências de sucesso, desenvolver competências, adquirir conhecimentos e adotar atitudes fundamentais para contribuir, dentro das suas possibilidades, para a vida em sociedade, assegurando-se a sua independência e o seu desenvolvimento como seres humanos.

Os docentes e outros técnicos devem ter em consideração, na elaboração dos programas educativos para estes alunos a tríade: importância da atividade, movimento e comunicação.

A inclusão destes alunos requer alterações muito específicas a nível do currículo e do apoio a prestar, no sentido de dar respostas flexíveis à singularidade de cada um deles.

No caso dos alunos com Multideficiência a inclusão é “um processo de aprendizagem de vida, em que a escola representa apenas um dos vários ambientes onde os alunos necessitam de ser incluídos” (Nunes, 2008:7).

Na perspectiva de Correia (2001), para que alunos com Multideficiência possam ter sucesso, é necessária uma reestruturação significativa do nosso sistema, apoiada nos seguintes pressupostos:

- atitudes – os profissionais devem acreditar na possibilidade de sucesso destes alunos;
- formação - de profissionais e dos pais;
- cooperação entre os vários intervenientes, professores, pais e outros técnicos, na planificação e programação das atividades;
- gestão de recursos – a gestão da escola representa um papel fundamental na gestão dos recursos e de envolvimento da comunidade no processo de ensino/aprendizagem.

Um estudo de Paiva (2008) aponta para a existência de uma evolução muito acentuada, a nível das atitudes dos professores face à inclusão de alunos com NEE na sala de aula, sendo que 58% dos professores reconhece os benefícios da inclusão e 45% considera que a inclusão proporciona novas situações de aprendizagem para os outros alunos. No entanto, os professores continuam a manifestar algumas preocupações, nomeadamente a falta de informação sobre como aprendem os alunos com NEE e se aprendem, a falta de formação sobre as diversas deficiências e como dar atenção dentro de uma sala de aula à diversidade, a dificuldade de gestão da sala de aula e a necessidade do trabalho em equipa. Os resultados mais relevantes deste estudo parecem

estar relacionados com a formação dos docentes, existindo uma correlação muito forte entre esta e a inclusão escolar, indicando que os docentes com formação especializada têm mais atitudes pró-inclusivas. Globalmente, os professores parecem considerar que a inclusão dos alunos com NEE, depende mais das suas atitudes e da sua formação. Este estudo mostra-nos que há fatores que influenciam as atitudes dos professores face à inclusão.

3.1. Fatores que influenciam as Atitudes

Uma vez que as atitudes dos professores apontam para um processo inclusivo diferenciado, surgem fatores de elevado interesse para a temática em pesquisa, que resultam de possíveis ligações entre a formação de atitudes (positivas/negativas) e elementos de natureza particular, que iremos abordar de seguida:

Idade e Tempo de Serviço

Em diferentes estudos, é referido que a idade e tempo de serviço dos docentes, influencia a sua maneira de atuar perante novas situações e desafios que se lhe colocam.

Gonçalves (1992) refere que a atitude e desempenho dos professores se modificam ao longo das etapas da sua carreira.

O autor representou no quadro seguinte as conclusões do seu estudo sobre as várias etapas do desenvolvimento da carreira dos professores e os seus traços dominantes.

Etapas do desenvolvimento da carreira dos professores

Etapa	Anos de Experiência	Etapas e traços dominantes
1	1 – 4	O INÍCIO – choque com o real
2	5 – 7	ESTABILIDADE – segurança, entusiasmo, maturidade
3	8 – 15	DIVERGÊNCIA POSITIVA – empenhamento, entusiasmo ou DIVERGÊNCIA NEGATIVA – descrença, rotina
4	16 – 25	SERENIDADE – reflexão, satisfação pessoal
5	25 – 40	RENOVAÇÃO DO INTERESSE – retoma de entusiasmo ou DESENCANTO – desinvestimento e saturação

(adaptado de Gonçalves, 1992: 163)

Por sua vez Avramidis & Norwich (2002), num estudo sobre a atitude dos professores em relação à inclusão, referem, citando (Berryman, 1989; Center e Ward, 1987; Clough e Lindsay, 1991), que os professores mais novos e aqueles com poucos anos de experiência de ensino são considerados mais entusiastas da inclusão.

Morgado (2003a), citando (Fullan & Hargreaves, 1993) refere que a atitude e desenvolvimento dos professores dependem, de entre outros fatores, da etapa em que estão na carreira, parecendo verificar-se, de acordo com o mesmo autor, citando (Huberman, 1988 cit. por Sikes, 1993), que os professores mais experientes tendem a evidenciar maior resistência à mudança.

Daqui se depreende que a idade e a etapa na carreira pode influenciar positiva ou negativamente a atitude dum professor, mas por si só não quer dizer nada, pois estará dependente de outros fatores associados que passaremos a analisar.

Experiência e Contacto face a alunos com Deficiências

Este ponto é abordado em estudos de diferentes autores na tentativa de compreenderem até que ponto a variável experiência/contacto com alunos com NEE influencia e altera as atitudes dos professores.

Para Correia (1999) à medida que a experiência de intervenção com alunos de NEE aumenta, o comportamento dos docentes modifica-se, através de atitudes mais positivas face ao processo inclusivo. Os estudos de Minke *et al.* (1996) e Rodrigues (2005) corroboram esta teoria. Estes autores referem que os professores que possuem uma experiência profissional com alunos com deficiência, ultrapassam muitos conceitos infundados acerca desta temática, apresentando uma atitude mais favorável e positiva quanto à inclusão em escolas do ensino regular.

Este fator, aliado ao tempo de serviço, obviamente irá determinar mudanças de atitudes nos docentes, mudanças essas, que poderão ser mais ou menos positivas se essa experiência de contacto tiver sido ou não bem planeada, acompanhada e orientada tanto para o sucesso educativo da criança como para satisfação profissional do professor.

Tal como referiu Fernandes (2000), que conduziu uma investigação com resultados que indicam que os professores com maior experiência de trabalho com alunos com deficiência, apresentavam atitudes inclusivas menos favoráveis. Um dos possíveis motivos para essa realidade, parece estar relacionada com o facto da experiência de trabalho com alunos com deficiência ser em regime de educação segregada, pelo que, estes professores sentem falta de preparação para lidar com a nova situação de ensino inclusivo que pode conduzir a sentimentos de incompetência e, por conseguinte, a atitudes inclusivas negativas por parte dos professores.

Apoios e Suportes

Este fator poderá ser preponderante na mudança de atitudes dos docentes face à inclusão de alunos com Multideficiência nas suas salas de aula.

De facto, Rodrigues (2002), constata que quando os professores são questionados sobre as barreiras à inclusão, um dos fatores mais enunciados prende-se com a inexistência de mudanças estruturais na escola que sustentem as inovações ou, simplesmente, com a falta de qualidade dos recursos. É necessário não esquecer que o atendimento dos alunos com deficiência, incluídos nas escolas regulares, exige serviços de apoio integrado por docentes e técnicos qualificados para uma escola aberta à diversidade.

Assim sendo, o trabalho de equipa e um movimento conjunto de parceria entre os docentes do ensino regular e os docentes de Educação Especial, propicia e conduz a uma melhoria no sucesso inclusivo.

A colaboração entre pais, professores e todos os intervenientes no processo educativo, é cada vez mais reconhecida como um poderoso instrumento educativo escolar, para que as atitudes sejam positivas face à inclusão de alunos com deficiência.

Por outro lado, os docentes que não usufruem de qualquer tipo de suporte/ajuda na convivência com alunos com NEE de carácter permanente, como no caso de alunos com Multideficiência, “tendem a apresentar atitudes negativas e pejorativas face à inclusão” (Minke et. al., 1996). Para terminar este raciocínio, é de recordar apenas a ideia de Rodrigues (2005) de que a escola se massificou sem se democratizar, isto é, sem criar estruturas adequadas ao alargamento e renovação da sua população, não dispondo de recursos e modos de ação necessários e suficientes para gerir os anseios de uma escola para todos.

Gravidade e Tipo de Deficiência

Este fator, aliado a outros já referidos, pode condicionar grandemente a formação de atitudes mais ou menos positivas face à inclusão de alunos com deficiência nas salas de ensino regular.

De acordo com Serrano (1998) e Pinheiro (2001), o tipo e a severidade da deficiência parecem influenciar a atitude inclusiva. Os autores apontam desta forma para que o tipo de deficiência e o seu grau de incidência são fatores a ter em conta, nas atitudes e políticas de inclusão dentro do panorama educativo.

Deste modo, Rizzo (1984) e Kowalski & Rizzo (1996), assumem que os indivíduos com deficiências ligeiras são aceites mais favoravelmente quando comparados com elementos com deficiências severas. As deficiências severas que impliquem alterações no normal funcionamento da sala de aula, bem como modificações no processo educativo levado a cabo pelo professor, são fatores menos apreciados.

Perante este facto, como atrás já foi referido, se os docentes não tiverem um bom suporte de apoios nem tiverem recebido a devida preparação para receberem este tipo de população escolar, não poderão desenvolver atitudes inclusivas positivas na presença de crianças com problemáticas de alta densidade e de baixa frequência, como é o caso da Multideficiência.

A Formação

Para a inclusão de crianças e jovens com Multideficiência no ensino regular, deve-se ter em conta que o educador necessita de conhecimentos e habilitações específicas, que promovam a sua prática pedagógica e educativa.

Ao longo de muito tempo, nas palavras de Porter (1998), prevaleceu a ideia de que os professores de ensino regular não teriam competências técnico-pedagógicas que lhes permitissem trabalhar com alunos com NEE. Assim esses alunos eram encaminhados para os professores de ensino especial. Isto conduziu a que o professor do regular assumisse a sua insuficiente qualificação para intervir com alguma eficácia junto das crianças com NEE.

Também os modelos de organização das escolas, de acordo com (Marchesi & Martín, 1998) citados por Morgado (2003a), com uma cultura individualista, pouco acolhedora das dificuldades dos professores, instalando neles uma atitude isolada de gestão das suas dificuldades e ansiedades não facilitam a mudança e não são resposta de qualidade a culturas de aprendizagem cada vez mais heterogêneas e diversas.

Os professores necessitam de se sentir seguros e apoiados naquilo que fazem para poderem aceitar novos desafios, como é o caso aceitação de modelos e práticas inclusivas.

Embora a maioria dos professores acredite no conceito de inclusão, tem-se verificado, na opinião de Correia & Martins (2000) e de Correia (2003), que os professores titulares de turma têm alguns receios em relação a este processo de mudança, especialmente porque sentem que lhes falta a formação necessária para ensinar os alunos com NEE.

Na sequência deste pensamento, Correia (2003) afirma que, embora a maioria dos professores acredite no conceito de escola inclusiva, os docentes apresentam alguns receios em relação a este processo de mudança, sobretudo porque sentem que não possuem a formação necessária para ensinar e contactar com NEE. Outros estudos, apontados por Nunes (2004), confirmam esta teoria, defendendo que a preparação

acadêmica na área da deficiência, aliada a uma experiência de ensino com estes alunos, contribui fortemente para atitudes inclusivas favoráveis nas escolas regulares.

O desenvolvimento dos professores e a sua relação com a mudança educacional, de acordo com Fullan & Hargreaves (1993), citados por Morgado (2003a), implicará necessariamente ajustamentos na profissão, nas instituições que formam professores e nas instituições em que os professores trabalham, as escolas.

Neste sentido, e de acordo com as palavras de Correia, Cabral & Martins (1999), é sabido que o sucesso da inclusão dependerá do desenvolvimento de programas de formação para professores que promovam a aquisição de novas competências de ensino, que lhes permitam ser responsivos às necessidades educativas da criança, e o desenvolvimento de atitudes positivas, face à inclusão. Pois à medida que os professores adquirem mais competência para responder eficazmente a crianças com problemas na aprendizagem, melhoram os resultados da inclusão e decrescem as solicitações aos serviços de Educação Especial.

Sobre o mesmo tema, Correia (2003), citando Hunter (1999) considera que *“preparar convenientemente os profissionais para estas novas funções e responsabilidades exige a implementação de um modelo de formação contínua, consistente, planificado e selecionado de acordo com a filosofia comum definida pela e para a escola”* (Correia, 2003:36).

Para o autor, os programas de formação deverão ter lugar na própria escola, podendo consistir em diferentes modalidades: cursos de média duração, jornadas de trabalho e ciclos de conferências.

Daqui se depreende a importância do levantamento das necessidades dos professores para a conceção de um programa de formação bem estruturado, na área da Multideficiência. Programa esse que irá implementar e/ou consolidar atitudes e práticas

verdadeiramente inclusivas, as quais satisfaçam as necessidades de todos e de cada um, numa sala de aula que promove o desenvolvimento global das crianças que nela aprendem.

A propósito da importância fulcral da formação dos professores, Calado (2008), defende que o objetivo de concretizar a escola inclusiva conduz-nos à tarefa prioritária de empreender uma reflexão sobre a escola que temos: a sua organização, os seus recursos materiais, as suas orientações pedagógicas, a qualidade de formação dos educadores e professores, a existência de auxiliares de educação, a existência de equipas multidisciplinares e a intervenção da comunidade, em particular dos encarregados de educação.

O defendido por Calado conduz-nos à importância de inserir os programas de formação numa organização escolar segundo o modelo cooperativo em que os recursos sejam de todos e para todos e a escola se constitua como um espaço aberto à comunidade.

A Cooperação entre Docentes

Este fator é um dos preponderantes na implementação de uma escola que se quer verdadeiramente inclusiva.

De acordo com o relatório elaborado pela Agência Europeia para o Desenvolvimento em Necessidades Educativas Especiais - AEDNEE (2003), a partir de um estudo que englobou 15 países europeus, as práticas de sala de aula que contribuem para uma educação inclusiva são: a) o ensino cooperativo, ou seja, a cooperação entre professores e entre estes e outros profissionais na definição de estratégias e no planeamento de aulas para uma sala inclusiva; b) a aprendizagem cooperativa, ou seja, a tutoria de pares, sendo que aqueles mais capazes numa dada matéria, ajudam os que têm

mais dificuldades; c) a resolução cooperativa de problemas, ou seja, a fixação de regras e de limites conjuntamente com os alunos, o que ajuda a resolver os problemas de comportamento; d) a organização de grupos heterogéneos, que significa misturar diferentes alunos com diferentes níveis de competência; e) o ensino efetivo, ou seja, todo o ensino deve ser baseado no Currículo Comum, nomeadamente, a construção dos Programas Educativos Individuais.

De facto não se pode conceber uma escola com condutas inclusivas, se não se implementar uma prática cooperativa, quer entre docentes do Ensino Regular, quer entre docentes do Ensino Regular e de Educação Especial. Silva (2011) refere que, nalguns estudos, como de (Ripley, 1997; Salend; Duhaney, 1999; Argulles; Hughes; Schumm, 2000) se defende que a colaboração entre a Educação Especial e a Educação Regular, quando é eficaz, beneficia todos os alunos e também os professores que se sentem renovados e entusiasmados. Além disso, estes estudos relatam melhorias dos alunos com Necessidades Educativas Especiais quanto ao seu desempenho académico, autoestima, motivação, habilidades sociais e relacionamento com os pares.

Estes estudos apontam para que o tipo de cooperação existente entre o professor do Ensino Regular e o professor de Educação Especial vai influenciar a atitude do professor do Ensino Regular face à inclusão.

Com base nestes pressupostos, tem-se vindo cada vez mais a apostar numa prática recorrente de cooperação entre o docente do ensino Regular e o docente de Educação Especial. De facto, com a publicação do Despacho Conjunto n.º 105/97, de 1 de Julho, definiu-se um novo enquadramento legal dos *Apoios Educativos* a prestar às escolas que integrassem alunos com Necessidades Educativas Especiais, devidas a deficiências físicas, sensoriais ou mentais, regulamentando-se o papel do professor de Educação Especial o qual refere que o mesmo “*tem como função prestar apoio educativo à escola*

no seu conjunto, ao professor, ao aluno e à família, na organização e gestão dos recursos e medidas diferenciadas a introduzir no processo de ensino/aprendizagem”.

É evidente que uma boa cooperação, dentre estes dois grupos de docentes, tem influência sobre a tomada de atitudes positivas face à inclusão das crianças com Multideficiência, nas classes do ensino regular.

De facto, os professores do ensino regular que se sintam apoiados na sua prática letiva pelo docente de Educação Especial, não só no apoio aos seus alunos mas principalmente através da troca de experiências, fornecimento de orientações e de estratégias de intervenção e da planificação conjunta de atividades, tornam-se mais confiantes e assumem atitudes mais positivas para com os alunos com Multideficiência.

Como tal, para a concretização da filosofia inclusiva, na opinião de Correia (2003), o papel do professor titular de turma deve conciliar-se com o papel do professor de Educação Especial, com o dos pais, para que todos eles, em colaboração, possam desenhar estratégias que promovam sucesso escolar.

Serrano (2005) esclarece que há necessidade de que a articulação funcional entre os professores titulares de turma e os professores de apoio seja concretizada de modo muito rigoroso. Efetivamente, para que a referida articulação se converta numa componente facilitadora da educação inclusiva, aquela deverá ser orientada, para a progressiva construção e consolidação de verdadeiros laços de cooperação e de colaboração entre aqueles profissionais, entre estes e os alunos e, nestes, entre uns e outros.

De acordo com o definido na Declaração Salamanca, o professor de Educação Especial deve ter um perfil multifacetado, deve ser considerado como a pessoa que pode “ajudar o professor a encontrar soluções operacionais para os problemas que surjam na sala de aula”, ser capaz de “orientar o pessoal da escola a desenvolver expectativas

positivas em relação aos alunos com deficiências” e certificar-se de que os que não tiveram experiências prévias com alunos com necessidades especiais respondam positivamente a este desafio. O professor de Educação Especial deve “ter uma visão global, positiva e otimista”.

Em suma, a imagem do professor de Educação Especial é determinante no processo de aceitação de trabalho com o aluno com NEE, “se o professor estiver isolado e marginalizado, os seus alunos estarão igualmente”. Do estatuto do professor de Educação Especial decorre o estatuto do aluno com NEE, pelo que o perfil de competências, quer pessoais quer profissionais, do professor de Educação Especial são fundamentais na construção de uma escola mais inclusiva, podendo, nomeadamente, contribuir para a alteração de atitudes face à diferença, neste caso o aluno com NEE.

Fazendo uma breve resenha sobre o enquadramento teórico, podemos adiantar que o aluno com Multideficiência, devido à multiplicidade da sua problemática, requer uma intervenção complexa e específica a cada caso, o que dificulta a sua fácil inclusão nas salas do ensino regular.

Podemos afirmar que para se conseguir implementar uma filosofia verdadeiramente inclusiva de alunos com Multideficiência, na escola, é necessário que os docentes assumam uma atitude positiva face à presença destes alunos nas suas salas.

Para se conseguir verdadeiras mudanças nas atitudes dos professores é necessário perceber quais as suas perceções, constrangimentos e necessidades perante a inclusão destes alunos.

Sabe-se que dos vários fatores que influenciam as atitudes dos professores face à presença de alunos com Multideficiência nas suas salas, há a salientar a experiência e

grau de contacto com este tipo de problemática, o tipo de apoio recebido e cooperação existente entre docentes, a gravidade e tipo de deficiência e a formação obtida.

De facto percebe-se que será necessário o docente conhecer bem a problemática do aluno com quem trabalha e perceber as suas necessidades específicas para definir o tipo de intervenção mais adequada ao seu caso.

Para se obter esse conhecimento será necessário desenvolver ações que conduzam ao aprofundamento dos conhecimentos dos docentes para que se possam sentir mais preparados na intervenção junto dos seus alunos.

Esse aprofundamento de conhecimentos só será possível recorrendo à formação. Para tal, será necessário perceber o tipo de necessidade de formação de cada docente, atendendo ao grau de deficiência dos alunos com quem trabalham.

Será necessário preparar os professores para a criação de atitudes e práticas verdadeiramente inclusivas onde todos os alunos aprendem em conjunto e uns com os outros.

CAPÍTULO 2 – ESTUDO EMPÍRICO

II METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

1. Problemática e sua Contextualização

Nos capítulos anteriores, desenvolvemos um quadro conceptual assente numa lógica investigativa sobre a temática da inclusão da criança multideficiente nas salas do ensino regular assim como uma reflexão sobre os fatores que influenciam as atitudes dos professores face à inclusão destas crianças nas suas salas.

Os estudos a que recorremos, mostraram que a filosofia de escola inclusiva altera o papel de todos os profissionais de educação. Estes passam a ter um papel muito mais ativo no processo de ensino-aprendizagem, pelo que, na opinião de (Correia, 1999) citado por Correia (2003), devem desenvolver, não só competências que lhes permitam responder às necessidades educativas dos alunos, mas também atitudes positivas em relação à integração e à inclusão.

Esta exigência sobre os professores implica um ajustamento a novos entendimentos sobre o papel e responsabilidade dos professores de ensino regular no que respeita ao apoio educativo, às necessidades individuais dos alunos bem como sobre a sua própria formação, implicando, na opinião de Porter (1998), uma atualização contínua de conhecimentos e competências, definindo a formação como um fator fundamental no desenvolvimento da qualidade na educação.

Demonstrámos também que a mudança de atitude dos professores sobre a educação dos alunos com Necessidades Educativas Especiais é um passo para aumentar as oportunidades de inclusão, e que esta mudança está muito relacionada com as oportunidades de formação desde que ela corresponda às necessidades dos professores.

Para dar resposta educativa a um grupo de alunos portadores de Multideficiência, o Agrupamento nº 3 de Beja criou, no ano letivo de 2010/2011, uma Unidade de Apoio

Especializado para a Educação de Alunos com Multideficiência e Surdo cegueira Congénita.

Como a experiência dos professores do Agrupamento no contacto com alunos multideficientes é recente, verifica-se que os docentes não são muito conhecedores do que é a problemática da Multideficiência, das suas necessidades bem como da intervenção educativa necessária a implementar junto deste tipo de crianças.

Denota-se também que, em virtude dos normativos legais, estes docentes tendem a adotar práticas educativas que visam ao desenvolvimento académico dos alunos do ensino regular, com vista ao alcance das metas de sucesso pré-estabelecidas e delegam nos professores de Educação Especial, o desenvolvimento das atividades a implementar junto dos alunos com NEE, eventualmente não investindo em práticas e estratégias de diferenciação pedagógica que conduzam a uma sala de aula inclusiva.

Esta nova realidade veio suscitar muitas questões e incertezas junto dos docentes que receberam nas suas salas os alunos portadores de Multideficiência. No geral todos, à partida, se mostraram inseguros, referindo que necessitavam de muito apoio para poderem dar resposta a estes alunos, uma vez que não se sentiam preparados para atuar junto deste tipo de população escolar.

No contexto do recente debate da temática da inclusão, pretendemos, então conhecer quais as atitudes dos educadores do Pré-escolar e professores do 1º Ciclo do Ensino Básico, do Agrupamento nº 3 de Beja, face à Inclusão de crianças com Multideficiência nas classes regulares.

Uma vez que, de acordo com Lakatos e Marconi (2001: 103-104): *a formulação do problema refere-se ao tema proposto: ela esclarece a dificuldade com a qual se defronta e que se pretende resolver por intermédio da pesquisa. Para ser cientificamente válido, um problema deve passar pelo crivo das seguintes questões:*

Pode ser enunciado em forma de pergunta?

Corresponde a interesses pessoais (capacidade), sociais e científicos, isto é, de conteúdo e metodológicos? Esses interesses estão harmonizados?

Constitui-se o problema em questão científica, ou seja, relacionam-se entre si pelo menos duas variáveis?

Pode ser objeto de investigação sistemática, controlada e crítica?

Pode ser empiricamente verificado em suas consequências?

Ao formular o enunciado do problema que nos propomos investigar de forma clara, compreensível e operacional, surge a questão geral:

Será que os educadores de Pré-escolar e professores do primeiro Ciclo do Ensino Regular do Agrupamento nº 3 de Beja, que têm nas suas salas alunos com Multideficiência, ao refletirem sobre as suas práticas, são capazes de modificar a sua atitude, face à inclusão e sinalizarem as suas necessidades de formação?

Para operacionalizar esta questão é necessário decompô-la noutras questões específicas de forma a levar a cabo uma investigação sistemática e reflexiva:

- Qual a perceção, que estes professores e educadores, têm sobre práticas inclusivas?
- Quais as vantagens e desvantagens que veem na inclusão de crianças com Multideficiência nas suas salas?
- Quais as necessidades que sentem para poderem pôr em prática uma pedagogia diferenciada que atenda a todos os alunos do seu grupo/turma?
- Qual o modelo formação que pensam ser necessário para a inclusão das crianças com Multideficiência nas turmas do ensino regular?

Posto assim o problema de partida, torna-se necessário escolher os procedimentos metodológicos a adotar, pois para a elaboração de um estudo de investigação é

necessário fazer um plano de como irá decorrer, de modo a que se definam logo à partida, quais as atividades que são imprescindíveis de se desenvolver

Para Fortin (2009: 214) *“A fase metodológica tem por objetivo precisar a maneira como a questão de investigação será integrada num desenho que indicará as atividades a realizar no decurso da investigação.*

Entende-se que qualquer metodologia integra uma combinação de métodos e técnicas, que, sendo adequados ao problema equacionado e aos objetivos delineados, permitem responder às questões a que o estudo se propõe, possibilitando o controlo de potenciais fontes de enviesamento

2. Delimitação da Investigação

Tendo em conta a natureza deste estudo, optámos por uma metodologia de investigação qualitativa e interpretativa uma vez que se procura levar um grupo restrito de docentes do Agrupamento de Santiago Maior, (os professores do Pré-escolar e Primeiro Ciclo do dito Agrupamento) que têm nas suas salas, alunos com Multideficiência, a analisar e refletir sobre as suas atitudes e práticas.

Sendo a investigadora, docente de Educação Especial deste Agrupamento e ao mesmo tempo Coordenadora da Unidade de Multideficiência, tornou-se possível o contacto permanente com os professores, observar as suas atitudes e práticas e acompanhá-los, no sentido de promover momentos que permitiram refletir sobre a temática em estudo.

Como para além da reflexão, se pretende intervir, consideramos que a metodologia de investigação que mais se adequa é a investigação-ação.

A opção pela investigação-ação deve-se ao facto desta metodologia, de acordo com Serrano (2004), ter como finalidade a mudança de um contexto social concreto e

contribuir para o desenvolvimento profissional dos atores. Intenção que também esteve presente neste estudo, pois o que se pretendia era levar os docentes do regular, que têm nas suas salas alunos com Multideficiência, refletir sobre as suas atitudes e práticas educativas, apresentar os seus anseios, dúvidas e necessidades, e conduzi-los a uma proposta de intervenção com vista a proporcionar mudanças de atitudes para uma escola verdadeiramente inclusiva.

Como refere Máximo-Esteves (2008:72), *“a investigação-ação é um meio adequado para estudar diretamente os contextos de trabalho dos professores e, em simultâneo, influenciar e mudar esses mesmos contextos, quer social, quer institucionalmente”*.

Deste modo, Ainscow (2000), citado por Sanches (2005), afirma que a investigação-ação obriga a que os próprios grupos-alvo assumam a responsabilidade de decidir quais as mudanças necessárias e as suas interpretações e análises críticas são usadas como uma base para monitorizar, avaliar e decidir qual o próximo passo a dar no processo de investigação, o que aumenta a qualidade do processo e a eficácia do produto.

A mesma autora refere ainda que, a investigação-ação, como produtora de conhecimentos sobre a realidade, pode constituir-se como um processo de construção de novas realidades sobre o ensino, pondo em causa os modos de pensar e de agir das nossas comunidades educativas. O professor, ao questionar-se e questionar os contextos/ambientes de aprendizagem e as suas práticas, numa dialética de reflexão-ação-reflexão contínua e sistemática, está a processar a recolha e produção de informação válida para fundamentar as estratégias/atividades de aprendizagem que irá desenvolver, o que permite cientificar o seu ato educativo, ou seja, torná-lo mais informado, mais sistemático e mais rigoroso.

A investigação-ação, no entender de Serrano (1990), tem contribuído para a criação de um clima de revisão e transformação de determinadas questões da realidade educativa. Este tipo de investigação permite superar algumas discrepâncias existentes entre o binómio teoria-prática possibilitando melhorias significativas no que diz respeito à qualidade da educação. É que, a investigação-ação, na opinião do mesmo autor, promove o diálogo teoria-prática; conjuga processos de investigação e ação; conduz à produção de conhecimentos e mudança; e promove a interação entre investigadores e atores.

Pode-se afirmar que a natureza deste estudo considerou a investigação como uma fonte de esclarecimento para a tomada de decisões e a ação como fonte de informação para a investigação, sobre a mudança de atitudes, num processo articulado.

Deste modo, o levantamento que se irá realizar através desta investigação, terá em vista, como atrás já foi referido, intervir junto deste grupo de docentes, no sentido de levá-los a questionarem-se, numa atitude reflexiva, sobre as suas atitudes e práticas com o intuito de proceder a modificações na prática pedagógica.

3. Objetivos da Investigação

Os objetivos constituem a finalidade de um trabalho científico, ou seja, a meta que se pretende atingir com a elaboração da pesquisa.

São eles que indicam o que um pesquisador realmente deseja fazer. Sua definição clara ajuda em muito na tomada de decisões quanto aos aspetos metodológicos da pesquisa, afinal, temos que saber o que queremos fazer, para depois resolvermos como proceder para chegar aos resultados pretendidos.

Podemos distinguir dois tipos de objetivos em um trabalho científico: os objetivos gerais e os objetivos específicos.

De acordo com Marconi e Lakatos (2007:102), “*O objetivo geral está ligado a uma visão global do tema. Relaciona-se com o conteúdo intrínseco, quer dos fenómenos e eventos, quer das ideias estudadas. Vincula-se diretamente à própria significação da tese proposta pelo projeto*”.

Assim, o objetivo geral que se definiu para este tema de investigação e indo de encontro ao que se pretende estudar é de **levar as educadoras do Pré-escolar e as professoras do Primeiro Ciclo do Agrupamento nº 3 de Beja, a refletir sobre quais os constrangimentos e necessidades sentidas na promoção de práticas inclusivas, no sentido de modificar/melhorar essas mesmas atitudes, face à inclusão de crianças com Multideficiência na sua sala de aula.**

Para se conseguir atingir este objetivo é importante desdobrá-lo noutros mais específicos que se tornam mais funcionais.

Relativamente aos objetivos específicos, Marconi e Lakatos (2007:102), mencionam que estes “*apresentam caráter mais concreto. Têm função intermediária e instrumental, permitindo, de um lado, atingir o objetivo geral e, de outro, aplicar este a situações particulares*”.

Assim sendo, os objetivos específicos deste estudo serão:

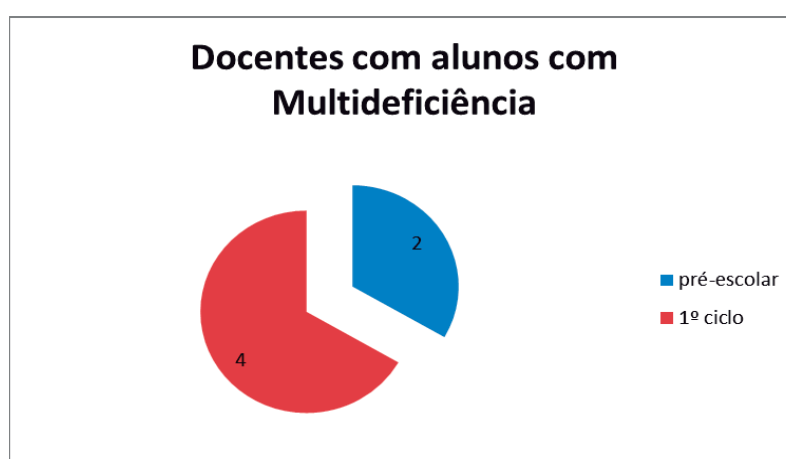
- Contribuir para uma atitude de aceitação por parte dos professores que têm alunos com Multideficiência, inscritos nas suas salas, face à Inclusão destas crianças nas suas salas do ensino regular;
- Perceber quais os constrangimentos com que se deparam;
- Identificar o nível de preparação destes professores, para promover a inclusão deste tipo de alunos;
- Analisar qual o modelo de formação que consideram ser o mais indicado para os ajudar a mudar as suas práticas inclusivas face aos alunos com Multideficiência.

4. Participantes no estudo

Dada a importância deste estudo centralizado no conhecimento das atitudes dos docentes que têm nas suas salas alunos com Multideficiência, bem como na sua capacidade reflexiva sobre as suas práticas, consideramos que a técnica de recolha de dados que melhor se adequa a esta investigação é a entrevista. Esta técnica “consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas (...) dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações (...)” (Bogdan e Biklen, 1994:134), as informações retiradas do discurso dos sujeitos devem dar resposta às questões levantadas no início da investigação, com o fim de atingir os objetivos traçados definidos no ponto seguinte.

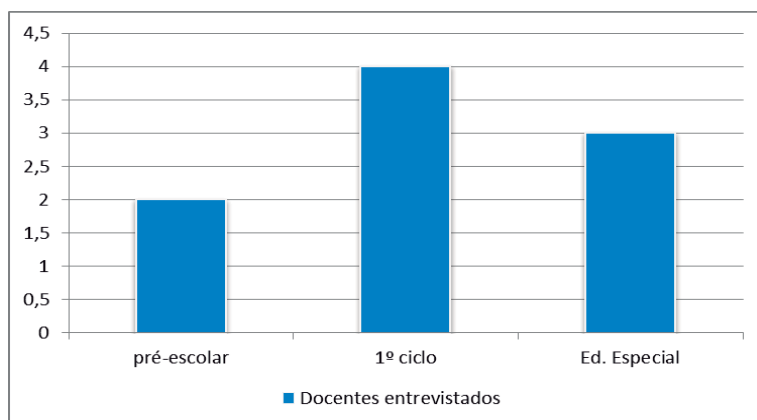
Uma vez que trabalhamos no Agrupamento nº 3 de Beja, onde se está a implementar uma Unidade de Apoio Especializado em Multideficiência, em termos de tempo e de relevância, torna-se pertinente que este projeto decorra só neste Agrupamento.

Pretende-se que o estudo recaia sobre as duas educadoras e as quatro professoras que têm nas suas turmas alunos portadores de Multideficiência.

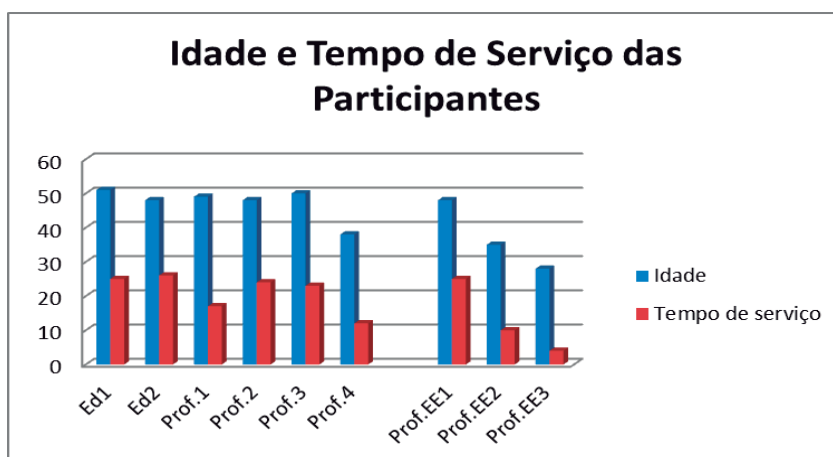


Também participaram neste estudo, três professoras de Educação Especial, que apoiaram, ao longo deste ano letivo, alunos das salas das professoras de referência,

cujos dados nos permitiram avaliar sobre as possíveis mudanças de atitude das professoras que tinham nas suas salas alunos com Multideficiência.



As idades das entrevistadas variam entre os vinte e oito e os cinquenta e um anos.



A **Educadora1** é educadora no Jardim de Infância do Centro Educativo de Santiago Maior, com 51 anos de idade e 25 anos de serviço docente. A sua formação base é o Curso de Educadores de Infância, fez um CESE em Orientação Pedagógica e possui Mestrado em Ciências da Educação. Já exerceu o cargo de Coordenadora do Jardim-de-infância e atualmente faz parte da equipa de autoavaliação do Agrupamento.

A **Educadora 2** é educadora no Jardim de Infância do Centro Educativo de Santiago Maior, com 48 anos de idade e 26 de serviço docente. A sua formação base é o Curso de Educadores de Infância e fez licenciatura através do Complemento de Formação em Expressões Integradas. Desempenhou ainda o cargo de coordenadora da

ludoteca da Casa do Lago, trabalhou no setor infantil da Biblioteca Municipal e foi coordenadora das bibliotecas de Santiago Maior.

A Professora 1 é professora do 1º Ciclo no Centro Educativo de Santiago Maior, com 49 anos de idade e 17 anos de serviço docente. A sua formação base é licenciatura em 1º Ciclo. Não tem nenhuma especialização específica, além das Ações de Formação Contínua relacionadas com o seu Grupo de docência. Não desempenhou nenhum cargo além da função docente.

A Professora 2 é professora do 1º Ciclo no Centro Educativo de Santiago Maior, com 48 anos de idade e 24 anos de serviço docente. A sua formação base é o curso de professores do Magistério Primário e possui licenciatura em Psicologia Educacional. Não desempenhou nenhum cargo além da função docente.

A Professora 3 é professora do 1º Ciclo no Centro Educativo de Santiago Maior, com 50 anos de idade e 23 de serviço docente. A sua formação base é o curso de professores do Magistério Primário e possui licenciatura através do Complemento de Formação em 1º Ciclo. Não desempenhou nenhum cargo além da função docente.

A Professora 4 é professora do 1º Ciclo na E.B.1 de Beringel, com 38 anos de idade e 12 anos de serviço docente. A sua formação base é licenciatura em Ensino Básico – Variante Português-Inglês. Não desempenhou nenhum cargo além da função docente.

Relativamente às docentes de Educação Especial:

A Professora EE1 é professora de Educação Especial no Centro Educativo de Santiago Maior, com 48 anos de idade e 25 de serviço docente, exercendo há um ano na Educação Especial. A sua formação base é o Curso de Educadores de Infância e possui mestrado e Especialização em Educação Especial. Possui ainda um curso de formação em Bibliotecas Escolares. Desempenhou o cargo de funções técnico-pedagógicas, nos

Serviços do Ministério da Educação, de acompanhamento às escolas e aos docentes quer ao nível da intervenção precoce, quer ao nível da Educação Especial.

A **Professora EE2** é professora de Educação Especial no Centro Educativo de Santiago Maior, com 35 anos de idade e 10 de serviço docente, exercendo há 3 anos na Educação Especial. A sua formação base é em 1º Ciclo do Ensino Básico e tem Pós-Graduação em Educação Especial. Desempenhou ainda funções de animadora, no setor pedagógico, do Jardim Zoológico.

A **Professora EE3** é professora de Educação Especial no Centro Educativo de Santiago Maior, com 28 anos de idade e 4 de serviço docente, exercendo há um ano na Educação Especial. A sua formação base é licenciatura em Primeiro Ciclo e tem a componente curricular do Mestrado no âmbito da Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio. Não desempenhou nenhum cargo além da função docente.

A **Investigadora**, é professora de Educação Especial no Centro Educativo de Santiago Maior, com 49 anos de idade e 25 de serviço docente, exercendo há sete anos na Educação Especial. A sua formação base é o Curso do Magistério Primário e possui licenciatura em segundo ciclo, variante Educação Física, possui ainda Pós-Graduação/Especialização em Educação Especial no domínio Cognitivo e Motor e a parte curricular do Mestrado de Educação Especial, domínio Cognitivo e Motor. Desempenhou por várias vezes o cargo de coordenadora de estabelecimento e de coordenadora pedagógica nas escolas onde exerceu e atualmente coordena a Unidade de Apoio Especializado à Multideficiência do Agrupamento nº 3 de Beja.

5. Técnicas de Recolha e Tratamento de Dados

Esta investigação desenvolveu-se recorrendo à construção e aplicação de entrevistas reflexivas, elaboradas tendo por base a revisão da literatura realizada, que foram aplicadas às educadoras e professoras que têm alunos com Multideficiência, nas suas turmas.

Na perspectiva de Bogdan e Biklen (1994:134), em investigações de carácter qualitativo, a entrevista pode constituir a estratégia determinante na recolha de dados ou pode ser utilizada em conjunto com outras técnicas. Numa ou noutra situação, a entrevista tem sempre como função a recolha de “dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam” os assuntos sobre os quais estão a ser questionados.

O tipo de entrevista que aplicámos tem o carácter de entrevista semi-directiva, pois como referem Quivy *et al.* (2005), apesar do guião elaborado pelo entrevistador, permite que o entrevistado tenha alguma liberdade para desenvolver as respostas segundo a direção que considere adequada, explorando, de uma forma flexível e aprofundada, os aspetos que considere mais relevantes.

Contudo a elaboração do guião, nas palavras de Albarello, Hiernaux, Maroy, Ruquoy e Saint-George (2005:217) “*constitui um momento importante da investigação, na medida em que ele orientará a recolha de dados. Importa referir que este guia pode ser afinado no decurso da investigação, em que algumas questões podem tornar-se mais importantes do que outras, em função da pessoa entrevistada*”.

Assim, as entrevistas que realizámos foram orientadas segundo um guião previamente elaborado, com base na recolha de informação do quadro teórico, apresentado no **apêndice nº1**.

De acordo com Szymanski (2002) após o trabalho de entrevista realizado, o entrevistador pode, e até mesmo deve, caso seja possível, retornar ao entrevistado as suas observações inferidas do conteúdo relatado por este. Este mecanismo serve tanto como uma possibilidade para corrigir alguma coisa que ficou desconexa, como para viabilizar mais um momento de esclarecimento acerca do que foi dito. Este procedimento ajusta-se ao que Moleno Sánchez (2008)¹, considera como técnica de entrevista reflexiva a qual permite “*recolher fielmente a experiencia pessoal, o afetivo, o familiar; a experiência situa-se em primeiro lugar e constitui-se um processo de formação/autoformação*”.

Segundo a autora, a especificidade da técnica *consiste em insistir no processo de autoanálise...e decorre entre 2 semanas a 2 meses*”

Primeiro ciclo - Intervenção

No presente estudo o processo adotado foi o seguinte:

Num primeiro momento que consideramos como **primeiro ciclo**, procederam-se às entrevistas semi-diretivas das duas educadoras e das quatro professoras do 1º Ciclo.

Estas entrevistas, realizadas, visaram recolher os dados necessários para responder às questões que permitem atingir os objetivos a que nos propusemos alcançar.

Depois de lidas e transcritas as entrevistas, as mesmas foram devolvidas aos participantes, com algumas inferências relacionadas com respostas dúbias, para que as professoras as pudessem ler e refletir sobre as suas respostas. Esta prática permitiu que as participantes as analisassem e refletissem sobre as mesmas.

A análise dos dados recolhidos através das entrevistas só se tornou possível recorrendo à sua análise de conteúdo. Assim, conforme Bardin (2008: 33)

¹ “El método científico”. Texto de apoio, in: <http://www.uhu.es/sevirtual>

“A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.”

Esta técnica contempla três fases distintas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento de resultados, a inferência e a interpretação.

Após a recolha das narrativas presentes nas entrevistas, procedeu-se à sua pré-análise através de uma leitura “flutuante” que segundo Bardin (2008) “(...) consiste em estabelecer o contacto com os documentos a analisar (...)”, estratégia que tornou possível comparar a adequação dos nossos objetivos e construir a grelha de análise elaborada a partir dos elementos constantes nas entrevistas como refere Vala (2007:104), *“trata-se da desmontagem de um discurso e da produção de novo discurso através de um processo de localização-atribuição dos traços de significação, resultado de uma relação dinâmica entre as condições de produção do discurso a analisar e as condições de produção da análise”*.

Este procedimento permitiu-nos fazer um levantamento primário das dúvidas das professoras do ensino regular e dar-lhes respostas através da apresentação de documentos, sugestão de leituras que serviram de apoio à revisão da literatura e de algumas atividades, apresentados ao longo do segundo ciclo.

Segundo ciclo – Reflexão/Intervenção

Passadas duas semanas, momento que considerámos como **segundo ciclo** porque permitiu um encontro de “cooperação reflexiva” entre entrevistadora e entrevistada, foi possível aferir as respostas, refletir conjuntamente sobre as mesmas, acrescentar novos

comentários sobre as inferências apresentadas e dar respostas às inseguranças e dúvidas apresentadas (ver **apêndice nº 2**).

Porque as professoras participantes no estudo eram apoiadas por professoras do Ensino Especial, considerámos imperioso também entrevistar estas docentes e pô-las ao corrente das preocupações, dúvidas e necessidades das colegas.

Foram então realizadas entrevistas às docentes de Educação Especial que apoiavam os alunos com Multideficiência nas salas das participantes do estudo, as quais constituíram um complemento na aferição das mudanças registadas nas docentes do ensino regular (ver **apêndice nº 3**).

Após estes procedimentos procedeu-se à análise de conteúdo de todas as entrevistas assim como das inferências obtidas durante a análise reflexiva para se observar se houve evolução nas atitudes das participantes, continuando a seguir a metodologia de Bardin (ver **apêndice nº 4**). Passou-se então à análise de todos os elementos presentes nos dados recolhidos de forma a tratá-los sem exclusão de algum.

Esta foi uma fase longa, mas foi nela que se administrou todas as decisões tomadas, onde se efetuou operações de codificação. Assim, foram encontradas as unidades de registo, sendo estas utilizadas como unidade base que corresponde ao segmento do conteúdo obtendo-se um significado dos diferentes constituintes do texto (Bardin, 2008). Esta análise permitiu estruturar as ideias hierarquicamente, identificar as categorias, subcategorias, ou seja, decompor as entrevistas nos seus elementos essenciais e classificá-los.

Podemos dizer que através da aplicação da técnica de análise de conteúdo das respostas, o investigador constrói conceitos sobre aquilo que julga ser as ideias dos entrevistados – Categorias de Respostas. Tendo em conta que *“uma categoria é uma*

noção geral resultante de um esforço intelectual para integrar indicadores que se originam, em unidades de registo recortadas nas mensagens” (Esteves, 2002:230).

O processo de categorização regeu-se pelas regras da exclusividade mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e pela produtividade das categorias inventariadas e classificadas, só desta forma nos puderam dar elementos profícuos, em inferências, cuja organização se refletiu nas respetivas grelhas de análise (Bardin, 2008).

A par do processo de descodificação dos dados e à medida que íamos tomando conhecimento concreto das necessidades, houve durante o ano letivo uma troca de contactos informais entre as participantes e a investigadora sobre a temática em estudo, assim como orientação às professoras de E.E. para orientarem e apoiarem as docentes, onde foi possível fornecer documentação e refletir sobre estratégias de intervenção e atividades a desenvolver.

Terceiro ciclo - Avaliação

No final do ano letivo, momento a que chamámos **terceiro ciclo** voltou-se a realizar novas entrevistas para fazer o balanço do ano letivo, evoluções sentidas e apresentar novas sugestões (ver **apêndice nº 5**).

Após a última entrevista procedeu-se à análise de conteúdo da mesma e à comparação com as anteriores, com vista a verificar se houve mudança de atitudes e se o tipo de necessidade de formação se mantém o mesmo (ver **apêndice nº 6**).

III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS RESULTADOS

6. Análise dos Dados

Primeiro Ciclo

Iremos agora proceder à análise dos dados relativos ao **primeiro ciclo** da investigação correspondentes às entrevistas realizadas às professoras e educadoras do ensino regular que têm nas suas salas alunos com Multideficiência, assim como à sua interpretação.

O tratamento de dados foi executado utilizando a análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2008), para as informações obtidas através das questões da entrevista reflexiva.

Com os dados obtidos pode-se categorizar treze Domínios que foram ordenados pela ordem de importância, de acordo com o número total de frequências obtidas.

Quadro nº 1: NECESSIDADE DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA EM E.E.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	∑ FR	
ÁREA	Geral		2	1	2	1		6	
	ESPECÍFICAS	Multideficiência		4			2	1	7
		Surdez				1			1
		Autismo						1	1
		Trissomia						1	1
		P. Cerebral						1	1
TÓPICOS A TRATAR	ESTRATÉGIAS	Para a aprendizagem	1	3	2	1	2	1	10
		Relacionais					3		3
		Inespecíficas		1	1				2
	Atividades	1		3			1	5	
	Materiais	1		1			2	4	
	Leituras	1						1	
MODALIDADE DE FORMAÇÃO	Oficina de Formação	3	3		3	6	2	17	
	Oficina e Ação de Formação			3				3	
Total								62	

Analisando o quadro nº 1, relativo ao domínio sobre a Necessidade de Formação Específica em Educação Especial, verifica-se que a Área onde se registou maior número de frequências foi na Formação em Multideficiência o que é atestado pelo seguinte trecho da entrevista da Professora 3:

“(...) cada vez temos mais alunos com deficiências e cada vez sentimos mais a necessidade de ter formação e sentimo-nos muito perdidos nessa área”.

Este facto já é indicador de que as docentes se mostram interessadas em adquirir conhecimentos nesta Área para poderem atuar convenientemente. A necessidade de Formação, sentida pelas docentes, indica já uma vontade em modificar atitudes e adotar boas práticas inclusivas pois, tal como é referido por Costa, Leitão, Morgado e Pinto (2006: 36), o acesso e contacto com boas práticas educativas devem ser entendidos como estratégia privilegiada de formação e atualização.

Continuando a leitura ao quadro a necessidade de Formação em Educação Especial Generalizada surge com o número de frequências quase idêntico às referências sobre a Multideficiência.

Com menor número de indicadores são ainda apontadas, necessidade de Formação em surdez, autismo, trissomia e paralisia cerebral.

Relativamente aos tópicos a tratar na Formação, são sobretudo mencionadas as Estratégias para a Aprendizagem, preocupação que o excerto da Educadora 2 ilustra bem: *“(...) como trabalhar com essas crianças”*,

O tipo de atividades a desenvolver assim como Materiais a utilizar em sala de aula com alunos com Multideficiência constituem outras duas subcategorias apresentadas no quadro que estamos a estudar. Na verdade os excertos das entrevistas à Professora 1 e à Professora 4 mostram que também estes temas devem de ser tidos em conta numa formação:

Prof. 1: *“(...) que tipo de atividades é que eu vou fazer com elas”*

Prof 4: “(...) *construção de materiais a que pudéssemos recorrer*”.

No que diz respeito à Modalidade de Formação, a Oficina de Formação é a apontada com maior frequência.

Este indicador vem corroborar o que nos diz Costa *et al.* (2006: 36) de que:

*“A formação deve assentar num processo contínuo, que garanta a **todos** os professores os conhecimentos e competências necessários para (a) educarem todos os alunos da forma mais eficaz, (b) possibilitarem que alguns professores assegurem ações de apoio junto dos colegas e dos alunos com necessidades educativas mais comuns e (c) que especializem outros, para o atendimento dos alunos com problemas de maior complexidade e de baixa incidência.”*

Esta subcategoria é a apontada como sendo a que mais satisfaz as necessidades de obtenção de conhecimentos práticos, ao longo do ano, e aplica-los no terreno, tal como nos referem as Participantes:

Ed. 1: “- *Podia ser que nós pudéssemos construir alguns materiais e, como temos os meninos, aplica-los em sala de aula e ver até que ponto é que são adaptados aos meninos e os meninos são recetivos*”.

Prof. 3: “- *Seria mais trabalharmos em casos reais e vermos o que é que entre todas poderíamos fazer e depois passar daí e tirar daí conclusões, trabalhos e materiais*”.

Percebe-se que as docentes sentem necessidade de aprender com a prática e refletir sobre a mesma, pois tal como refere Rodrigues (2003), o professor precisa de ser ajudado a refletir sobre a sua prática, para que compreenda as suas atitudes e perspetivas em relação ao processo e se torne um pesquisador da sua ação, procurando aperfeiçoar o ensino oferecido na sua sala de aula.

A preocupação das docentes prende-se também com o facto de terem de atender à diversidade de situações que se lhe deparam no seu dia-a-dia, tal como refere a Professora 1:

“- O que é que é preciso porque eu tenho vários tipos de crianças do Ensino Especial, de vários problemas”

Precisam de aprender a trabalhar com todos os alunos ao mesmo tempo em sala de aula, pois acham que não estão preparadas para dar resposta, tal como é referido pela mesma Docente:

“- (...) o que é que eu faço com um e depois o que é que eu faço com o outro”.

Já a Professora 3 refere a necessidade de aprender em como incluir os alunos com Multideficiência mas sem prejudicar os outros:

(...) como é que os incluímos na turma mas ao mesmo tempo não prejudicando o resto do grupo”.

É precisamente esta a questão crucial na implementação de uma escola inclusiva: saber atender a todos os alunos sem prejudicar nenhum. Será necessário implementar um bom programa de formação capaz de dar resposta a todas as necessidades dos docentes e de acordo com as especificidades de cada um e das turmas que lecionam. Tal como Pinto e Morgado (2012), citando Marchesi, (2004), considera impossível haver escolas inclusivas se os professores não tiverem a formação e competência para ensinar todos os alunos, melhorando também as atitudes face à diversidade e diferença. Os mesmos autores, citando Jerlinder, Danermark e Gill (2010), referem que os professores com formação, competentes, com recursos e apoios vêm-se como capazes de ir ao encontro das exigências da inclusão.

Na análise do quadro nº 2, abaixo apresentado, sobre o domínio referente ao Impacto da Inclusão nos Professores do Ensino Regular, sobre as suas práticas letivas, regista-se que a Aquisição de novos conhecimentos, foi a categoria apontada com maior número de frequências.

As docentes consideram que a inclusão de alunos com Multideficiência nas suas salas é um fator que promove o seu enriquecimento profissional, tal como fica demonstrado na resposta da Professora 3:

“Eu acho que a inclusão muda porque dá-nos outra formação”

Quadro nº 2: IMPACTO DA INCLUSÃO NOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR

CATEGORIA	Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	Σ FR
Currículo da turma	1	1	2	1	1		6
Dinâmica da sala: Forma como organiza a sala Estratégias Relacionamento mais personalizado Trabalho de equipa	1		2	2	2		7
Diferenciação Pedagógica: Conteúdo				2	2	2	6
Necessidade continuada de formação				1	1		2
Aquisição de novos conhecimentos	1	2			3	4	10
Construção de Materiais didáticos	1			1		1	3
Partilha de entre docentes				2	2		4
Adaptação dos Instrumentos de avaliação	1				2	1	4
						Total	42

Também se verifica que com a experiência do dia-a-dia e numa perspetiva de reflexão e ação, vão modificando e melhorando a sua atuação junto destes alunos com Multideficiência, como fica comprovado pela resposta da Professora 4:

“(…) e vou alterando a minha prática a partir daquilo que eu aprendo e uma experiência destas, sendo nova, acaba por alterar”

Esta reflexão sobre a sua prática pedagógica tem proporcionado a formação de atitudes mais positivas face à inclusão de alunos com Multideficiência nas salas do ensino regular, como demonstra a resposta da Educadora 2:

“Eu penso que muda positivamente porque ao trabalharmos com crianças com problemas acabamos por estar mais despertas para certas coisas, mesmo em relação aos outros miúdos”

O facto de estarem perante esta nova realidade de terem alunos com deficiências de alta densidade e baixa frequência nas suas salas, faz com que se enriqueçam na diversidade. Na perspetiva de Correia (2003), os professores e profissionais da educação com carreiras desenvolvidas em ambientes educativos inclusivos, defendem que a sua vida profissional e pessoal é enriquecida.

O impacto da Inclusão na Dinâmica da sala: Forma como organiza a sala foi a subcategoria apontada a seguir com bastantes frequências.

As docentes consideram que têm de promover uma pedagogia diferenciada e aberta de modo a que possa ser remodelada de acordo com a especificidade de cada aluno, tal como demonstra as respostas das Participantes:

Prof.1: *“As estratégias têm de ser diferentes”*

Prof.2: *“(...) portanto, temos de estar constantemente a remodelar, a pensar na estratégia”*

Para conseguir implementar uma pedagogia verdadeiramente inclusiva que dê resposta à diversidade da sua turma, o docente, na perspetiva de Ruela (2000), tem de definir estratégias adequadas e flexíveis de modo a respeitar o ritmo de cada um.

Referem também que a inclusão também tem impacto no Currículo da Turma pois com a diversidade de alunos para os quais têm de planificar, precisam de pensar que os objetivos traçados para cada atividade têm de estar adequados a todos os alunos que estão nas suas turmas.

As docentes ao traçarem o Projeto Curricular para sua Turma devem ter em atenção que nem todos os alunos aprendem de igual forma e é necessário definir estratégias e atividades diversificadas para atingir determinado objetivo, tal como nos refere a Professora 3:

“(...) ali já temos que ter muita variedade de atividades para que esse aluno consiga atingir as metas que estão propostas no seu programa.

Sentem a necessidade de diversificar as atividades de modo a responder a todos os seus alunos. Correia (1999) chama-nos a atenção para as respostas educativas, referindo que os professores devem ter sempre em conta as características dos alunos, condições, recursos e possibilidades que a escola regular fornece e disponibiliza no processo ensino-aprendizagem.

Seguiu-se a referência ao Impacto da Inclusão na Diferenciação Pedagógica: Conteúdo, como sendo a subcategoria a ter também bastante número de frequências, pois não é só sobre o que se ensina mas também sobre a forma como se ensina que as docentes precisam de refletir para delinear as respostas educativas diferenciadas e mais apropriadas a cada aluno, como fica comprovado com a resposta da Professora 2:

“Para chegar a determinado objetivo, para aquele aluno especial temos de fazer de uma forma, para os outros de outra”

As docentes consideram que é necessário, para atingir determinado objetivo, desenvolver estratégias que vão de encontro à capacidade de aprendizagem de cada aluno. Demonstra assim a necessidade de passarmos de uma pedagogia de ensino para uma pedagogia de aprendizagem. Em vez de se utilizar um ensino coletivo, o docente deverá, na opinião de Jesus & Martins (2000: 22) “(...) *compreender a forma como cada aluno constrói e desenvolve a sua aprendizagem e, por outro lado proporcionar orientações individualizadas a partir das dificuldades que o aluno apresente*”. Assumir este compromisso conduz-nos a uma pedagogia diferenciada. Esta pedagogia exige ao professor adquirir conhecimentos que permitam entender o aluno como apenas mais um elemento de um grupo, dominar os mais atuais e diversificados métodos e técnicas de ensino e saber adaptá-los aos diferentes alunos.

As professoras entrevistadas referem também que a Inclusão tem impacto na Partilha entre docentes tanto ao nível de materiais como de experiências e de saberes, como nos refere a Professora 3:

“E entre docentes haver uma troca, uma partilha para que as experiências de uns sirvam de experiência para os outros e não nos limitemos só àquilo que eu sei e por vezes aproveitar o que os outros colegas sabem para podermos realizar”.

As docentes consideram ser muito importante para o desenvolvimento do seu trabalho que haja espaço para a troca de experiências e para a partilha de dúvidas e de saberes, principalmente com os professores que têm nas suas turmas alunos com

problemáticas idênticas à dos seus alunos, como forma de melhorar a sua prática e o seu desempenho docente.

Com igual número de frequência foi referida a subcategoria, Adaptação dos Instrumentos de Avaliação como sendo reflexo da Inclusão, uma vez que as docentes consideram que têm de adaptar o modo e os instrumentos de avaliação, de acordo com a especificidade de cada aluno, como fica demonstrado na resposta da Professora 3:

“(...) terá de ser uma avaliação adaptada às necessidades dos alunos”

Esta ideia é corroborada por Correia & Serrano (2003) que refere que a prática inclusiva prevê que os currículos, os programas, assim como o processo avaliativo, sejam adaptáveis às características de cada tipo e grau de deficiência

A Inclusão também irá ter impacto na Construção de Materiais Didáticos pois os docentes reconhecem que é necessário produzir ou adaptar materiais adequados a satisfazer as necessidades de cada aluno mas, para determinados materiais, sentem que não estão preparados para realizar essa tarefa, apenas o conseguindo, quando se trata de simples fichas de trabalho ou de avaliação.

As docentes estão mais habituadas na adaptação de fichas de trabalho e de avaliação, pois é o que se verifica mais usualmente na educação dos alunos com NE.E. de baixa densidade e alta frequência. Perante a nova realidade de terem de adaptar materiais para alunos com Multideficiência não se sentem preparados para o fazer, apesar de sentirem a necessidade desses materiais e de saberem que são essenciais, pois o desenvolvimento de um modelo de pedagogia diferenciada, de acordo com Cadima (1997, cit. por Morgado, 2003a: 111), implica a produção de adaptação de materiais e instrumentos de suporte às aprendizagens.

Quadro nº 3: FORMAÇÃO CONTÍNUA EM EDUCAÇÃO

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Ed.1	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	Ed.2	Σ FR
TIPO	Autoformação	1			2		3	6
	Formação Formal	3	1	1	1	1	3	10
ÁREA	De acordo com a necessidade do momento	1		1				2
	Informática		1			1		2
	Ciências da Natureza		1				1	2
	Escrita						1	1
	Matemática						1	1
	Expressões						1	1
	Geral						1	1
MOTIVAÇÃO	Valorizar a sua prática	1	5	2		2	2	12
	Obrigatoriedade na carreira			1	2			3
Total								41

Da análise do quadro nº 3 referente ao domínio da Formação Contínua em Educação, verifica-se que de acordo com o Tipo de Formação já realizado pelas participantes, a Formação Formal é a subcategoria com maior frequência, pois todas as docentes já fizeram qualquer tipo de formação, ao longo da sua carreira. No entanto, também se verifica que três das docentes do Ensino Regular referiram que também se atualizam através da Autoformação, seja por leituras que realizam ou pela consulta a *sites* ou obras apresentadas na Internet.

Podemos então considerar que este domínio testemunha a preocupação de todos os docentes no interesse por melhorar a sua prática docente. A este respeito Marcelo define

“a formação de professores como o processo sistemático e organizado mediante o qual “os professores – em formação ou em exercício – adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições e que lhes permitem intervir profissionalmente” Marcelo (1999: 26).

No que diz respeito à categoria Área frequentada, os dados inscritos no quadro mostram-nos que dentro do que lhes é oferecido para o seu grupo de docência a

generalidade das participantes optam pela formação que corresponda mais às suas necessidades, tal como refere a Professora 2:

“(...) escolhendo sempre aquela que eu sinto que tenho mais necessidade”.

Já na categoria Motivação para a frequência de Ações de Formação, a subcategoria Valorizar a sua Prática, é a que registou maior frequência. Daí se depreende que os docentes se preocupam com a sua valorização profissional, pois como diz Marcelo (op. cit.), a formação de professores constitui-se como um campo de conhecimento e investigação.

Não podemos deixar de salientar o facto de duas docentes referirem fazer Formação por ser obrigatório para progressão na carreira, como atesta a resposta da Professora 3: *“Necessidade de mudar de escalão”.*

Este tipo de resposta legítima a institucionalização da formação ocorrida nos anos 80, num contexto marcado por profundas mudanças, nomeadamente as que decorriam na difusão das novas tecnologias de informação e comunicação.

O primeiro documento onde a mesma é consagrada, com o devido relevo foi na *Lei de Bases de Sistema Educativo* (Lei 46/86). Entre os quatro artigos que contemplam a formação dos professores, um deles, o artigo 35º, é dedicado formação contínua. Nele se regulamenta, de forma genérica, os princípios fundamentais da formação contínua, salientando-se os seguintes pontos:

- O reconhecimento do direito à formação contínua para todos os professores, independentemente do nível de ensino.

- A diversificação dessa formação, por forma a “assegurar o complemento, aprofundamento e atualização de conhecimentos e de competências profissionais”, possibilitando ainda a “mobilidade e a progressão na carreira”.

De facto, para além do tempo de serviço, foram estabelecidas como condições de progressão na carreira, a avaliação de desempenho e a frequência de ações de formação contínua (Dec. Lei 409/89, de 18/11). Esta passou a ser a referência fundamental a que as iniciativas neste domínio passaram a ter em conta.

No entanto, Ruela (1999) refere que em finais dos anos noventa, se constatava que as ações de formação estavam longe de corresponder às expectativas iniciais. As atitudes iniciais de entusiasmo e interesse haviam dado lugar à desmotivação. Os centros de formação das escolas, a grande inovação de 1992, tornaram-se simples agências de créditos para a progressão na carreira docente.

Daí constatamos, que a questão da obtenção dos créditos para a progressão na carreira, conferidos pelas várias ações de formação, contaminou desde o princípio os objetivos da formação contínua.

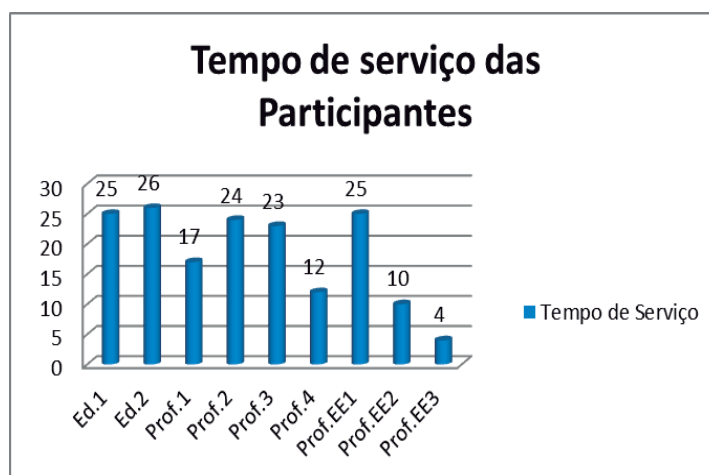
O acima exposto mostra-nos que é necessário pensar na formação não como uma ponte para progressão na carreira mas sim como um meio de satisfazer as necessidades de cada docente, de acordo com a realidade e as características dos seus alunos.

Quadro nº 4: FORMAÇÃO EM N.E.E./EDUCAÇÃO ESPECIAL

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	Σ FR
FORMAÇÃO INICIAL	Não tem formação	2	1		1	2		6
	Tem formação			2			2	4
FORMAÇÃO EM SERVIÇO	Adquiriu Formação em NE.E.	1	4		3	2	1	11
	Não adquiriu Formação Específica em E.E.			1	1	1		3
PERTINÊNCIA	Acha pertinente	1	1	4	4	3	2	15
Total								39

Da análise do quadro nº 2 referente ao domínio Formação em NE.E./Educação Especial, podemos concluir que apenas quatro docentes tiveram na sua formação inicial oferta de formação na área das Necessidades Educativas Especiais. Contudo se se tiver

em conta a formação em serviço conclui-se que a maioria das participantes adquiriu alguma formação em Necessidades Educativas Especiais e todas elas consideram de grande pertinência formação nessa área. Contudo, apenas três docentes do Ensino Regular referiram que não adquiriram formação específica em Educação Especial.



Observando o gráfico relativo ao tempo de serviço das participantes no estudo podemos verificar que as docentes que tiveram formação em Educação Especial na sua formação inicial são as que têm menos tempo de serviço, o que mostra a pouca relevância dada à educação especial até aos anos 90.

Este dado vem corroborar a perspectiva de Porter (1998), de que os professores de ensino regular não teriam competências técnico-pedagógicas que lhes permitissem trabalhar com alunos com NE.E., pois, tal como é dito no parecer nº 9, do CNE de 2004, a generalidade dos professores não foi preparada, na sua formação inicial e contínua, para lidar com a diferença.

Embora atualmente exista na formação inicial uma abordagem ao tema das Necessidades Educativas Especiais, esta não passa de uma sensibilização á temática pelo que não podemos considerar que os professores saiam com competências técnico-pedagógicas para responderem aos desafios que os alunos com NE.E. impõem.

Relativamente à pertinência de adquirir formação em E.E., todas as docentes consideraram ser pertinente, pois sentem que necessitam dela para poderem conseguir trabalhar com os alunos com Multideficiência, tal com fica comprovado pelas respostas das Professoras 1 e 4:

Prof. 1 – “(...) só através de uma formação é que nós conseguimos trabalhar com elas”

Prof. 4 – “(...) porque cada vez mais nos aparecem nas salas de aula juntamente com os alunos do regular, alunos com necessidades às quais nem sempre sabemos responder, a menos que tenhamos essas formações”.

Quadro nº 5: CONFRONTO ENTRE BARREIRAS E FACILITADORES DA INCLUSÃO

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	Σ FR
BARREIRAS	Preconceitos	2						2
	Falta de tempo	1						1
	Falta de interação, no recreio, entre alunos com e sem Multideficiência			1				1
	Físicas				4	3		7
	Falta de formação		1			3		4
	Falta de apoio		1				1	2
	Falta de material específico		3					3
Subtotal								20
FACILITADORES	Aceitação por parte dos Enc. Ed.	2						2
	Aceitação por parte dos colegas					2		2
	Espaços interiores				2	1		3
	Recursos humanos					1		1
	Recursos materiais		1			1		2
	Resposta do aluno						2	2
Subtotal								12
Total								32

Da análise do quadro nº 5, referente ao domínio referente ao Confronto entre Barreiras e Facilitadores da Inclusão, podemos constatar pelo somatório das frequências

que as participantes realçam mais os facilitadores do que as barreiras, o que testemunha a atitude positiva face à inclusão.

No que diz respeito às Barreiras, pode-se reconhecer que as barreiras Físicas foram apontadas como sendo a categoria que obteve maior número de frequências.

Seguidamente apontaram a Falta de Formação como sendo a barreira que obteve também grande número de frequências. Uma vez mais foi invocada a falta de preparação e a necessidade da mesma para o desenvolvimento de atitudes mais positivas face à Inclusão dos alunos multideficientes, como nos refere a Professora 3:

“Olhe uma barreira grande é nós não estarmos preparados (inclusão de alunos multideficientes).”

Seguiu-se a referência à falta de material específico como sendo uma barreira que põe entrave ao desenvolvimento de prática inclusivas, como aponta a Educadora 2:

“(...) se nós tivéssemos alguns materiais aqui também, adaptados de forma a que ele tenha sucesso também ao jogar com os outros”

Apontaram ainda como barreiras a falta de apoio, a falta de tempo e a falta de interação, no recreio, entre alunos com e sem Multideficiência.

No que diz respeito aos Facilitadores, as Participantes no estudo apontaram os Espaços Interiores como sendo a categoria que obteve maior número de frequências. Apesar de terem considerado o tamanho das salas de aula como uma barreira física, consideram que o facto de existir uma sala própria para a Unidade de Multideficiência é visto como um facilitador, tal como os amplos corredores que facilitam a mobilidade destes alunos, como refere a Professora 2:

“Pensando numa criança com deficiência motora mais profunda tem mais facilidade em se deslocar”

A aceitação por parte dos Encarregados de Educação da presença dos alunos com Multideficiência nas salas dos seus filhos, também foi considerada como um facilitador à Inclusão.

Assim como a aceitação por parte dos colegas de conviverem e interagirem com os alunos com Multideficiência também foi considerado como um facilitador.

As docentes apontaram ainda como facilitadores os recursos materiais existentes na escola e em especial na sala de Multideficiência, a resposta do aluno multideficiente ao estímulo e intervenção educativa que lhe são dirigidos e ainda os recursos humanos, nomeadamente a existência de técnicos para trabalhar com os alunos.

Quadro nº 6: BOAS PRÁTICAS APONTADAS

CATEGORIA		Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	∑ FR
Procurar informação			1			1	1	3
Promover a participação de todos os alunos				6		2	2	10
Informação aos Encarregados de educação		2						2
Promover a aceitação do aluno diferente						1	1	2
Apoio individualizado em atividades específicas				1		3		4
Trabalho colaborativo	Entre professor do ensino regular e equipa de E.E.	2	1		3	2		8
Observação direta						1	1	2
Total								31

Da análise do quadro nº 6, relativo ao domínio sobre as Boas Práticas Apontadas, pode-se observar que as docentes referiram a categoria Promover a participação de todos os alunos como sendo a prática que consideram mais importante tomar e conseqüentemente foi a que teve maior número de frequências e como fica demonstrado através da resposta da Professora 1:

“- (...) incluí-los nos outros trabalhos de grupo do grande grupo em tudo o que seja manual”

As docentes consideram que é importante envolver todos os alunos nas atividades que desenvolvem na sua sala, no entanto denota-se que necessitam de orientação para

poderem desenvolver trabalhos de cooperação entre alunos, uma vez que esta prática educativa é crucial para a inclusão dos alunos com Multideficiência nas atividades de sala de aula.

Consideram também o trabalho colaborativo entre professor do ensino regular e a equipa de E.E. como outra boa prática importante para a Inclusão de alunos com Multideficiência e que obteve elevado número de frequências.

As docentes sentem que uma boa relação e um trabalho de colaboração entre os dois docentes são muito importantes para o desenvolvimento da prática educativa dos seus alunos, tal como refere a Professora 2:

“(...) depois também a relação que existe entre o professor titular e o professor do especial também é muito importante, pelo menos eu sinto isso”.

O trabalho de articulação com os outros técnicos que trabalham com o aluno com Multideficiência também é referido como sendo muito importante, tal como fica demonstrado na resposta da Educadora 2:

“(...) e junto dos técnicos que o acompanham, pedir dicas e informações sobre a forma como se deve proceder com meninos com esses problemas”

As docentes socorrem-se da equipa especializada que trabalha com estes alunos para pedir orientações sobre como atuar com eles. Esta prática é muito salutar pois permite ir munindo as docentes do regular de informação importante necessária para definir as estratégias de intervenção junto destes alunos, numa perspetiva de inclusão.

Preparar atividades em que todas as crianças possam participar, na opinião de Ladeira e Amaral (1999: 14), exige do professor do ensino regular e do professor de apoio educativo um planeamento em conjunto e antecipado, partindo do pressuposto que as crianças multideficientes podem participar em atividades do currículo escolar, ainda que a um nível diferente dos restantes alunos.

O Apoio individualizado em atividades específicas também foi referido como uma boa prática utilizada na inclusão destes alunos, pois consideram que além do trabalho desenvolvido com o aluno em conjunto como o restante grupo, necessita de trabalhar atividades específicas com este aluno, tal como refere a Professora 1:

“Desenvolvo um trabalho mais individualizado com eles, os trabalhos estarem de acordo com o grau de dificuldade que eles têm”

Ou então consideram que além do tempo que disponibilizam ao grupo também tentam arranjar um determinado tempo para estar com este aluno específico, como refere a Professora 3:

“Tentar arranjar um bocadinho de tempo para os outros alunos e para esse aluno”.

De facto os professores do regular precisam adotar estratégias educativas que privilegiem atividades de interação e cooperação entre alunos, no entanto, dada especificidade de cada aluno multideficiente, é necessário proceder a uma intervenção individualizada e específica junto deste pois incluir crianças com necessidades tão específicas como estas implica, nas palavras de Ladeira e Amaral (1999), a definição de respostas educativas que permitam o seu progresso na escola, tais como a necessidade de um apoio individualizado, dado que o ensino de determinadas tarefas, por mais simples que sejam, requer técnicas de trabalho individual com estratégias específicas, que incluem maior número de modelações e repetições em contextos diversificados, por vezes difíceis de concretizar na sala de aula.

Na falta de uma resposta formativa de que tanto reclamam, muitas das doentes tentam Procurar informação, referindo-a como sendo uma boa prática necessária para a promoção da Inclusão, tal como é referido pela Professora 4:

“Informe-me a nível próprio, pesquisei, fui à internet, li livros”.

Esta resposta revela que as docentes se preocupam em procurar informação sobre as diferentes problemáticas e características dos seus alunos de modo a que possam diferenciar a sua prática educativa, deste modo consideramos que o papel do professor é conhecer os seus alunos, tomar consciência da heterogeneidade existente na turma e procurar compreendê-la.

O Promover a aceitação do aluno diferente é outra categoria apontada como sendo uma boa prática necessária para a promoção da Inclusão, tal como refere a Professora 3:

“De os alunos respeitarem o aluno, dos outros colegas respeitarem esse aluno”.

Como já foi referido anteriormente neste trabalho, as docentes preocupam-se com a promoção de “atitudes e valores positivos face à diferença e diversidade, fomentando atitudes de cooperação” (Morgado, 2003b).

A Informação aos Encarregados de Educação é outra categoria apontada pelas docentes como Boa Prática. De facto é necessário esclarecer e sensibilizar toda a comunidade educativa e em especial os pais dos alunos do ensino regular para a importância da inclusão destes alunos nas suas salas pois são indivíduos com os mesmos direitos à educação e a interagir com os seus pares como qualquer criança, tal como é demonstrado na resposta da Educadora 1:

“(…) para terem conhecimento disso, para os pais saberem que, nós como escola, que recebemos esses meninos tal e qual como os outros e que daremos o melhor, faremos o melhor para eles”.

Denota-se que as docentes estão conscientes da importância que tem a sensibilização às famílias das crianças sem deficiência para a compreensão e aceitação da inclusão dos alunos com deficiência nas salas dos seus filhos, tal como nos diz Silva (2006), que os pais dos alunos sem deficiência podem também sentir necessidade de se informarem e colocarem questões para compreenderem as deficiências.

Finalmente apontaram a Observação direta como sendo uma boa prática necessária a implementar para a Inclusão dos alunos com Multideficiência. Consideram que só a partir do conhecimento direto dos alunos é que se pode planejar a intervenção, tal como refere a Professora 4:

“(...) e até pelo conhecimento através da relação que vim a ter com o aluno, fui mais ou menos desenvolvendo uma relação de proximidade que me permitiu também ter algum conhecimento das necessidades dele”.

A docente considera que só após conhecer bem o aluno, a sua problemática, gostos e necessidades, é que se pode planejar a intervenção educativa necessária às suas características.

De facto é necessário que os docentes conheçam plenamente os seus alunos, através de uma avaliação criteriosa da sua problemática é que se pode preparar uma correta intervenção educativa.

Quadro nº 7: PROPOSTAS PARA UMA MELHOR INCLUSÃO DO ALUNO MULTIDEFICIENTE

CATEGORIA	Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	Σ FR
Formação	4	3	2	2	3		14
Profissionais especializados na sala			3	1		5	9
Recursos materiais	2		2	1		1	6
Total							29

Da análise do quadro nº 7, referente ao domínio sobre as Propostas para uma melhor Inclusão do Aluno Multideficiente, podemos constatar que a categoria referente à Formação foi a que obteve maior número de frequências.

Essa formação, como as docentes se encontram perante uma nova realidade que é a de ter nas suas salas, alunos com Multideficiência, será mais necessária nessa área, tal com prova a resposta da Educadora 1:

“(...) a nível do Agrupamento poderia haver, e ainda mais agora que nós temos uma Unidade aqui no Agrupamento poderia haver ou deveria haver formação para os educadores e professores que têm esses meninos, para lhe fornecerem estratégias e formas de trabalhar com estas crianças”

As docentes sentem necessidade de uma formação essencialmente prática, baseada na troca de experiência entre docentes que desenvolvam boas práticas com alunos com Multideficiência, como é referido na resposta da Educadora 2:

“Ser uma formação em que haja troca de experiências”

Os docentes consideram que o contacto e a partilha com outros professores que trabalham com alunos com problemática idênticas às dos seus alunos é uma forma enriquecedora do seu conhecimento, tal como Costa *et al.* (2006), referem, citando o *Open File on Inclusive Education, UNESCO, 2001*, onde diz que *“O acesso e contacto com boas práticas educativas devem ser entendidos como estratégia privilegiada de formação e atualização”*.

A formação é encarada por estas docentes como um fator de extrema importância para a mudança da sua prática pedagógica e desenvolvimento de atitudes mais inclusivas, tal como está preconizado na Declaração de Salamanca, UNESCO, (1994), citada por Costa *et al.* (2006), a qual refere que *“A preparação adequada de todo o pessoal educativo constitui o fator chave na promoção das escolas inclusivas. (...)”*.

Por seu turno Costa *et al.* (op. cit.) verificam que existe uma falta generalizada de formação dos professores sobre a educação de alunos com Necessidades Educativas Especiais, o que condiciona negativamente o funcionamento das escolas e as atividades das salas de aula. A sua falta de preparação reflete-se nas suas atitudes face à Inclusão de alunos com problemáticas mais complexas, o que faz com que não se sintam receptivos à sua Inclusão sem a presença de um profissional especializado a acompanhar esses alunos.

A corroborar este facto, verifica-se que também com elevado número de frequências foi proposto a presença de Profissionais especializados na sala como sendo um fator essencial para a promoção de boas práticas inclusivas ao prestarem apoio e acompanhamento aos alunos com Multideficiência, como é referido pela Professora 1:

“Por professores especializados dentro da sala de aula para apoiar o professor”

As docentes reconhecem a importância da colaboração dos professores de Educação Especial, pois consideram, tal como Correia (2003) que as respostas curriculares devem ser efetuadas em consonância e com o auxílio dos educadores especializados

Esta resposta especializada, para que se possa investir no desenvolvimento de atividades e estratégias específicas que são imprescindíveis para o desenvolvimento global destes alunos, deve ser efetuada em equipa e desenvolvida através de um trabalho continuado e em permanência na escola.

De facto, o trabalho em equipa, nas palavras de Ladeira e Amaral (1999:9) *“é fundamental para o desenvolvimento e facilitação das interações entre os vários intervenientes no processo, i. e., pais, professores, terapeutas, psicólogos, etc. contribuindo para um desenvolvimento de parcerias efetivas”*.

Outra proposta apresentada foi a de mais Recursos Materiais como uma categoria necessária para a promoção de boas práticas.

A necessidade de mais recursos materiais, nomeadamente materiais adaptados, para o desenvolvimento de boas práticas inclusivas é sentida pelos docentes que se empenham realmente em trabalhar com os alunos na sua sala de aula.

Pelo que temos vindo a apresentar, as professoras do ensino regular mostram preocupação com os alunos com Multideficiência. Julgamos importante saber como definem estes alunos e as preocupações sentidas.

Quadro nº 8: MULTIDEFICIÊNCIA

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	∑ FR
DEFINIÇÃO	Conjunto de défices múltiplos	2	1	1	2			6
	Nível motor, linguagem e cognitivo	1		1	1			3
	Deficiência física e mental, com mais incidência no mental		2			2	1	5
PREOCUPAÇÕES FACE À PRESENÇA DE ALUNOS COM MULTIDEFICIÊNCIA	Como Trabalhar com os alunos	2			2			4
	Procurar formação		1					1
	Procura de aceitação pelos outros			1		3		4
	Preparar o grupo para aceitação da diferença					3		3
	Incluir os alunos nas atividades da turma						1	1
	Conhecer bem o aluno			1				1
Total								28

Da análise do quadro nº 8 referente ao domínio Multideficiência, verifica-se que, na sua Definição, as Participantes referiram como sendo um Conjunto de défices múltiplos a subcategoria com maior número de frequências, como se pode ver pelas respostas das Educadoras:

Ed.1: “- *Um aluno com Multideficiência é uma criança com um conjunto de défices a vários níveis*”.

Ed.2: “- *É um menino que tem limitações a todos os níveis*”

As docentes ao tomarem contacto com este tipo de problemática apercebem-se que estão perante alunos que não apresentam uma única limitação mas sim um conjunto de *defices*, que precisam de estar preparadas para poderem atuar corretamente e sem receios ou dúvidas pois apercebem-se que o conjunto de limitações condiciona o seu desenvolvimento global e desempenho escolar destes alunos, tal como Contreras e Valencia (1997), citados por Nunes (2002), consideram ao dizer não se tratar de sujeitos

com um somatório de deficiências, já que a interação estabelecida entre os diferentes problemas influencia não só apenas o desenvolvimento da criança ou do jovem, mas também a forma como funciona nos diferentes ambientes e o modo como aprende, requerendo ensino especializado.

Os dados constantes no quadro mostram-nos que as docentes apercebem-se que estão perante alunos que apresentam uma deficiência ao nível cognitivo que tem associada uma deficiência física. Nesta linha de pensamento também Orelove e Sobsey (2000:1), citados por Nunes (2002:6) definem a pessoa com Multideficiência como sendo indivíduos com limitações acentuadas no domínio cognitivo, que requerem apoio permanente e que têm associado limitações no domínio sensorial (visão ou audição) ou no domínio motor.

Outra definição também apresentada foi a de que se trata de uma deficiência ao Nível Motor, Linguagem e Cognitivo ou seja, descrevem o aluno com Multideficiência como apresentando uma maior predominância de deficiência a nível motor, seguindo-se-lhe a limitação na linguagem e a deficiência cognitiva, como se pode ver pela resposta da Educadora 1:

“(...) a nível... sobretudo a nível motor, a nível da linguagem, a nível cognitivo”

Esta resposta demonstra que o que salta mais à vista na criança com Multideficiência é a dificuldade ao nível motor e na comunicação, que vem de encontro ao que Contreras e Valencia (1997:378), citados por Nunes (2002:6) entendem por Multideficiência “o conjunto de duas ou mais incapacidades ou diminuições de ordem física, psíquica ou sensorial”.

Na realidade a dificuldade motora e de comunicação é o que dificulta mais o professor do ensino regular na interação com a criança multideficiente. Sentem-se mais

predispostos a trabalhar com alunos que apresentem só deficiência mental do que com estas problemáticas associadas, o que lhes causa diversas preocupações.

Relativamente à categoria sobre as Preocupações face à Presença de alunos com Multideficiência, as docentes referiram a subcategoria Como Trabalhar com os alunos como sendo uma das com maior número de frequências.

Mais uma vez se denota que as docentes necessitam de se informar a aprender como trabalhar com estes alunos para se sentirem seguras na sua intervenção educativa tal como revela a resposta dada pela Educadora 1:

“Do que é que eu preciso de me apetrechar, de estratégias e de metodologias e de alguns saberes para trabalhar com estes meninos”.

De facto esta resposta revela que o trabalho desenvolvido em sala de aula ainda é muito compartimentado em atividades distintas para o grande grupo e para esta criança. O caso de não se desenvolver verdadeira pedagogia diferenciada que empregue estratégias de trabalho cooperativo entre alunos vai fazer com que o professor vá despender um tempo e esforço extra na resposta que quer dar a todos os alunos.

Urge munir estes docentes de estratégias de intervenção para se poder poupar tempo e recursos que cada vez são mais escassos nas nossas escolas.

Verifica-se que as docentes se mostram verdadeiramente preocupadas em promoverem um clima de tolerância, aceitação e de harmonia dentro da sua sala, como comprova o igual número de frequências à subcategoria anterior, apresentado pela preocupação com a Procura de aceitação pelos outros.

O facto de os alunos estarem perante uma criança que é diferente faz com que os professores sintam receio de que eles não a aceitem e criem um clima hostil à criança deficiente. Isto leva a que surja uma outra preocupação demonstrada pelas docentes que foi o como Preparar o grupo para a aceitação da diferença como revela a resposta da Professora 3:

“Preparar a sala, primeiro a turma para receber esse aluno, (...) aceitá-lo como ele é, a diferença que é”

As docentes sentem a necessidade de preparar os alunos para receber os alunos com Multideficiência pois sabem que ambos têm a ganhar com essa Inclusão, pois as crianças que recebem nas suas salas alunos com Multideficiência, na opinião de Serrano (2005), desenvolvem competências éticas de relações pessoais, decorrentes de valores como de aceitação, de respeito, de confiança mútua e de cooperação, valores que, como já foi evidenciado, consubstanciam os alicerces da escola inclusiva.

Mas essa Inclusão não se deve só proceder no inculcar atitudes tolerantes mas essencialmente em envolver os alunos na partilha e entreajuda aos colegas com deficiência. Para tal é necessário envolver todos os alunos nas atividades de forma a não fazer distinção entre alunos.

Daí se verificar que o Incluir os alunos nas atividades da turma é outra preocupação apresentada pelas docentes pois ao incluí-los o mais tempo possível na turma participando nas atividades do grupo, irá fazer com que os outros mais facilmente se adaptem e o aceitem, como é referido pela Professora 4:

“O inclui-los em tudo, em todas as atividades que faço com os outros também”.

É necessário que os professores conheçam bem as características dos alunos multideficientes que têm nas suas salas para poderem traçar a sua estratégia educativa.

Verifica-se de facto que o Conhecer bem o aluno é também uma preocupação das docentes entrevistadas, tal como fica demonstrado na resposta da Professora 1:

“Eu tento sempre adaptar-me, aceitá-las e depois tentar trabalhar, ver os limites, conhecê-las, conhecer o ambiente familiar e dar-lhe muito apoio. Não é só o apoio moral mas também o apoio afetivo que às vezes é isso que faz com que a gente se aproxime mais delas e depois trabalhar com elas.”

Contudo será necessário que as docentes se apercebam que este conhecimento de que falam se trata da avaliação que se deve realizar ao aluno com Multideficiência antes

de se traçar o seu plano de intervenção que, nas palavras de Pereira (2004), pretende determinar as preferências, capacidades e necessidades do aluno, nos diversos contextos; o tipo de apoios que precisa para ter uma participação mais ativa; o modo como funciona nas atividades naturais baseadas em rotinas para desenvolver um programa educativo de abordagem funcional que responda às suas necessidades.

Uma vez mais é de realçar que as docentes revelam que sentem necessidade de ser preparadas para poderem desenvolver eficazmente essa intervenção educativa. Essa é outra preocupação demonstrada pelas docentes face à presença de alunos com Multideficiência nas suas salas: o Procurar Formação para poder superar as dificuldades sentidas e conseguir dar a resposta adequada a estes alunos, tal como é referido pela Educadora 2:

“ (...) o que fiz, tentar fazer formação e ler”

De facto esta necessidade tem sido referida desde o início desta pesquisa como sendo um fator determinante na implementação de práticas inclusivas junto de crianças com Multideficiência.

Porque estamos conscientes de que só a partir de uma formação adequada e oportuna se pode promover uma verdadeira escola inclusiva, inquirimos as participantes sobre o que pensam ser Inclusão e Integração.

Os dados obtidos após a análise das respostas apresenta-se no quadro seguinte.

De facto, na análise do quadro nº 5 que apresenta os dados relativos ao Domínio Inclusão/Integração, verifica-se que na definição do Conceito de Inclusão, as docentes referiram a Pertença ao Grupo como sendo a subcategoria mais mencionada.

Quadro nº 9: INCLUSÃO/INTEGRAÇÃO

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	∑ FR
CONCEITO	Pertença ao grupo	5	1		1	1		8
	Sentido de equidade	3			1	1		5
	Dificuldade em definir			1			1	2
DIFERENÇA COM INTEGRAÇÃO	Conceitos distintos	Foco no Currículo					1	1
		Explicação dúbia	1		1	2		4
	Conceitos homólogos					2		2
	Não sabe		1					1
Total								23

A maioria das docentes considera que a Inclusão passa por entender a criança como pertencente ao grupo e que deve participar nas atividades da turma, adaptadas às suas capacidades, tal como é referido pelas Participantes:

Ed.1: “-(...) a inclusão é o fazer parte do grupo” considerar

Ed.2: “- A inclusão é os meninos participarem em todas as atividades. (...) Nós depois adaptamos conforme as competências que cada criança tem”

É necessário pensar que a escola se deverá adaptar às características dos alunos que recebe, atendendo às especificidades de cada um.

Como Rodrigues (2003) refere, estar incluído é muito mais do que uma presença física. É um sentimento e uma prática mútua de pertença entre a escola e a criança. O jovem deve sentir que pertence à escola, e a escola deve assumir que é responsável por ele.

Outra subcategoria apontada pelas entrevistadas, para definir o conceito de Inclusão, foi o Sentido de Equidade, uma vez que consideram que a inclusão irá beneficiar todos, pois como nos refere a Professora 2:

“(...) todas as crianças terem a possibilidade de terem as mesmas oportunidades ou as mesmas vivências”

A inclusão visa, garantir que todos os alunos, independentemente das suas características e diferenças, acessem a uma educação de qualidade e vivam experiências significativas. Não se poderá pensar em inclusão se a Escola e conseqüentemente os seus docentes não adotarem estratégias e práticas educativas pensadas para o sucesso de todos os seus alunos.

Assim, a inclusão far-se-á pela diferenciação pedagógica, não se tratando portanto de saber qual é o défice da criança, ou o problema da sua relação familiar, ou do seu percurso educativo, mas de saber o que faz o professor, o que faz a classe, o que faz a escola para promover o sucesso.

Denota-se que este percurso ainda está muito no seu início pois tal como se denota neste estudo ainda há docentes que têm Dificuldade em definir o que é a Inclusão, como demonstra a resposta da Professora 1 que nos diz:

“É incluir crianças ditas diferentes, (...) que têm problemas específicos numa turma em que as outras crianças têm um percurso dito normal no ensino, nas aprendizagens e na parte cognitiva e motora”.

Este pressuposto leva-nos a considerar que existe ainda alguma confusão entre Integração e Inclusão, tal como ficou provado na análise que fizemos ao questionarmos as participantes sobre a Diferença com a Integração.

Da referida análise pudemos constatar que a maioria das Participantes considera que são conceitos distintos, embora não consigam definir em que consiste essa diferença, tal como comprova a resposta da Professora 1:

“(...) integrar é uma forma de integrar crianças num determinado grupo escolar e inclusão é por exemplo um grupo diferente de etnia diferente estar dentro da sociedade, da turma”

Esta pressuposição prende-se com o facto de, durante muitos anos, se terem conduzido práticas integrativas uma vez que, do ponto de vista educativo, o princípio da integração apontava para a colocação da criança com Deficiência, ou com NE.E., junto

das outras crianças para fins académicos e sociais, sem, no entanto, alterar significativamente o modelo tradicional de organização do sistema escolar, pois pressupunha-se que elas seriam capazes de se adaptar (modificar, educar, reabilitar), de modo a satisfazerem os padrões aceites no meio social, familiar, escolar.

As práticas pedagógicas, de acordo com Sanches e Teodoro (2006), encontravam-se configuradas num programa educativo individual, de acordo com as características do aluno, desenhado e desenvolvido, essencialmente, pelo professor de Educação Especial.

No entanto, denota-se que os docentes já se vão apercebendo que a Inclusão não passa só por colocar os alunos com Deficiência, no nosso caso com Multideficiência, nas suas salas, como comprova a resposta da Professora 4:

“Integrar, se lá estiver presente está integrado. Incluir implica que haja uma ação no sentido de ajudar essas crianças a participarem na vida escolar”.

De facto a Inclusão é uma filosofia de escola muito abrangente. O conceito de inclusão difere significativamente do de integração no que se refere à adaptabilidade e natureza dos contextos, tal como nos diz Rodrigues:

(...) estar incluído é muito mais do que uma presença física: é um sentimento e uma prática mútua de pertença entre a escola e a criança, isto é, o jovem sentir que pertence à escola e a escola sentir que é responsável por ele ” (Rodrigues, 2003: 95).

Ora esta nova filosofia de escola inclusiva, levanta questões que se prendem com as Vantagens e Desvantagens da Inclusão, as quais inquirimos junto das participantes neste estudo.

Quadro nº 10: CONFRONTO ENTRE VANTAGENS E DESVANTAGENS DA INCLUSÃO

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	Σ FR
VANTAGENS	Não especificadas	1						1
	Aceitação da diferença	2			1	1	1	5
	Partilha	1	1		1			3
Subtotal								9
DESVANTAGENS	Nenhumas	1						1
	Maior exigência face à dinâmica da sala	3						3
	Provoca ansiedade nos professores				2			2
	Exigência de mais formação		1			2		3
	Falta de recursos humanos e técnicos		2					2
	Variam de acordo com os problemas				2			2
Subtotal								13
Total								22

Da análise do quadro nº 10 referente ao domínio sobre o Confronto entre Vantagens e Desvantagens da Inclusão, as participantes apontaram, na categoria relativa às Vantagens da Inclusão, a subcategoria Aceitação da Diferença como a mais relevante pois obteve maior número de frequências. Este é um ponto consensual na maioria das inquiridas que consideram que a inclusão dos alunos com Multideficiência nas salas de ensino regular faz com que os outros alunos tomem contacto com a diferença e consequentemente a aceitem e se enriqueçam enquanto seres humanos, tal como o exemplifica o excerto da resposta de Educadora 1:

“(...) porque os meninos que também fazem parte do grupo acabam por ver que há meninos diferentes e relacionarem-se com eles”

Depreende-se por este tipo de respostas que as docentes consideram benéfica a inclusão dos alunos com Multideficiência nas suas salas pois é uma forma de prepararem os seus alunos para a aceitação das pessoas diferentes os quais irão fazer parte de uma sociedade inclusiva, tal como é preconizado na Declaração de Salamanca

(1994), onde todo o cidadão, é cidadão de pleno direito, não pela sua igualdade, mas pela aceitação da sua diferença.

Também consideram vantajoso para os alunos com Multideficiência porque são bem aceites e acolhidos no grupo, não sendo colocados de parte, como se pode comprovar pela resposta da Professora 3:

“(...) a vantagem é fazer com que os meninos não se sintam marginalizados”.

A outra vantagem apontada reporta-se ao sentido de Partilha de experiências e vivências entre todos, como aponta a Educadora 2:

“(...) há uma interajuda, uma partilha, o mostrar como é que se faz por parte dos outros meninos.”

Na realidade, as práticas inclusivas devem assentar numa base de construção de saberes e práticas que valorizem a entreajuda e interação entre todos, respeitando a diferença e a individualidade de cada um, promovendo aprendizagens significativas, baseada na tolerância e respeito mútuo. Só nesta base se pode criar uma educação inclusiva que deve ser entendida, de acordo com as palavras de Freire (2008), como um meio por excelência de difusão dos valores de justiça e equidade social, solidariedade, respeito e participação democrática.

Relativamente às Desvantagens da Inclusão, a Maior exigência face à dinâmica da sala, foi uma das subcategorias apontadas com mais frequências, pois sentem que não conseguem dar a mesma resposta aos meninos com Multideficiência como dão aos outros, por não se sentirem preparadas para tal e conseqüentemente não conseguem gerir o tempo e prestar-lhes a atenção necessária uma vez consideram que estes alunos necessitam de muita atenção e não sabem bem como proceder, tal como é referido pela Educadora 1:

“Estes meninos necessitam de muita, muita disponibilidade”

“O que é que eu faço?”

Na realidade os professores sentem como desvantagem o facto de não estarem preparados para desenvolver uma dinâmica de sala de aula assente na diferenciação pedagógica o que faz com que sintam que é necessária mais formação.

Outra desvantagem apontada prende-se com a Exigência de mais formação pois sentem que a falta de formação adequada impede que deem o acompanhamento adequado a este tipo de alunos, como se pode ler nas palavras da Professora 3:

“Se a professora não tiver (formação), eu acho que é uma desvantagem para os alunos com NE.E. porque não têm o acompanhamento devido e necessário”.

Este indicador vem corroborar a revisão da literatura que aponta como sendo um fator que influencia a formação de atitudes positivas face à Inclusão de alunos com Multideficiência nas salas do ensino regular.

Na realidade a formação adequada é essencial para se promoverem práticas inclusivas. Não basta que os professores conheçam o conceito de Inclusão, necessitam também de empregar uma abordagem inclusiva do currículo.

Ora a dificuldade em lidar com estes alunos e em não conseguir dar-lhes resposta adequada por falta de formação, é apontada como sendo um fator que provoca ansiedade nos professores tal como refere a Professora 2:

“(...) a ansiedade porque temos medo de não conseguir dar resposta às necessidades que aquela criança em particular tem e de dar resposta ao grupo turma grande e depois àquela criança em particular”.

Este argumento é indicador de que as práticas letivas estão ainda muito centradas na problemática e dificuldades do aluno e na diferenciação de atividades entre o grupo turma e o aluno com deficiência.

Será essencial que os professores do regular, em colaboração com os professores de E.E., técnicos e pais elaborem o Currículo Específico Individual do aluno com Multideficiência, atendendo ao seu perfil de funcionalidade, às competências que se

pretende que o aluno atinja e às expetativas dos pais mas delineado de forma a ter em conta todos os contextos de aprendizagem: Sala de aula, Unidade, Casa, etc.

As participantes apontaram ainda como desvantagem a Falta de Recursos Humanos e Técnicos pois consideram que a falta de apoios e recursos vai prejudicar o desenvolvimento das atividades específicas que estes alunos necessitam.

As inquiridas referem ainda, que as Desvantagens Variam de acordo com os problemas, uma vez que consideram que cada aluno com Multideficiência é um caso único, com problemáticas e necessidades específicas a cada um e como tal, para cada caso, surgem dificuldades ou desvantagens específicas.

No entanto existem ainda docentes que referem não existir nenhuma desvantagem.

Quadro nº 11: PARECER SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM MULTIDEFICIÊNCIA

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	Σ FR
POSITIVO	Para todos os alunos	2		1	2		1	6
	Para os outros alunos aceitarem a diferença		1	1				2
	Desde que haja apoios		2		2			4
NÃO POSITIVO	Falta de assiduidade dos alunos					2		2
	Falta de tempo para os outros alunos		1			1		2
	Falta de tempo para o aluno		1					1
	Falta de apoio de técnicos		1		1			2
	Tarefas diferentes					1		1
Total								20

Da análise do quadro nº 11 referente ao domínio Parecer sobre a Inclusão de alunos com Multideficiência verifica-se, que as docentes consideraram na categoria é Positivo a subcategoria Para todos os alunos, como sendo a que obteve maior número de

frequências, porque consideram que a troca de experiências entre alunos é benéfica para ambos os lados, tal como se pode ver pela resposta dada pela Professora 2:

“Tanto para uns como para outros porque as experiências acabam por ser mais diversificadas e os alunos do regular acabam também por ganhar mais respeito por essas crianças e isso é muito importante”.

Porém, consideram positiva a Inclusão destes alunos Desde que haja Apoios. Esta foi a subcategoria a seguir apontada, pois as docentes sentem que necessitam da colaboração do professor de Educação Especial para as ajudar na intervenção junto dos seus alunos com Multideficiência.

Consideram também positiva a Inclusão Para os outros alunos aceitarem a diferença, como revela a resposta da Professora 1:

“Porque os outros, como eu disse anteriormente, têm que estar habituados e aceitar as diferenças”.

Por outro lado, consideraram ainda a categoria Não é Positivo a inclusão dos alunos com Multideficiência, apontando a subcategoria da Falta de tempo para os outros alunos como a que obteve maior número de frequências.

As docentes referem que a Inclusão destes alunos nas suas salas lhes vem tirar tempo de intervenção junto das outras crianças, como revela a resposta da Educadora 2

“(…) e nesses momentos em que ele está sozinho, é difícil eu dar atenção às outras crianças porque ele é completamente dependente”

Na realidade, estes alunos, dado o conjunto de problemáticas que lhes estão associadas, necessitam de um constante acompanhamento e de uma intervenção intensificada para estimular e favorecer o seu desenvolvimento.

Também consideram que não é positiva a inclusão quando existe Falta de Assiduidade.

Outro fator apontado como não sendo positivo para a inclusão foi a Falta de apoio de técnicos. Uma vez mais se denota que as docentes sentem que não estão preparadas para receber estes alunos nas suas salas sem o apoio especializado para os acompanhar.

A falta de preparação sentida pelas docentes reflete-se na Falta de tempo para o aluno que sentem e que apontam como uma subcategoria dos aspetos não positivos da Inclusão. Realçam uma vez mais que a falta de tempo para intervir com o aluno como um aspeto negativo para a Inclusão dos alunos com Multideficiência, como fica demonstrada através da resposta da Educadora 2:

“Aí eu não poderei dar o apoio e trabalhar com ele de forma a ser positivo para ele”.

Consideram também como não sendo positivo para a Inclusão a existência de Tarefas diferentes para estes alunos, tal como refere a Professora 3:

“Portanto há uma separação nas tarefas, uma vez que é de Multideficiência e profunda, não há atividades integradas nas atividades da sala de aula”.

Estas respostas fazem-nos refletir sobre a atitude que estas docentes revelam perante a Inclusão de alunos com Multideficiência nas suas salas de aula. De facto, no seu discurso referem que encaram com positivismo a inclusão destas crianças mas o que revelam na prática é que não estão ainda preparadas para o fazer plenamente, tanto ao nível da organização do tempo e dos espaços como na organização e implementação do currículo destes alunos.

A inclusão de crianças com Multideficiência, de acordo com Ladeira e Amaral (1999), implica a necessidade de um currículo com objetivos funcionais, relacionado com atividades básicas de autonomia tais como a higiene, a alimentação ou a mobilidade que não são necessárias no currículo das outras crianças e para a elaboração dos quais é necessário estar capacitado para tal, pelo que é importante saber qual a

representação que estes docentes têm do papel do professor do ensino regular na promoção da inclusão.

Quadro nº 12: O PAPEL DO PROFESSOR NA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO

CATEGORIA: PAPEL DO PROFESSOR DO ENSINO REGULAR

SUBCATEGORIA		Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	∑ FR
Apresentar o valor da diferença	Aos alunos	3					1	4
	Aos funcionários	1						1
Mediador entre criança diferente e turma			1	5	2			8
Não define						2		2
Total								15

No quadro nº 12 referente ao domínio sobre o Papel do Professor na Promoção da Inclusão, relativamente à categoria sobre Papel do professor do Ensino Regular, as docentes apontaram o de Mediador entre criança diferente e turma como sendo a subcategoria com maior número de frequências.

As docentes do ensino regular consideram que o seu papel é o de promover a aceitação da diferença e de fomentar o bom relacionamento entre todos os alunos, formando futuros cidadãos mais justos e tolerantes, como refere a Professora 2:

Prof. 2: *“Isso é muito importante.- A professora acaba por ser o elo de ligação, no fundo entre todos. Entre a criança com NE.E. e as outras crianças.*

Este papel de promotor da aceitação e tolerância dentro da sua sala é muito importante na dinâmica de uma sala de aula que promove a inclusão efetiva, uma vez que a Escola está a formar os elementos que irão fazer parte ativa numa sociedade que se quer tolerante e justa para com a diferença, ou seja, uma sociedade inclusiva.

De facto, o professor de uma turma que tem alunos com Necessidades Educativas Especiais é considerado por Carvalho (2007) como sendo o recurso principal, no

desenvolvimento do trabalho com a totalidade dos seus alunos, e com cada um individualmente.

Outra categoria referida como sendo o papel do professor na Inclusão foi a de Apresentar o valor da diferença aos alunos, como nos relata a Educadora 1:

“(...) é o de fazer ver às crianças que é importante que aquelas crianças estejam na sala e que façam parte do grupo”.

A participante considera que é muito importante fazer ver aos outros alunos que as crianças com deficiência são pessoas como eles e que têm o direito a frequentar a escola e a usufruir das mesmas coisas que o restante grupo.

Foi referido ainda que os docentes também têm o papel de Apresentar o valor da diferença aos funcionários uma vez que é necessário que estes percebam que estes alunos têm o direito de estar na escola tal como os outros e que necessitam de muita atenção e predisposição de todos para os ajudar a adquirir conhecimentos básicos.

Quadro nº 13: EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COM ALUNOS DE E.E.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Ed.1	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	Ed.2	∑ FR	%
TIPO DEFICIÊNCIA	Deficiência mental	1	1	1				3	43%
	Dificuldades de aprendizagem	1		1				2	29%
	Autismo					1		1	14%
	Sensorial						1	1	14%
	Multideficiência	1	1	1	2	1	1	7	100%
Total								14	

Pela leitura ao quadro nº 13 que apresenta os dados relativos ao domínio sobre a Experiência Profissional com alunos de Educação Especial, ficamos com a ideia de que todos os professores (100%) têm experiência de terem nas suas salas alunos com Multideficiência, e que, ao longo da sua carreira docente, três docentes (o que corresponde a 43% das entrevistadas), já tinham trabalhado com alunos com deficiência mental; duas docentes (29%) trabalharam com alunos com dificuldades de

aprendizagem, e apenas uma (14%), trabalhou com alunos com autismo e outra (14%) trabalhou com deficiência sensorial.

Contudo trechos das entrevistas das participantes, que a seguir se apresentam, mostram-nos que o contacto com a Multideficiência apenas se verificou após a criação da Unidade de Multideficiência no Agrupamento.

Ed.1: *“(...) tive um menino o ano passado (com Multideficiência), entrou outro menino este ano”*

Prof. 1: *“(...) Um aluno com Multideficiência é o caso da minha aluna”*

Prof. 2: *“E agora a aluna com Multideficiência.”*

Prof. 3: *“Tive no ano passado, ... a aluna M. que era multideficiente e este ano a mesma aluna mas com pouquíssima frequência”*

Prof. 4: *“Este ano letivo, tenho um menino com trissomia 21 e apresenta problemas na mobilidade”*

Ed.2: *“(...) e também com Multideficiência”*

Daqui se depreende que o grau de contacto com alunos com deficiências era relativamente baixo até à implementação da Unidade de Multideficiência, pelo que se pode considerar que, até essa altura, estas docentes não tinham adquirido experiências de intervenção com alunos de Educação Especial com estas características e, espera-se que, tal como nos diz Correia (1999), à medida que a experiência de intervenção com alunos de NE.E. aumenta, o comportamento dos docentes se modifique através de atitudes mais positivas face ao processo inclusivo.

Segundo Ciclo

Quadro nº 14: IMPACTO DA INCLUSÃO

CATEGORIA: IMPACTO DA INCLUSÃO NOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR

SUBCATEGORIA	Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	∑ FR
Currículo da turma	1	1	2	1	1		6
Dinâmica da sala: Forma como organiza a sala Estratégias	1		2+5	2	2	2	7 - 14
Diferenciação Pedagógica: Conteúdo				2	2	2+6	6 - 12
Necessidade continuada de formação	1			1	1+1		2 - 4
Aquisição de novos conhecimentos	1	2+1			3	4	10 - 11
Construção de Materiais didáticos	1			1+1		1	3 - 4
Partilha de entre docentes				2+1	2		4 - 5
Adaptação dos Instrumentos de avaliação	1				2	1+2	4 - 6
						Total	+20

Neste **segundo ciclo** da investigação verificou-se uma mudança de importância relativamente aos domínios. Constatámos que após a reflexão efetuada sobre as suas entrevistas, o domínio relativo ao Impacto da Inclusão, foi o que obteve maior número de frequências, o que é sinónimo de que realmente as participantes refletiram sobre as suas atitudes e práticas, face à Inclusão de alunos com Multideficiência.

Podemos observar que se verificou uma evolução significativa no que diz respeito à reflexão sobre a categoria dinâmica da sala: forma como organiza a sala, onde a Professoras 1 e 4 puderam explicar as atividades que desenvolvem nas suas salas.

OPINIÃO DAS PROFESSORAS DE E.E. SOBRE O IMPACTO QUE A INCLUSÃO TEM SOBRE OS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR

Da análise das entrevistas das professoras de E.E., sobre o domínio relacionado com a opinião das professoras de E.E. sobre o impacto que a Inclusão tem sobre os professores do ensino regular, cujos dados estão contemplados no **anexo nº 7**, podemos constatar que consideram que ainda há ausência de impacto da Inclusão nos professores

do ensino regular, relativamente à presença dos alunos com Multideficiência nas suas salas. Esta foi a categoria que obteve o maior número de frequências.

Consideram ainda, que não há a preocupação permanente em planear e preparar atividades pensando nestes alunos, deixando essa tarefa para os professores de E.E., tal como refere as Professoras E.E. 1 e 2:

Prof. E.E. 1: *“Não, não há cuidado em preparar atividades para estes alunos.”*

Prof. E.E. 2: *“Tentam que o trabalho seja completamente feito pelo professor de Educação Especial e não há qualquer mudança na rotina da turma”*

Outra categoria que obteve igual número de frequências foi a relativa a o impacto que a Inclusão tem na necessidade de formação para todos os professores poderem trabalhar com este tipo de alunos, como refere a Professora E.E. 1:

“Temos que nos munir de muitas armas, de muita formação, de muita sensibilização e estou convencida que chegaremos a bom porto”

Consideram muito importante que os professores do ensino regular venham a adquirir formação para poderem evoluir nas suas práticas inclusivas, tal como refere a Professora 2: *“(…) irem evoluindo, aprenderem, terem essa formação”*

Consideram também muito importante que para implementar a Inclusão é necessário promover a cooperação entre docentes, instituída, dentro da escola e de forma organizada e sistemática, através da definição de momentos periódicos para planificar, organizar e avaliar em conjunto a intervenção educativa, como comprova a resposta da Professora E.E. 1:

“Mas tinha de haver aqui momentos obrigatórios de planificação conjunta com os professores de Educação Especial e os professores da turma”

“A planificação conjunta, a avaliação e momentos disponíveis no horário das pessoas para este fim.”

As professoras de E.E. apontam que a Inclusão terá impacto também ao nível da necessidade de mais recursos humanos, esta categoria também teve grande número de

frequências, pois consideram que será necessário de munir a escola de mais destes recursos para que se possa alcançar resultados mais positivos com estes alunos, tal como comprova a resposta de Professora E.E. 3:

“Se ele tivesse apoio os dias todos, ele tinha ido bem mais longe”

Consideram ainda, com grande número de frequências, que a Inclusão tem impacto nos professores do ensino regular, ao nível da dificuldade em responder às novas exigências, através da implementação de uma pedagogia diferenciada, quer ao nível do currículo.

Constatam que estes alunos não são contemplados nas estratégias definidas no Projeto Curricular de Turma, como se comprova através da resposta da Professora E.E. 1: *“Não contempla. (o projeto curricular de turma) ”*

A nível das práticas de pedagogia diferenciada, constatam que já há alguma preocupação, embora ainda muito pouca, como refere a Professora E.E. 2:

“Há alguma preocupação de incluir alguns aspetos em relação a estes meninos mas eu penso que é uma coisa mínima em relação àquilo que devia de ser”

No entanto verificam que a Inclusão já teve impacto ao nível da resposta adequada ao nível da organização da sala (acessibilidade assegurada) pois constatam que já há uma preocupação na organização dos espaços de sala de aula.

Estas docentes apontam ainda que a Inclusão já vai tendo impacto através da Articulação entre professor do ensino regular e professor de E.E. de uma forma geral, pois já se verifica um trabalho parceria tal como refere a Professora E.E. 2:

“Tenho conseguido uma boa articulação”

“Tem existido trabalho de parceria, sim”

Referem ainda que, para que a Inclusão tenha impacto, é necessário um maior envolvimento do professor do ensino regular na inclusão, pois consideram que é necessário envolver os professores do ensino regular no processo educativo destes

alunos para não se correr o risco de eles se irem demitindo a pouco e pouco, do seu papel de professores destes alunos, tal como refere a Professora E.E. 1:

“Não podemos correr o risco de os isolarmos, não é, nós sermos um recurso, de facto orientador, da organização, mas o professor tem de ser responsável pela educação deles.”

As professoras de E.E. estão dispostas a cooperar com os professores do regular mas nunca se sobrepondo a eles na responsabilização pelos alunos de E.E. uma vez que fazem parte da turma e essa responsabilidade cabe ao professor titular de turma.

Verificam também que a Inclusão teve impacto na evolução do que diz respeito à articulação entre professores do ensino regular e professores de E.E. ao nível da colaboração, na planificação de atividades, na adaptação/construção de materiais e troca de ideias, e na adequação de rotinas. Contudo continuam a constatar que o impacto da Inclusão nos professores do ensino regular ainda lhes provoca dificuldade em responder às novas exigências ao nível da organização dos espaços, materiais e do tempo,

Constatam ainda que ainda há dificuldade em o grupo de professores da escola assumir aqueles alunos, tal como refere a Professora E.E. 1 que constata que nas reuniões de grupo não são tratadas as questões dos alunos com Multideficiência:

“Fica só pelas questões curriculares, discute o currículo mas é aquele currículo normal, digamos assim, entre aspas, e não estas especificidades”

Apontam ainda que é necessário atender a que as práticas inclusivas devem estar contempladas no Projeto Curricular de Escola e que são necessários mais recursos para responder a todos aos alunos para que possam ter um papel mais ativo.

Uma vez que as professoras especializadas referiram as dificuldades demonstradas pelas professoras do ensino regular, na inclusão dos alunos com Multideficiência, quisemos saber que formação, achavam pertinente.

Começaremos primeiro por analisar o tipo de formação que possuem a pertinência que atribuem à mesma.

Quadro nº 15: FORMAÇÃO EM N.E.E./EDUCAÇÃO ESPECIAL

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Ed. 1	Ed. 2	Prof. 1	Prof. 2	Prof. 3	Prof. 4	Σ FR	Prof E.E. 1	Prof E.E. 2	Prof E.E. 3	Σ FR
FORMAÇÃO INICIAL	Não tem formação	2	1		1	2		6	3			3
	Tem formação			2			2	4		2	2	4
FORMAÇÃO EM SERVIÇO	Adquiriu Formação em NE.E.	1	4		3	2	1	11	6	4	3	13
PERTINÊNCIA	Acha pertinente	1	1	4	4	3+1	2	15 - 16	4	5	3	12
Total								+1	Total			32

Na análise do quadro nº 15, relativo ao domínio sobre a Formação em E.E./Educação Especial, apenas se registou a inferência da Professora 3, que considerou, relativamente às ações de formação que frequentou na área da E.E. que foram úteis...

“Embora fossem muito generalistas e eram só teoria”.

No entanto alerta para o seguinte:

“Mas nem sempre encontro sobre o que quero como é o caso de trabalhar com estes alunos”

Daqui se depreende a importância das formações na área da Multideficiência ser preponderantemente prática e direcionada para a especificidade dos alunos que as docentes têm nas suas salas, atendendo à necessidade de aprenderem a trabalhar com este tipo de alunos.

Consideram ainda ser pertinente para o grupo de Educação Especial continuar a adquirir formação nesta área, pois só assim poderão continuar a atualizar-se no sentido de dar a resposta adequada às especificidades de cada aluno.

Relativamente ao domínio referente à Necessidade de Formação Específica em E.E., apenas a Professora 3 confirmou uma vez mais que necessitava de formação, referindo: “*Sobre o “tipo” de alunos que nos podem vir parar às mãos e a melhor maneira de trabalhar com eles*”.

No que concerne aos tópicos a tratar nessa formação, a Professora 2 tornou a reforçar a ideia sobre “... *a melhor maneira de trabalhar com eles*”.

Quadro nº 16: NECESSIDADE DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA EM E.E.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA		Prof. E.E.1	Prof. E.E.2	Prof. E.E.3	∑ FR
PERTINÊNCIA	Importante		3	5	4	12
TEMAS	Sobre problemáticas	Inclusão	1			1
		De acordo com as necessidades dos docentes	4	1		5
	Específicas	Dislexia			1	1
		P. cerebral			1	1
		trisomia			1	1
		autismo			1	1
	De acordo com as problemáticas dos alunos				1	1
	Sobre metodologias	Estratégias para a aprendizagem	5			5
MODALIDADE DE FORMAÇÃO	Oficina de Formação		2		2	4
	Formação com os técnicos				1	1
					Total	33

Em relação ao quadro nº 16 respeitante ao domínio Necessidade de Formação Específica em E.E., todas as professoras de E.E. consideram, na categoria Pertinência, a subcategoria Importância como sendo a que obteve maior número de frequências. Este facto é indicador de que as docentes de E.E. dão muita importância à formação em E.E., quer para as mesmas, quer para os docentes do ensino regular, como atrás já foi referido, e reforçado pela Professora E.E.1:

“(...) e muita formação também para estas pessoas, do regular”

Mas os temas a tratar teriam de estar de acordo com as necessidades dos docentes, como se pode constatar novamente através da resposta da Professora E.E.3:

“Teremos que fazer, se calhar, um levantamento de todas as necessidades e depois ver o que há mais de comum”.

Referem também que se deveria abordar o tema da Inclusão, assim como temáticas específicas como a dislexia, a paralisia cerebral, a trissomia, o autismo ou ainda de acordo com a problemática dos alunos, como refere a Prof E.E.3:

“(...) fazendo formações em função desses alunos”.

A formação que aponta para as metodologias relativas às Estratégias para a aprendizagem foi a que obteve também grande número de frequências por parte destas docentes, como comprova a resposta da Professora E.E.1:

“coisas mais específicas como trabalhar com estas crianças”.

Consideram que essa formação é essencial para poderem trabalhar com este tipo de alunos, tal como comprova a resposta da mesma docente:

“Se não houver essa formação, se não houver esse conhecimento, por mais boa vontade que tenham, simplesmente, não conseguem programar mais”.

Relativamente à modalidade de formação, a Oficina de Formação, foi a subcategoria que também obteve grande número de frequências. Apontaram ainda ser importante ter formação com os técnicos.

Da análise do quadro nº 17, abaixo apresentado, relativo ao domínio relacionado com as Boas Práticas Apontadas, sobre a reflexão que as participantes realizaram sobre as suas práticas educativas, podemos constatar, neste **segundo ciclo** da investigação, que se observaram mudanças, nomeadamente na prática do trabalho colaborativo entre alunos, como se pode demonstrar através da resposta dada pela Professora 4:

“Distribuição de tarefas e entreadajuda entre colegas”

Quadro nº 17: BOAS PRÁTICAS APONTADAS

SUBCATEGORIA	Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	Σ FR
Adequação das rotinas de sala ao aluno	1						1
Promover a aceitação do aluno diferente		1		1	1	1	2 - 4
Planificação pensada no aluno multideficiente	1						1
Valorização do trabalho do aluno multideficiente	1						1
Apoio individualizado em atividades específicas	2		1		3+2		4 - 8
Trabalho colaborativo Entre alunos	2				1	2	5
Inclusão do aluno nas atividades da turma				1	1		2
Adaptação de atividades					1	2	3
Total							19

Conseguiram reafirmar ainda que promovem o apoio individualizado em atividades específicas ao aluno multideficiente com vista ao desenvolvimento das especificidades do seu Currículo Específico Individual, como nos diz a Educadora 1:

“(...) o trabalho individualizado com a criança, é aqui o elemento fundamental do desenvolvimento do CEI.”

Apontaram também a inclusão do aluno nas atividades da turma como sendo uma boa prática utilizada, tal como nos refere a Professora 2:

“Tento sempre incluir essa criança em todas as atividades da turma onde tal é possível”

Reforçara ainda a ideia de que desenvolvem estratégias para promover a aceitação do aluno diferente junto dos outros alunos da turma, como demonstra a reflexão da Professora 4:

“(...) fazer com que os outros, caso haja alguns que não aceitem e que façam grandes distinções entre essas crianças para que não haja diferenciação”

Apontam ainda como boas prática adotadas a adequação das rotinas de sala de aula, a planificação pensada no aluno diferente e a valorização do trabalho do aluno multideficiente.

Destas reflexões pode-se concluir que as docentes participantes no estudo, ao refletirem sobre as suas práticas puderam questionar-se a si mesmas sobre a sua forma de atuar e procurar modificar atitudes e estratégias com vista à melhoria da implementação de boas práticas inclusivas.

Quadro nº 18: CONFRONTO ENTRE BARREIRAS E FACILITADORES DA INCLUSÃO

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Prof. E.E.1	Prof. E.E.2	Prof. E.E.3	∑ FR
BARREIRAS	Desresponsabilização do professor do ensino regular		2		2
	Falta de tempo		1		1
	Falta de preparação dos pais			1	1
	Falta de acessibilidade exterior	1		1	2
	Falta de Materiais		1	3	4
	Os técnicos não pertencerem à escola			2	2
Subtotal					12
FACILITADORES	Espaços interiores	1	1		2
	Bom ambiente de trabalho	3			3
	Cooperação ente pais e escola		2	1	3
	O empenho dos técnicos			4	4
Subtotal					12
Total					24

No que diz respeito ao domínio sobre O Confronto entre Barreiras e Facilitadores da Inclusão, apresentado no quadro nº 18, após refletirem sobre as suas entrevistas e atendendo às inferências apresentadas, puderam identificar para a categoria Barreiras à Inclusão, outros indicadores para a falta de tempo, para a falta de apoio e também para a falta de formação. Em relação a esta barreira as docentes conseguem identificar que necessitam de estar preparadas para conseguir atuar ao mesmo tempo com a turma e com o aluno com Multideficiência, como refere a Professora 4:

“Neste aluno especificamente, acontece com frequência uma desmotivação na conclusão de trabalhos o que requer tempo para ele em exclusivo da minha parte e sinto que, na maioria das vezes, o tempo que lhe consigo dedicar não é o suficiente.”

Por seu turno, professoras de E.E. indicaram, relativamente às barreiras, a Falta de materiais específicos, em especial na sala da Unidade, como sendo a categoria com maior número de frequências, tal como refere a Professora E.E. 3:

“Nós, na Unidade, podíamos proporcionar, se tivéssemos mais materiais (a nível sensorial) podíamos proporcionar outro tipo d ensino.”

Apontaram ainda como Barreira à Inclusão a desresponsabilização do professor do ensino regular pois consideram que as docentes ainda não interiorizaram estes alunos como sendo da sua responsabilidade, tal como refere a Professora E.E.:

“(…) ainda pensar-se muito que o professor de Educação Especial é que tem a responsabilidade destes meninos”

Referiram ainda a falta de acessibilidade exterior como sendo uma barreira pois o recreio do Centro Educativo ainda não foi preparado para que os alunos o possam usufruir como espaço de recreio.

Indicaram ainda que, o facto de os técnicos não pertencerem à escola também é uma barreira, pois como são afetos ao CRI (Centro de Recursos para a Inclusão), têm de se deslocar a vários concelhos o que faz com que o tempo disponível para cada Agrupamento não seja o ideal, como refere a Professora E.E. 3:

“O facto de o técnico não pertencer à escola, porque há horas estabelecidas, portanto é barreira.”

Apontaram ainda a falta de tempo de apoio a cada aluno e a falta de preparação dos pais compreenderem e intervirem corretamente na problemática do seu filho.

Relativamente aos Facilitadores, referiram o empenho dos técnicos como a categoria com maior número de frequências, pois são pessoas sempre disponíveis para articular e cooperar com os professores, como refere a Professora 3:

“(…) os técnicos que estão a trabalhar, considero que são muito bons e que acabam por ser facilitadores, para se trabalhar com eles e sempre disponíveis para o contacto connosco.”

Indicaram ainda o bom ambiente de trabalho e a cooperação entre pais e escola e os espaços interiores como sendo facilitadores para Inclusão dos alunos com Multideficiência.

Quadro nº 19: PROPOSTAS PARA UMA MELHOR INCLUSÃO DO ALUNO MULTIDEFICIENTE

SUBCATEGORIA	Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	Σ FR
Formação	4	3	2	2+2	3		14-16
Tempo	2						2
Profissionais especializados na sala	1		3+1	1		5	9 - 11
Recursos materiais	2+1		2	1		1	6 - 7
Total							+7

No que concerne ao quadro nº 19 referente ao domínio relacionado com as Propostas para uma Melhor Inclusão do Aluno Multideficiente, verifica-se que as docentes ao refletirem sobre as propostas que apresentaram no primeiro momento da entrevista, além de reforçarem a ideia de que sentem necessidade de formação para preparar o professor para incluir alunos com Multideficiência na sala, como foi o caso da Professora 2, também conseguiram indicar a necessidade de Tempo para estar com estas crianças, tal como refere a Educadora 1:

“É preciso “tempo” para “estar” com estas crianças”

Esta constatação é um indicador de que as docentes já vão interiorizando que têm responsabilidade educativa sobre estes alunos e não só os professores de E.E.

Quadro nº 20: PROPOSTAS DOS PROFESSORES DE E.E. PARA UMA MELHOR INCLUSÃO DO ALUNO MULTIDEFICIENTE

CATEGORIA	Prof. E.E.1	Prof. E.E.2	Prof. E.E.3	∑ FR
Valorização do aluno com Multideficiência		2		2
Dar a conhecer a Unidade aos outros alunos		2		2
Envolver os pais		1		1
Trabalho cooperativo		7		7
Atividades diferenciadas			1	1
Troca de atividades entre alunos			2	2
			Total	15

Relativamente à análise das Propostas para uma melhor inclusão do aluno Multideficiente apresentadas pelas Professoras de E.E., há a salientar o facto de terem indicado o Trabalho cooperativo entre docentes como a categoria com maior número de frequências.

De facto esta proposta revela a abertura que existe por parte dos professores de E.E. para colaborar com os docentes do ensino regular na troca de experiências e incentivo para que se sintam mais prepara das e confiantes na promoção da Inclusão nas suas salas, como se pode constatar através da resposta da Professora E.E. 2:

“Mostrar depois também à colega. Fazê-las, realmente, ficar também contentes e empenharem-se nas evoluções que os alunos têm.”

Propõem também a valorização do aluno com Multideficiência através de atividades que desenvolvem com os alunos por forma e que sejam valorizadas as suas aprendizagens perante os outros.

Outra proposta apontada por estas docentes foi a de dar a conhecer a Unidade aos outros alunos como forma da turma conhecer melhor o aluno, o que é capaz de fazer e onde aprende, possibilitando que também eles usufruam daquele espaço de aprendizagem juntamente com o colega, o que permite que haja uma troca de atividades entre alunos, sendo esta outra das propostas apresentadas.

Propuseram também que é importante envolver os pais e ainda promover atividades diferenciadas para estes alunos.

Relativamente ao domínio sobre a Multideficiência, apresentado no quadro abaixo, pode-se verificar que as docentes ao refletirem sobre as suas respostas conseguiram reforçar o conceito de Multideficiência apontando como tendo deficiências físicas e mentais associadas, como aponta a Professora 1:

“Estas crianças com NE.E. têm características específicas e especiais: físicas e cognitivas.

Quadro nº 21: MULTIDEFICIÊNCIA

CATEGORIA	SUBCATEGORIA		Prof. E.E.1	Prof. E.E.2	Prof. E.E.3	∑ FR
DEFINIÇÃO	Deficiência cognitiva e outras		1	2	2	5
	Especificidades únicas		1			1
	Limitações na interação com os outros		2			2
PREOCUPAÇÕES FACE À PRESENÇA DE ALUNOS COM MULTIDEFICIÊNCIA	Do professor de E.E.	Conhecer os alunos	1	1		2
		Procurar informação		3	4	7
		Incluir os alunos na turma	1			1
		Interação entre todos	3			3
	Do professor do regular	Medo		2		2
		Esquecimento			3	3
		Mudança de atitude			2	2
		Mudança de atitude			4	4
Total						32

No que diz respeito às suas preocupações face à presença de alunos com Multideficiência nas suas salas, no **segundo ciclo** da investigação, as docentes reafirmaram o incluir os alunos nas atividades da turma.

No que concerne às professoras de E.E., definem o aluno com Multideficiência como tendo deficiência cognitiva e outra associada, como sendo a subcategoria com

maior número de frequências. Referem que é um aluno com mais do que uma deficiência, como refere a Professora E.E. 1:

“(...) é um aluno que tem mais do que uma ou duas deficiências, sejam elas mentais ..., geralmente esse aluno tem deficiência mental, mas pode ser motora ou pode ser também sensorial.”

Definem ainda o aluno com Multideficiência como tendo limitações na interação com os outros ou com especificidades únicas.

No que diz respeito às preocupações do professor de E.E. face à presença de alunos com Multideficiência, as docentes apontaram o Procurar informação sobre os alunos com quem trabalham, como sendo a subcategoria com maior número de frequências.

Preocupam-se também com a interação entre todos os alunos e em incluir os alunos na turma.

Por outro lado consideram que as preocupações dos professores do ensino regular, a preocupação em trabalhar com o aluno, foi a subcategoria que obteve maior número de frequências.

No entanto referem que por vezes se verifica o esquecimento de preparar ou incluir os alunos nas atividades da turma, tal como refere a Professora E.E.3:

“há determinadas atividades que eles fazem e que eles até poderiam participar e não participam.”

Referem que ainda as professoras do regular sentem medo em ficar sozinhas com estes alunos, como refere a Professora E.E. 2:

“A primeira coisa que eu senti foi o muito medo de serem deixadas com eles sozinhos. O não saberem muito bem como haviam de atuar e com medo que houvessem momentos em que os alunos iriam ficar sozinhos com elas.”

No entanto já conseguem sentir que há mudança de atitude nas docentes do ensino regular, como refere a Professora E.E. 3: *“Notei evolução”*

Quadro nº 22: INCLUSÃO/INTEGRAÇÃO

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Ed. 1	Ed. 2	Prof. 1	Prof. 2	Prof. 3	Prof. 4	Σ FR	Prof E.E. 1		Prof E.E. 3	Σ FR	
CONCEITO	Pertença ao grupo	5+ 1	1		1	1	1	8 - 10	3	1		4	
	Sentido de equidade	3		1	1	1		5 - 6		2	1	3	
	Exigência de estratégias diversificadas										2	2	
	Aprendizagens na turma									1	1	2	
	Dificuldade em definir			1+1			1	2 - 3					
DIFERENÇA COM INTEGRAÇÃO	Conceitos distintos	Foco no Currículo		1			1	1	1 - 3	2	2		4
		Explicação dúbia	1		1	2			4			1	1
	Conceitos homólogos	1					2		2 - 3				
Total								+7	Total			16	

No que se refere ao domínio referente à Inclusão/Integração, verificámos que houve uma reflexão por parte das docentes participantes no estudo, no que concerne ao conceito de Inclusão, complementando a ideia de que relativamente à criança multideficiente há uma pertença ao grupo, permitindo que as crianças participem nas atividades do grupo, tal como é referido pela Professora 4:

“Então inclusão é... fazer com que todos participem, o mais possível, nas mesmas atividades contribuindo como podem para o desenvolvimento de uma atividade.”

O sentido de equidade também foi reforçado na reflexão, como se pode ver nas palavras da Professora 1:

“A inclusão para mim é perceber e entender as necessidades educativas especiais de todos os alunos na sala de forma a ajudá-las no seu percurso escolar e desenvolvimento pessoal”

No que concerne à diferença com a Integração notou-se que houve uma reflexão sobre o assunto e uma evolução no tipo de abordagem realizado, que se verifica mais evidente na Educadora 2, a qual no primeiro ciclo da investigação referiu que não sabia

responder à pergunta, mas neste segundo ciclo conseguiu diferenciar, como comprova a sua resposta:

“Eu acho que é na forma como está na sala.

Na integração está lá mas não faz as mesmas coisas dos outros, faz outras atividades totalmente diferentes.

Na inclusão o aluno faz parte do grupo, participa nalgumas atividades dos outros. Mas no caso do Alex, é muito difícil participar pois é um aluno que não interage com os outros.”

Este facto revela que as docentes analisaram e refletiram sobre as suas respostas, tecendo opiniões ponderadas sobre as suas práticas educativas e atitudes face à presença de crianças com Multideficiência nas suas salas.

Relativamente às docentes de E.E., verifica-se que, relativamente à definição do conceito de Inclusão, além de apontarem a pertença ao grupo e o sentido de equidade, referiram ainda a exigência de estratégias diversificadas, tal como refere a Prof. E.E. 3:

“Incluir, não é só tê-los dentro da sala de aula, há que ter estratégias diversificadas para os conseguir colocar dentro da sala de aula.”

Referiram ainda as aprendizagens na turma como sendo essencial a ter em conta no processo de Inclusão, como se pode comprovar através da resposta da Prof. E.E. 2:

“Portanto, não é só eles estarem lá mas é realmente... estão lá e aquilo está a ser realmente proveitoso.”

Denota-se destes dois momentos de abordagem que enquanto as docentes do regular abordam a inclusão com o enfoque na interação com os outros e no sentido de equidade entre todos, as docentes de E.E. dão também relevância às estratégias diversificadas a serem utilizadas e à importância destes alunos realizarem as aprendizagens na turma, por estarem mais envolvidos no processo educativo destes alunos.

Quadro nº 23: CONFRONTO ENTRE VANTAGENS E DESVANTAGENS DA INCLUSÃO – PARECER DAS DOCENTES DO ENSINO REGULAR

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	Σ FR
VANTAGENS	Aceitação da diferença	2		1	1	1	1	5 - 6
	Partilha	1+1	1		1		1	3 - 5
Subtotal								+3
DESVANTAGENS	Currículo	1						1
	Provoca ansiedade nos professores	1			2			2 - 3
Subtotal								+2
Total								+5

Relativamente domínio sobre as Vantagens/Desvantagens da Inclusão, as docentes do regular refletiram sobre as vantagens da Inclusão, reforçando a sua importância para a aceitação da diferença do aluno multideficiente como é o caso da Professora 1 que a conseguiu perceber neste momento do estudo: “*Sensibilizar e aceitar as diferenças*”

Reforçaram ainda a importância da Inclusão na partilha entre todos como foi o caso da Professora 4 que conseguiu refletir sobre esta vantagem:

“Os alunos “especiais” sentem que podem dar um contributo válido e os “regulares” respeitam os esforços dos colegas.”

Relativamente às desvantagens, as docentes conseguiram neste ciclo de investigação refletir e reforçar a ideia de que provoca ansiedade nos professores, tal como refere a Educadora 1:

“Porque ao ver as crianças, fiquei preocupada, não me sentia segura, porque era a 1ª vez que ia trabalhar com estas crianças.”

Apontaram ainda a desvantagem relacionada com o currículo pois não consideraram vantajoso para o aluno multideficiente estar na turma em momentos que estão a desenvolver com o grupo determinados conteúdos específicos que não se coadunam com as suas aprendizagens, tal como questiona a Educadora 1:

“(…) faz sentido para uma criança destas estar presente quando eu estou a fazer trabalho de texto?”

Quadro nº 24: CONFRONTO ENTRE VANTAGENS E DESVANTAGENS DA INCLUSÃO, SEGUNDO OS PROFESSORES DE E.E.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA		Prof. E.E.1	Prof. E.E.2	Prof. E.E.3	∑ FR
VANTAGENS	Alunos com deficiência	Aprender com os seus pares	1		1	2
		Ganhos sociais			1	1
	Alunos “normais”	Aceitação da diferença	2			2
Subtotal						5
DESVANTAGENS	Nenhumas			1	1	2
	Dificuldade em responder à Especificidade curricular		2	2	1	5
	Constatação da diferença				2	2
	Falta de apoios			2		2
	Falta de espaço			3		3
	Falta de tempo para apoiar os alunos com problemas			2		2
Subtotal						16
Total						21

Da análise do quadro nº 24, sobre o Confronto entre Vantagens e Desvantagens da Inclusão, segundo os professores de E.E. podemos observar o seguinte:

As docentes de E.E. também consideram, relativamente às vantagens da Inclusão, a subcategoria aceitação da diferença, por parte dos alunos “normais”, como fica demonstrado pela resposta da Professora E.E. 1:

“(…) há todo um lidar com meninos diferentes que lhes faz crescer do ponto de vista da sua formação pessoal e social”

Este argumento é indicador de que ambos os grupos de docentes estão de acordo.

Referiram também a vantagem destes alunos poderem aprender com os seus pares, podendo seguir esses modelos, tal como refere a Prof. E.E. 1:

“(...) estes meninos, como todos, agem muito por modelos, obviamente se tiverem um modelo dos meninos, ... da maioria dos meninos, só têm a ganhar.”

Apontaram ainda os ganhos sociais que os alunos com Multideficiência obtêm, com a Inclusão nas turmas regulares, como revela a resposta da Professora E.E. 3:

“Até porque a nível social, acho que é a maior vantagem que eles têm, estarem incluídos”

Relativamente às desvantagens, as dificuldades em responder à especificidade curricular, foi a subcategoria apontada com maior número de frequências. Estas docentes constataam que as desvantagens estão por vezes mais naquilo que se ensina ao aluno do que na dificuldade que ele tem em aprender, como refere a professora E.E. 1:

“(...) as barreiras quase que são mais do ponto de vista da orientação curricular que nós às vezes lhe damos do que propriamente ser uma desvantagem do menino”

A falta de espaços também foi uma subcategoria que obteve grande número de frequências.

Referiram ainda como desvantagem a falta de apoios, tanto humanos como materiais e a falta de tempo para apoiar alunos com problemas.

Tal como as docentes do regular também algumas docentes do E.E. referem não existir nenhuma desvantagem.

Denota-se que as docentes de E.E. ponderaram sobre as dificuldades da Inclusão nas necessidades dos alunos enquanto as docentes do regular refletiram sobre as suas próprias dificuldades, o que vem corroborar o objetivo deste estudo, pois estas docentes necessitam de ser apetrechadas de “ferramentas” para poderem implementar plenamente práticas inclusivas nas suas salas.

Quadro nº 25: PARECER SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM MULTIDEFICIÊNCIA

CATEGORIA		SUBCATEGORIA	Prof. E.E.1	Prof. E.E.2	Prof. E.E.3	Σ FR
Professor de E.E.	ASPETOS POSITIVOS	Desenvolvimento de aprendizagens	2	1		3
		Interação entre pares	3		1	4
	ASPETOS NEGATIVOS	Falta de condições físicas e humanas		3		3
Para os professores do Regular	ASPETOS POSITIVOS	Viabilidade da Inclusão	3	1		4
		Boa aceitação dos alunos			6	6
	ASPETOS NEGATIVOS	Os alunos sem Multideficiência estão em primeiro lugar		5		5
Total						25

Relativamente ao domínio relativo ao Parecer sobre a Inclusão de Alunos com Multideficiência, as docentes ao refletirem sobre os aspetos positivos que mencionaram no primeiro momento da investigação, puderam agora identificar que a inclusão é positiva para os alunos com Multideficiência pois permite-lhes desenvolver a socialização e a autonomia.

Reforçaram ainda o aspeto positivo para os outros alunos aceitarem a diferença como é referido pela Educadora 1:

“O grupo aceita bem a “diferença”, brincam juntos e estabelecem uma boa interação. Sentem-se felizes e as aprendizagens vão acontecendo ...”

Contudo reafirmam que é positivo desde que haja apoios, com é referido pela Educadora 1:

“Importante não esquecer que estas crianças precisam sempre do apoio/supervisão do adulto durante todas as atividades desenvolvidas, d e forma a serem trabalhadas todas as áreas do seu C.E.I.”

Relativamente às docentes de E.E. apontam como aspetos positivos do ponto de vista do professor de E.E. a interação entre pares, como sendo a subcategoria que obteve maior número de frequências. Consideram pois que o facto dos alunos com

Multideficiência poderem interagir com os outros é um aspeto bastante positivo e enriquecedor para todos, como refere a Professora E.E. 1:

“(...) há aqui um dar e receber. Portanto há aqui uma interação. E é neste todo que os meninos aprendem e se desenvolvem e eles percebem as diferenças e respeitamentos, ao fim e ao cabo, e preocupam-se”

Consideram também como aspeto positivo para o aluno a sua inclusão na turma do ensino regular pois permite-lhe o desenvolvimento de aprendizagens.

Como aspetos negativos, apontam que por vezes a falta de condições físicas e humanas a Inclusão não é conseguida ou não se torna benéfica, como refere a Professora E.E. 2:

“(...) mas o que acontece é que, por falta de condições humanas, e por vezes físicas, essa inclusão, por vezes, não é benéfica.”

As docentes de E.E. consideram que, do ponto de vista dos professores do ensino regular, como aspetos positivos, a Boa aceitação dos alunos é a subcategoria com maior número de frequências. De facto consideram que as professoras do regular começam a mudar as suas atitudes e a aceitar os alunos com Multideficiência nas suas salas, como refere a Professora E.E. 3:

“Eu acho que não estavam habituados a ela. Acho que foi isso, nunca tiveram tempo para se habituar a ela. E então agora como já estão à espera que ela apareça, já estão ...”

Apesar de verificarem que se nota uma mudança de atitudes, ainda há um caminho a percorrer que conduz à viabilidade da Inclusão uma vez que se nota abertura nas docentes para a mudança embora ainda se esteja a dar os primeiros passos na Inclusão, como constata a Professora E.E. 3:

“Consideram positiva mas o que sei dizer é que existe ainda muito este tipo de discurso. “Os alunos estão cá mas se houver apoio”.

Relativamente aos aspetos negativos apontam o facto de que, para os professores do ensino regular, os alunos sem Multideficiência estão em primeiro lugar facto esse que não é sinal de inclusão pois tal como afirma a Professora E.E. 2:

“E não percebem, não têm aquela perspetiva de que também estes alunos não devem ser prejudicados.”

Do que atrás foi exposto percebe-se que já se verificaram algumas mudanças, embora pequenas mas ainda há um longo caminho a percorrer e que passa por muita informação, sensibilização e formação sobre a importância de se adotarem práticas que levem à inclusão dos alunos com Multideficiência nas salas do ensino regular, e apetrechar os docentes de meios e saberes para que possam envolvê-los nas atividades da turma, através de uma pedagogia diferenciada.

Quadro nº 26: O PAPEL DO PROFESSOR NA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO

CATEGORIA: PAPEL DO PROFESSOR DO ENSINO REGULAR

SUBCATEGORIA	Ed.1	Ed.2	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	Σ FR
Mediador entre criança diferente e turma		1+2	5	2			8 - 10
Total							+2

No que concerne ao domínio relativo ao Papel do Professor na Promoção da Inclusão, há a realçar a reflexão realizada pela Educadora 2 que reforçou a sua ideia sobre o seu papel como mediadora entre a criança diferente e a turma, clarificando como o põe em prática:

“Fazendo com que os outros meninos interajam com ele, que compreendam que ele é diferente.”

**Quadro nº 27: CATEGORIA – PAPEL DO PROFESSOR DE E.E. NA
PROMOÇÃO DA INCLUSÃO**

SUBCATEGORIA	Prof. E.E.1	Prof. E.E.2	Prof. E.E.3	Σ FR
Ter atitude positiva	2		2	4
Apoiar o professor do ensino regular	4	1	1	5
Valorizar o papel do professor do ensino regular	1	1		2
Valorizar as aprendizagens dos alunos com E.E.		8	4	12
Adequar e traçar estratégias para a aprendizagem	1		1	2
Agentes de mudança nas práticas do Professor do ensino regular	2	9	5	16
			Total	41

No que concerne às professoras de E.E., as mesmas consideraram que, no seu papel na promoção da Inclusão, o de agentes de mudança nas práticas do professor do ensino regular é o mais importante, pois foi a categoria que obteve maior número de frequências. De facto um dos papéis do professor de E.E. é o de cooperar com o professor do ensino regular na promoção de atitudes positivas face à inclusão de alunos com NE.E., no caso concreto de alunos com Multideficiência, através de orientações ou sugestões de atividades, tal como refere a Professora E.E. 2:

“Há várias atividades que se podem fazer para mudar um pouco a ideia de como estes miúdos são”

Esta intervenção dos professores de E.E. tem permitido que os docentes do ensino regular modifiquem as suas atitudes e práticas, como atestam as Participantes:

Prof. 1: *“Já sinto avanços.”*

Prof. 2: *“Sim. - Muitas mudanças.”*

Prof. 3: *“Há uma mudança de atitudes, há.”*

O valorizar as aprendizagens dos alunos com E.E. é outro papel apontado pelas professoras de E.E. como sendo muito importante na promoção da inclusão destes alunos, como refere a Professora E.E.3:

“E eu faço para que ela participe, para que ela dê o seu contributo. Porque eu acho que ela deve lá estar.”

Estas docentes consideram que o seu papel também é de apoiar o professor do ensino regular, como é referido pelas Professoras de E.E. 1 e 2:

Prof. E.E. 1: *“nós temos de estar lá para o apoiar, um bocadinho, para o orientarmos”*

Prof. E.E. 2: *“mas podemos dar dicas ao professor do regular, como é que ele pode trabalhar com o miúdo, como é que ele pode fazer essa interação do menino com os outros”*

Outro papel do professor de E.E. é o de ter atitude positiva para poder passar essa positividade para os professores do ensino regular, tal como é referido pela Professora de E.E. 1:

“ (...) a forma como nós nos posicionamos, o apoio, a segurança, o nosso acreditar tem de ser transmitido ao colega”

Será essa confiança no agir e a atitude que toma perante os alunos com que trabalha que irá permitir que o professor do ensino regular o veja como um “pilar” de suporte à sua prática e onde pode recorrer para o ajudar a modificar atitudes e práticas.

Este papel é reforçado com o de valorizar o professor do ensino regular, como é também apontado por estas docentes, como se verifica através da resposta da Professora E.E. 1:

“ (...) depois dar (...) confiança segurança ao professor titular de turma é uma grande responsabilidade.”

Finalmente apontam o seu papel no adequar e traçar estratégias para a aprendizagem como refere a Professora E.E. 3:

“ (...) tentando, sim, com estratégias que sejam adequadas a eles, mas sempre com a turma, sempre o mais tempo possível dentro da turma.”

Em suma depreende-se desta análise que os professores de E.E. estão cientes de que o seu papel na escola não é só para apoiar alunos com NE.E. mas essencialmente

apoiar e cooperar com o professor de ensino regular, tal como está consagrado na legislação.

Esta disponibilidade para a partilha e interajuda com os docentes do ensino regular será fundamental para o desenvolvimento dos objetivos deste estudo pois irão ser utilizados como elo de ligação entre a investigadora e os docentes intervencionados.

Terceiro Ciclo

No final deste **segundo ciclo** da investigação que decorreu ao longo de grande parte do ano letivo, fez-se um balanço sobre a situação, analisando as evoluções que se verificaram ao nível das atitudes das professoras investigadas, assim como sobre os constrangimentos sentidos.

No final do ano letivo a investigadora reuniu com cada uma das professoras participantes no estudo e questionou-as sobre o balanço que faziam sobre o decorrer do seu ano letivo, quais as evoluções que notaram na sua atuação, quais os constrangimentos que ainda sentem e sugestões que considerem importantes implementar no próximo ano letivo. É o resultado desse “balanço” que passamos a apresentar.

Relativamente à Avaliação da Inclusão em Sala de Aula no Ano Letivo, cujos dados estão no **apêndice nº 8**, a maioria das docentes refere o mesmo teve um Percurso normal.

Indicaram como aspetos positivos a Inclusão na aula como sendo a subcategoria com maior número de frequências. Este facto é indicador de que conseguem considerar a inclusão como positiva para todos os alunos, como refere a Educadora 2:

“Acho que foi benéfico para uns e para outros poderem estar todos juntos.”

Consegue-se também observar nas respostas das participantes a evolução de outro aspeto positivo que é a atitude mais positiva do professor como se pode comprovar através da resposta da Professora 2:

“Sinto que estou mais desperta para a importância da inclusão destes alunos nas turmas regulares”

No que concerne aos constrangimentos, os inerentes à família foram os que obtiveram maior número de frequências uma vez que existem famílias que não valorizam a escola o que se torna um entrave ao desenvolvimento de práticas inclusivas como refere a Professora 3:

“O facto de a família e a sua cultura não ter capacidades para valorizar a escola torna-se um entrave ao desenvolvimento desta criança”

Também detetaram constrangimentos inerentes à professora uma vez que consideram que ainda não se sentem à vontade para trabalhar sozinhas com crianças com Multideficiência, como refere a Professora 2:

“(...) embora ainda não me sinta muito à vontade nesta matéria”

Também indicaram os constrangimentos inerentes à organização escolar como é o facto de turmas muito grandes e com vários casos de alunos com NE.E., como refere a Professora 1:

“(...) o facto da minha turma, (...) ter muitos alunos de Educação Especial e ser muito grande, o que faz com que não possa dispor de muito tempo para estas miúdas em particular”

E ainda os constrangimentos inerentes à criança pois com alguns dos alunos, devido à sua problemática, torna-se complicado as docentes ficarem sozinhos com eles na sala.

Do balanço efetuado também referiram a articulação entre professor do ensino regular e professor de E.E. apontando que as orientações que receberam da professora de E.E. foram muito importantes, sendo esta a subcategoria que obteve maior número

de frequências. Este facto é indicador de que as orientações que as docentes de E.E. lhes forneceram foram bem recebidas e proveitosas, como comprova a resposta da Professora 4: *“A professora de E.E. também me ajudou bastante, não só no trabalho de apoio ao aluno mas também nas orientações que me foi dando.”*

Esta colaboração não se verificou só através de orientações mas também através de um trabalho de cooperação e de articulação em sala de aula, o qual ajudou a que as docentes pudessem observar como atuar com o aluno, como nos diz a Professora 2:

“O trabalho com a professora de E.E. também me ajudou bastante a perceber como se deve trabalhar com estes alunos”

Através destes indicadores percebe-se que a proposta de intervenção junto das professoras do ensino regular, através das professoras de E.E. foi positiva.

Além disso também referiram que receberam orientações dos técnicos que trabalhavam com os alunos com Multideficiência.

Referiram ainda que a articulação entre o professor do ensino regular e o professor de E.E. se estabeleceu também ao nível planificação conjunta de atividades.

Outro aspeto apontado no balanço que fizeram ao decurso do ano letivo foi a categoria Informação recebida da Investigadora, referindo a subcategoria permitiu melhorar a prática, como sendo a que obteve maior número de frequências.

“Ao longo do ano fui-me informando um pouco mais, graças à documentação que me forneceu, (investigadora) sobre as necessidades educativas destes alunos com vista a poder preparar a minha intervenção com ela.”

Essa mesma informação também permitiu estabelecer um melhor relacionamento com os alunos multideficientes, tal como refere a Professora 2:

“(…) a informação que a professora de E.E. (investigadora) me foi fornecendo foi-me elucidando sobre o que era a Multideficiência e como lidar com eles”

Do balanço que fizeram também realçam que houve evolução do aluno, principalmente ao nível relacional, sendo esta a subcategoria que obteve maior número

de frequências. De facto é neste domínio que consideram haver mais evoluções nos alunos, como comprovam as respostas das docentes:

Ed. 1: *“O aluno tem vindo a fazer muitos progressos, em poder estar em sala de aula sozinho comigo”*

Prof. 4: *“O aluno que tenho na minha sala adaptou-se bem aos colegas e ao ritmo das aulas.”*

Essa evolução também se verificou ao nível pessoal (autonomia motora) e ao nível da comunicação, como nos refere a professora 4:

“(…) ele beneficiou bastante do contacto com os outros meninos da sala pois como tem muitos problemas na comunicação, foi benéfico a interação com os outros para estimular esta parte”

Constatam ainda a evolução do professor referindo o acreditar nas aprendizagens do aluno, como a subcategoria com maior número de frequências. Denota-se que nesta vertente houve uma significativa evolução pois as docentes foram, ao longo do ano, através do contacto com os alunos e com o apoio da informação e orientações recebida, modificando a sua atitude e sentindo-se mais despertas para a problemática e necessidades dos seus alunos, assim como para a importância de estarem incluídos nas suas turmas, como referem as Professoras 1 e 2:

Prof. 1: *“Fui-me apercebendo que este tipo de alunas precisa muito de estar junto dos outros alunos para irem aprendendo com eles”*

Prof. 2: *“Acho que me fui adaptando aos poucos a esta nova realidade e fui percebendo que precisava de pensar em atividades para a turma que envolvessem a aluna”*

As docentes referem também que evolução do professor também se observa na maior sensibilização para a inclusão pois consideram que com o decorrer do ano e com a informação e orientações recebidas conseguiram ficar mais sensibilizadas para a importância da Inclusão dos alunos com Multideficiência nas suas salas, como refere a Educadora 1:

“Acho que fiquei mais sensibilizada para a importância destes miúdos a frequentarem o Pré junto das outras crianças para poderem conviver com elas e brincarem juntas.”

A evolução do professor também é referida pelas docentes, ao nível do conhecimento sobre o aluno com Multideficiência uma vez que consideram que já estão mais despertas para a problemática da Multideficiência e conseguiram-se adaptar melhor aos alunos que têm nas suas salas. As inquiridas também reconheceram que houve evolução das práticas em sala de aula, apontando as atividades partilhadas como sendo a subcategoria que obteve maior número de frequências.

As práticas que permitem promover a sensibilização para a diferença foi a subcategoria que obteve também grande número de frequências. As docentes referem que desenvolveram esforços e atividades para sensibilizar os outros alunos para as limitações do colega, como refere a Educadora 2:

“As outras crianças foram sensibilizadas para verem as limitações deste menino como uma coisa natural”

Apontaram ainda outras atividades que desenvolveram, como o trabalho de tutoria entre alunos, os espaços partilhados, desenvolvendo atividades para a turma na Unidade de Multideficiência, a responsabilização do professor da turma pelo desenvolvimento de atividades com o aluno multideficiente, a adaptação de atividades e a adaptação de materiais.

Denota-se através deste balanço efetuado pelas docentes do ensino regular que, no geral, houve esforço em mudar atitudes e práticas embora sintam ainda algum receio.

Relativamente à análise do quadro abaixo exposto, referente às sugestões apresentadas pelas participantes no estudo para serem tidas em conta no próximo ano, há a realçar, acerca da categoria Planificação da Inclusão, a Articulação, como a subcategoria que obteve maior número de frequências.

Quadro nº 28: SUGESTÕES

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Ed.1	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	Ed.2	∑ FR
PLANIFICAÇÃO DA INCLUSÃO	Tempo na sala	1						1
	Atividades	1		2	1			4
	Articulação	1	1	2			1	5
APOIO ESPECIALIZADO POR PARTE DA PROFESSORA DE E.E.		1	1					2
RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS						1		1
INFORMAÇÃO		1	1				1	3
FORMAÇÃO		1	1	2		2	1	7
Total								23

De facto, é essencial que se estabeleça a prática da articulação entre docentes do ensino regular e docentes de E.E. para que se consiga implementar verdadeiramente a Inclusão. E as docentes participantes no estudo têm noção disso, como fica demonstrado pela resposta da Educadora 2:

“É importante que se estabeleça desde logo o início do ano uma boa articulação entre mim e as pessoas que vão trabalhar com o aluno para planearmos o que é necessário trabalhar com ele, para eu ir percebendo o que posso também fazer com ele.”

Com igual número de frequências, indicaram a planificação das atividades em conjunto com as professoras de E.E. como sendo uma boa prática a implementar logo desde o início do ano, como refere a Professora 3:

“Depois devemos planificar logo desde o início os momentos que vem à sala e atividades que pode desenvolver em conjunto com os colegas”

Outra sugestão apresentada para a planificação da Inclusão relaciona-se com a definição logo desde o início do ano a tempo na sala que os alunos irão estar na sala para que possam planificar atendendo à sua presença no grupo.

Apesar de se notarem evoluções ao nível das suas atitudes e práticas inclusivas, as docentes apontaram ainda a necessidade de Formação como a categoria que obteve maior número de frequências.

De facto a necessidade de formação foi sempre indicada desde o início do estudo como um fator essencial para o desenvolvimento de práticas inclusivas e continuam a referi-la pois consideram que é necessário obter mais conhecimentos sobre a Multideficiências, meios de atuar com este tipo de alunos assim como sobre práticas inclusivas, como é referido pela Educadora 1:

" Não esquecendo que seria importante haver a tal formação que referi no início do ano."

Além da formação formal que já foi referida várias vezes ao longo do estudo, também aludem que será essencial haver troca de experiências entre docentes que têm alunos com Multideficiência, como refere a Professora 4:

"Que houvesse também momentos estipulados para reunir com as outras professoras que têm meninos com estas características para podermos trocar experiências e ideias sobre trabalhos a desenvolver."

Além da necessidade de formação também referem que será necessária mais informação, como aponta a Educadora 1:

"Acho também importante continuar a receber informação sobre multideficiência e sobre atividades que possa fazer com eles"

Sugerem ainda que será necessário que haja mais Apoio especializado por parte da professora de E.E. a fim de desenvolver competências específicas nos alunos, como refere a Professora 1:

"Em relação a estas alunas é importante que continuem a ter o mesmo tipo de apoios que tiveram este ano, tanto da professora de EE como das outras técnicas da Unidade"

Referem também que será importante a presença de mais Recursos humanos e materiais para trabalhar como os alunos com Multideficiência.

Considerações Finais

Como conclusão ao nosso projeto de investigação-ação que tinha por base o objetivo de *“levar as educadoras do Pré-escolar e as professoras do Primeiro Ciclo do Agrupamento n° 3 de Beja, a refletir sobre quais os constrangimentos e necessidades sentidas na promoção de práticas inclusivas, no sentido de modificar/melhorar as suas atitudes, face à inclusão de crianças com Multideficiência na sua sala de aula”*, resta tecermos algumas considerações sobre os resultados obtidos.

Do primeiro ciclo de investigação podemos concluir que as docentes participantes no estudo deram maior relevo à necessidade de adquirir formação específica em Educação Especial, sendo esse o domínio que obteve maior número de frequências.

Este facto é revelador de que as docentes estão conscientes da importância da formação para conhecerem melhor a problemática dos seus alunos, estratégias de intervenção e, conseqüentemente, desenvolverem práticas inclusivas nas suas salas.

Relativamente ao objetivo a que nos propusemos de *“Analisar qual o modelo de formação que consideram ser o mais indicado para os ajudar a mudar as suas práticas inclusivas face aos alunos com Multideficiência”* podemos constatar que as participantes no estudo apontaram sentir necessidade de uma formação essencialmente prática, de acordo com a modalidade de oficina de formação, que seja sobretudo na área da Multideficiência, em que os tópicos a tratar incidam principalmente sobre estratégias a desenvolver para a aprendizagem dos alunos com Multideficiência, atividades a desenvolver em sala de aula e produção ou adaptação de materiais.

Em segundo lugar deram ênfase ao impacto que a inclusão tem nos professores do ensino regular, principalmente ao nível da aquisição de novos conhecimentos, da dinâmica da sala de aula e de estratégias utilizadas.

Já no segundo ciclo da investigação se observaram mudanças significativas nas considerações das participantes no estudo, uma vez que o domínio relativo ao impacto da inclusão nos professores do ensino regular passou a ser considerado com maior número de frequências. Este facto foi corroborado com as respostas das professoras de E.E. apontando este domínio como o de maior relevância em termos de frequências.

Este indicador permite-nos inferir algumas considerações acerca da reflexão realizada pelas docentes do ensino regular sobre as suas atitudes e práticas, observando-se que conseguiram analisá-las de modo a procurar melhorar a sua atuação educativa.

Como consequência desta reflexão, pôde-se observar também bastantes mudanças no segundo ciclo da investigação ao nível das boas práticas apontadas onde as docentes participantes no estudo já conseguiram indicar e exemplificar estratégias e atividades que implementaram nas suas salas para incluir os alunos com Multideficiência.

No que concerne ao terceiro ciclo da investigação, é de salientar em relação à apreciação efetuada pelas docentes acerca das práticas inclusivas implementadas nas suas salas, que o ano decorreu dentro da normalidade, apontando como aspetos positivos a inclusão do aluno multideficiente nas suas salas. Esta evidência é indicadora de a atitude das docentes em relação à inclusão se mostra mais positiva, graças ao apoio que receberam ao longo do ano, através da informação e orientações recebidas quer por parte da investigadora quer das professoras de E.E. que, como referem que lhes permitiu melhorar a sua prática e melhorar o seu relacionamento com os alunos multideficientes.

Este facto vem confirmar que o objetivo deste projeto de investigação ação de *“Contribuir para uma atitude de aceitação por parte dos professores que têm alunos com Multideficiência, inscritos nas suas salas, face à Inclusão destas crianças nas suas salas do ensino regular”* foi atingido.

À medida que as docentes do ensino regular, participantes no estudo, foram adquirindo atitudes mais positivas em relação à inclusão destes alunos, conseguiram observar evoluções, quer ao nível relacional entre alunos com e sem multideficiência, quer ao nível do próprio professor que passou a acreditar nas aprendizagens do aluno multideficiente à medida que foi adquirindo mais conhecimento sobre o aluno com Multideficiência, quer ao nível das suas próprias práticas, onde passou a valorizar as atividades partilhadas e o trabalho de tutoria entre alunos.

Outro objetivo a que nos propusemos atingir foi o de “*Perceber quais os constrangimentos com que se deparam*” e pudemos constatar que as docentes do ensino regular apontaram, no primeiro ciclo da investigação, como principais barreiras, além das físicas por falta de espaço na sala de aula para a mobilidade do aluno, a falta de formação e a falta de materiais específicos. No segundo ciclo da investigação realçaram a falta de formação, falta de tempo para dedicar a estas alunos e a falta de apoio.

No terceiro ciclo da investigação ainda verificaram alguns constrangimentos quer ao nível da conduta de algumas famílias, na organização escolar como ao nível da própria professora que não se sente ainda preparada para trabalhar sozinha com as crianças com Multideficiência.

De tudo o que foi exposto até agora, podemos aferir em relação ao outro objetivo da investigação referente a “Identificar o nível de preparação destes professores, para promover a inclusão deste tipo de alunos” que, apesar de ser verificar que houve uma evolução nas atitudes e práticas das professoras e educadoras do ensino regular face à inclusão de alunos com multideficiência nas suas salas, ainda não estão completamente preparadas para desenvolverem práticas inclusivas, uma vez que nas sugestões que apresentaram no terceiro ciclo, a necessidade de formação foi a principal categoria.

De tudo o que foi explanado ao longo destas considerações, podemos afirmar o seguinte:

- O conceito de educação inclusiva parece-nos estar bem presente na maioria das docentes, se bem que ainda não consolidado;
- O seu principal constrangimento é a falta de formação em práticas inclusivas e estratégias de intervenção em Multideficiência;
- O modelo de formação pretendido é a oficina de Formação.

Proposta de Intervenção

Com base neste levantamento, propomo-nos apresentar o seguinte esboço de modelo de formação:

Oficina de formação

“Multideficiência: Práticas Inclusivas de Intervenção em contexto escolar”

Com o presente projeto de informação pretende-se habilitar os agentes da ação educativa e pais de alunos com Multideficiência para promoverem, nos seus educandos, comportamentos de autonomia pessoal e social, facilitadores de inclusão escolar e social.

A formulação do projeto partiu do levantamento das necessidades sentidas pelos professores do ensino regular do Agrupamento nº 3 de Beja, participantes no presente estudo.

A formação proposta apoia-se num quadro teórico (resultante de referências nacionais e internacionais), na experiência da investigadora e nos resultados do estudo empírico. Aborda aspetos socioculturais, percetivos, cognitivos, emocionais, motivacionais e comportamentais, numa resposta integradora que permite:

- Trabalhar conjuntamente com as famílias e com os agentes educativos;
- Focar a promoção de competências e não as características da deficiência;
- Utilizar estratégias para a promoção do bem-estar de todo o grupo (e não só da pessoa com deficiência) com objetivo da prevenção do desajustamento e mal-estar pessoal e interpessoal;

- Utilizar estratégias na promoção da participação social e qualidade de vida de alunos com deficiência severa.

A formação contemplará dois módulos: um relacionado com as necessidades das crianças multideficientes e outro relacionado com as práticas educativas em salas de aula que incluam alunos com multideficiência

O **primeiro módulo** abrangerá cinco componentes: Comunicação, Socialização Autonomia, Motricidade e Cognição.

O **segundo módulo** contemplará a implementação de práticas inclusivas e a adaptação de materiais.

A operação será operacionalizada através da interligação dos dois módulos para ajudar os docentes a conhecer melhor os alunos com multideficiência, aprofundarem os conhecimentos nesta área para potenciar as capacidades funcionais dos alunos.

A escolha da oficina de formação criará a possibilidade de uma reflexão conjunta sobre estratégias e dinâmicas a adotar

MÓDULO 1 - ÁREAS A DESENVOLVER:

Socialização

A socialização pode ser definida como um processo evolutivo de adaptação das crianças ao mundo que as rodeia.

No entanto, existem diversos fatores que limitam e prejudicam as crianças com multideficiência, tais como:

- capacidade inferior de exploração do seu meio ambiente;
- falta de oportunidades de interação;
- fraca exposição a ambientes diferentes;
- carência de vivências de carácter social.

Estratégias para elevar a Socialização

- facilitar o contacto com diferentes alunos, promovendo o convívio entre os mesmos: na sala de aula, no recreio, no bar, no ginásio;
- deixar o aluno explorar objetos, alimentos e pessoas;
- proporcionar atividades que facilitem o alargamento de experiências, em diferentes ambientes, como: visitar locais da comunidade, ir às compras, café, mercado;

- organizar atividades em que haja a participação de diferentes adultos ou crianças nas atividades do grupo;
- envolver os encarregados de educação e as famílias neste processo, convidando-os a organizar atividades, a colaborar no processo ensino-aprendizagem do aluno, cooperar nas deslocações, auxiliar na organização de atividades, entre outras;
- construir rotinas de apoio de modo a que os colegas possam colaborar e participar na adaptação do aluno multideficiente às atividades da sala de aula;
- realizar intercâmbios com outras escolas, instituições e outras entidades, a fim de promover a interação com diferentes pessoas e diferentes ambientes;

Comunicação

A comunicação visa a transferência de informação entre parceiros. Por outro lado, a aprendizagem é um processo de apropriação e gestão da informação.

Torna-se imperioso que o aluno com multideficiência possua meios para transmitir informação (comunicação expressiva) e para receber informação (comunicação recetiva).

Estratégias para desenvolver a Comunicação

- identificar os parceiros com quem comunica através do nome, dum gesto ou de um objeto de referência – apresentar as crianças umas às outras, colocar questões ao grupo acerca das presenças e ausências, estabelecer uma rotina clara e com consequências das ações, dizer o nome da criança para obter a sua atenção....;
- estruturar as ações no tempo de forma sistemática – lavar as mãos antes de comer, vestir o casaco antes de ir para casa, ...);
- organizar um calendário do tempo onde se indiquem as ações diárias e a sua sequência – utilizando desenhos, objetos e escrita, de acordo com as capacidades do aluno;
- ter formas de comunicação variadas de acordo com as capacidades do aluno e de forma a que todos os presentes entendam – representar a mesma atividade de diversas formas, colocar a mão da criança sobre a sua para que esta sinta o que está a realizar e se sinta motivada para imitar,...;
- construir tabuleiros de comunicação com diferentes texturas (para utilizar como calendários, por exemplo);

- prestar atenção aos sinais de comunicação do aluno (como: movimentos corporais, expressões, posturas, respirações, etc.);
- dar tempo para que a criança responda às iniciativas propostas;
- construir contextos de comunicação com pistas visuais;
- diversificar os contextos e parceiros de comunicação – levá-lo à sala de aula, ao recreio;
- levar o aluno a pedir materiais em função das atividades propostas, estimulando assim a comunicação – ao almoço não lhe dar o copo de água, não colocar o talher,...
- responder de forma positiva a todas as formas e tentativas de comunicação – incentivar, dar pistas;
- dar informação verbal acerca da atividade que a criança realiza, utilizando sempre a fala em conjugação com outras formas de comunicação;
- mediar a quantidade de informação e a forma como é transmitida à criança, uma vez que muita informação e mal estruturada pode ser motivo de confusão e mesmo de desmotivação para a criança.

Autonomia

As crianças com multideficiência não procuram a informação de forma ativa. Neste sentido tudo o que a criança com Multideficiência aprende tem de lhe ser ensinado.

A maior parte dos alunos com multideficiência apresentam “limitações” de nível motor, sensorial e cognitivo que prejudicam a sua capacidade de autonomia pessoal e social.

Cabe ao professor/educador definir o nível de participação do aluno possível em cada atividade, no sentido de diminuir a dependência relativamente ao adulto.

Estratégias para desenvolver a Autonomia

- diversificar os ambientes de realização das tarefas;
- realizar as atividades básicas, tais como: alimentação e higiene, concordante com as suas competências;
- deslocar-se com pouca ajuda em espaços da sua rotina diária;
- conhecer os espaços onde se desloca e move, assim como as pessoas que os compõem, como a escola, casa e comunidade;

Motricidade

A motricidade global apresenta duas áreas de desenvolvimento: a motricidade fina e a motricidade grosseira.

Através da motricidade grosseira a criança multideficiente aprende a movimentar o corpo, utilizando os seus músculos principais: pernas, braços e abdómen. Desenvolvendo habilidades motoras, como: sentar, gatinhar, andar, trepar, entre outras. A motricidade grosseira permite que a criança se desloque e explore o seu ambiente, construindo bases para o desenvolvimento de outras áreas.

O desenvolvimento da motricidade fina prende-se com a realização e controlo de movimentos pequenos e específicos: apanhar um objeto de pequenas dimensões, controlar os músculos da cara, apertar objetos, controlar os movimentos da língua, entre outros.

Estratégias para desenvolver a Motricidade

- aproveitar materiais/equipamentos que permitam o trabalho de habilidades motoras, como: puxar, apanhar, largar objetos;
- realizar atividades que promovam e desenvolvam a consciência do próprio corpo, a lateralidade, a coordenação geral, o equilíbrio, organização do esquema corporal e a organização espacial;
- ter em conta os posicionamentos da criança (recorrer à ajuda de um terapeuta ocupacional ou fisioterapeuta se necessário);
- realizar atividades de carácter individual e em grupo;
- planificar atividades tendo em conta as capacidades e as “limitações” do aluno, realizando as devidas adaptações assim como as progressões pedagógicas.

Cognição

Nas crianças com multideficiência a cognição inclui a compreensão da permanência das coisas, isto é, os objetos continuam a existir mesmo quando deixam de ser vistos. Assim como a compreensão da relação causa-efeito e a capacidade de tirar conclusões (através da experiência direta e posteriormente através da observação e da recordação). A aprendizagem destas capacidades pode e deve ser trabalhada, permitindo que estas entendam e dominem conceitos importantes que as auxiliem na compreensão

do seu ambiente, do funcionamento das coisas, das relações entre os objetos, assim como a influência que elas próprias podem ter sobre o ambiente que as rodeia.

Estratégias para desenvolver a Cognição

- utilização do jogo como instrumento de desenvolvimento da cognição: esconder objetos pode ensinar à criança que os objetos permanecem; despejar o conteúdo de uma caixa podem aprender a relação causa-efeito; se empilharem peças podem aprender a relacionar tamanho e forma;
- utilizar as rotinas diárias significativas para a criança como momento de aprendizagem;
- proporcionar atividades onde o princípio, o meio e o fim sejam claros e onde ambos (aluno e professor/educador) possam realizá-la em conjunto;
- garantir a generalização das aprendizagens realizadas com todas as situações significativas;
- criar um ambiente controlado e pouco confuso, onde o aluno possa aprender, praticar e concentrar-se nas atividades propostas;
- definir dentro do ambiente do aluno diferentes áreas de realização de atividades;
- arrumar os materiais e objetos em locais próprios, desenvolvendo a orientação e a consistência ambiental;
- utilizar materiais/objetos de diferentes texturas, tamanhos, formas, cores, pesos, etc.;
- deixar o aluno explorar objetos, alimentos e pessoas;
- garantir que a informação fornecida e as competências a desenvolver sejam úteis e contribuam para aumentar a sua independência na vida futura;
- motivar o aluno para a aprendizagem e saber qual o tipo de reforço mais efetivo para a criança (prémio social, comida, brinquedo preferido...)

MÓDULO 2 - IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICAS INCLUSIVAS

- ***Planificação para todo o grupo*** - enfoque no desenvolvimento de competências académicas e sociais, em simultâneo, e na organização dos conteúdos em pequenos projetos;
- ***Parceria pedagógica - cooperação entre professor da classe e professor de educação especial*** (incluem-se outros técnicos, se existirem, entre eles os terapeutas e os assistentes operacionais);

- ***Aprendizagem cooperativa*** - organização da sala em pequenos grupos, corresponsabilizando cada um pelo sucesso do outro (auto e heteroavaliação) e desenvolvendo as competências sociais ao mesmo tempo que se aprendem os conteúdos académicos, tendo em conta objetivos bem determinados, métodos de ensino/aprendizagem alternativos, um ensino flexível e a constituição de subgrupos;
- ***Diferenciação pedagógica inclusiva*** – organização e distribuição das tarefas ao grupo e a cada um dos elementos, tendo em conta o seu potencial emergente (aquilo que ainda não fazem, mas serão capazes de fazer);
- ***Grupos heterogéneos e rotativos*** – heterogeneidade em função do sexo, desempenho académico e social, etnia, cultura.
- ***Ensino estruturado*** – planificação, intervenção e avaliação das atividades, partindo dos saberes já adquiridos para os que se pretendem fazer adquirir, com reforços adequados e válidos;
- ***Envolvimento da escola/comunidade e seus intervenientes*** – saída da sala de aula para os contextos escola/comunidade, implicando, sempre que possível, os seus líderes;
- ***Envolvimento das famílias*** – participação ativa dos encarregados de educação, chamando-os a colaborar no projeto educativo que está a ser desenvolvido;

BIBLIOGRAFIA

AEDNEE, (Agência Europeia para o Desenvolvimento em Necessidades Educativas Especiais) (2003). *Educação inclusiva e práticas de sala de aula: relatório síntese*. Bélgica: AEDNEE.

AINSCOW, M. (1996). *Necessidades Especiais na Sala de Aula - um guia para a formação de professores*. Lisboa: IIE, Edições Unesco.

ALBARELLO, L.; HIERNAUX, J.P.; MAROY, C.; RUQUOY D.; SAINT-GEORGE P. (2005). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.

AVRAMIDIS, E. & NORWICH, B. (2002). Teachers Attitudes towards integration/inclusion: *A review of the literature*. Vol 17, nº 2. (129-147).

AZEVEDO, J. (coord.) (2003). *Avaliação dos Resultados Escolares*. Porto: Edições Asa.

BARDIN, L. (2008). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BAUTISTA, R. (org.). (1997). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: DINALIVRO.

BENDER, W.; VAIL, C. & SCOTT, K. (1995). Teachers Attitudes Toward Increased Mainstreaming: Implementing Effective Instruction for Students with Specific Learning Disabilities. *Journal of Learning Disabilities* nº 28: 87-94.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. K. (1994), *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

CALADO, P. (2008). *Avaliação da acção - Inclusão de alunos com NEE*. Centro de Recursos e Formação - Associação Portuguesa de Investigação Educacional. [On-line]. Disponível: <http://cerfapie.blogs.sapo.pt/50910.html>.

CARVALHO, F. (2007). *Escola para todos? A educação de crianças com deficiência na perspectiva da ecologia humana*. Ministério do Trabalho e Solidariedade Social.

Lisboa: Secretariado nacional para a reabilitação e integração das pessoas com deficiência.

CIF, (2003). *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. Classificação Detalhada com Definições*. Organização Mundial de Saúde – Direcção Geral de Saúde.

CNE, (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO) Parecer nº 9/2004 de 27 de Setembro de 2004. - *Ante-projecto de decreto-lei relativo ao regime da Educação Especial e do apoio sócio-educativo*.

CORREIA, A. P. S. O. (2007). *Contributos do Projecto Educativo para o trabalho colaborativo e reflexivo entre os professores - Estudo de um caso - VOLUME I – Mestrado em Supervisão Pedagógica - Departamento de Ciências da Educação. Universidade Aberta*.

CORREIA, L. M. (1999). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto: Porto Editora.

CORREIA, L. M. (2001). “Educação Inclusiva ou Educação Apropriada? In D. Rodrigues (org.) *Perspectivas sobre a Inclusão. Da Educação à Sociedade*. (pp.123-142) Porto: Porto Editora.

CORREIA, L. M. (2003). O Sistema Educativo Português e as Necessidades Educativas Especiais ou Quando Inclusão Quer Dizer Exclusão. Luís M. Correia, *Educação Especial e Inclusão – Quem Disser Que Uma Sobrevive Sem a Outra Não Está no Seu Perfeito Juízo* (11-39). Porto: Porto Editora.

CORREIA, L., M. (2008). *A Escola Contemporânea e a Inclusão de Alunos com NEE – Considerações para uma educação com sucesso*. Porto: Porto Editora.

CORREIA, L.M., CABRAL, M.C. & MARTINS, A. P. (1999). Pressupostos para o Êxito da Integração/Inclusão. L. M. Correia, (Ed.), *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares* (159-170). Porto: Porto Editora.

CORREIA, L. M. & MARTINS, A. P. L. (2000). Uma Escola para Todos: Atitudes dos Professores perante a Inclusão. *Inclusão* (1) - (15-29).

CORREIA, L. e SERRANO, A. (2003). Inclusão e Intervenção Precoce: para um começo educacional promissor. In L. M. Correia (Eds.), *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais – um guia para educadores e professores*. Porto: Porto Editora. 53-59.

COSTA, A. M. B., LEITÃO, F. R., MORGADO, J. & PINTO, J. V. (2006). *Promoção da Educação Inclusiva em Portugal – Fundamentos e Sugestões*. (Documento www). URL:< http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_45.pdf>).

CRPG - Centro de Reabilitação Profissional de Gaia (2007). *O sistema de reabilitação e as trajetórias de vida das pessoas com deficiências e incapacidades em Portugal*. Gaia, CPRG - Centro de Reabilitação Profissional de Gaia

ESTEVES, M. M. (2002). *A investigação enquanto estratégia de formação de professores*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

FELIZARDO, S. M. A. S. (2010). *Perspetivas sobre a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais*. Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho, Portugal, 4 a 6 de Fevereiro de 2010

FERNANDES, A. (2000). *Estudo sobre a Mudança de Atitudes dos Professores de Educação Física face à Inclusão Escolar de Alunos com Deficiência no Concelho de Viana do Castelo*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

FORTIN, M. (2009). *Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação*. Loures: Lusodidacta.

FRANÇA, R. A. (2000). *A dinâmica da Relação na Fratria da Criança com Paralisia Cerebral*, Coimbra, Quarteto Editora.

FREIRE, S. (2008). Um Olhar Sobre a Inclusão. in *Revista da Educação, Vol. XVI, nº 1, 2008 (5 – 20)*.

GONÇALVES, J. A. (1992). A Carreira das Professoras do Ensino Primário. A. Nóvoa (Ed.), *Vidas de professores* (141-169). Porto: Porto Editora.

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA: ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA, (2007) Crianças/Jovens com Multideficiência. *Multideficiência Newsletter, n.º1*. (Julho, 2007).

JESUS, S.N. e Martins, M. M. (2000). *Escola inclusiva e apoios educativos*. 1ª edição. Edições Asa.

KOWALSKI, E. & RIZZO, T. (1996). Factors Influencing Preservice Student Attitudes toward Individuals with Disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*. 13, 180-196.

LADEIRA e AMARAL, (1999). *Alunos com Multideficiência nas Escolas do Ensino Regular*. Lisboa: Editorial do Ministério da educação. Núcleo de Orientação Educativa e de Educação Especial.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. (2001). *Fundamentos de Metodologia Científica*. 4.ed. São Paulo: Atlas 2001.

LOUREIRO, M. J. (2002). *Relatório final do Projecto Contextos Inclusivos – Das Atitudes aos Comportamentos*. Covilhã: Ed. Universidade da Beira Interior.

MARCELO, C. (1999). *Formação de Professores – Para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora

MARCONI, M. e LAKATOS. E. (2007). *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas S. A.

MARTIN, M., JÁUREGUI, M. e LÓPEZ, M. (2004). *Incapacidade Motora Orientações para adaptar a escola*. Porto Alegre: ARTMED EDITORA S.A.

MÁXIMO-ESTEVES, L. (2008) *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto. Porto Editora

MESQUITA, M. H. & RODRIGUES, D. (1994). “A Estrutura e Conteúdos da Formação de Professores em Necessidades Educativas Especiais”. *Revista Portuguesa de Educação*, 7 (55-72).

MINKE, K.; BEAR, G.; DEEMER, S. & GRIFFIN, S. (1996). *Teachers Experiences with Inclusive Classrooms: Implication for Special Education Reform*. Journal of Special Education nº 30: 152 - 186.

MORGADO, J. (2003a). *Qualidade, Inclusão e Diferenciação*. Lisboa: ISPA.

MORGADO, J. (2003b). Os Desafios da Educação Inclusiva – Fazer as Coisas Certas ou Fazer Certas Coisas. L. M. Correia (Org.), *Educação Especial e Inclusão – quem disser que uma sobrevive sem a outra não está no seu perfeito juízo (73-88)*. Porto: Porto Editora.

MORGADO, J. & SILVA, J. (1999). *Factores Contributivos para o Sucesso Escolar de Alunos com Necessidades Educativas Especiais*. *Análise Psicológica*, 1 (17) - 127-142.

NUNES, C. (2001). *Aprendizagem Activa na Criança com Multideficiência – Guia para Educadores*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica.

NUNES, C. (2002). *Crianças e Jovens com Multideficiência e Surdocegueira - Contributos para o Sistema Educativo*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica.

NUNES, C. (2005). *Unidades Especializadas em Multideficiência: normas orientadoras*. Lisboa: Ministério da Educação – Direcção-Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular.

NUNES, C. (2008). *Alunos com Multideficiência e com surdocegueira congénita. Organização da resposta educativa*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Direcção de Serviços da Educação Especial e do Apoio Sócio – Educativo.

NUNES, J. (2004). *Estudo das Atitudes dos Professores de Educação Física das Escolas E.B. 2/3 do Concelho do Porto, face à Integração de Alunos com Deficiência ao Longo do Ano Lectivo de 2003/2004*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

OMS, (1980) *International Classification of Impairments Disabilities and Handicaps*. A Manual of Classification Relating to the Consequences of Disease, OMS (Tradução

Portuguesa do Secretariado Nacional de Reabilitação. (1989) Classificação Internacional das Deficiências Incapacidades e Desvantagens, Lisboa: Secretariado Nacional de Reabilitação).

PAIVA, F. (2008). *As atitudes de professores do ensino básico face à inclusão de alunos com NEE na sala de aula*. Tese de Mestrado não publicada. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

PEREIRA, F. (1998). *As representações dos professores de Educação Especial e as necessidades das famílias*. 2.^a ed. Lisboa: Ed. Secretariado Nacional de Reabilitação.

PEREIRA, F. (2005). *Unidades Especializadas em Multideficiência – Normas Orientadoras*. Lisboa: Ministério da Educação - DGIDC – Direcção de Serviços de Educação Especial e Apoio Sócio-Educativo.

PEREIRA, F. (coord.). (2004). *Avaliação e Intervenção em Multideficiência*. Lisboa: Ministério da Educação - DGIDC – Direcção de Serviços de Educação Especial e Apoio Sócio-Educativo.

PINHEIRO, I. (2001). *Atitudes dos Professores do 2º Ciclo do Ensino Básico das Escolas do CAE – Tâmega face à inclusão de alunos com deficiência*. Dissertação de mestrado apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

PINTO N., MORGADO J. (2012.). *Atitudes de Pais e Professores perante a Inclusão - Atas do 12º Colóquio de Psicologia e Educação (21 a 23 de junho de 2012)*. (Documento www). URL:< <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1602/1/CIPE%202012%20471-491.pdf>>).

PORTER, G. (1998). “Organização das Escolas: Conseguir o Acesso e a Qualidade através da Inclusão. In M. Ainscow, G. Porter e M. Wang.(Eds.) *Caminhos para as escolas Inclusivas*. (33-48). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. (2005), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.

- RIZZO, T. (1984). Attitudes of Physical Educators toward Teaching Handicapped Pupils. *Adapted Physical Activity Quarterly*. 1, 263-274.
- RODRIGUES, D. (1995). *O Conceito de Necessidades Educativas Especiais e as Novas Metodologias em Educação*. In: A. Carvalho (org.), *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora. 527-548.
- RODRIGUES, D. (2002). *A Educação e a Diferença*. D. Rodrigues (org), *Educação e diferença: Valores e práticas para uma educação inclusiva*. Porto: Porto Editora.
- RODRIGUES, D. (2003) “Educação Inclusiva: as boas e as más notícias”, in: David Rodrigues (Org.) “*Perspectivas sobre a Inclusão; da Educação à Sociedade*”, Porto Editora, Porto.
- RODRIGUES, D. (2005). *Investigação em Educação Inclusiva: Fórum de Estudos de Educação Inclusiva*. Textos de Apoio da Faculdade de Motricidade Humana.
- RUELA, C. (1999). *Centros de Formação das Associações de Escolas: Processos de Construção e Natureza da Oferta Formativa*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- RUELA, A. (2000). *O Aluno Surdo na Escola Regular – A Importância do Contexto Familiar e Escolar*. Lisboa: Instituto Inovação Educacional. Ministério da Educação.
- SANCHES, I. (2005). *Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-ação à educação inclusiva*. *Revista Lusófona de Educação*, 2005, 5, 127-142
- SANCHES, I. e Teodoro A. (2006). *Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos*. *Revista Lusófona de Educação*, 8, 63-83.
- SERRA, H. (coord.) (2008). *Estudos em Necessidades Educativas Especiais. Domínio Cognitivo*. (1ªed). (Biblioteca do Professor). Porto: Edições Gailivro, S.A.
- SERRANO, G. (2004). *Investigación cualitativa. Retos e interrogantes – I. Métodos*. Madrid: Ed. La Muralla
- SERRANO, J. (2005). *Percursos e práticas para uma escola inclusiva*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho.

SERRANO, M. G. P. (1990). *Investigação-acção. Aplicações ao campo social e educativo*. Madrid. Editorial Dykinson.

SERRANO, R. (1998). *As Atitudes dos Professores de Educação Física face à Integração Escolar das Crianças Portadoras de Deficiência*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Silva, M. J. (2006). *Contributos para o estudo das Unidades especializadas em Multideficiência. Estudo Observacional de três Unidades Especializadas em Multideficiência*. Dissertação para Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação. Porto.

SILVA, A. (2011). *As características da Articulação Desenvolvida pelos Professores do Ensino Regular como os de Educação Especial, (Estudo em Portugal e Espanha)*. Tese de Mestrado em Ciências de Educação.

SILVA, M. O. E. (2002). A Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais e a Análise de Necessidades de Formação Contínua de Professores. Correia, Luís Miranda (ed.). *Inclusão*. Braga: Ed. Universidade do Minho, nº 2. (33 – 48).

SZYMANSKI, H. (2002). Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: Heloisa Szymanski, (org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano Editora.

UNESCO, (1977) – *La Educación Especial – Situación Actual y Tendencias en la Investigación*. Salamanca, Ediciones Sigueme, 1977, UNESCO, 1977.

UNESCO, (1994). *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na Área das Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

VALA, J. (2007). Análise de conteúdo. In: A. S. Silva e J. M. Pinto (Org.), *Metodologias das ciências sociais*. 13ª Edição. (101-127). Porto: Edições Afrontamento.

VIEIRA, F. e PEREIRA M. (coords.). (1996). *Se houvera quem me ensinara. A Educação de Pessoas com Deficiência Mental*. Coimbra: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

WARE, L. (1995). Aftermath of the Articulate Debate: The Invention of Inclusive Education. In Clark, C., Dyson, D. & Millward, A. (Eds.) *Towards Inclusive Schools?*. London: David Fulton Publisher: 127 - 146.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Lei de Bases de Sistema Educativo - Lei nº 46/86* de 14 de outubro.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Decreto-Lei nº 409/89*, de 18 de novembro.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Despacho Normativo 105/97*, de 1 de julho.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Decreto-Lei nº 3/2008*, de 7 de janeiro.

APÊNDICES

PROJECTO

PERCEBER PARA INTERVIR:

A ATITUDE DOS PROFESSORES DO PRÉ-ESCOLAR E PRIMEIRO CICLO DO

AGRUPAMENTO Nº 3 DE BEJA, FACE À INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM

MULTIDEFICIÊNCIA NAS CLASSES REGULARES

MESTRANDA: Marília José da Costa Amador Coelho Pelica

ÍNDICE

APÊNDICE nº 1	
Guiões de entrevistas	1
APÊNDICE nº 2	
Entrevistas – 1º e 2º Ciclos da Investigação	8
APÊNDICE nº 3	
Entrevistas às Professoras de E.E.	51
APÊNDICE nº 4	
Análise de Conteúdo – 1º e 2º Ciclo da Investigação	89
APÊNDICE nº 5	
Entrevistas – 3º Ciclo da Investigação	136
APÊNDICE nº 6	
Análise de Conteúdo – 3º Ciclo da Investigação	143
APÊNDICE Nº 7	
Quadro: Opinião das Professoras de E.E. sobre o Impacto que a Inclusão tem sobre os Professores do Ensino Regular	151
APÊNDICE Nº 8	
Quadro: Avaliação da Inclusão em Sala de Aula no Ano Letivo	153

APÊNDICE nº 1
Guiões de entrevistas

GUIÃO DE ENTREVISTA PROFESSORES TITULARES DE TURMA

TEMAS	TÓPICOS/EXEMPLOS DE PERGUNTAS	OBJECTIVOS PRINCIPAIS
Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Informar sobre o âmbito do trabalho que conduziu à realização desta entrevista	- Legitimar a entrevista
Utilização dos dados recolhidos	Informar sobre a importância da participação do entrevistado (esclarecer o objetivo da entrevista e que não há respostas corretas ou erradas) Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato	- Motivar o entrevistado - Fomentar o envolvimento do entrevistado no trabalho a realizar
Identificação	Nome Idade Morada Estado civil	- Realizar uma breve caracterização do entrevistado - Criar alguma confiança entre entrevistado e entrevistador - Promover um ambiente descontraído
Trajectoria de vida	Qual a sua formação base Há quantos anos exerce a profissão docente Exerceu outras atividades/cargos além da função docente Que outras formações/especializações realizou ao longo da sua carreira	- Conhecer a pessoa e os acontecimentos que mais tiveram influência na sua carreira profissional
Formação	Como se prepara para atualização de conhecimentos face às mudanças no currículo Qual a importância dada às Ações de Formação que são oferecidas ao seu grupo de docência. Já frequentou alguma Ação de Formação na área das NEE? Acha que na formação inicial devia haver alguma sensibilização à inclusão escolar? Acha pertinente a frequência de formação contínua na área das NEE?	- Conhecer o tipo de formação adquirida ao longo do percurso profissional do entrevistado - Colher opiniões sobre a pertinência de formação para o trabalho com as necessidades educativas especiais
Aspetos da Inclusão	O que é para si a inclusão? Durante a sua carreira já teve na sala alunos com deficiência? De	Caracterizar a pessoa como se situa em relação à política de inclusão

<p>A Multideficiência</p> <p>Soluções para uma escola mais inclusiva</p> <p>Práticas docentes</p> <p>Barreiras /facilitadores face à inclusão</p>	<p>que tipo? (metaf, física, Multideficiência)</p> <p>Qual o contributo, como professora, que deu ao longo da carreira para a promoção da inclusão na sua sala de aula?</p> <p>Vantagens/desvantagens da inclusão</p> <p>Quais as primeiras preocupações face à presença de alunos com Multideficiência na classe regular?</p> <p>Que iniciativas toma para resolver essa preocupações? (pede ajuda especializada, pede professor de apoio, pede/constrói materiais, documenta-se, ...)</p> <p>Considera positiva a inclusão de crianças com Multideficiência nas salas do ensino regular?</p> <ul style="list-style-type: none"> - para esses alunos? - para os outros alunos? <p>Se tivesse poderes quais as possíveis soluções que implementaria para melhorar o funcionamento da escola inclusiva</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formação/sensibilização à deficiência em geral - Recursos humanos - Recursos materiais <p>Alterações que a inclusão traz ao trabalho desenvolvido pelo docente</p> <p>Será que a inclusão muda a prática pedagógica?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Adaptações curriculares - Diferenciação pedagógica - Construção de materiais adaptados às necessidades dos alunos - Modalidade de trabalho (individual, cooperativo) - Trabalho cooperativo docente - Instrumentos de avaliação diferenciados <p>Quais as barreiras e os facilitadores que encontra para a promoção da inclusão</p>	<p>Conhecer as experiências/vivências face à inclusão</p> <p>Caracterizar as conceções dos professores sobre a inclusão de crianças com Multideficiência na classe regular.</p> <p>Caracterizar as opiniões do entrevistado face ao funcionamento da escola inclusiva</p> <p>Caracterizar as práticas docentes face aos alunos com Multideficiência</p> <p>Perceber como se dá a inclusão dos alunos com Multideficiência na sala de aula regular</p> <p>Conhecer a necessidade sentida para promoção da inclusão de crianças com Multideficiência</p>
---	---	--

<p>Validação da entrevista</p> <p>Reações</p> <p>Sugestões</p> <p>Agradecimentos</p>	<p>Sente que será necessária formação para melhorar as práticas inclusivas? (se sim)</p> <p>Que tipo de formação acha necessária.</p> <p>Que áreas/tópicos deveria abranger essa formação</p> <p>Na sua opinião, o que pensa desta entrevista?</p> <p>Gostaria de acrescentar alguma coisa?</p> <p>Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e colaboração, indispensáveis à consecução desta tarefa</p>	<p>Compreender o tipo de formação necessária aos docentes para a promoção da inclusão</p> <p>Averiguar as reações do entrevistado face à entrevista</p> <p>Recolher sugestões do entrevistado acerca dos tópicos da entrevista</p> <p>Concluir a entrevista</p>
--	---	---

GUIÃO DE ENTREVISTA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

TEMAS	TÓPICOS/EXEMPLOS DE PERGUNTAS	OBJECTIVOS PRINCIPAIS
Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	<p>Informar sobre o âmbito do trabalho que conduziu à realização desta entrevista</p> <p>Informar sobre a importância da participação do entrevistado (esclarecer o objetivo da entrevista e que não há respostas corretas ou erradas)</p> <p>Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista - Motivar o entrevistado - Fomentar o envolvimento do entrevistado no trabalho a realizar
Identificação	<p>Idade</p> <p>Habilitações académicas</p> <p>Grupo de docência</p> <p>Escola</p> <p>Há quantos anos exerce a profissão docente</p> <p>E na Educação Especial</p> <p>Exerceu outras atividades/cargos além da função docente</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar uma breve caracterização do entrevistado - Criar alguma confiança entre entrevistado e entrevistador - Promover um ambiente descontraído - Conhecer a pessoa e os acontecimentos que mais tiveram influência na sua carreira profissional
Formação	<p>Que outras formações/especializações realizou ao longo da sua carreira</p> <p>Como se prepara para atualização de conhecimentos face às mudanças no currículo</p> <p>Qual a motivação que a leva a frequentar Ações de Formação que são oferecidas ao seu grupo de docência.</p> <p>Antes da especialização, já tinha frequentado alguma Ação de Formação na área das NEE?</p> <p>Na formação inicial foi-lhe oferecida alguma formação sobre NEE?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o tipo de formação adquirida ao longo do percurso profissional do entrevistado - Colher opiniões sobre a pertinência de formação para o trabalho com as necessidades educativas especiais e essencialmente na Educação Especial
Aspetos da Inclusão	<p>Acha pertinente, tanto para si como para os docentes do ensino regular, a frequência de formação contínua na área da EE?</p> <p>O que é para si a inclusão?</p>	<p>Conhecer a posição do entrevistado em relação</p>

<p>A Multideficiência</p> <p>Soluções para uma escola mais inclusiva</p>	<p>O que a distingue da integração Quais as Vantagens ou desvantagens que vê na inclusão? Como vê o seu papel enquanto professora na promoção da inclusão na sala de aula onde presta apoio?</p> <p>Durante a sua carreira, quando professora do ensino regular, antes da Especialização, já trabalhou com alunos com deficiência? De que tipo? (mental, física, sensorial, Multideficiência) Como define o aluno com Multideficiência? Quais as primeiras preocupações, face à presença de alunos com Multideficiência, na classe regular, onde presta apoio? E que preocupações tem visto, face à inclusão destes alunos, por parte da professora do regular, onde presta apoio? Notou modificações ao longo do ano? Que iniciativas, considera importantes, para a inclusão desses alunos na turma onde presta apoio? (presta ajuda especializada, colabora/coopera com o professor da turma, planifica em conjunto com o professor da turma, pede/constrói materiais, documenta-se, ...) Considera positiva a inclusão de alunos com Multideficiência nas salas do ensino regular? - para esses alunos? - para os outros alunos? Sente que os professores do regular, nas turmas onde presta apoio, consideram positiva a inclusão de alunos com Multideficiência? Notou alguma mudança nas atitudes?</p> <p>Quais as possíveis soluções que julga importantes implementar para melhorar o funcionamento da escola inclusiva - Formação/sensibilização à deficiência em geral - Recursos humanos - Recursos materiais</p> <p>Será que a inclusão muda a prática pedagógica dos professores onde</p>	<p>à política de inclusão</p> <p>Conhecer as experiências/vivências face à inclusão</p> <p>Caracterizar as concepções dos professores sobre a inclusão de crianças com Multideficiência na classe regular</p> <p>Caracterizar as opiniões do entrevistado face ao funcionamento da escola inclusiva</p> <p>Caracterizar as práticas docentes face aos alunos com Multideficiência Alterações que a inclusão traz ao trabalho desenvolvido pelo docente</p>
--	---	--

<p>Práticas docentes</p> <p>Barreiras /facilitadores face à inclusão de alunos com Multideficiência.</p> <p>Sugestões</p> <p>Agradecimentos</p>	<p>presta apoio? A nível de</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alterações curriculares - Diferenciação pedagógica - Construção de materiais adaptados às necessidades dos alunos - Modalidade de trabalho do docente (Trabalho cooperativo docente) - Instrumentos de avaliação diferenciados <p>Quais as barreiras e os facilitadores que encontra para a promoção da inclusão de alunos com Multideficiência</p> <p>Sente que será necessária formação para melhorar as práticas inclusivas? (se sim)</p> <p>Que tipo de formação acha necessária?</p> <p>Que áreas/tópicos deveria abranger essa formação</p> <p>E qual a modalidade? (oficina de formação, ensino à distancia, ...)</p> <p>Gostaria de acrescentar alguma coisa?</p> <p>Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e colaboração, indispensáveis à consecução desta tarefa.</p>	<p>Perceber como se dá a inclusão dos alunos com Multideficiência na sala de aula regular</p> <p>Conhecer a necessidade sentida para promoção da inclusão de crianças com Multideficiência</p> <p>Compreender o tipo de formação necessária aos docentes para a promoção da inclusão</p> <p>Recolher sugestões do entrevistado acerca dos tópicos da entrevista</p> <p>Concluir a entrevista</p>
---	--	--

APÊNDICE nº 2

Entrevistas – 1º e 2º Ciclos da Investigação

Entrevista à Educadora 1

Entrevistador	<p>Antes de iniciar esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação, do mestrado em Educação Especial, sobre as atitudes dos professores do regular face à inclusão de crianças com multideficiência nas salas do ensino regular, tenho a informar que é da máxima importância a sua participação no desenvolvimento do meu trabalho.</p> <p>O objetivo deste trabalho é realizar entrevistas reflexivas que serão passadas em três momentos distintos. É importante ficar assente que não há respostas corretas ou erradas.</p> <p>Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato de cada participante.</p>	
Entrevistador Educadora 1	<p>Começo por perguntar a sua idade Tenho 51 anos</p>	
Entrevistador Educadora 1	<p>E quais são as suas habilitações académicas? Mestrado em Ciências da Educação</p>	
Entrevistador Educadora 1	<p>Qual é o seu grupo de docência? Pré-escolar</p>	
Entrevistador Educadora 1	<p>E a escola onde exerce? Centro Educativo de Santiago Maior - Jardim-de-infância</p>	
Entrevistador Educadora 1	<p>Há quantos anos exerce a profissão docente? 25 anos</p>	
Entrevistador Educadora 1	<p>Exerceu outras atividades/cargos além da função docente? Estive três anos como coordenadora do Jardim-de-infância e faço parte da equipa de auto avaliação do Agrupamento</p>	
Entrevistador Educadora 1	<p>Que outras formações/especializações realizou ao longo da sua carreira? Antes do mestrado fiz um CESE em Orientação Pedagógica depois foram aquelas formações que nós fazemos normais. Fiz ainda um curso denominado "Curso de valorização técnica orientada para a administração escolar"</p>	
Entrevistador Educadora 1	<p>Como se prepara para atualização de conhecimentos face às mudanças no currículo? Faço formação acreditada e sou sócia do MEM e tudo o que tenha a ver com o MEM, congressos, nós fazemos autoformação e formação em grupos cooperativos e eu participo muito nesses grupos. E depois faço a formação acreditada que é fornecida</p>	

	<p>e que sinto que vai de encontro às minhas necessidades. Procuro também atualizar-me através de leituras e revistas, dentro da minha área.</p>	
Entrevistador	E qual a motivação que a leva a frequentar Ações de Formação que são oferecidas ao seu grupo de docência.	
Educadora 1	É sentir necessidade, nalguma área, em que eu gostaria de ter uma melhor intervenção ao nível da parte pedagógica e que me leve a procurar aquela formação que eu ache que na minha área me possa ajudar na minha formação, na minha prática pedagógica do dia-a-dia.	
Entrevistador	Já frequentou alguma Ação de Formação na área das NEE?	
Educadora 1	Nunca	
Entrevistador	Na formação inicial foi-lhe oferecida alguma formação sobre NEE?	
Educadora 1	Na minha formação inicial eu não me recordo de haver assim nada. Não tenho muita ideia disso.	
Entrevistador	Tem alguma formação na área da Educação Especial?	
Educadora 1	No CESE que fiz de orientação pedagógica tive uma disciplina mesmo de Educação Especial. Tivemos um cheirinho	
Entrevistador	Acha pertinente a frequência de formação contínua na área da EE?	
Educadora 1	Eu acho que sim. Porque na área de multideficiência como é a primeira vez, desde o ano passado, que recebi uma criança e tenho mesmo necessidade de formação nessa área porque recebermos ... tenho tido crianças com dificuldades de aprendizagem que nós fazemos a adaptação do currículo de acordo com o nível em que a criança está mas na multideficiência eu não tenho formação nenhuma e preciso mesmo. Uma vez que tive um menino o ano passado, entrou outro menino este ano. Tenho dois e eu precisaria e gostaria de frequentar uma ação nesse âmbito.	
Entrevistador	Já que estamos a falar em que recebeu alunos com multideficiência na sua sala, o que é para si a inclusão?	
Educadora 1	Olhe eu vejo a inclusão... neste caso da multideficiência ou em geral?	
Entrevistador	Podemos falar nos dois sentidos, se quiser.	
Educadora 1	Como já disse ao longo da minha vida profissional	Currículo próprio é...

	<p>tenho recebido algumas crianças mas todas elas com dificuldades de aprendizagem que faço a adaptação do currículo e tento integrá-las como uma criança normal que fazem parte do grupo. Nas crianças com multideficiência sinto que a inclusão é o mesmo. Em que a criança faz parte do grupo, que o grupo aceite e que ela faça parte das atividades e da programação do dia-a-dia. Mas a multideficiência é muito diferente, porque estas crianças que eu recebo são crianças que nem currículo se pode ... quer dizer eu nem chamaria Não sei o que é que se chama Porque a adaptação do currículo não é ... porque estas crianças, são crianças que necessitam de um apoio completamente individualizado, e sobretudo na área da estimulação porque a idade mental delas que têm três e quatro mas a idade mental situa-se nos seis ou sete meses e eu já trabalhei com bebês há muitos anos na creche e a estimulação da parte sensório-motor é que é o forte nestas idades. E nesse aspeto eu tento integrar essas crianças. Por exemplo no caso do Rod. que é uma criança que está mais recetiva, que gosta de cantar, participa em atividades sobretudo na área da plástica, ele integra essas atividades, faz parte dessas atividades do grupo. Portanto para mim a inclusão é o fazer parte do grupo, é um receber a criança como uma criança perfeitamente normal e que é aceite como os outros, faz parte. É mais um elemento que no fundo tem alguma coisa para dar aos outros. Dá e recebe e há uma interação entre os miúdos. No fundo eu também não tenho assim muitos conhecimentos científicos sobre isso, mas no fundo a inclusão é todos termos alguma coisa para dar, todos temos alguma coisa para receber e todos aprendemos ao mesmo tempo.</p>	<p>Eu sei que o currículo destas crianças é o CEI.O que eu pretendia dizer na entrevista, é que o CEI, e especificamente nestas crianças, é um currículo “muito próprio” , ou seja, com competências muito específicas relativas à sua problemática, e que não tem nada a ver com o currículo normal do pré, ou sua possível adaptação, como eu fazia.. Poderão haver sim, atividades em que estas crianças se integrem: música, histórias, jogo simbólico com os outros pares, passeios, algumas atividades plásticas, ..., no entanto, o trabalho individualizado com a criança, é aqui o elemento fundamental do desenvolvimento do CEI.</p>
Entrevistador	Falou em incluir e em integrar. O que acha que distingue a inclusão da integração	Integrar/incluir? E qual o aspeto
Educadora 1	Se calhar a inclusão será um termo mais abrangente do incluir do ser do estar, do fazer parte. Integrar... será mais ... não sei... está integrado no grupo, faz parte do grupo mas a inclusão é muito mais do que isso ... não é? ... Se calhar!	Integrar é fazer parte do grupo e de algumas atividades da sala , em que efetivamente eles tenham um “papel” mais ativo, mais presente, ou seja, não é só estar por estar, ... É no fundo, também, fazer ver ao grupo, que estas crianças participam nas nossas atividades , mas com as suas limitações, ...
		Aceite como os outros, com direitos mas também deveres? Por exemplo adapta rotinas?
		A sala tem uma rotina, que é conhecida do grupo, mas em colaboração com o técnico de educação especial, e do seu horário, essa rotina pode ser alterada, no sentido dessas crianças poderem participar em atividades mais específicas e dirigidas à sua problemática.
Entrevistador	E quais as Vantagens ou desvantagens que vê na inclusão?	

Educadora 1	<p>As vantagens são muitas porque os meninos que também fazem parte do grupo acabam por ver que há meninos diferentes e que esses meninos, ao fim e ao cabo, fazem parte da sala e são também bem recebidos e são aceites e, ao fim e ao cabo, aprendem uns com os outros.</p> <p>Desvantagens, eu não vejo propriamente desvantagens. O que eu sinto é que eu não consigo chegar a esses meninos tanto como eu chego a meninos que têm alguma dificuldade de aprendizagem, que os sento a meu lado e que adapto a atividade que estou a desenvolver e dou um apoio individualizado. Estes meninos necessitam de muita, muita disponibilidade. E é o que eu sinto e tenho muita necessidade. O que é que eu faço?</p>	<p>Adapta como? Disponibilidade para... Necessidade de....</p>
Entrevistador	<p>E como vê o seu papel enquanto professora na promoção da inclusão na sua sala de aula?</p>	<p>Já referi atrás – trocamos horários e planificamos atividades em que seja possível a participação dessas crianças. Até por que nem todos temos que fazer as mesmas coisas, estas crianças podem fazer “coisas diferentes” e mostrar depois ao resto do grupo as suas produções, valorizando-as. Aliás esta é uma prática diária e as crianças ajudam-se todas umas às outras. Disponibilidade, no sentido do apoio individualizado. É preciso “tempo” para “estar” com estas crianças e o educador tem o resto do grupo, (20), que também precisa de estímulos e apoios, pois as crianças são muito pequenas. Sinto “necessidade “ do tempo, que é escasso, por isso, é que estas crianças precisam de ter sempre algum adulto “ao seu lado”.</p>
Educadora 1	<p>Como é que eu vejo o meu papel? Eu vejo O meu papel é de ... até mesmo dentro da sala, é o de fazer ver às crianças que é importante que aquelas crianças estejam na sala e que façam parte do grupo. Porque são crianças com dificuldades mas são meninos como nós que tiveram alguma ... portanto que não nasceram tão bem, como explico aos meninos, que não nasceram como eles mas que fazem parte do grupo e tento ver que é uma realidade e nós temos de aceitar os meninos e que eles devem estar ali para aprender connosco e nós aprendemos com eles.</p> <p>Ao nível dos funcionários também tento, e cada vez mais, que eles se familiarizarem com esta inclusão que é importante. E eu própria tento adaptar-me à realidade e fazer o melhor possível dentro dos meus saberes.</p>	
Entrevistador	<p>Durante a sua carreira já teve na sala alunos com deficiência? De que tipo? (mental, física, sensorial, multideficiência)</p>	
Educadora 1	<p>Sim. Meninos com dificuldades de aprendizagem já tive alguns e tive há cerca de quatro anos um menino que tinha um síndrome que eu agora não me lembro o nome. O menino está integrado nesta escola e que foi um menino que tinha uma deficiência mental. Os progressos dele foram tão grandes, tão grandes, que realmente vê-se que o facto, que é este tipo de trabalho que nós</p>	

	<p>desenvolvemos na sala, não é multideficiente esta criança, mas tinha uma deficiência mental. Mas é um menino que hoje está no primeiro ciclo, já está a ler e que foi ótimo porque foi um trabalho que se viu crescer e que foi muito, muito bom até para os outros porque a interação que havia, as aprendizagens que ele fez e, realmente com o problema que ele tinha pensava-se que não ele não chegaria tão longe e chegou, graças a Deus que chegou, e foi muito bom e nós ficámos satisfeitos</p>	<p>E a que conclusão chegou?</p>
<p>Entrevistador Educadora 1</p>	<p>Acha que foi proveitoso o trabalho que desenvolveu com esse aluno? Foi muito, muito proveitoso.</p>	<p>Que o trabalho que foi desenvolvido foi bom. Mas repare, esta criança, tinha o currículo do pré-escolar adaptado, comunicava, e era mais "fácil", para mim, trabalhar com ele. No caso da multideficiência, é mais complicado porque eu não tenho qualquer formação.</p>
<p>Entrevistador Educadora 1</p>	<p>Como define o aluno com multideficiência? Um aluno com multideficiência é uma criança com um conjunto de défices a vários níveis. Pronto é um conjunto de dificuldades a nível ... sobretudo a nível motor, a nível da linguagem, a nível cognitivo que, perante os outros, ... as crianças veem perfeitamente que são crianças totalmente diferentes dos outros.</p>	
<p>Entrevistador Educadora 1</p>	<p>Quais as primeiras preocupações que sentiu, face à presença de alunos com multideficiência, na classe do regular? Foi esta questão: como é que eu vou trabalhar com estes meninos? Do que é que eu preciso de me apetrechar, de estratégias e de metodologias e de alguns saberes para trabalhar com estes meninos. Como é que eu vou trabalhar com estes meninos?</p>	<p>E consegue esse tipo de trabalho colaborativo? Dê um exemplo Exemplo de trabalho cooperativo</p>
<p>Entrevistador Educadora 1</p>	<p>Que iniciativas considera importantes para a inclusão desses alunos na turma que leciona? Primeiro a formação. Eu acho que a nível do Agrupamento poderia haver, e ainda mais agora que nós temos uma Unidade aqui no Agrupamento poderia haver ou deveria haver formação para os educadores e professores que têm esses meninos, para lhe fornecerem estratégias e formas de trabalhar com estas crianças porque a professora de Educação especial que aqui vem, embora esteja na sala e está com os meninos a trabalhar mas eu às vezes falo com ela no sentido de nós as duas trabalharmos a pares e eu adquirir mais saberes neste âmbito.</p>	<p>Na sala as crianças tanto trabalham individualmente, como a pares, pequeno ou grande grupo. Os mais velhos costumam ajudar os mais novos ou outros que têm mais dificuldade.</p>
		<p>Porquê?</p>
		<p>Porque ao ver as crianças, fiquei preocupada, não me sentia segura, porque era a 1ª vez que ia trabalhar com estas crianças.</p>

Entrevistador Educadora 1	Pede colaboração à professora de EE? Sim, sim. E na construção dos materiais também.	
Entrevistador Educadora 1	Considera positiva a inclusão de alunos com multideficiência nas salas do ensino regular? - para esses alunos? - para os outros alunos? Acho positivo para os dois lados.	
Entrevistador Educadora 1	Quais as possíveis soluções que julga importantes implementar para melhorar o funcionamento da escola inclusiva Uma coisa que nós fazemos, aliás que já fizemos no início do ano e que é importante também. Nas reuniões de pais que tivemos no início do ano, os pais foram informados todos, nós temos três salas, os pais foram informados que tínhamos meninos com NEE e alguns meninos multideficientes que iriam integrar as nossas salas e que iriam fazer parte de duas e que ... para terem conhecimento disso, para os pais saberem que, nós como escola, que recebemos esses meninos tal e qual como os outros e que daremos o melhor, faremos o melhor para eles. Depois essa questão da formação que eu já falei e que é importante.	Acha muito importante a reunião com pais porque...? A reunião que referi é a reunião de início do ano e é importante que os pais saibam a constituição da turma e porque é que aqueles meninos estão ali – Criação da Unidade e trabalho em parceria com outros técnicos.
Entrevistador Educadora 1	E em relação aos recursos materiais, o que é que acha? Os recursos, eu pessoalmente, na sala que tenho. Para estes meninos, eu não tenho materiais de trabalho para estes meninos.	E sente necessidade de alguns recursos em particular?
Entrevistador Educadora 1	E relativamente aos recursos humanos? Neste momento, a forma como estes dois meninos estão organizados na minha sala, os recursos humanos, neste momento acho que estão bem a funcionar	Sinto necessidade de alguns materiais mais adequados a estas crianças.
Entrevistador Educadora 1 Entrevistador Educadora 1	Será que a inclusão muda a prática pedagógica? Muda, muda sim. A nível de quê... Muda porque nós tentamos, quando eu planifico para amanhã, para a semana, eu sei que tenho aqueles meninos na sala e tento adaptar algumas atividades a esses meninos. Há mudanças na prática pedagógica, na preparação dos materiais e na avaliação.	
Entrevistador	Quais as barreiras e os facilitadores que encontra para a	

Educadora 1	<p>promoção da inclusão de alunos com multideficiência</p> <p>O que é que eu penso?</p> <p>Barreiras ... isto já se torna um bocadinho repetitivo ... barreiras propriamente, eu acho que os pais que eu tenho na sala, acho que aceitam, isto é um aspeto, que aceitam bem estes meninos e não veem ... pronto , aceitam e veem com bons olhos e que acham que a inclusão que poderá beneficiar.</p> <p>Por outro lado, às vezes quando falamos e até mesmo aqui com os auxiliares, há um ou outro que põe ... mas que benefícios, o que é que estes meninos aqui, na multideficiência, poderão lucrar, entre aspas, em fazer parte de uma turma onde eles, muitas das atividades não são adequadas a eles, visto que, o desenvolvimento deles está muito aquém da faixa etária.</p>	Então a nível educativo vê benefícios?
Entrevistador	Sente que há aquela ideia que os meninos vêm para a escola só para aprender a ler e a escrever?	<p>Sim, vejo. A adaptação foi boa. O grupo aceita bem a “diferença”, brincam juntos e estabelecem uma boa interação. Sentem-se felizes e as aprendizagens vão acontecendo ... Importante não esquecer que estas crianças precisam sempre do apoio/supervisão do adulto durante todas as atividades desenvolvidas, de forma a serem trabalhadas todas as áreas do seu CEI.</p>
Educadora 1	<p>Sim, sim.</p> <p>Poderá ... não é propriamente uma barreira mas há ainda aquela ideia que estes meninos, enfim, deveriam estar num espaço que fosse unicamente dedicado a eles e não fazerem parte do grupo regular.</p> <p>Outras barreiras ... no meu espaço, não estou a ver. Tento falar umas com as outras sobre isso, pois é importante. Sei que nalgumas escolas, muitas vezes questionam-se sobre os recursos humanos porque estas crianças necessitam realmente de um atendimento muito individualizado. No meu aspeto, eu tenho vinte meninos, dois com multideficiência, mas eu tenho meninos de três anos muito dependentes ainda e meninos de quatro. Os meninos de cinco são mais autónomos e todos eles nos procuram muito. Eu gostaria de me dedicar mais a esses meninos mas não tenho ... se esses meninos não tivessem um acompanhamento de outro adulto, isso para mim seria uma barreira muito grande porque eu não conseguiria chegar a eles.</p>	
Entrevistador	<p>Já referiu que sente que será necessário formação para melhorar as práticas inclusivas.</p> <p>Que tipo de formação acha necessária?</p> <p>Que áreas/tópicos deveria abranger essa formação</p>	
Educadora 1	Na multideficiência, relativamente aqui, ... que	

	<p>estratégias é que eu posso e que atividades é que eu posso desenvolver com meninos com este tipo de deficiências, que materiais eu devo usar, que estratégias eu devo usar, que leituras eu devo fazer também porque para ter alguma fundamentação científica sobre isso. Darem-me algumas soluções, algumas estratégias, algumas formas de trabalhar com estes meninos.</p>	
<p>Entrevistador Educadora 1</p>	<p>E qual a modalidade? (oficina de formação, ensino à distancia, ...) Depende, a oficina de formação até poderia ser uma delas. Podia ser que nós pudéssemos construir alguns materiais e, como temos os meninos, aplicá-los em sala de aula e ver até que ponto é que são adaptados aos meninos e os meninos são recetivos porque, por exemplo, eu tenho dois meninos com multideficiência, mas são muito diferentes um do outro. São problemas completamente diferentes, são deficiências completamente diferentes e que necessitam de atividades completamente diferentes e outros estímulos. São coisas que nós precisamos que nos digam, que nos deem algumas indicações de formas de trabalhar e estratégias de trabalhar todos os dias.</p>	<p>Formação com pontos de reflexão continuada no tempo como no MEM?</p> <p>Sim, podia ser uma opção.</p>
<p>Entrevistador Educadora 1</p>	<p>Gostaria de acrescentar alguma coisa? Gostaria ... pronto, já referi a inclusão realmente é vista como um beneficio para todos, tanto para os meninos com multideficiência, como para o próprio grupo e como para nós porque nós aprendemos muito com estes meninos. Geralmente temos de ter as condições ideais, a nível de materiais, que pelo menos aqui ao nível de sala de aula são escassos, praticamente nenhuns para estes meninos. A nível de recursos humanos, mais ou menos, as coisas estão, neste momento, as coisas estão equilibradas porque felizmente conseguimos ter sempre um adulto com essa criança. Agora nós, os adultos, é que deveríamos de nos apetrechar realmente de alguma formação neste âmbito para que possamos realizar algumas atividades com consciência e ter a convicção de que aquilo que eu estou fazendo está correto.</p>	
<p>Entrevistador</p>	<p>Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e colaboração, indispensáveis à consecução desta tarefa.</p>	

Entrevista à Educadora 2

Entrevistador	<p>Antes de iniciar esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação, do mestrado em Educação Especial, sobre as atitudes dos professores do regular face à inclusão de crianças com multideficiência nas salas do ensino regular, tenho a informar que é da máxima importância a sua participação no desenvolvimento do meu trabalho.</p> <p>O objetivo deste trabalho é realizar entrevistas reflexivas que serão passadas em três momentos distintos. É importante ficar assente que não há respostas corretas ou erradas.</p> <p>Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato de cada participante.</p>
Entrevistador Educadora 2	<p>Começo por perguntar a sua idade</p> <p>Tenho 48 anos</p>
Entrevistador Educadora 2	<p>E quais são as suas habilitações académicas?</p> <p>11º ano. Curso de educadores de infância. Licenciatura</p>
Entrevistador Educadora 2	<p>Qual é o seu grupo de docência?</p> <p>Educadora de Infância, grupo 100</p>
Entrevistador Educadora 2	<p>E a escola onde exerce?</p> <p>Jardim-de-infância do Centro Educativo de Santiago Maior</p>
Entrevistador Educadora 2	<p>Há quantos anos exerce a profissão docente?</p> <p>26 anos</p>
Entrevistador Educadora 2	<p>Exerceu outras atividades/cargos além da função docente?</p> <p>Sim, trabalhei no setor infantil da Biblioteca Municipal e também fui coordenadora da ludoteca da Casa do Lago e trabalhei na biblioteca escolar como coordenadora das bibliotecas de Santiago Maior.</p>
Entrevistador Educadora 2	<p>Que outras formações/especializações realizou ao longo da sua carreira?</p> <p>Muitas, em todas as áreas. Durante doze anos que estive na Câmara foi mais à base do lúdico, entretanto quando recomecei no ativo comecei outra formação. Já tive formação na área das ciências, na área da escrita, da matemática, das expressões.</p> <p>Fiz licenciatura e o meu complemento foi na área das expressões integradas.</p>

Entrevistador	Como se prepara para atualização de conhecimentos face às mudanças no currículo?	
Educadora 2	<i>Através de leituras e procuro ir a conferências, ações de formação e através da internet, principalmente, porque aí temos acesso ao site do Ministério para me manter atualizada.</i>	
Entrevistador	E qual a motivação que a leva a frequentar Ações de Formação que são oferecidas ao seu grupo de docência.	
Educadora 2	<i>O enriquecimento da minha ação e também para me motivar</i>	
Entrevistador	Já frequentou alguma Ação de Formação na área das NEE?	
Educadora 2	<i>Já várias. A última que frequentei foi sobre meninos surdos. E aqui na escola foi uma com a terapeuta da fala sobre consciência fonológica. E também fui a uma conferência sobre dislexia.</i>	
Entrevistador	Na formação inicial foi-lhe oferecida alguma formação sobre NEE?	
Educadora 2	<i>Foi, mas não especificamente. Foi muito pouco.</i>	
Entrevistador	Tem alguma formação na área da Educação Especial?	
Educadora 2	<i>Não.</i>	
Entrevistador	Acha pertinente a frequência de formação contínua na área da EE?	
Educadora 2	<i>Acho muito importante</i>	
Entrevistador	O que é para si a inclusão?	
Educadora 2	<i>A inclusão com meninos com multideficiência? ...</i>	
Entrevistador	O que acha que significa inclusão	
Educadora 2	<i>Eu já tive meninos ... tive várias experiências, todas elas diferentes. Há três anos foi com meninos surdos em que a inclusão era perfeita. Apesar de ser uma menina surda ela estava perfeitamente integrada no ambiente e eu acho até que foi uma mais-valia para ela. Para ela e não só, também para os outros colegas porque o facto de ela estar inserida no grupo acabou por lhes dar acesso à língua gestual, acabou por também a nível da ajuda que eles davam, do apoio que lhe davam, não era só uma menina surda, tinha também problemas a nível cognitivo e então essa interajuda também foi uma mais-valia para os outros meninos, ditos normais.</i>	
Entrevistador	Então concretamente o que é a inclusão?	
Educadora 2	<i>A inclusão é os meninos participarem em todas as</i>	

	<p>atividades. Nós também temos as mesmas atividades para meninos de três, quatro e cinco anos mas essas atividades não são feitas de igual forma. Nós depois adaptamos conforme as competências que cada criança tem. Portanto eu penso que no caso do Alex. Porque é um menino que está integrado aqui nesta sala, nós procuramos que ele faça as mesmas atividades só que, como ele tem certas limitações, fará de outra forma.</p>	<p>Quer especificar algum tipo de adaptações?</p>
<p>Entrevistador Educadora 2 Entrevistador Educadora 2</p>	<p>O que a distingue da integração Não percebi bem essa pergunta. Se há diferença entre inclusão e integração. Eu penso que inclusão ... (ou integração) portanto ... não sei responder a essa pergunta</p>	<p>Por exemplo quando contamos uma história, mostramos as imagens ao aluno, deixamos ele mexer no livro... Quando fazemos uma dança ou cantamos uma canção fazemos com que ele preste atenção pois ele gosta muito de música. Acalma com música clássica.</p>
<p>Entrevistador Educadora 2</p>	<p>E quais as Vantagens ou desvantagens que vê na inclusão? Bom, a desvantagem no caso do Alex., eu posso falar no caso deste menino que é um caso presente. Nalgumas atividades eu tenho dificuldade. Primeiro porque como não tenho muitas bases para trabalhar com crianças com esses problemas, nunca sei se estou a fazer bem ao nível da dinamização da atividade. Como ele tem um período de atenção muito curto, acaba por perturbar muito algumas atividades. Porque é uma criança que quando não está satisfeita, grita e quando está satisfeita, grita e isso acaba por prejudicar a atividade que está a ser desenvolvida. Vantagens, tal e qual como há bocadinho, eu referi, aqui com o Alex., tal e qual como com a outra menina surda aqui também há uma interajuda, uma partilha, o mostrar como é que se faz por parte dos outros meninos.</p>	<p>Já me consegue dizer o que as distingue?</p>
<p>Entrevistador Educadora 2</p>	<p>E como vê o seu papel enquanto professora na promoção da inclusão na sua sala de aula? O meu papel é proporcionar a inclusão, é proporcionar ... dar espaço a que essa criança também possa participar nas atividades</p>	<p>Eu acho que é na forma como está na sala. Na integração está lá mas não faz as mesmas coisas dos outros, faz outras atividades totalmente diferentes. Na inclusão o aluno faz parte do grupo, participa nalgumas atividades dos outros. Mas no caso do Alex, é muito difícil participar pois é um aluno que não interage com os outros.</p>
<p>Entrevistador Educadora 2</p>	<p>Durante a sua carreira já teve na sala alunos com deficiência? De que tipo? (mental, física, sensorial, multideficiência) Sim, foi o caso de alunos surdos e também com</p>	<p>Como é que proporciona? Como e em que medida participa?</p>
		<p>Fazendo com que os outros meninos interajam com ele, que compreendam que ele é diferente. A sua participação é muito limitada mas tanto eu como a professora de EE fazemos com que ele esteja presente quando os meninos cantam e dançam para ela conviver com os outros.</p>

	<p>multideficiência mas já há muitos anos atrás e nessa altura a nível de apoio eu não tinha muito, até nesse ano tive dois meninos deficientes e era muito difícil trabalhar com essas crianças, porque eu, para além dessas duas crianças deficientes, eu tinha mais vinte e três crianças ditas normais e muito deles com três anos. Eu penso que nesse caso é desvantajoso nós não estamos para esses meninos, nem estamos para os outros. Para além disso eu estava sozinha e só tinha uma auxiliar para duas salas. Essa auxiliar tinha de se desdobrar pelas duas salas e na outra sala também havia meninos deficientes e era complicado nós chegarmos a esses meninos. Penso que nesse caso é desvantajoso. Não devia de haver inclusão quando não há meios técnicos para acompanhar. E tenho agora o Alex. Com multideficiência.</p>	
<p>Entrevistador Educatora 2</p>	<p>Como define o aluno com multideficiência? É um menino que tem limitações a todos os níveis. A nível motor, cognitivo. No caso do Alex. Ele não se desloca sozinho, ele não realiza uma atividade sozinho, há necessidade de se estar sempre com ele. Ele não se exprime, não se consegue exprimir espontaneamente.</p>	
<p>Entrevistador Educatora 2</p>	<p>E quais as primeiras preocupações face à presença de alunos com multideficiência na classe regular? A primeira mesmo foi que eu não tenho formação suficiente para trabalhar com uma criança com multideficiência, não tenho conhecimentos. A primeira coisa que eu fiz quando o Alex. foi integrado, no ano passado, foi aquilo que fiz também quando tive um menino surdo com um implante coclear ou com uma menina surda, o que fiz tentar fazer formação e ler</p>	<p>E a nível de sala de aula quais as iniciativas que tomou para a inclusão do aluno?</p>
<p>Entrevistador Educatora 2</p>	<p>Que iniciativas considera importantes para a inclusão desses alunos na turma que leciona? A nível dos meninos surdos, eu participei numa ação de formação de 50 horas sobre meninos surdos e com problemas e agora a nível do Alex. que tem síndrome de West, aquilo que eu tentei foi fazer pesquisa na internet e junto dos técnicos que o acompanham, pedir dicas e informações sobre a forma como se deve</p>	<p>Falar com os meninos para aceitarem o aluno na sala e recebê-lo na sala da mesma forma que recebo os outros para o envolver nas atividades em que pode estar presente.</p>

Entrevistador	proceder com meninos com esses problemas.	
Educadora 2 Entrevistador	Considera positiva a inclusão de alunos com multideficiência nas salas do ensino regular? - para esses alunos? - para os outros alunos? No jardim-de-infância? Sim	
Educadora 2	Penso que sim, que é positivo, desde que, tal como eu disse há pouco, desde que seja acompanhados por técnicos porque se isso não acontecer, são miúdos que nos absorvem. O Alex. já faz algumas atividades em que fica sozinho porque assim achámos que deveria de ser, de vez em quando, se os técnicos que habitualmente que estão com ele permanecessem na sala, para ele se ir habituando a mim. Porque ele acabava por se refugiar nas técnicas e acabava por não se aproximar nem me deixar aproximar e nesses momentos em que ele está sozinho, é difícil eu dar atenção às outras crianças porque ele é completamente dependente. Eu estou-me a ver sozinha, mesmo que esteja com uma auxiliar, com um menino nessa situação. Aí eu não poderei dar o apoio e trabalhar com ele de forma a ser positivo para ele. Será sempre negativo, tanto para ele como para os colegas. Mas desde que tenha um apoio técnico, eu acho que sim que é positivo. Para os outros alunos, se for devidamente acompanhado, eu acho que é uma mais-valia, mesmo na relação,... a forma como as outras crianças, ditas normais, se relacionam com os outros com deficiência, os meninos diferentes, é completamente diferente. Nós víamos no princípio que eles ficavam um bocadinho afastados, agora não, eles procuram ajudá-lo e até, às vezes, temos de dizer: deixa-o fazer sozinho, não faças por ele. Porque eles procuram mesmo fazer as coisas por ele, tal é a ansia de ajudar e de mimar o Alex. O Alex. é muito mimado aqui, principalmente por os mais pequeninos.	
Entrevistador	Quais as possíveis soluções que julga importantes implementar para melhorar o funcionamento da escola inclusiva	
Educadora 2	Eu penso que parte tudo da formação, da nossa	

	<p>formação mas uma formação que não seja só teórica porque aquilo que nós apanhamos nos livros e na internet acaba por não ser o suficiente. Ser uma formação em que haja troca de experiências e... (olha a mim aconteceu-me assim, como é que tu fizeste, nesta situação?) acho que é muito mais positivo do que a parte teórica que aquilo, às vezes dá-nos muito pouco para trabalhar com esses meninos.</p> <p>Em relação aos recursos, com a mudança para aqui, nós acabámos por nos aproximar, como temos a sala de multideficiência aqui próximo, penso que a nível de recursos não está mal. Melhorou bastante.</p>		
<p>Entrevistador Educadora 2</p>	<p>Será que a inclusão muda a prática pedagógica?</p> <p>Eu penso que muda positivamente porque ao trabalharmos com crianças com problemas acabamos por estar mais despertas para certas coisas, mesmo em relação aos outros miúdos.</p> <p>A nível da minha prática e também o facto de me despertar para outras coisas.</p> <p>- Relativamente à construção e adaptação de materiais</p>	<p>Como por exemplo?</p> <p>Para o benefício que estes meninos têm em conviver com os outros meninos ditos normais e para o benefício que os outros têm em aprender a conviver com crianças com deficiência</p>	
<p>Entrevistador Educadora 2</p>	<p>No início eu tentava mudar um bocadinho as atividades mas cheguei à conclusão que seria melhor não. Aquilo que nós passámos a fazer foi: eu faço a atividade tal e qual como iria fazer para as outras crianças e depois a técnica que está com ele é que vai adaptando a atividade. Aquilo que eu mudei, no caso de Alex., foi a introdução de muita música, que é também uma mais-valia para os outros</p>	<p>Se a introdução da música foi uma mais-valia, não poderão ser introduzidas outras estratégias ou atividades benéficas para o aluno e para os outros?</p>	
<p>Entrevistador Educadora 2</p>	<p>Quais as barreiras e os facilitadores que encontra para a promoção da inclusão de alunos com multideficiência</p> <p>As barreiras são a falta de apoio e a falta de formação.</p> <p>Ao nível dos materiais, aqui nesta sala, por exemplo se eu tivesse um computador diferente. O aluno tem na sala de multideficiência, um táctil. Na segunda-feira a professora de EE mostrou um vídeo com o Alex. a trabalhar no computador e isso seria uma mais-valia nós termos um computador aqui porque o Alex. transformou-se completamente. Eu penso que se nós tivéssemos alguns materiais aqui também, adaptados de forma a que ele tenha sucesso</p>	<p>Sim talvez mas ele é muito limitado nas atividades que ainda não conseguimos desenvolver outras coisas que pudéssemos envolvê-lo com a turma, além da música e da dança.</p>	
		<p>E já pensaram em adaptar algum material?</p>	<p>A adaptação do material até agora tem estado a cargo da professora de EE que tem produzido jogos no computador e tem adaptado bonecos para ele acionar mas estão na Unidade e às vezes traz para mostrar aos colegas como ele trabalha.</p>

	<p>também ao jogar com os outros. No entanto com a sala de multideficiência fica aqui perto, para ele está solucionado, no entanto era também bom ele ter sucesso no meio do grupo. E muitas vezes não tem porque não tem materiais adaptados para ele</p>	
Entrevistador	E sente que será necessário formação para melhorar as práticas inclusivas?	
Educadora 2	Eu acho que sim.	
Entrevistador	Que tipo de formação acha necessária?	
Educadora 2	Tal e qual como eu disse há bocado, formação em várias áreas. Mas uma formação essencialmente prática	
Entrevistador	E qual a modalidade?	
Educadora 2	É na modalidade mais de oficina, uma formação que tem mais prática e dá mais oportunidade de nós fazermos e trocarmos experiências.	
Entrevistador	Que áreas/tópicos deveria abranger essa formação	
Educadora 2	Os tópicos a abordar são tantos mas por exemplo, como trabalhar com essas crianças. É que nós já não partimos bem da estaca zero porque já tivemos algumas luzinhas com os técnicos que estão a trabalhar com esses meninos, mas eu partiria mesmo do zero para podermos avançar.	
Entrevistador	Gostaria de acrescentar alguma coisa?	
Educadora 2	Não	
Entrevistador	Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e colaboração, indispensáveis à consecução desta tarefa.	

Entrevista à Professora 1

Entrevistador	<p>Antes de iniciar esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação, do mestrado em Educação Especial, sobre as atitudes dos professores do regular face à inclusão de crianças com multideficiência nas salas do ensino regular, tenho a informar que é da máxima importância a sua participação no desenvolvimento do meu trabalho.</p> <p>O objetivo deste trabalho é realizar entrevistas reflexivas que serão passadas em três momentos distintos. É importante ficar assente que não há respostas corretas ou erradas.</p> <p>Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato de cada participante.</p>	
Entrevistador Professora 1	<p>Começo por perguntar a sua idade</p> <p>Tenho 49 anos</p>	
Entrevistador Professora 1	<p>E quais são as suas habilitações académicas?</p> <p>Licenciatura</p>	
Entrevistador Professora 1	<p>Qual é o seu grupo de docência?</p> <p>Primeiro Ciclo</p>	
Entrevistador Professora 1	<p>E a escola onde exerce?</p> <p>Centro Educativo de Santiago</p>	
Entrevistador Professora 1	<p>Há quantos anos exerce a profissão docente?</p> <p>17 anos</p>	
Entrevistador Professora 1	<p>Exerceu outras atividades/cargos além da função docente?</p> <p>Não</p>	
Entrevistador Professora 1	<p>Que outras formações/especializações realizou ao longo da sua carreira?</p> <p>Ações de formação nas diferentes áreas ... tenho em relação à informática, ao Estudo do Meio - às Ciências, sobre a dislexia ... tinha de ver o meu processo, foram muitas mas todas viradas para a área da educação, em relação às crianças.</p>	
Entrevistador Professora 1	<p>Como se prepara para atualização de conhecimentos face às mudanças no currículo?</p> <p>Preparo-me participando em ações de formação.</p>	
Entrevistador Professora 1	<p>E qual a motivação que a leva a frequentar Ações de Formação que são oferecidas ao seu grupo de docência.</p> <p>A curiosidade ... o interesse em relação a determinados alunos que tenho nas diferentes turmas, às necessidades que vão aparecendo, à</p>	

	<p>complexidade das crianças de hoje em dia - as turmas são muito complexas, há uma grande variedade de problemas com inserção das crianças dos vários níveis, dos problemas que eles têm a nível intelectual, social, o problema também da família. A família é extremamente importante para a formação das crianças e nós temos de estar atualizados para dar resposta a essas situações que são cada vez mais variáveis e complexas.</p>	
<p>Entrevistador Professora 1</p>	<p>Já frequentou alguma Ação de Formação na área das NEE? Acho que sim mas não me recordo mas o meu curso, na minha formação, nós tivemos Ensino Especial</p>	
<p>Entrevistador Professora 1</p>	<p>Então na formação inicial foi-lhe oferecida alguma formação sobre NEE? Sim</p>	
<p>Entrevistador Professora 1</p>	<p>Tem alguma formação na área da Educação Especial? Especificamente não.</p>	
<p>Entrevistador Professora 1</p>	<p>Acha pertinente a frequência de formação contínua na área da EE? Sim. Principalmente agora porque a minha turma tem vários casos de Ensino Especial e cada caso é um caso diferente e sinto a necessidade de me aproximar dessas crianças. E só através de uma formação é que nós conseguimos trabalhar com elas. Porque estou a trabalhar com elas mas é em parte. Pela minha experiência que tive anteriormente, com a experiência de ensino e com aquilo que tenho aprendido com os professores de Educação Especial.</p>	
<p>Entrevistador Professora 1</p>	<p>Já que estamos a falar que tem alunos de Educação Especial na sua sala, o que é para si a inclusão? A inclusão É incluir crianças ditas diferentes, não é, que têm problemas específicos numa turma em que as outras crianças têm um percurso dito normal no ensino, nas aprendizagens e na parte cognitiva e motora, não é?</p>	<p>Gostaria de aprofundar mais o que pensa que é a inclusão. A inclusão para mim é perceber e entender as necessidades educativas especiais de todos os alunos na sala de forma a ajudá-las no seu percurso escolar e desenvolvimento pessoal</p>
<p>Entrevistador Professora 1</p>	<p>A sua opinião é que interessa. É isso que eu acho.</p>	

Entrevistador Professora 1	E o que acha que distingue a inclusão da integração ... Essa é difícil ... a inclusão é ... deixa lá procurar a palavra ... integrar é uma forma de integrar crianças num determinado grupo escolar e inclusão é por exemplo um grupo diferente de etnia diferente estar dentro da sociedade, da turma, não é?	E as crianças com NEE são ou não diferentes? Todas as crianças são diferentes. Estas crianças com NEE têm características específicas e especiais: físicas e cognitivas.
Entrevistador Professora 1	O que se pretende é que diga o que acha. Pois é isso	Será que estamos a incluir ou a integrar essas crianças?
Entrevistador Professora 1	E quais as Vantagens ou desvantagens que vê na inclusão? A inclusão. Eu acho que depende dos problemas que as crianças têm. Porque há crianças que deveriam estar a tempo inteiro dentro da sala de aula porque conseguem acompanhar nalguns aspetos a dinâmica da turma mas há outras crianças que deveriam ter só um determinado período dentro da sala de aula para estar em contato com as outras crianças para trabalhar com as outras crianças mas ao mesmo tempo porque têm outro tipo de necessidade que é necessário retirá-las da sala para trabalhar o aspeto motor, a fala ou as sensações, ter outro tipo de atividades mas fora da sala de aula	Estamos a integrá-las em turmas “especiais” porque a inclusão é para todos. E o que se trabalha na sala de aula com a criança? Atividades onde desenvolvam a destreza manual, jogos, pinturas, dobragens, contagens
Entrevistador Professora 1	E como vê o seu papel enquanto professora na promoção da inclusão na sua sala de aula? Eu acho que sou um fio condutor. Mas isso, faço com todas as crianças, tenho de descer ao nível da criança para tentar chegar até ela e ensinar alguma coisa e ser o fio condutor para o resto da turma. Ajudá-las, de forma a que, as outras crianças também não se sintam ressentidas ou não aceitem a diferença. Acho que também parte do professor a atitude que o professor tem dentro da sala de aula para não haver atritos “entre aspas” entre as crianças. As outras também têm que aceitar a diferença porque hoje em dia, na sociedade, todos somos diferentes e cada vez se sente mais e há mais diferenças quer a nível físico, cognitivo mas também cultural, religioso, tudo.	E o que é descer ao nível da criança, com problemáticas cognitivas, por exemplo? É realizar com elas atividades mais simples que elas sejam capazes de fazer
Entrevistador Professora 1	Acha que tem conseguido esbater essas diferenças dentro da sua sala? Sim.	Como o faz? Trabalho individualmente ou em grupo

Entrevistador	Durante a sua carreira já teve na sala alunos com deficiência? De que tipo? (mental, física, sensorial, multideficiência)	
Professora 1	Já tive dois anos em que eram com problemas cognitivos os dois. Eram crianças que tinham, uma idade cognitiva inferior à idade que tinham à faixa etária.	
Entrevistador	E sentiu dificuldades nessa altura? Como foi o primeiro contacto que teve com essas crianças? Como se sentiu?	
Professora 1	Eu tento sempre adaptar-me, aceitá-las e depois tentar trabalhar, ver os limites, conhecê-las, conhecer o ambiente familiar e dar-lhe muito apoio. Não é só o apoio moral mas também o apoio afetivo que às vezes é isso que faz com que a gente se aproxime mais delas e depois trabalhar com elas.	E em termos de trabalho na sala de aula É complicado, porque a turma tem vários grupos, cada criança necessita do apoio e atenção do professor.
Entrevistador	Como define o aluno com multideficiência?	
Professora 1	Um aluno com multideficiência é o caso da minha aluna, não é?	
Entrevistador	Sim	
Professora 1	É um aluno que tem dificuldades cognitivas, motoras, vários tipos de dificuldades	
Entrevistador	Já respondeu um pouco anteriormente, mas quais as primeiras preocupações face à presença de alunos com multideficiência na classe regular?	
Professora 1	Que sejam aceites pelo grande grupo	
Entrevistador	Que iniciativas considera importantes para a inclusão desses alunos na turma que leciona?	E adapta a dinâmica da sala a esses alunos?
Professora 1	É trata-los como se não tivessem dificuldades, trata-los como qualquer outra criança, não fazer diferença. Desenvolvo um trabalho mais individualizado com eles, os trabalhos estarem de acordo com o grau de dificuldade que eles têm e inclui-los nos outros trabalhos de grupo do grande grupo em tudo o que seja manual, tudo o que seja determinada informação falar também para eles, se houver um trabalho em grupo eles estarem também em grupo, não estarem à parte e quando há discussões dentro da sala de aula também perguntar a opinião deles porque eles sentem-se bem, a importância com que vão participar.	Quando necessário, sim. Poderia dar exemplos uma vez que tem duas crianças na sala? As crianças dão a sua opinião, participam com o trabalho manual, distribuir livros e cadernos aos colegas, marcar as presenças, etc.
Entrevistador	Considera positiva a inclusão de alunos com multideficiência nas salas do ensino regular?	Em que aspetos? Sensibilizar e aceitar as diferenças.

Professora 1	É positiva.	<p>E quais os benefícios para os alunos com multideficiência?</p> <p>O contacto com outras crianças e o desenvolver a autonomia</p> <p>Perguntas dirigidas a quem?</p> <p>Ao grupo turma ou a um aluno específico.</p> <p>Que pessoa?</p> <p>Alguém que dinamize atividades</p> <p>Exemplos de atividades</p> <p>Jogos, canções ou danças.</p>
Entrevistador Professora 1	<p>- para esses alunos?</p> <p>- para os outros alunos?</p> <p>Para todos. Porque os outros, como eu disse anteriormente, têm que estar habituados e aceitar as diferenças.</p>	
Entrevistador Professora 1	<p>Quais as possíveis soluções que julga importantes implementar para melhorar o funcionamento da escola inclusiva</p> <p>A formação do professor titular. Porque o professor titular não tem formação específica. Haver também materiais adequados aos alunos dentro da sala de aula. Estes alunos estarem mais acompanhados. Não é o caso deste ano nem do ano passado. Por professores especializados dentro da sala de aula para apoiar o professor. Essencialmente é isso. Recursos humanos essenciais, adaptação e produção de materiais e a formação.</p>	
Entrevistador Professora 1	<p>Será que a inclusão muda a prática pedagógica?</p> <p>Muda. Eles vão estar integrados numa turma que tem um percurso escolar, têm uns objetivos a cumprir. Ao estarem incluídos esses miúdos dentro da sala de aula o professor tem de reformular todas as suas estratégias e os objetivos estarem também adequados a esses meninos. As estratégias têm de ser diferentes, a forma de falar também, mais devagar, perguntas mais simples para todos se estarem a sentir incluídos na sala de aula.</p>	
Entrevistador Professora 1	<p>E é nessa área que sente que precisa de preparação?</p> <p>Sim</p>	
Entrevistador Professora 1	<p>Quais as barreiras e os facilitadores que encontra para a promoção da inclusão de alunos com multideficiência</p> <p>Barreiras ... dentro da sala de aula? ...</p> <p>Dentro e fora</p> <p>Na sala de aula talvez não, estou falando na minha, não haja barreiras mas nos intervalos, por exemplo, não vemos muito os miúdos a brincar com os outros colegas. Deveria haver uma pessoa que dinamizasse atividades</p>	
Entrevistador	<p>Já referiu que sente que será necessário formação para melhorar as práticas inclusivas.</p> <p>Que tipo de formação acha necessária?</p>	

Professora 1	<p>Que áreas/tópicos deveria abranger essa formação</p> <p>Eu sinto mais necessidade é que atividade fazer com essas crianças. O que é que eu vou fazer com elas. Normalmente, pego no tema que estou a trabalhar com o grande grupo e adapto em coisas mais simples mas não sei se estou a fazer bem nem se estou a fazer mal. O que é que é preciso porque eu tenho vários tipos de crianças do Ensino Especial, de vários problemas o que é que eu faço com um e depois o que é que eu faço com o outro. Quer dizer, é esse tipo de atividades... que tipo de atividades é que eu vou fazer com elas. O que é que eu vou pôr no caderno. Que materiais, é que eu vou utilizar para trabalhar com eles. É isso que sinto necessidade.</p>	
Entrevistador	<p>E qual a modalidade? (oficina de formação, ação de formação, ...)</p>	
Professora 1	<p>Acho que poderia haver as duas coisas, ação de formação e oficina. A teoria e experiências dos colegas e depois o fazer. Exemplificar mas aprendendo a fazer os materiais</p>	
Entrevistador	<p>Gostaria de acrescentar alguma coisa?</p>	
Professora 1	<p>Não. Já disse tudo.</p>	
Entrevistador	<p>Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e colaboração, indispensáveis à consecução desta tarefa.</p>	

Entrevista à Professora 2

Entrevistador	<p>Antes de iniciar esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação, do mestrado em Educação Especial, sobre as atitudes dos professores do regular face à inclusão de crianças com multideficiência nas salas do ensino regular, tenho a informar que é da máxima importância a sua participação no desenvolvimento do meu trabalho.</p> <p>O objetivo deste trabalho é realizar entrevistas reflexivas que serão passadas em três momentos distintos. É importante ficar assente que não há respostas corretas ou erradas.</p> <p>Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato de cada participante.</p>	
Entrevistador Professora 2	<p>Começo por perguntar a sua idade</p> <p>Tenho 48 anos</p>	
Entrevistador Professora 2	<p>E quais são as suas habilitações académicas?</p> <p>Bacharel mais Licenciatura</p>	
Entrevistador Professora 2	<p>Qual é o seu grupo de docência?</p> <p>Primeiro Ciclo, grupo 110</p>	
Entrevistador Professora 2	<p>E a escola onde exerce?</p> <p>Centro Educativo de Santiago Maior</p>	
Entrevistador Professora 2	<p>Há quantos anos exerce a profissão docente?</p> <p>24 anos</p>	
Entrevistador Professora 2	<p>Exerceu outras atividades/cargos além da função docente?</p> <p>Não</p>	
Entrevistador Professora 2	<p>Que outras formações/especializações realizou ao longo da sua carreira?</p> <p>Fiz uma licenciatura em psicologia da educação. De resto só as formações que nós, docentes, fazemos, que vamos fazendo ao longo da carreira.</p>	
Entrevistador Professora 2	<p>Como se prepara para atualização de conhecimentos face às mudanças no currículo?</p> <p>Tentando, das formações que nos são oferecidas, tentando escolher e escolhendo sempre aquela que eu sinto que tenho mais necessidade. Quando há oferta disso, às vezes não há ofertas naquilo que eu sinto que preciso.</p>	
Entrevistador	<p>E qual a motivação que a leva a frequentar Ações de Formação que são oferecidas ao seu grupo de docência.</p>	

Professora 2	Além de colmatar essas necessidades também porque somos obrigados a fazê-las também e tento aliar as duas coisas como é óbvio.	
Entrevistador	Já frequentou alguma Ação de Formação na área das NEE?	
Professora 2	Daquelas acreditadas, de vinte e cinco horas ou cinquenta, não. Só pontuais de um dia, seminários.	
Entrevistador	Na formação inicial foi-lhe oferecida alguma formação sobre NEE?	
Professora 2	Que eu me recorde, não.	
Entrevistador	Tem alguma formação na área da Educação Especial?	
Professora 2	Formação não, no curso de psicologia, isso foi abordado mas é a única coisa.	
Entrevistador	Acha pertinente a frequência de formação contínua na área da EE?	
Professora 2	Claro que sim e cada vez mais porque nós cada vez mais somos confrontados com esses desafios, essas crianças que vêm que são incluídas nas nossas turmas e pronto, às vezes temos dificuldade em resolver alguns problemas e sentimos, se calhar, necessidade de dar respostas.	E que tipo de formação? Com que conteúdos?
Entrevistador	Já que estamos a falar em crianças incluídas nas turmas, o que é para si a inclusão?	
Professora 2	A inclusão que se tem estado a fazer de há alguns anos para cá é incluir, portanto, todas as crianças terem a possibilidade de terem as mesmas oportunidades ou as mesmas vivências. As crianças que têm aquelas necessidades que nós chamamos de especiais poderem ter vivências com as outras crianças dos currículos normais. E aí acho que todas partem a ganhar, tanto umas como outras.	Sobre o “tipo” de alunos que nos podem vir parar às mãos e a melhor maneira de trabalhar com eles.
Entrevistador	E o que acha que distingue a inclusão da integração	
Professora 2	Inclusão ... acho, se calhar que será mais abrangente e mais profundo, talvez ... inclusão ... enquanto que, integrar talvez não seja tão abrangente. Não sei se estou a fazer a leitura correta da palavra, se não mas inclusão parece ser uma coisa mais profunda, com mais profundidade onde a criança ... temos que	

	<p>direcionar para ela atenções especiais porque ela tem necessidades diferentes que temos que colmatar, temos de ir ao encontro. Depois acaba por ter experiências junto com as outras crianças, com atividades que os outros também fazem e que ela também pode fazer, aliás acaba por enriquecer tanto uns como outros porque têm vivências mais diversificadas.</p>	
<p>Entrevistador Professora 2</p>	<p>E quais as Vantagens ou desvantagens que vê na inclusão?</p> <p>Portanto era isso que eu estava a dizer. As que têm essas necessidades educativas especiais que acabam por ter as experiências e vivências que se calhar se não estivessem incluídas numa turma do regular, não teriam. E as outras crianças porque acabam por também ter vivências com essas crianças com NEE a acabam por ganhar o respeito a essas crianças e isso acaba por enriquecer todos.</p> <p>Desvantagens - pode ser um bocado a ansiedade de alguns professores, acho que há muitos professores e eu também posso-me incluir, um bocado, a ansiedade porque temos medo de não conseguir dar resposta às necessidades que aquela criança em particular tem e de dar resposta ao grupo turma grande e depois àquela criança em particular. Acho que aí pode ser uma desvantagem, não sei se, se pode chamar desvantagem ou um ponto mais fraco,</p>	<p>E como faz para dar essas respostas?</p> <div data-bbox="1050 1077 1461 1341" style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-top: 10px;"> <p>Tento sempre incluir essa criança em todas as atividades da turma onde tal é possível ou então adaptar "aquela" atividade à criança em particular.</p> </div>
<p>Entrevistador Professora 2</p>	<p>E como vê o seu papel enquanto professora na promoção da inclusão na sua sala de aula?</p> <p>Ah! Isso é muito importante. A professora acaba por ser o elo de ligação, no fundo entre todos. Entre a criança com NEE e as outras crianças. Acaba por haver ali um elo de ligação e pronto, é importante ter um elo de ligação, um elo forte e seguro.</p>	
<p>Entrevistador Professora 2</p>	<p>E sente-se preparada para tal?</p> <p>Acho que vou-me preparando aos poucos porque completamente, acho que nunca estamos.</p>	
<p>Entrevistador Professora 2</p>	<p>Durante a sua carreira já teve na sala alunos com deficiência? De que tipo? (mental, física, sensorial, multideficiência)</p> <p>Não. Talvez só agora de há quatro anos para cá é que tive mental, porque nos anos mais anteriores</p>	

<p>Entrevistador Professora 2</p>	<p>só as crianças que nós dizíamos com necessidades específicas de aprendizagem e não estas crianças com necessidades mais profundas. E agora a aluna com multideficiência.</p> <p>Como define o aluno com multideficiência? Como a palavra diz, multideficiência, várias deficiências ou vários handicaps, de mais do que uma natureza, portanto é isso que eu entendo, handicaps mentais e sensoriais, motores. Portanto tem de ser de vária natureza: multi - é isso que eu entendo.</p>	<p>Handicap é?</p> <p>Será uma desvantagem física ou mental. Todos nós temos um ou outro handicap. Eu tenho um handicap da visão já que uso óculos</p>
<p>Entrevistador Professora 2</p>	<p>E quais as primeiras preocupações face à presença de alunos com multideficiência na classe regular? Primeiro foi: será que eu conseguia dar resposta às necessidades da criança em particular e depois se eu conseguia, em simultâneo, dar resposta ao resto da turma, ao grupo turma todo e a ela em particular, ao mesmo tempo, em simultâneo, nos momentos em que a professora do Especial não estivesse na sala. Essa foi uma das preocupações.</p>	<p>Dar àquela e ao resto da turma. E a cada elemento da turma?</p> <p>Isso é sempre.</p> <p>Conseguiu resolver? E disse uma das... Houve mais?</p> <p>Julgo que até agora sim.</p> <p>Não. Essa foi a principal.</p>
<p>Entrevistador Professora 2</p>	<p>Que iniciativas considera importantes para a inclusão desses alunos na turma que leciona? Se calhar ... talvez mesmo de certeza ... os professores terem uma preparação maior para isso e depois também a relação que existe entre o professor titular e o professor do especial também é muito importante, pelo menos eu sinto isso.</p> <p>Acabo mais por pedir colaboração à colega do especial do que em documentar-me. É onde eu procuro ajuda.</p>	<p>Está a falar na preparação da integração do aluno na turma?</p> <p>Sim, e da preparação do professor para a receber.</p>
<p>Entrevistador Professora 2</p>	<p>Considera positiva a inclusão de alunos com multideficiência nas salas do ensino regular? Sim, desde que ... haja as tais ajudas. Se o docente do regular estiver sozinho na sala de aula com um grupo assim acho que não é viável, agora, com um colega do Especial, mesmo que não esteja a tempo inteiro mas que esteja a tempo parcial, acho que é possível trabalhar.</p>	
<p>Entrevistador Professora 2</p>	<p>- para esses alunos? - para os outros alunos? É positiva para os dois. Tanto para uns como para outros porque as experiências acabam por ser mais diversificadas e os alunos do regular</p>	

Entrevistador	acabam também por ganhar mais respeito por essas crianças e isso é muito importante.	
Professora 2	<p>Quais as possíveis soluções que julga importantes implementar para melhorar o funcionamento da escola inclusiva</p> <p>Mais formação, junto dos professores do regular, acho que isso aí é fundamental.</p> <p>Relativamente aos recursos humanos achamos sempre poucos, achamos sempre necessidade de mais.</p> <p>E recursos materiais, como estamos numa escola nova, temos um pouco mais de recursos materiais mas ... se eu pensar num ou dois anos atrás ... acho que recursos materiais ... pelo menos que eu tivesse acesso para trabalhar com essas crianças, não tínhamos nada ou quase nada.</p> <p>Pelo menos desde que viemos para o centro Educativo já há mais materiais, cada sala está equipada com mais materiais. Claro que eles nunca são demais porque essas crianças também têm necessidades muito específicas também e eu não tenho conhecimento, relativamente a outras crianças se há ... estou a falar relativamente aos alunos que tenho na turma. Não sei se relativamente a outras crianças com outras necessidades se há material ou não.</p>	<p>E os materiais estão adaptados às necessidades das crianças?</p> <div data-bbox="1054 763 1449 965" style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-top: 10px;"> <p>Nós docentes do primeiro ciclo, somos especialistas em adaptar materiais e em improvisar.</p> </div>
Entrevistador Professora 2	<p>Será que a inclusão muda a prática pedagógica?</p> <p>Ai muda ... muda porque temos que estar a pensar sempre estratégias diferentes, não digo para tentar chegar ao mesmo objetivo porque o objetivo pode não ser o mesmo mas objetivos podem-se dizer paralelos, portanto, temos de estar constantemente a remodelar, a pensar na estratégia. Para chegar a determinado objetivo, para aquele aluno especial temos de fazer de uma forma, para os outros de outra.</p> <p>Tanto ao nível das adequações curriculares como na diferenciação pedagógica.</p>	
Entrevistador	- Relativamente à construção e adaptação de materiais, sente-se preparada para fazê-lo?	
Professora 2	Depende de que materiais falamos. Quando falamos de uma ficha de trabalho ou de uma ficha de avaliação, de uma ficha para o dia-a-dia, mais ou menos, acho que posso. Agora coisas mais específicas se calhar não consigo.	
Entrevistador	E relativamente à modalidade de trabalho do docente?	

Professora 2	<p>A relação entre docentes, eu sempre fui, não só agora, mas se calhar agora mais do que nunca, sempre fui apologista da partilha, sempre, infelizmente acho que o nosso Ciclo nunca foi de partilhar muito. Talvez ultimamente, pelo menos eu sinto isso pessoalmente, talvez, de há dois ou três anos para cá as coisas tenham melhorado, mas o nosso Primeiro Ciclo partilhava muito pouco, as colegas partilhavam muito pouquinho. E acho que todos temos a perder se não partilharmos.</p>	
Entrevistador	<p>Quais as barreiras e os facilitadores que encontra para a promoção da inclusão de alunos com multideficiência</p>	<p>E que tipo de partilha?</p>
Professora 2	<p>Barreiras físicas: Neste momento, uma criança com deficiência motora que não se pudesse deslocar, para o primeiro andar não poderia vir porque os acessos estão construídos mas não está a funcionar o elevador. Neste momento a criança teria de ficar no rés-do-chão e não poderia vir ao primeiro andar. Essa era a primeira.</p> <p>Outras barreiras sociais ou humanas acho que não. Pelo menos que eu tenha consciência, acho que não.</p> <p>Facilitadores: Nesta escola nova acho que os espaços são muito mais abertos. Pensando numa criança com deficiência motora mais profunda tem mais facilidade em se deslocar. Quando tivermos o elevador a funcionar, aí já tem acesso a todos os espaços da escola. Agora se pensarmos numa criança com uma deficiência visual, eu não sei se a escola está equipada para esse tipo de deficiência. Não sei se a nível visual estará preparada.</p>	<div data-bbox="1034 539 1458 689" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>De dificuldades, de ansiedades, de soluções encontradas, de materiais.</p> </div>
Entrevistador	<p>Já referiu, mas volto a perguntar, acha que é necessário formação para melhorar as práticas inclusivas?</p>	
Professora 2	<p>Acho que sim, com já disse há bocadinho.</p>	
Entrevistador	<p>Que tipo de formação acha necessária?</p>	
Professora 2	<p>Primeiro acho que teria de se começar por uma formação com um tema mais abrangente e depois se calhar especificar, sei lá ... crianças surdas, que nós temos aqui e que se eu tiver na minha turma uma criança surda, se eu tivesse neste momento eu não saberia como é que havia de</p>	

<p>Entrevistador Professora 2</p>	<p>trabalhar com ela.</p> <p>- E especificamente na área da multideficiência, que tipo de formação é que achava necessária?</p> <p>Se calhar se fosse uma formação, ao longo do ano, acho que não era mau porque, à medida que as necessidades fossem existindo e que nós nos fossemos confrontando, dava se calhar para nós conseguirmos colmatar e pôr em questão e se calhar sermos elucidados e conseguirmos depois dar resposta.</p>	
<p>Entrevistador Professora 2</p>	<p>E qual a modalidade?</p> <p>Um tipo de oficina de formação.</p>	
<p>Entrevistador Professora 2</p>	<p>Gostaria de acrescentar alguma coisa?</p> <p>Não estou a ver assim mais nada.</p>	
<p>Entrevistador</p>	<p>Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e colaboração, indispensáveis à consecução desta tarefa.</p>	

Entrevista à Professora 3

Entrevistador	<p>Antes de iniciar esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação, do mestrado em Educação Especial, sobre as atitudes dos professores do regular face à inclusão de crianças com multideficiência nas salas do ensino regular, tenho a informar que é da máxima importância a sua participação no desenvolvimento do meu trabalho.</p> <p>O objetivo deste trabalho é realizar entrevistas reflexivas que serão passadas em três momentos distintos. É importante ficar assente que não há respostas corretas ou erradas.</p> <p>Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato de cada participante.</p>
Entrevistador Professora 3	<p>Começo por perguntar a sua idade</p> <p>Tenho 50 anos</p>
Entrevistador Professora 3	<p>E quais são as suas habilitações académicas?</p> <p>Licenciatura - complemento de formação em Primeiro Ciclo</p>
Entrevistador Professora 3	<p>Qual é o seu grupo de docência?</p> <p>Primeiro Ciclo, grupo 110</p>
Entrevistador Professora 3	<p>E a escola onde exerce?</p> <p>Centro Educativo de Santiago Maior</p>
Entrevistador Professora 3	<p>Há quantos anos exerce a profissão docente?</p> <p>23 anos</p>
Entrevistador Professora 3	<p>Exerceu outras atividades/cargos além da função docente?</p> <p>Não</p>
Entrevistador Professora 3	<p>Que outras formações/especializações realizou ao longo da sua carreira?</p> <p>Para além daquelas formações normais, aquelas formações que nós temos para a carreira não fiz mais nada específico.</p>
Entrevistador Professora 3	<p>Como se prepara para atualização de conhecimentos face às mudanças no currículo?</p> <p>Participando em ações de formação, lendo informação que no é dada através de e-mail ou em manuais, livros.</p>
Entrevistador Professora 3	<p>E qual a motivação que a leva a frequentar Ações de Formação que são oferecidas ao seu grupo de docência. É para ser sincera ou é para ser ...? É para ser sincera! Então muita vez por necessidade.</p>

	<p>Necessidade de mudar de escalão, outras vezes por necessidade mesmo para trabalhar na função, na função docente.</p>	<p>E para atualizar conhecimentos não sente necessidade?</p>
<p>Entrevistador Professora 3</p>	<p>Já frequentou alguma Ação de Formação na área das NEE? Já. Não me recordo quantas mas sei que já fiz, uma vez que é necessário, temos sempre algum aluno com NEE na sala, faz sempre falta.</p>	<p>Sim. Sinto necessidade. Mas nem sempre encontro sobre o que quero como é o caso de trabalhar com estes alunos.</p>
<p>Entrevistador Professora 3</p>	<p>Na formação inicial foi-lhe oferecida alguma formação sobre NEE? Não. Na formação inicial nenhuma assim especificamente dirigida às NEE. E no complemento de formação? Também não, dirigida às NEE, diretamente, não.</p>	<p>E nessa altura sentiu que foram úteis? Sim. Embora fossem muito generalistas e eram só teoria.</p>
<p>Entrevistador Professora 3</p>	<p>Tem alguma formação na área da Educação Especial? Não.</p>	
<p>Entrevistador Professora 3</p>	<p>Acha pertinente a frequência de formação contínua na área da EE? Acho, acho pertinente, porque cada vez temos mais alunos integrados nas turmas do regular e sentimos essa falha de não saber como devemos lidar com eles nem como havemos de trabalhar.</p>	
<p>Entrevistador Professora 3</p>	<p>O que é para si a inclusão? O que é que eu acho... então a inclusão eu acho que é nós termos um aluno diferente, com características diferentes do restante grupo, com uma capacidade diferente de aprendizagem e tentar com que esse aluno consiga ter um percurso que vá, não em paralelo, mas que não se sinta fora do grupo turma, portanto que sinta que nós estamos a trabalhar com ele como estaríamos a trabalhar com o restante grupo.</p>	<p>E como o consegue fazer? Incluindo-o na turma, dando-lhe apoio na realização das atividades e fazendo com que interaja com o grupo.</p>
<p>Entrevistador Professora 3</p>	<p>E o que acha que distingue a inclusão da integração Tem que haver diferença mas é uma diferença muito ténue, eu para mim não sinto muito bem a diferença entre a integração e a inclusão. A inclusão para mim é, portanto, inclui-los na turma e fazer com que não haja ali uma separação em termos de alunos ... a integração é fazer com que um aluno não se sinta diferente, não se sinta um aluno especial, um aluno diferente dos outros ... é muito ténue a diferença entre integração e a</p>	<p>Considera mesmo que não há muita diferença entre integrar e incluir? Se calhar integrar é colocá-lo na turma e trabalhar coisas diferentes do grupo e incluir é fazer com que ele pertença ao grupo e realize tarefas juntamente com os outros.</p>

<p>Entrevistador Professora 3</p>	<p>inclusão, para mim.</p> <p>E quais as Vantagens ou desvantagens que vê na inclusão?</p> <p>Essa pergunta é uma ratoeira. É assim, a vantagem é fazer com que os meninos não se sintam marginalizados.</p> <p>Desvantagem é, eles não estarem a ter ... não terem o acompanhamento devido numa sala de aula do regular por uma professora que não tem formação, portanto, se a professora tiver uma formação, muito bem. Se a professora não tiver, eu acho que é uma desvantagem para os alunos com NEE porque não têm o acompanhamento devido e necessário.</p>	<p>Considera que, só os professores com formação, é que conseguem fazer uma perfeita inclusão desses alunos?</p>
<p>Entrevistador Professora 3</p>	<p>E como vê o seu papel enquanto professora na promoção da inclusão na sua sala de aula?</p> <p>O meu papel nesse aspeto da inclusão é um papel um bocado apagado, ainda, porque eu não tenho muita experiência, como já disse, não tive experiência de alunos, tirando o ano passado e este ano naquele bocadinho só, de tempo. (Porque a aluna falta muito)</p> <p>Senti-me perdida, ... portanto eu não tenho um papel muito ativo nesse aspeto visto que não tenho formação e tenho receio depois de, com a pouca formação que tenho, estar a prejudicar mais a aluna do que propriamente a promover qualquer de avanço na aluna ou no aluno.</p>	<p>Eu penso que sim. Pois é preciso estar-se bem preparado para se desenvolver um trabalho tão complexo como o é trabalhar com crianças com problemas tão complicados ao mesmo tempo que temos de trabalhar com uma turma inteira que tem metas para atingir e exames no final de ciclo.</p>
<p>Entrevistador Professora 3</p>	<p>Durante a sua carreira já teve na sala alunos com deficiência? De que tipo? (mental, física, sensorial, multideficiência)</p> <p>Tive no ano passado, no ano de 2010/2011, a aluna M. que era multideficiente e este ano a mesma aluna mas com pouquíssima frequência, portanto 20 dias no ano passado e neste ano cinco dias.</p> <p>Esta é a primeira experiência que tenho</p>	
<p>Entrevistador Professora 3</p>	<p>Como define o aluno com multideficiência?</p> <p>Primeiro é um aluno que não corresponde aos parâmetros que normalmente um aluno tem, de aprendizagem, com o ritmo, com a capacidade e depois que apresenta tanto uma deficiência a nível mental com deficiência física. Para mim é um bocado isso, é mais a deficiência mental,</p>	

	<p>deficiência física não, é mais a deficiência mental que não tem a capacidade de aquisição dos conteúdos como os outros meninos poderão ter.</p>	
<p>Entrevistador Professora 3</p>	<p>E quais as primeiras preocupações face à presença de alunos com multideficiência na classe regular?</p> <p>Preparar a sala, primeiro a turma para receber esse aluno, aceitá-lo como ele é, a diferença que é e depois fazer com que o aluno se sinta no meio de pessoas que a aceitem. Portanto não haja ali uma diferença porque aquele menino é diferente dos outros. Que não se note a diferença, principalmente a nível do acolhimento, da integração dentro da sala de aula, não haver aquela diferença, não olharem para ele como se fosse uma pessoa que não é igual. À partida são iguais ... é atenderem às diferenças e respeitá-las essencialmente.</p>	
<p>Entrevistador Professora 3</p>	<p>Que iniciativas considera importantes para a inclusão desses alunos na turma que leciona?</p> <p>A primeira iniciativa que eu normalmente ... que eu achei que deveria ter e que tive, foi tentar fazer com que a aluna seja bem recebida, apresentando-se aos outros ou ... nós apresentámo-la, no caso de ela não se expressar. Dos alunos também se apresentarem. De os alunos respeitarem o aluno, dos outros colegas respeitarem esse aluno e principalmente dedicar-lhe um bocadinho de tempo, deixando o grosso da turma a fazer um trabalho mais específico e dedicar um bocadinho para que aquele aluno não sinta que há ali aquela diferença. Tentar arranjar um bocadinho de tempo para os outros alunos e para esse aluno.</p> <p>É recorri aos conhecimentos que os professores de EE tinham do caso, li o que vinha dossiê da aluna e esclareceu-me ou pouco sobre o que ela tinha, mas essencialmente dos professores que já a conheciam ou se não a conheciam, tinham mais conhecimento do que eu e depois tentando observá-la e vendo o que é que poderia fazer para ir de encontro a ela.</p>	<p>E para cada um dos outros?</p> <div data-bbox="1066 1473 1481 1832" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Claro que é preciso dar uma atenção especial a cada aluno pois são todos diferentes. Mas estes precisam de uma atenção muito particular devido às suas grandes dificuldades</p> </div>
<p>Entrevistador</p>	<p>Considera positiva a inclusão de alunos com multideficiência nas salas do ensino regular? - para esses alunos?</p>	

<p>Professora 3</p>	<p>- para os outros alunos?</p> <p>Para ser sincera não acho muito positivo. Estou a falar no caso da minha específica porque como não tenho mais qualquer experiência. Esta menina é multideficiente, portanto não está integrada na turma porque vem muito pouco, não aproveita praticamente nada daquilo que nós fazemos na sala de aula porque o tempo que nós lhe dedicamos é muito pouco.</p> <p>Em relação aos outros, o tempo em que estou com ela que é uma aluna específica, com necessidades específicas, estou acho eu, que estou talvez a prejudicar um bocadinho os outros em termos de não fazer um trabalho que eles possam participar, possam também interagir com a aluna. Portanto há uma separação nas tarefas, uma vez que é de multideficiência e profunda, não há atividades integradas nas atividades da sala de aula.</p> <p>A falta de assiduidade da aluna tem prejudicado isso, o facto de ela não participar, não vir, não há uma sequência nos trabalhos que nós estamos a fazer com a aluna e a turma.</p>	
<p>Entrevistador</p>	<p>Quais as possíveis soluções que julga importantes implementar para melhorar o funcionamento da escola inclusiva</p>	
<p>Professora 3</p>	<p>Essencialmente a formação na área da multideficiência, nomeadamente na multideficiência profunda e quando é uma multideficiência que exige não um trabalho propriamente académico mas sim juntar o académico com o lúdico para que o aluno consiga daí tirar algum proveito</p> <p>Ao nível de recursos humanos e materiais, neste momento acho que a escola está apetrechada de forma, não vou dizer adequada mas pronto, está minimamente com as condições, temos espaço, temos pessoal, temos a escola adequada em termos de materiais, acho eu, pelo que eu vejo da sala de multideficiência. O que não está adequado ainda é a professora que ainda não está formada no aspeto de poder assumir essa aluna ou esse aluno sem recurso a um funcionário ou a uma docente especializada.</p>	
<p>Entrevistador</p>	<p>Será que a inclusão muda a prática pedagógica?</p>	

<p>Professora 3</p>	<p>Eu acho que a inclusão muda porque dá-nos outra formação, alarga muito mais a nossa formação. Não se limita só à parte académica mas sim à compreensão daquelas necessidades que os meninos têm. Faz com que nós tenhamos necessidade de descer mais ao nível daquelas crianças, ver o que é que elas conseguem fazer e nós próprios temos que nos adaptar a essas necessidades, coisa que não acontece com a turma do regular, onde nós limitamo-nos a fazer aqueles trabalhos que sabemos que os miúdos conseguem e que acompanham.</p> <p>Seguramente que vai provocar uma mudança nas práticas pedagógicas porque nós não nos limitamos àquele trabalho que consideramos um pouco de rotina, ali já temos que ter muita variedade de atividades para que esse aluno consiga atingir as metas que estão propostas no seu programa.</p>	<p>E adaptar a dinâmica da turma às necessidades de cada um, não?</p>
<p>Entrevistador</p>	<p>Relativamente à construção e adaptação de materiais, sente-se preparada para fazê-lo?</p>	<p>Claro que sim e isso é muito importante, mas se calhar nem sempre o fazemos da melhor forma por não estarmos ainda despertos para como trabalhar com estes alunos</p>
<p>Professora 3</p>	<p>Não me sinto preparada de forma alguma.</p>	
<p>Entrevistador Professora 3</p>	<p>E relativamente à modalidade de trabalho do docente? Terá talvez de haver mudança, talvez de mentalidade, de nós aceitarmos estes alunos com NEEs e multideficiências como um ... um facto e aceitá-lo e prepararmo-nos. E entre docentes haver uma troca, uma partilha para que as experiências de uns sirvam de experiência para os outros e não nos limitemos só àquilo que eu sei e por vezes aproveitar o que os outros colegas sabem para podermos realizar.</p> <p>O ideal era um trabalho cooperativo entre docentes.</p>	
<p>Entrevistador</p>	<p>Considera que os instrumentos de avaliação deverão ser diferenciados</p>	
<p>Professora 3</p>	<p>Acho que terão de ser diferentes uma vez que as necessidades são outras, terá de ser uma avaliação adaptada às necessidades dos alunos.</p>	
<p>Entrevistador</p>	<p>Quais as barreiras e os facilitadores que encontra para a promoção da inclusão de alunos com multideficiência</p>	
<p>Professora 3</p>	<p>As barreiras. Olhe uma barreira grande é nós não estarmos preparados. Essa é a barreira principal.</p> <p>Depois formas facilitadoras de integração ou</p>	

	<p>inclusão, isso agora depende também do termo. Em termo espacial não noto portanto os miúdos nesta escola têm elevador, em termo espacial, têm os espaços de sala de aula não muito adequados porque não existem espaços suficientes para nós fazermos atividades diversificadas, portanto limita-se à sala de aula, não se pode dividir mais. O espaço de sala de aula não permite fazer mais do que aquilo que se faz dentro da sala de aula.</p> <p>Facilitador: existe a sala própria para eles, existem técnicos para trabalhar, existem materiais, os alunos em si também não são alunos que tenham uma atitude negativa em relação a esses alunos. Acho que neste momento a escola está bem.</p> <p>E vejo os outros alunos como um facilitador de inclusão.</p> <p>Entrevistador: E acha que é necessário formação para melhorar as práticas inclusivas?</p> <p>Professora 3: Sim.</p> <p>Entrevistador: Que tipo de formação acha necessária?</p> <p>Professora 3: Que áreas/tópicos deveria abranger essa formação</p> <p>Professora 3: Teria de ser uma formação com algum nível de profundidade. Não teria de ser uma formação assim superficial, tinha de ser uma coisa mais específica e contínua.</p> <p>Entrevistador: A área seria a da multideficiência, mais no aspeto de como chegar a esses alunos, o que fazer para que eles atinjam aquelas metas que são propostas, portanto, como é que nós procedemos, como é que fazemos, como é que lidamos com eles, como é que os incluimos na turma mas ao mesmo tempo não prejudicando o resto do grupo. É mais nesse sentido</p> <p>Professora 3: E qual a modalidade?</p> <p>Professora 3: A modalidade de oficina de formação tem as suas vantagens, com os casos concretos, nós fazemos ali coisas mais concretas, não basear só no aspeto teórico que não tem nenhuma aplicação concreta. Seria mais trabalharmos em casos reais e vermos o que é que entre todas poderíamos fazer e depois passar daí e tirar daí conclusões, trabalhos e materiais. Coisas que possamos aplicar depois.</p> <p>Entrevistador: Gostaria de acrescentar alguma coisa?</p>	
--	--	--

Professora 3	Eu acho que é um tema muito pertinente porque neste momento, cada vez temos mais alunos com deficiências e cada vez sentimos mais a necessidade de ter formação e nos sentimos muito perdidos nessa área	
Entrevistador	Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e colaboração, indispensáveis à consecução desta tarefa.	

Entrevista à Professora 4

Entrevistador	<p>Antes de iniciar esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação, do mestrado em Educação Especial, sobre as atitudes dos professores do regular face à inclusão de crianças com multideficiência nas salas do ensino regular, tenho a informar que é da máxima importância a sua participação no desenvolvimento do meu trabalho.</p> <p>O objetivo deste trabalho é realizar entrevistas reflexivas que serão passadas em três momentos distintos. É importante ficar assente que não há respostas corretas ou erradas.</p> <p>Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato de cada participante.</p>	
Entrevistador Professora 4	<p>Começo por perguntar a sua idade</p> <p>Tenho 38 anos</p>	
Entrevistador Professora 4	<p>E quais são as suas habilitações académicas?</p> <p>Licenciatura, na variante português-inglês</p>	
Entrevistador Professora 4	<p>Qual é o seu grupo de docência?</p> <p>Primeiro Ciclo, grupo 110</p>	
Entrevistador Professora 4	<p>E a escola onde exerce?</p> <p>EB1 de Beringel</p>	
Entrevistador Professora 4	<p>Há quantos anos exerce a profissão docente?</p> <p>12 anos</p>	
Entrevistador Professora 4	<p>Exerceu outras atividades/cargos além da função docente?</p> <p>Não</p>	
Entrevistador Professora 4	<p>Que outras formações/especializações realizou ao longo da sua carreira?</p> <p>Formação ao nível de informática e ultimamente ao nível de dislexia que tem mais a ver com o Ensino Especial.</p>	
Entrevistador Professora 4	<p>Como se prepara para atualização de conhecimentos face às mudanças no currículo?</p> <p>Depois das mudanças é que sinto necessidade de formação porque não consigo com antecedência prever a necessidade antes das alterações e recorro à formação.</p>	
Entrevistador Professora 4	<p>E qual a motivação que a leva a frequentar Ações de Formação que são oferecidas ao seu grupo de docência.</p> <p>O tentar ajudar os meus alunos o melhor que posso, tentar melhorar a minha ação.</p>	

Entrevistador	Já frequentou alguma Ação de Formação na área das NEE?	
Professora 4	Fiz a sobre dislexia.	
Entrevistador	Na formação inicial foi-lhe oferecida alguma formação sobre NEE?	
Professora 4	Tive uma cadeira semestral de psicologia e uma anual, portanto foi um ano e meio dentro da psicologia.	
Entrevistador	Tem alguma formação na área da Educação Especial?	
Professora 4	Neste momento já tenho a da dislexia	
Entrevistador	Acha pertinente a frequência de formação contínua na área da EE?	
Professora 4	Acho muito pertinente porque cada vez mais nos aparecem nas salas de aula juntamente com os alunos do regular, alunos com necessidades às quais nem sempre sabemos responder, a menos que tenhamos essas formações.	
Entrevistador	Já que referiu que cada vez mais aparecem alunos com necessidades nas salas de aula, o que é para si a inclusão?	<p>Então inclusão é... fazer com que todos participem, o mais possível, nas mesmas atividades contribuindo como podem para o desenvolvimento de uma atividade.</p>
Professora 4	Inclusão é um tratamento o mais generalizado possível sem fazer diferenciação apesar de ter que haver um tratamento especial, mas fazer com que esse tratamento especial leve os alunos especiais a serem o mais regulares possível	
Entrevistador	O que a distingue da integração	
Professora 4	Integrar, se lá estiver presente está integrado. Incluir implica que haja uma ação no sentido de ajudar essas crianças a participarem na vida escolar.	
Entrevistador	E quais as Vantagens ou desvantagens que vê na inclusão?	Quais os benefícios, para uns e para outros?
Professora 4	Eu acho que é benéfico para os alunos, quer do regular quer do especial, porque todos tomam contacto com todas as realidades.	<p>Os alunos “especiais” sentem que podem dar um contributo válido e os “regulares” respeitam os esforços dos colegas.</p>
Entrevistador	E como vê o seu papel enquanto professora na promoção da inclusão na sua sala de aula?	
Professora 4	No sentido de fazer com que o aluno não se sinta diminuído por qualquer razão, seja por uma deficiência que tem ou por uma incapacidade qualquer.	E acha que consegue promover a inclusão na sua sala? Que estratégias, define para a promoção da inclusão

Entrevistador Professora 4	Durante a sua carreira já teve na sala alunos com deficiência? De que tipo? (mental, física, sensorial, multideficiência)	<div data-bbox="1066 192 1407 398" style="border: 1px solid black; padding: 5px; color: red;">Trabalho de pequenos ou grandes grupos e apresentação/exposição de trabalhos individuais.</div>	
Professora 4	Este ano letivo, tenho um menino com trissomia 21 e apresenta problemas na mobilidade e já tive um menino autista.		
Entrevistador Professora 4	Como define o aluno com multideficiência? É um aluno que se distingue dos outros alunos do regular por algum tipo de deficiência, física e mental, que apresenta que seja diagnosticada por um médico ou por um psicólogo que possa atestar que realmente que o aluno tem essa deficiência		
Entrevistador Professora 4	E quais as primeiras preocupações face à presença de alunos com multideficiência na classe regular? O incluí-los em tudo, em todas as atividades que faço com os outros também.		
Entrevistador Professora 4	Que iniciativas considera importantes para a inclusão desses alunos na turma que leciona? O participar em trabalhos de grupo e também fazer com que os outros, caso haja alguns que não aceitem e que façam grandes distinções entre essas crianças para que não haja diferenciação e a participação em trabalhos comuns.		E em relação à dinâmica da sala de aula no dia-a-dia?
			<div data-bbox="1066 1079 1423 1191" style="border: 1px solid black; padding: 5px; color: red;">Distribuição de tarefas e entreaajuda entre colegas.</div>
Entrevistador Professora 4	Como é que se sentiu este ano quando recebeu o aluno que tem na sua sala de aula? Neste momento já estou um bocadinho mais confiante. No princípio era porque era uma novidade, nunca tinha tido alunos com trissomia, depois também não sabia o grau de trissomia, se era muito grave ou ligeira. Neste momento o primeiro período serviu para nos conhecermos um bocadinho e acho que neste momento já estou um bocadinho mais à vontade do que no início do ano. No início do ano sentia-me muito desconfortável em relação a essa situação por me sentir um bocadinho despreparada.		
Entrevistador Professora 4	E como é que se preparou para tal? Informe-me a nível próprio porque não fiz nenhuma formação sobre trissomia mas pesquisei, fui à internet, li livros e até pelo conhecimento através da relação que vim a ter com o aluno, fui mais ou menos desenvolvendo		

	<p>uma relação de proximidade que me permitiu também ter algum conhecimento das necessidades dele</p>	
Entrevistador	<p>Considera positiva a inclusão de alunos com multideficiência nas salas do ensino regular?</p> <p>- para esses alunos?</p> <p>- para os outros alunos?</p>	<p>Em que aspetos?</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-top: 10px;"> <p>Os alunos “especiais” sentem que podem dar um contributo válido e os “regulares” respeitam os esforços dos colegas.</p> </div>
Professora 4	<p>Considero positiva para todos</p>	
Entrevistador	<p>Quais as possíveis soluções que julga importantes implementar para melhorar o funcionamento da escola inclusiva</p>	
Professora 4	<p>Às vezes a maior dificuldade é conseguir sozinha dar resposta a tudo, portanto eu acho que nestes casos deveria ser criada a possibilidade de haver uma equipa que permanente, diariamente, ... um par pedagógico ou uma professora do Ensino Especial que estivesse todos os dias presente.</p>	
Entrevistador	<p>Acha que o facto de ser uma escola da periferia e não da escola sede traz algum aspeto negativo?</p>	
Professora 4	<p>Neste momento, na prática está, estamos a sofrer alguns aspetos negativos por isso porque os meninos aqui da sede têm os técnicos muito mais próximo, estão a ser seguidos com mais frequência, enquanto, no meu caso, o aluno só tem acesso à professora de Ensino Especial duas manhãs por semana que eu acho que é pouco. Em relação aos outros técnicos, são dois tempos de terapia da fala e dois tempos de psicomotricidade.</p>	
Entrevistador	<p>Acha que seriam necessários mais recursos humanos?</p>	
Professora 4	<p>Acho que seriam necessários mais recursos humanos</p>	
Entrevistador	<p>E a nível de recursos materiais como acha que está a sua escola?</p>	
Professora 4	<p>Também não está muito bem apetrechada para este tipo de alunos, portanto, mesmo a nível de material didático quer de informática, quer de jogos manipuláveis não temos muita variedade e os que há são muito antigos. Portanto aquilo que tenho na sala de aula é praticamente aquilo que levei da minha casa, que é material meu, e não é da escola.</p>	
Entrevistador	<p>Sente dificuldades?</p>	
Professora 4	<p>Sinto dificuldade a nível de apoio logístico, quer</p>	

<p>Entrevistador Professora 4</p>	<p>humano quer material.</p> <p>Será que a inclusão muda a prática pedagógica? Muda porque a experiência conta para muita coisa, as pessoas vão acabando por aprender. Pelo menos é o que se passa comigo, eu aprendo todos os anos e vou alterando a minha prática a partir daquilo que eu aprendo e uma experiência destas, sendo nova, acaba por alterar Alterou a minha prática, aprendi coisas que não sabia, por necessidade e pelo facto de ter este aluno na minha turma</p>	<p>Que alterações é que sentiu que teve de fazer</p> <div data-bbox="1066 349 1425 768" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Trabalho de equipa entre professora/aluno com NEE/ aluno de entreajuda; Valorização do trabalho autónomo;</p> </div>
<p>Entrevistador Professora 4</p>	<p>E em relação a Alterações curriculares, mudou alguma coisa? Mudei sim, eu não estava muito virada para retroceder com os alunos, por exemplo ao nível do pré-escolar e insistia muito mais ao nível dos grafismos para desenvolvimento da motricidade basicamente e agora começo a aperceber-me que há outros parâmetros que também não vêm às vezes muito bem desenvolvidos e começo já a recorrer a estratégias para desenvolver esses aspetos porque acho que acabam por fazer falta para o progresso das aprendizagens ao nível do primeiro ciclo</p>	<p>No caso específico desse aluno dê exemplos de alterações em relação ao resto da turma</p> <div data-bbox="1066 898 1410 1377" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>A subdivisão do trabalho e desenvolvimento de atividades por etapas; Negociação de tarefas em troca de momentos lúdicos;</p> </div>
<p>Entrevistador Professora 4</p>	<p>E acha que a inclusão destes meninos muda a Modalidade de trabalho do docente Não. Eu uso os mesmos métodos de ensino da leitura que é aquele a que eu estou adaptada e que facilita mais porque acho que é esse o método que devo usar que é o analítico-sintético porque é o aquele com que eu tenho trabalhado e por isso me dá mais à vontade e porque também vejo resultados porque neste caso o A. Para além de juntarmos outras coisas como é o reconhecimento dos grafemas do seu próprio nome, tem vindo a acompanhar o leccionamento das letras aos outros alunos e já consegue fazer algumas. Consegue saber o <u>o</u> e o <u>a</u> que são letras do nome dele, vejo também progressos nele e por isso estou a utilizar o mesmo método</p>	<p>Que estratégias de diferenciação pedagógica, implementa na sala de aula?</p> <div data-bbox="1066 1541 1425 1973" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Valorização dos interesses dos alunos; Organização de materiais de estudo (portefólios e dicionários); Negociação de prémios; Autoavaliação do trabalho/ balanço do dia.</p> </div>
<p>Entrevistador Professora 4</p>	<p>Sentiu necessidade de construir materiais adaptados às necessidades dos alunos Eu senti necessidade de fazer os mesmos</p>	

	<p>materiais mas a nível individual porque os materiais que são utilizados pela turma em si vão rodando e faz com que o a. Só tenha contacto com eles, esporadicamente, como é o caso do distribuir cadernos ou do registar o tempo. Eu tenho um registo só dele, para que ele possa fazer isso com mais frequência</p>	<p>E considera, que os materiais que utiliza com os outros alunos estão adequados para esse aluno?</p>
Entrevistador Professora 4	<p>Então está a utilizar a Diferenciação pedagógica Estou a utilizar diferenciação pedagógica sim</p>	<p>Todos exceto o calendário.</p>
Entrevistador Professora 4	<p>E Instrumentos de avaliação diferenciados? Sim</p>	<p>Que instrumentos de avaliação, utiliza?</p>
Entrevistador Professora 4	<p>Quais as barreiras e os facilitadores que encontra para a promoção da inclusão de alunos com multideficiência As barreiras é o facto de muitas vezes me ver sozinha e de não conseguir dar resposta. Depois os aspetos positivos têm a ver também com a resposta do próprio aluno que faz subir o meu ego. A resposta que ele me dá, considero-a positiva.</p>	<p>Observação direta, fichas formativas</p>
Entrevistador Professora 4	<p>E sente que será necessário formação para melhorar as práticas inclusivas? Sinto</p>	<p>Que tipo de respostas</p>
Entrevistador Professora 4	<p>Que tipo de formação acha necessária? Muito específica, como esta que eu fiz ao nível da dislexia, acho que era preciso que tivesse outra sobre autismo, outra sobre trissomia, outra sobre paralisia, multideficiência. Formação muito específica</p>	<p>Neste aluno especificamente, acontece com frequência uma desmotivação na conclusão de trabalhos o que requer tempo para ele em exclusivo da minha parte e sinto que, na maioria das vezes, o tempo que lhe consigo dedicar não é o suficiente.</p>
Entrevistador Professora 4	<p>E qual a modalidade? Eu gosto mais de formação que se relacione com a prática, prefiro assim do que a teórica</p>	
Entrevistador Professora 4	<p>Que áreas/tópicos deveria abranger essa formação Os tópicos deveriam de ser materiais, construção de materiais a que pudéssemos recorrer, estratégias, coisas práticas que pudéssemos utilizar com os alunos</p>	
Entrevistador Professora 4	<p>Gostaria de acrescentar alguma coisa? Não, não me ocorre nada que pudesse acrescentar.</p>	
Entrevistador	<p>Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e colaboração, indispensáveis à consecução desta tarefa.</p>	

APÊNDICE nº 3

Entrevistas às Professoras de E.E.

Entrevista à Professora EE1

Entrevistador	<p>Antes de iniciar esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação, do mestrado em Educação Especial, sobre as atitudes dos professores do regular face à inclusão de crianças com Multideficiência nas salas do ensino regular, tenho a informar que é da máxima importância a sua participação no desenvolvimento do meu trabalho.</p> <p>O objetivo deste trabalho é realizar entrevistas reflexivas que serão passadas em três momentos distintos. É importante ficar assente que não há respostas corretas ou erradas.</p> <p>Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato de cada participante.</p>	
Entrevistador Professora EE1	<p>Começo por perguntar a sua idade</p> <p>Tenho 48 anos</p>	
Entrevistador Professora EE1	<p>E quais são as suas habilitações académicas?</p> <p>Curso de Educadores de Infância, Mestrado em Psicologia Educacional e especialização em Educação Especial</p>	
Entrevistador Professora EE1	<p>Qual é o seu grupo de docência?</p> <p>Educadora de Infância, grupo 100 e colocada no grupo 910 de Educação Especial</p>	
Entrevistador Professora EE1	<p>E a escola onde exerce?</p> <p>Agrupamento nº 3 de Beja</p>	
Entrevistador Professora EE1	<p>Há quantos anos exerce a profissão docente?</p> <p>A profissão docente há 25 anos mas no grupo de Educação Especial há cerca de meia dúzia de anos, numa situação de acompanhamento, nos serviços do Ministério da Educação e este ano no trabalho direto com alunos</p>	
Entrevistador Professora EE1	<p>É no grupo da Educação Especial?</p> <p>É este o primeiro ano.</p>	
Entrevistador Professora EE1	<p>Então já exerceu outras atividades/cargos além da função docente?</p> <p>Sim, quando estive em funções técnico-pedagógicas de acompanhamento às escolas e aos docentes quer ao nível da intervenção precoce, quer ao nível da Educação Especial</p>	
Entrevistador Professora EE1	<p>Então, especificamente, o cargo era de...</p> <p>Era de professora em funções técnico pedagógicas mesmo.</p>	
Entrevistador	<p>E que outras formações/especializações realizou ao longo da sua carreira, além da formação base?</p>	

Professora EE1	Portanto, tenho um curso de formação em bibliotecas escolares e como já referi, tenho mestrado e agora o curso de especialização, sendo que de base tenho o bacharelato em Educação de Infância.	
Entrevistador	Como se prepara para atualização de conhecimentos face às mudanças no currículo?	
Professora EE1	Tento fazer formação contínua, estar atualizada e acima de tudo, dentro do nosso grupo de trabalho, e com os próprios docentes com que trabalhamos, tem mesmo que haver o conhecimento em termos do currículo, porque é isso que tem de ser o nosso suporte e o nosso referencial: o trabalho	
Entrevistador	E qual a motivação que a leva a frequentar Ações de Formação que são oferecidas ao seu grupo de docência.	
Professora EE1	Ai muitas, muitas... muita motivação porque nós em Educação Especial como é uma área tão complexa, exige um aperfeiçoamento contínuo, exige que nós tenhamos ferramentas e instrumentos de trabalho também muito ao nível das Tecnologias, das TIC, portanto, é indispensável que façamos essa formação sem dúvida	
Entrevistador	E antes de ter feito a Especialização em Educação Especial, já tinha frequentado alguma Ação de Formação na área das NEE?	
Professora EE1	Sim. Já tinha frequentado ao nível do Ministério da Educação, quando saiu o Decreto-lei nº3 de 2008, avaliação por referência à CIF, também, tecnologias de apoio, no âmbito da intervenção precoce, portanto mas tudo aquilo que a nível do trabalho que eu exercia na altura, portanto, íamos tendo formação para nos apoiar e podermos ter um desempenho profissional mais ajustado no acompanhamento que fazíamos	
Entrevistador	E na formação inicial foi-lhe oferecida alguma formação sobre NEE?	
Professora EE1	Não. A formação inicial já lá vão cerca de vinte e seis anos e nessa altura as coisas estavam um bocadinho diferentes. Tivemos alguma sensibilização, quando demos a cadeira de psicologia mas propriamente a Educação Especial, nesse tempo, não era um tema que fosse muito aprofundado, pelo menos no nosso curso	

Entrevistador	E acha pertinente, tanto para si como para os docentes do ensino regular, a frequência de formação contínua na área da EE?	
Professora EE1	Não quaisquer dúvidas. E hoje em dia é indispensável que isso aconteça porque estamos a viver um processo de inclusão, portanto, todos os alunos estão na nossa escola, logo os professores titulares, que não de Educação Especial, sendo responsáveis pela coordenação do Programa Educativo dos seus alunos, têm que ter forçosamente formação nesta área e têm que ter esse saber e conhecimento	
Entrevistador Professora EE1	Já que se referiu à inclusão, o que é para si a inclusão? De uma forma muito simplista, inclusão, são todos os alunos a aprenderem juntos, independentemente das suas necessidades e características e, na minha opinião, só juntos é que o processo de aprendizagem pode ser eficaz e pode realmente fazer sentido. Quer dizer, para mim, não faz sentido que os meninos não aprendam todos juntos uns com os outros, independentemente das suas características.	
Entrevistador Professora EE1	O que a distingue da integração A integração, é um processo em que os alunos de facto estão fisicamente mas são integrados na turma, mas a turma, o currículo, o projeto curricular de turma não tem que se adequar à sua especificidade, portanto, são eles que se têm de ajustar ao que já existe. Num processo de inclusão não, num processo de inclusão requer que todos consigamos olhar os alunos e ajustar o currículo e o desenho curricular daquela turma de acordo com as necessidades dos meninos e não o contrário não os meninos que se ajustam ao currículo.	
Entrevistador Professora EE1	E quais as Vantagens ou desvantagens que vê na inclusão? Vantagens em aprender com os seus pares, aprender ... estes meninos, como todos, agem muito por modelos, obviamente se tiverem um modelo dos meninos, ... da maioria dos meninos, só têm a ganhar. Em relação aos outros é a mesma coisa, portanto, há todo um lidar com meninos diferentes que lhes faz crescer do ponto de vista da sua formação pessoal e social e do ponto de vista, inclusivamente, das estratégias que eles às vezes utilizam para explicar outras coisas aos meninos que têm mais	

	<p>dificuldades e quase que de uma forma natural, os alunos são capazes de fazer isso.</p> <p>Agora as desvantagens, do meu ponto de vista, é que às vezes nós, os professores, e aqui estou a falar no grande leque da escola em que trabalhamos, não conseguimos pôr a funcionar o currículo dos meninos à medida das suas necessidades, ou seja, as barreiras quase que são mais do ponto de vista da orientação curricular que nós às vezes lhe damos do que propriamente ser uma desvantagem do menino estar na turma ou neste caso na escola, ou seja, este ... para respondermos a todos os alunos necessitamos de ter recursos, sim, mas às vezes, mais do que recursos é preciso que saibamos todos para onde é que queremos caminhar, o que é que ensinamos aos alunos, onde, como com quem, com que estratégias, portanto é um processo muito complexo para que realmente as aprendizagens façam sentido e o menino não passe de um processo de inclusão, quer dizer, física mas uma inclusão plena. É isso que eu acho que todos temos de procurar.</p>	
<p>Entrevistador</p> <p>Professora EE1</p>	<p>E como vê o seu papel enquanto professora na promoção da inclusão na sala de aula onde presta apoio?</p> <p>É um papel muito, muito importante, porque passarmos esta mensagem, para já temos que acreditar nela, depois dar-lhes também, por outro lado confiança e segurança ao professor titular de turma é uma grande responsabilidade. Este papel é deveras importante, ou seja a forma como nós nos posicionamos, o apoio, a segurança, o nosso acreditar tem de ser transmitido ao colega, nós temos de estar lá para o apoiar, um bocadinho, para o orientarmos, porque tendencialmente os professores titulares porque têm muitos alunos e porque têm muita preocupação nas aprendizagens dos meninos e no sucesso escolar de todos, às vezes estas questões relacionadas com os alunos de Educação Especial passam a ser um bocadinho deixadas para trás, para outras pessoas. E o nosso papel é de facto mostrar que não pode ser assim, que todos são alunos e que eles têm um papel igualmente importante no ensino e na aprendizagem destes alunos.</p>	
<p>Entrevistador</p>	<p>E verifica que o professor do regular se serve deste pilar</p>	

Professora EE1	<p>que é o professor de Educação Especial?</p> <p>Eu acho que sim, que se serve deste pilar mas por outro lado deixa um bocadinho ao sabor,... remete um bocado para o professor de Educação Especial, ainda, estou a falar ainda porque isto é um bocadinho histórico, não é, como nós sabemos, mas remete um bocadinho para o professor de Educação Especial a responsabilidade no caminho e no processo de aprendizagem dos alunos de Educação Especial e, não obstante, dar opiniões, mas ainda não estamos como acho que seria desejável e como será a situação ideal. Temos que nos munir de muitas armas, de muita formação, de muita sensibilização e estou convencida que chegaremos a bom porto, mas ainda não estamos como devíamos. Ainda há um caminho a percorrer.</p>	
Entrevistador	<p>Durante a sua carreira, enquanto professora do regular, já teve na sala alunos com deficiência? De que tipo? (mental, física, sensorial, Multideficiência)</p>	
Professora EE1	<p>Curiosamente não. ...Ah, trabalhei com um aluno que nessa altura recebia apoio</p>	
Entrevistador	<p>E que tipo de deficiência tinha?</p>	
Professora EE1	<p>Era cognitiva. Tinha um ligeiro atraso.</p>	
Entrevistador	<p>Então na área da Multideficiência é o primeiro contacto que tem?</p>	
Professora EE1	<p>É sim a primeira vez.</p>	
Entrevistador	<p>Como define o aluno com Multideficiência?</p>	
Professora EE1	<p>Como defino todos os alunos, com imensas ... não há um aluno com Multideficiência que seja igual ao outro, como nós sabemos, agora nós temos que conhecer esse aluno, todos, como nós sabemos, por mais que pareça que os meninos não conseguem interagir, que não conseguem... é evidente que têm limitações, mas todos podem aprender, temos é que conhecer os seus estilos de aprendizagem.</p> <p>Agora, como defino o aluno com Multideficiência, portanto, é um aluno que tem mais do que uma ou duas deficiências, sejam elas mentais ..., geralmente esse aluno tem deficiência mental, mas pode ser motora ou pode ser também sensorial. Portanto é um aluno que do ponto de vista de interação, do relacionar-se com o mundo, do relacionar-se com os outros, tem muitas limitações, daí que a escola, a educação tem um papel determinante para que esse aluno possa realmente progredir e fazer evoluções, ir mais além ... aprender, no sentido lato do termo</p>	

Entrevistador	Então e já que foi também uma experiência, este ano ter tido alunos com Multideficiência, quais as primeiras preocupações face à presença destes alunos na turma, onde prestava apoio?	
Professora EE1	<p>A preocupação, para já, foi conhecê-los e interagir com eles, também para que os meus alunos ganhassem confiança comigo e se sentissem seguros comigo. Relativamente depois ao estar na turma, acima de tudo foi realmente inclui-los no verdadeiro sentido da palavra. Que os outros os conhecessem que eles conhecessem os outros alunos, que eles interagissem no sentido de colaboração mútua. Que eles se respeitassem mutuamente. Portanto, acima de tudo eu acho que esse foi ... foi e é um trabalho ainda a fazer, mas que foi muito a minha maior preocupação, acima de tudo. De aceitação porque havia meninos que, não é que não aceitassem, mas aqueles alunos eram-lhes indiferentes e nenhum aluno pode ser indiferente ao outro. E foi todo um trabalho de esclarecimento, mas acima de tudo no contexto. Foi tudo vivido. Não que eu agora chegasse ao pé dos meninos e dissesse "Temos de tratar os nossos alunos assim..." não. Tem de ser no contexto. Eles, eu acho que fizeram um percurso. Noto realmente que essa parte foi conseguida.</p>	
Entrevistador	Já referiu em parte as iniciativas que considera importantes para a inclusão desses alunos na turma onde presta apoio?	
Professora EE1	<p>Utilizámos atividades de rotinas que já existem na sala de aula para que realmente esses alunos tivessem um papel mais ativo, por ex., na distribuição do leite escolar, nas tarefas, ao fim e ao cabo para que eles também mostrassem que conseguem fazer coisas e que colaboram com os outros e que os conhecem e que são alegres, que são bem dispostos.</p>	
Entrevistador	Em relação à professora da turma que estratégias é que foram adotadas?	
Professora EE1	<p>Com a professora da turma, portanto nós fazemos aqui um trabalho que tentamos, a par e passo, que a coisas..., por exemplo, ao nível do Projeto Curricular de Turma, ao nível da planificação das atividades, portanto, tentamos adequar as atividades àquilo que a turma faz e que é feito na turma. Às vezes não temos ido muito a par e passo. Portanto isso exige...</p>	

	<p>este trabalho um grande esforço de planificação prévia para as coisas acontecerem e talvez porque andamos todos com muitas tarefas, talvez porque ainda também não conseguimos estar ali a cem por cento ainda em sintonia, mas muita das vezes não conseguia que o trabalho a desenvolver com as alunas... não havia tempo para fazer essa planificação prévia e aí pois é uma falha e as coisas seguramente não correm como nós gostaríamos. Portanto temos de andar todos muito certinhos, num passo muito certo.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE1</p>	<p>E em relação à construção de materiais para esses alunos, faz sozinha ou em colaboração com a professora da turma? Basicamente era sozinha. Trocava impressões com a professora da turma e ela também às vezes quando tinha algumas ideias trocava comigo. Quer dizer, houve partilha mas essa responsabilidade foi acima de tudo minha</p>	
<p>Entrevistador Professora EE1</p>	<p>Considera positiva a inclusão de alunos com Multideficiência nas salas do ensino regular? - para esses alunos? Ai, não tenho quaisquer dúvidas. Agora o que se passa é que essa inclusão tem de ser uma inclusão verdadeira, no sentido da palavra. Estou a dizer verdadeira porque mais uma vez corro o risco de me repetir, mas não interessa que os meninos estejam na turma ou que estejam na sala fisicamente, se não estiverem, de facto, a desenvolverem aprendizagens, a fazer aprendizagens significativas. E eu penso que este lado é um grande desafio. Como é que os meninos estão na turma e que têm realmente de realizar aprendizagens significativas. E eu acho que aqui temos de estar muito atentos a esta situação</p>	
<p>Entrevistador Professora EE1</p>	<p>E em relação aos outros alunos da turma? Eu acho que sim porque, é com digo, há aqui um dar e receber. Portanto há aqui uma interação. E é neste todo que os meninos aprendem e se desenvolvem e eles percebem as diferenças e respeitam-nas, ao fim e ao cabo, e preocupam-se. "Ó professora como é que nós vamos aqui... e depois se a nossa menina se tem medo..." Eles próprios já fizeram estas conquistas. Pensam neles mas, também pensam naqueles meninos que têm outro tipo de limitações, como é que vamos fazer. Já os</p>	

	<p>sentem pertença do grupo. Esse sentido de pertença, eu acho, que pelo menos este ano, sinto. Obviamente que no ano passado também foi feito este percurso mas eu não estava cá... esse sentido de pertença, eu acho que nós conseguimos mesmo esse objetivo.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE1</p>	<p>E sente que os professores do regular, nas turmas onde está a prestar apoio, consideram positiva a inclusão de alunos com Multideficiência nas suas turmas do regular?</p> <p>Consideram positiva mas o que sei dizer é que existe ainda muito este tipo de discurso. "Os alunos estão cá mas se houver apoio". Pronto, nós percebemos que de facto a diversidade dos alunos, às vezes é um bocadinho... é complicado gerir e há ali situações de grande tensão, portanto tem que haver sempre... mas as pessoas estão um bocadinho formatadas para também não facilitar muito. Como é que eu hei-de dizer, há alguma flexibilidade mas... as alunas só vão se alguém for com elas. Pronto, eu percebo isto mas o deveria ser dito era sozinhos com os alunos todos se houver apoio, portanto não colocar as coisas só a nível destes alunos.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE1</p>	<p>E sente que quando os professores do regular planificam, existe algum cuidado em preparar atividades, pensando nestes alunos?</p> <p>Não, não há. Por enquanto acho que não. Às vezes pode haver, por exemplo houve agora um passeio mas também não houve uma preocupação se aquele passeio seria adequado a esses alunos. Mas eu penso que ainda não estamos nesse ponto.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE1</p>	<p>Então quais as possíveis soluções que julga importantes implementar para melhorar o funcionamento da escola inclusiva</p> <p>Eu acho que passa por formação e informação e passa também por um processo de motivação em que realmente os professores têm que perceber que eles também fazem crescer estes alunos, seguramente. E têm que os fazer crescer, que é o papel deles, enquanto professores de todos os alunos. Portanto eu acho que tem que haver aqui um papel de grande proximidade, mas também não sermos só nós a liderar o processo. Quer dizer, nós ajudarmos a conduzir o processo mas deixarmos também para o professor do regular o ele sentir que está a educar esses alunos. Não podemos</p>	

	<p>correr o risco de os isolarmos, não é, nós sermos um recurso, de facto orientador, da organização, mas o professor tem de ser responsável pela educação deles. Porque senão corremos o risco de eles se irem demitindo deste papel já que o mundo da educação e da aprendizagem é tão complexo, é tão exigente. A preocupação com o sucesso dos alunos está tão impregnada no registo de vida das pessoas. Portanto para não correremos o risco dos professores pensarem "ah! Tenho aqueles dois alunos de Educação Especial da Unidade de Multideficiência, mas aquilo é lá com a colega". Temos de saber como ver muito bem como esse processo se faz, e todos os dias.</p>	
Entrevistador	Será que a inclusão muda a prática pedagógica dos professores onde presta apoio?	
Participante	Tem que mudar, forçosamente.	
Entrevistador	E já sente isso?	
Professora EE1	<p>Já sinto avanços. Mais em termos de atividades concretas, nas rotinas do dia-a-dia na sala de aula, "Agora vamos passar um filme de manhã porque as nossas alunas estão a esta hora e elas gostam". Já há alguma preocupação a esse nível mas em termos da prática propriamente dita, duma pedagogia diferenciada, os professores tentam fazer mas não é fácil. A organização dos espaços, também foi uma conquista, a organização dos espaços e dos materiais para essas alunas... portanto os alunos têm de estar posicionados em lugares estratégicos na sala de aula. Estes ainda mais por causa das limitações deles. Só que às vezes os professores, ou porque os alunos não estão lá o dia inteiro... têm alguma... pronto, às vezes parece que não pensam nisso. Nós, enquanto docentes de Educação Especial, temos de pensar nesse tipo de estratégias que são determinantes para a aprendizagem. Mas, diria eu, portanto há aqui algo que eu percebo que realmente a inclusão está a acontecer, só que há outros aspetos que tem a ver mais com as questões curriculares, as questões finas do currículo, com o Projeto Curricular de Turma, como à bocadinho referi, portanto a inclusão tem de ser de facto abrangente e que tem que abarcar esses aspetos todos. Eu acho que ainda é um processo que não estamos lá.</p>	
Entrevistador	Quer dizer que o Projeto Curricular de Turma não está a	

Professora EE1	contemplar a cem por cento estes alunos Não. Pronto, é evidente que nos dizem "mas está bem, existem estes dois alunos mas também existem os outros vinte". Aqui a questão é nós realmente tentarmos arranjar um meio-termo onde caibam todos os vinte e dois. Portanto eu acho que ainda não está no ponto mas...	
Entrevistador	E como referiu há pouco, relativamente à construção e adaptação de materiais, estes estão mais a cargo do professor de Educação Especial.	
Professora EE1	Estão mais a cargo do professor de Educação Especial.	
Entrevistador	E em relação ao trabalho cooperativo entre docentes, os assuntos destes alunos são mais tratados entre o professor de apoio e o professor do regular do que são tratados entre os professores do grupo de ano. Estas problemáticas são referidas no grupo do regular?	
Professora EE1	Eu acho que não porque também no grupo de ano existe a especificidade de cada turma, e nem todas as turmas têm alunos com estas características. E se calhar é uma coisa que eu acho que até a própria escola ou a própria organização ou o próprio grupo de Educação Especial, não sei, mas tem de pensar... porque realmente o próprio ano não discute essas coisas. Fica só pelas questões curriculares, discute o currículo mas é aquele currículo normal, digamos assim, entre aspas, e não estas especificidades. Isto é um alerta que deixo que deveria ser tratado nos grupos e ano. Deveria haver partilha entre docentes.	
Entrevistador	E em relação aos instrumentos de avaliação há colaboração da turma na sua elaboração?	
Professora EE1	Sim há trocas. Realmente fazemos propostas, eu mando para a colega, ela manda para mim com algumas alterações. Pronto existe alguma articulação mas não existe: "vamos fazer as duas, hoje, neste momento este material". Isso ainda não. Temos de pensar como é que vamos chegar aí.	
Entrevistador	Então já considerou que existem aqui algumas barreiras. Gostava que me referisse que barreiras ou facilitadores é que encontra, dentro do nosso Agrupamento, para a promoção da inclusão de alunos com Multideficiência	
Professora EE1	Acabámos de referir agora a própria questão no grupo de ano, em que as pessoas elaboram materiais, escolhem os manuais, ... deveria de haver,	

	<p>na minha maneira de ver, devíamos também impor esta especificidade destes alunos. Estar mais visível a necessidade,... eu não lhe queria chamar obrigatoriedade, porque às vezes a obrigação leva a que as pessoas façam as coisas mas não se envolvam nelas e às vezes não tem o efeito desejado. Mas tinha de haver aqui momentos obrigatórios de planificação conjunta com os professores de Educação Especial e os professores da turma, ou seja, está um bocadinho à mercê daquilo que vai acontecendo, consoante as pessoas fazem ou não para isso. Mas não existe uma orientação em que tem de ser assim e se calhar deveria de existir. Portanto, não gosto de chamar obrigação mas devia de haver uma contrapartida e uma orientação explícita em que tem que ser assim. A planificação conjunta, a avaliação e momentos disponíveis no horário das pessoas para este fim.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE1</p>	<p>E em relação a barreiras físicas? Sim, nós vamos tentando transpor alguns, no dia-a-dia. Portanto em relação aos alunos que eu tenho, como não são alunas que tenham em termos motores grandes dificuldades. Mas mesmo que fossem, nós temos, neste momento, uma escola que tem todas as condições para ter os meninos em termos de elevador, e vamos tentando ajustar também às necessidades deles, portanto eu acho que em termos físicos o único constrangimento que sentimos é mesmo de facto o espaço exterior que é um espaço mal aproveitado mas isto é um problema de todos os alunos, não é só especificamente destes. Neste momento estamos a trabalhar num projeto que é a biblioteca sem barreiras, portanto, nós queremos que a biblioteca seja de facto uma biblioteca para todos os meninos e usada e que eles gostem de estar na biblioteca. De maneira que iniciámos um projeto nesse sentido e estamos de facto a tentar que ele se concretize para ser mais inclusiva.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE1</p>	<p>E sente que será necessária formação para melhorar as práticas inclusivas? Se sim, que tipo de formação acha necessária? Eu acho que sim, a formação em rede, a formação a acontecer ali no terreno, oficina de formação. A oficina de formação tem sempre uma componente</p>	

<p>Entrevistador</p>	<p>teórica mas depois tem uma componente prática em que as pessoas experimentam e trazem as dúvidas e levam as dúvidas para a formação, portanto é muito mais interativa, é muito mais acompanhada. Depois também a pessoa sente rede. Portanto, acho que seria a situação ideal</p>	
<p>Professora EE1</p>	<p>Que áreas/tópicos deveria abranger essa formação para os professores do regular?</p> <p>Áreas, precisamente esta, portanto, a questão da inclusão, não obstante ser muito, muito abrangente mas depois, teríamos que ver, dependendo da especificidade do professor. Já que íamos fazer uma oficina de formação, vamos imaginar, eu acho que tínhamos que ter aqui muito a especificidade da situação e também perguntar às pessoas, não somos nós que decidimos, o que é que as pessoas gostam de ver tratadas e do que é que têm necessidade de tratar acerca dessa questão. Seguramente eu acho que a questão do estar na sala de aula, fazer o quê?, como?, como é que se organizam os materiais? O computador deveria estar sempre a funcionar. Portanto há aqui aspetos, que sendo, à partida simples, porque são possíveis, mas que às vezes as pessoas não pensam neles e podem, de facto, ser barreiras ao processo de inclusão.</p>	
<p>Entrevistador</p>	<p>Gostaria de acrescentar alguma coisa, que não tenha sido abordado nesta entrevista?</p>	
<p>Professora EE1</p>	<p>De uma forma geral, eu penso que foi tudo focado e eu acho é que às vezes corre-se o risco de alguma dispersão mas eu acho que, de uma forma geral, acho que foram todos os aspetos tratados e abordados.</p>	
<p>Entrevistador</p>	<p>Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e colaboração, indispensáveis à consecução desta tarefa.</p>	

Entrevista à Professora EE2

Entrevistador	<p>Antes de iniciar esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação, do mestrado em Educação Especial, sobre as atitudes dos professores do regular face à inclusão de crianças com Multideficiência nas salas do ensino regular, tenho a informar que é da máxima importância a sua participação no desenvolvimento do meu trabalho.</p> <p>O objetivo deste trabalho é realizar entrevistas reflexivas que serão passadas em três momentos distintos. É importante ficar assente que não há respostas corretas ou erradas.</p> <p>Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato de cada participante.</p>
Entrevistador Professora EE2	<p>Começo por perguntar a sua idade</p> <p>Tenho 35 anos</p>
Entrevistador Professora EE2	<p>E quais são as suas habilitações académicas?</p> <p>Tenho a formação base em primeiro Ciclo, professores do primeiro Ciclo do Ensino Básico e tenho a pós graduação em Educação Especial.</p>
Entrevistador Professora EE2	<p>Qual é o seu grupo de docência?</p> <p>Estou colocada no grupo 910 de Educação Especial</p>
Entrevistador Professora EE2	<p>E a escola onde exerce?</p> <p>Agrupamento nº 3 de Beja</p>
Entrevistador Professora EE2	<p>Há quantos anos exerce a profissão docente?</p> <p>Há dez anos</p>
Entrevistador Professora EE2	<p>E na Educação Especial?</p> <p>Há três anos.</p>
Entrevistador Professora EE2	<p>Então já exerceu outras atividades/cargos além da função docente?</p> <p>Sim, também estive como animadora num jardim zoológico, fazia sessões. Portanto, no fundo também estava ligada à educação mas era sessões de sensibilização, fazia para grupos de adultos, para crianças. Fazíamos sessões pedagógicas com vários temas e portanto também estava ligada um bocado à educação.</p>
Entrevistador Professora EE2	<p>E que outras formações/especializações, além da de Educação Especial, realizou ao longo da sua carreira?</p> <p>Só aquelas formações contínuas, de todos os anos. Não tenho mais nenhuma especialização.</p>
Entrevistador	<p>Como se prepara para atualização de conhecimentos face às</p>

Professora EE2	<p>mudanças no currículo?</p> <p>É mesmo através dessas formações contínuas que nós vamos tendo ao longo dos anos e depois vou-me inscrevendo sempre. Tive uma formação da Multideficiência, uma vez que estava a trabalhar com alunos multideficientes e fui a Lisboa fazer. É uma maneira também de me atualizar.</p>	
Entrevistador	E qual a motivação que a leva a frequentar Ações de Formação que são oferecidas ao seu grupo de docência.	
Professora EE2	É mesmo sentir-me mais preparada, mais segura nas atividades. Ter mais ideias. Portanto fazer um trabalho melhor. É essa a motivação principal.	
Entrevistador	E antes de ter feito a Especialização em Educação Especial, já tinha frequentado alguma Ação de Formação na área das NEE?	
Professora EE2	Não.	
Entrevistador	E na formação inicial foi-lhe oferecida alguma formação sobre NEE?	
Professora EE2	Havia uma disciplina que eu frequentei. Eu já não me recordo se era de escolha ou se fazia parte mesmo do currículo, mas eu lembro-me que tive essa disciplina. Mas foi insuficiente para aquilo que eu gostaria de saber, mesmo como professora do primeiro ciclo, para aquilo que eu gostaria de saber, na altura, sobre as Necessidades Educativas Especiais.	
Entrevistador	E acha pertinente, tanto para si como para os docentes do ensino regular, a frequência de formação contínua na área da EE?	
Professora EE2	Pois é exatamente... acho, porque eu senti na minha formação inicial que era para professores do primeiro ciclo que só aquela disciplina não tinha sido suficiente. Portanto ou teria de ser no próprio currículo de formação ou com outras ações posteriores porque não era suficiente. Porque o que nós aprendemos lá era só uma coisa muito básica mesmo. E acho que era muito importante saber mais.	
Entrevistador	E, já agora, o que é para si a inclusão?	
Professora EE2	A inclusão é... a verdadeira inclusão é muito difícil de conseguir que é realmente os alunos além de estarem incluídos no próprio... num grupo com diferentes características, portanto uns alunos são especiais mas estão incluídos num grupo comum, não é, mas é depois conseguir-se que essa inclusão seja tão boa que eles	

<p>Entrevistador Professora EE2</p>	<p>tenham as mesmas oportunidades de aprender como os outros. E conseguir essas condições todas é que é o mais difícil. Portanto, não é só eles estarem lá mas é realmente... estão lá e aquilo está a ser realmente proveitoso. Estão a aproveitar e estão realmente a aprender de forma significativa. Não estão lá só por estar, só por estar ao lado dos outros.</p> <p>Estão realmente a aprender e naquele contexto mais natural possível. Isso é que é, para mim, a verdadeira inclusão.</p> <p>O que a distingue da integração</p> <p>É exatamente isso. É que a integração, eles podem estar integrados e não estarem... aquelas aprendizagens que eles estão a fazer não serem assim tão importantes para a vida deles, mas estão lá com os outros, que também é importante, e às vezes acontece, muitas vezes no dia-a-dia, há certas atividades que nós fazemos com os alunos que não são assim tão importantes, mas há a importância de estar com o grupo. Mas para mim, isso só pode ser uma coisa que aconteça pontualmente. O mais importante é eles estarem incluídos no grupo e estarem realmente com um trabalho ... o trabalho é tão bem pensado, para eles, em tudo, que eles estão ali mas é como se estivessem a fazer um trabalho ... no fundo um apoio especializado que eles conseguem aprender, estão com os outros, mas aquilo é mesmo importante para eles. Conseguem aprender no dia-a-dia, sempre, sempre, sempre e nenhum tempo é desperdiçado.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE2</p>	<p>E quais as Vantagens ou desvantagens que vê na inclusão?</p> <p>As desvantagens, é porque realmente é muito difícil de a conseguir a cem por cento. É difícil essa verdadeira inclusão em que todos os dias se consegue que o menino esteja a aprender e que aquilo faça diferença na vida dele, uma vez que as condições a nível, por exemplo, do pessoal e mesmo até de condições físicas. Por exemplo o Alex. ou outros miúdos que têm dificuldades, por exemplo precisam dum andarilho para andar. O ideal era que ele ... na sala onde ele está, pudesse, sempre, usar o andarilho, ou seja eu estava a treinar, além das outras coisas todas, a mobilidade, da maneira como ele a vai usar. Só que eu não tenho espaço nessa sala para ele usar sempre o andarilho e então ando com ele de outras</p>	

<p>Entrevistador Professora EE2</p>	<p>formas. Então a desvantagem na inclusão é que, realmente, nós não temos recursos materiais e humanos suficientes para a conseguir fazer da maneira plena. É só isso. Eu acho que não há qualquer desvantagem. A desvantagem é nós não a conseguirmos fazer. Então será mais uma barreira? É uma barreira. Encontro barreiras à inclusão, não propriamente que possa haver uma desvantagem. Tendo em atenção que ela é tão difícil de conseguir, por vezes, ela pode ser prejudicial. Se nós tivermos um menino incluído numa turma e não houver por exemplo se nunca conseguir andar com aquele aluno com o andarilho que ele devia andar porque não há espaço para ele circular e outras coisas mais, se calhar a inclusão tem de ser pensada. Ou arranja-se condições verdadeiramente boas para ele ou então tem de haver momentos em que ele não está com a turma e em que possa treinar essas coisas importantes também.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE2</p>	<p>Mas o que é que acha melhor, é ele estar com a turma ou não? É ele estar com a turma. Eu acho que se conseguir ter-se as condições para eles trabalharem. O que eu acho é que, o melhor tem de ser para ... o melhor possível para aquela criança é estar com o grupo e fazer as aprendizagens que precisa. Agora se ele não puder fazer as aprendizagens porque não há condições no grupo para o fazer, ele também tem que estar com momentos fora mas se conseguir fazer tudo, ou seja, ele estar dentro do grupo e fazer essas mesmas aprendizagens, isso é que era realmente o ideal. Só que nem sempre se consegue.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE2</p>	<p>E como vê o seu papel enquanto professora na promoção da inclusão na sala de aula onde presta apoio? É muito importante. Há várias atividades que se podem fazer para mudar um pouco a ideia de como estes miúdos são. O facto de precisarem de mais coisas, não faz com que eles sejam inferiores. São especiais mas todos no fundo acabam por ser. É o meu papel e que eu tento sempre é: todas as semanas levar pequenas coisas para os miúdos valorizarem os progressos destes colegas, verem que não foram só eles ... eles não aprenderam aquela música que eles aprenderam mas já aprenderam a fazer um jogo ou já aprenderam a encaixar uma peça ou já aprenderam a</p>	

Entrevistador	<p>virar a página de um livro, isto são coisas simples e eu tento sempre, todas as semanas não deixar em branco essas evoluções, mostrar aos colegas, ou mesmo, <i>in loco</i>, eles verem o colega a fazer ou trazer vídeos para eles verem e depois eles começam-se a interessar por esses próprios progressos e querem também participar e ajudar. Portanto é essencial o meu papel nessa parte. Se eu só chegar lá e não promover esse interesse dos colegas pelas coisas que aquele aluno faz e que aquele aluno precisa, ensinar essas coisas, a inclusão não é conseguida. Portanto é mesmo muito importante</p>	
Professora EE2	<p>Então acha que o papel do professor de Educação Especial, dentro da turma onde estes miúdos estão incluídos, é essencial?</p> <p>Acho essencial, até porque nós conhecemos tão bem os alunos, não é que a gente tenha de estar lá sempre mas podemos dar dicas ao professor do regular, como é que ele pode trabalhar com o miúdo, como é que ele pode fazer essa interação do menino com os outros e depois haver momentos em que nós já não precisamos de lá estar. Mas tem de haver esses momentos, semanalmente, não só para trabalharmos com o menino naquele contexto mas também para ajudarmos os outros a trabalhar com ele, nesse mesmo contexto. Por exemplo, hoje eu falei à educadora como é que a fisiatra me disse que eu devia agora deslocar-me com o aluno, quando não poderia usar o andarilho como é que deveria fazer. E eu agora ensinei à colega da turma para ela, quando tiver com ele, também o fazer corretamente</p>	
Entrevistador	<p>Durante a sua carreira, enquanto professora do regular, já teve na sala alunos com deficiência? De que tipo? (mental, física, sensorial, Multideficiência)</p>	
Professora EE2	<p>Trabalhei e foi por ter trabalhado que me interessei e que depois fui tirar a especialização.</p>	
Entrevistador	<p>E que tipo de deficiência tinha?</p>	
Professora EE2	<p>Multideficiência, autismo, cegueira também e paralisia cerebral. Trabalhei com esses todos.</p>	
Entrevistador	<p>Como define o aluno com Multideficiência?</p>	
Professora EE2	<p>Portanto é um aluno que tem a parte cognitiva afetada e depois uma das outras áreas também, a parte da mobilidade ou uma parte sensorial. Tem de ter duas grandes áreas comprometidas para se considerar um aluno com Multideficiência.</p>	

Entrevistador	E na altura em que recebeu esses alunos com deficiência, antes de ter especialização, quais foram as primeiras preocupações face à presenças desses alunos com deficiência na sua sala?	
Professora EE2	Foi falar com os professores de Educação Especial, foi falar com os pais, perceber o máximo possível daqueles alunos e depois também procurar ideias, com pessoas que já trabalhavam com esse tipo de alunos, de coisas interessantes que eu pudesse fazer com eles. Tentei logo procurar coisas que os outros alunos pudessem colaborar com eles e trabalharem na sala porque eu não queria de maneira nenhuma ser só professora dos outros alunos. Queria também ser professora deles. Então tive também de aprender. Basicamente foi isso que eu tive de fazer.	
Entrevistador	E quais foram as primeiras preocupações, que notou, que os professores das salas onde presta apoio sentiram perante a presença destes alunos com Multideficiência que têm nas salas?	
Professora EE2	A primeira coisa que eu senti foi o muito medo de serem deixados com eles sozinhos. O não saberem muito bem como haviam de atuar e com medo que houvessem momentos em que os alunos iriam ficar sozinhos com eles. O que na altura tentámos fazer foi dizer que isso só ia acontecer ..., que íamos tentar que isso acontecesse, porque também é bom o professor do regular tomar conta, portanto estar ali a trabalhar com o aluno, mas isso só iria acontecer depois de se sentirem à vontade e de deixarmos algumas tarefas, coisas ao longo do tempo, quando houvesse essa evolução depois o aluno então, poderia ficar ali alguns momentos sozinho. Mas esse foi logo medo apresentado inicialmente: "mas e ficam cá sozinhos e nós ficamos sozinhas com eles? É que nós não conseguimos fazer essa gestão dos alunos, com estes alunos nós já não conseguimos. Portanto foi muito medo.	
Entrevistador Professora EE2	E tem notado mudanças nas atitudes? Sim. Muitas mudanças. Os alunos já podem ser deixados sozinhos em momentos curtos porque são meninos que precisam de muita atenção e de muitos cuidados físicos também, para além da parte pedagógica, e por isso é normal que o professor do regular ou o educador não tenha muita disponibilidade, tendo mais de vinte ou cerca de vinte alunos na turma, mas foi-se fazendo um meio-termo,	

	<p>momentos ideais para o aluno poder ficar ali e algumas atividades que a educadora ou a professora possa fazer com esses alunos sem ter sempre o professor de Educação Especial ali. E numa situação ou noutra, embora não aconteça muitas vezes, eu achava que poderia acontecer mais, o professor de Educação Especial até estar ali de apoio mas a professora ou a educadora dizer assim: "deixa lá experimentar fazer isso agora com ele", já tem acontecido, mas poderia acontecer mais vezes porque essa interação é boa porque aí depois uma pessoa pode ajudar: "ele faz assim" "eu costumo fazer assim" e depois estarmos ali a dar um apoio mais direto mas isso é mesmo às vezes a falta de tempo. Mas já houve mudanças, já há mais interesse, já há mais vontade, já não há aquele pânico da criança ficar ali. Já é diferente.</p>	
Entrevistador	<p>Então como já há pouco falou nas dificuldades e barreiras que tem encontrado e que era preciso ainda percorrer um longo caminho, que iniciativas que considera importantes para a inclusão dos alunos com Multideficiência nas turmas onde presta apoio?</p>	
Professora EE2	<p>Portanto uma delas é aquela atividade ou atividades que eu digo de valorizar aquele aluno perante os outros e trazer coisas que os outros alunos gostem. Por exemplo nós temos jogos novos ali na Unidade, levar um desses jogos ou um desses brinquedos, ou um desses livros e os miúdos adoram ver esses jogos e gostam porque esses jogos, por serem simples, são também cativantes para os outros, não é só para os meninos de Educação Especial.</p> <p>Levar também os meninos, por exemplo, ao espaço onde eles estão a trabalhar noutros sítios, por exemplo, levar os meninos à Unidade, como já fazemos, fazemos uma dança, em vez de fazermos no jardim-de-infância, fazemos no espaço da Unidade. Para eles agora a Unidade não é aquilo que eles ouvem falar mas que nem sabem o que é. Sabem quando é que o colega está lá, para que é que está lá, que tipo de materiais é que ele usa e até têm vontade de ir lá, têm vontade de experimentar. Portanto é um bocado de desmistificar, por exemplo eles próprios poderem andar com o aluno com o andarilho, ensinar-lhes, portanto com supervisão, e eles depois gostam de participar e ensinar como é que o aluno há de se levantar. Eles acabam por se interessar e isso é uma</p>	

<p>Entrevistador</p> <p>Professora EE2</p>	<p>maneira de conseguir ultrapassar uma barreira. Portanto, eles não acharem que aquele menino é muito frágil, que está ali numa cadeira que não pode ser mexido e que temos de ter cuidado. Não. Que é um aluno com limitações mas também com muitas qualidades, muitas características e que eles depois ficam curiosos. Portanto, de uma maneira é nós realmente deixarmos-los entrar nesse mundo do aluno. Isso é, para mim, uma das maneiras de acabar com essas barreiras.</p> <p>Em relação também ao trazer um bocado os pais, esses pais a participarem em certas coisas, que também não é fácil, desses meninos.</p> <p>Portanto, no fundo, é, dentro do possível, porque nem sempre é possível fazer coisas iguais, mas é, as coisas que aqueles alunos fazem, que podem ter uma ponte com os outros, devem ser mostradas, devem ser valorizadas. E mesmo aquelas coisas, que para eles possam não fazer sentido para os outros fazerem eles gostam de saber o que aquele aluno faz e porque é que ele faz. Perceberem. No fundo é deixá-los entrar no mundo do colega também.</p> <p>Em relação à articulação entre a de apoio e a professora da turma?</p> <p>Aí, há também ... as pessoas terem um bocadinho de tempo para se sentarem e falarem sobre as coisas, que não é fácil, às vezes não é fácil arranjar esse tempo.</p> <p>Partilhar todas essas evoluções que nós também temos, não só na sala mas fora da sala, noutros contextos, com essa colega. "Olha, ele já consegue fazer isto" ou "ele já conseguiu comer com a própria mão, já conseguiu abrir a torneira", mostrar, se for preciso fotografar, se não for num contexto que a colega não possa ver. Mostrar depois também à colega. Fazê-las, realmente, ficar também contentes e empenharem-se nas evoluções que os alunos têm.</p> <p>Mas essa questão também do tempo da programação é muito importante. Ter um bocadinho de tempo para pensar "então o que é que podemos fazer em conjunto com os alunos, com os outros que possa ser feito, às vezes no início do ano e, no meu caso foi feito, mas tem falhado um pouco ao longo do ano e acho que é uma parte eu posso melhorar, que é, ao longo do ano depois vai-se quebrando. Ao início do ano eu faço aquelas coisas muito gerais e depois ao</p>	
--	--	--

<p>Entrevistador Professora EE2</p>	<p>longo do ano, vai-se perdendo e, se calhar, se houvesse assim uma ... como nós temos a reunião da Unidade, também haver ali um espaço de reunião onde: "então para o mês que vem, em que coisas, é que nós podemos explorar aqui mais a parte sensorial do Alex. ou que atividades é que tu vais fazer..." pronto, fazer assim várias reuniões, acho que seria bom.</p> <p>Sente necessidade de fazer planificação em conjunto. É exatamente. E isso, às vezes, não é feito.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE2</p>	<p>Considera positiva a inclusão de alunos com Multideficiência nas salas do ensino regular, quer para os alunos com Multideficiência, quer para os outros alunos?</p> <p>Eu considero muito importante e benéfico, mas o que acontece é que, por falta de condições humanas, e por vezes físicas, essa inclusão, por vezes, não é benéfica. Não havendo muitas condições, o aluno não poderá estar a aprender aquilo que realmente precisa. Portanto é benéfico mas tem de se criar essas condições. Senão ele ... se não há essas condições, não há maneira de criar essas condições ali, o aluno então, tem de ser retirado, bastantes momentos, e fazer um trabalho específico nas áreas que ele precisa porque ali não vai ter essa resposta</p>	
<p>Entrevistador Professora EE2</p>	<p>E sente que os professores do regular, nas turmas onde está a prestar apoio, consideram positiva a inclusão de alunos com Multideficiência nas suas turmas do regular?</p> <p>Eu acho que eles consideram mas continuam a achar, sempre, que os outros alunos nunca podem ser prejudicados devido a estes. E não percebem, não têm aquela perspetiva de que também estes alunos não devem ser prejudicados. Ou seja, na minha opinião, há sempre a balança pesa sempre mais no número de alunos que há mais, portanto, se há mais alunos sem Multideficiência, se o grupo é muito grande, esse grupo é que não é prejudicado. Se for necessário prejudicar alguém, é o aluno com Multideficiência.</p> <p>Eu acho que se deveria pensar nas duas coisas: "como é que nós podemos fazer, sem prejudicar nem uns nem outros" mas continuo a achar que há sempre ... dá-se sempre mais importância ao outro grupo maior.</p>	
<p>Entrevistador</p>	<p>Já foram apontadas aqui algumas iniciativas, mas quais as possíveis soluções que julga importantes implementar para melhorar o funcionamento da escola inclusiva</p>	

<p>Professora EE1</p>	<p>Portanto é, atualmente, é realmente haver mais recursos humanos, sem querer responsabilizar os professores das turmas que raramente querem ficar sozinhos com estes meninos, sem os tentar responsabilizar, mas realmente para se fazer um bom trabalho com estas crianças, eles precisam muito da sua atenção e precisam muito de tempo, muita disponibilidade e, por mais que o professor do regular queira fazer, é impossível ensinar aquilo que eles realmente precisam, porque não há tempo para isso. Portanto tem de haver mais tempo com estes meninos. É para mim uma das coisas importantes.</p> <p>Portanto, além das pessoas terem formação, irem evoluindo, aprenderem, terem essa formação, além dessas planificações em conjunto e com a escola e em conjunto com o professor para melhorar a atividade pedagógica. Tudo isso é importante. Mas se não houver realmente tempo, um tempo de qualidade, claro, mas tempo para estar com estes meninos e para lhes ensinar essas coisas que eles precisam, porque eles não aprendem sozinhos. Ao contrário dos outros que se levantam, vão buscar, vão ver, vão perguntar. Tudo com eles acontece naturalmente e nós temos de provocar todas as situações para estes meninos aprenderem, nós temos de os levar até elas. De fazer essas situações acontecerem para eles, porque realmente não são capazes de pedir, eles não são capazes de se levantarem, de perguntarem. Portanto esse tempo, para mim é das ... o tempo que se tem com esses meninos, haver bastante tempo, haver também recursos físicos, também é muito importante, e especializados, claro, para mim é o essencial.</p>	
<p>Entrevistador</p>	<p>E do que tem reparado, será que a inclusão muda a prática pedagógica dos professores do regular, onde presta apoio? Notou mudanças na sua prática pedagógica?</p>	
<p>Professora EE2</p>	<p>É assim, eu como professora de ensino regular, quando incluí, quando tinha alunos desses, mudei muita coisa e calculo que muitos dos colegas também mudem, outros não, outros tentam passar ao lado. Tentam que o trabalho seja completamente feito pelo professor de Educação Especial e não há qualquer mudança na rotina da turma. Mas eu não acho que é isso que deva acontecer.</p> <p>Portanto, falando pelo meu exemplo, quando era professora do ensino regular, mudou completamente</p>	

	<p>porque eu tinha de pensar em momentos em que aqueles meninos, todas as semanas, pudessem estar com a turma e numa coisa que fosse importante para eles. Portanto, eram meninos que precisavam de muita exploração sensorial, então todas as semanas fazíamos jogos dramáticos, jogos muito à base da música, das sensações. Fazíamos coisas relacionadas só com música. E isso tinha de ser programado também a pensar neles. Portanto logo aí mudava. Se fosse, se calhar, só pensar nos outros, tinha feito ... e assim era uma atividade que dava para todos e depois tinha vários momentos na turma em que havia espaço para os outros alunos trabalharem e fazerem coisas para aqueles meninos, por exemplo, prepararem um teatro de fantoches para apresentarem àquele colega ou fazer em conjunto uma história com símbolos ou ajudarem o colega a escrever em braille uma história que tinham inventado, portanto, para isso tinha de programar. Portanto não podia, de vez em quando incluir. Não, todas as semanas, quando pensava nas atividades, pensava: "como é que eu vou rentabilizar ao máximo aqueles alunos ali dentro e os meus alunos, com eles como é que nós podemos ..." e não vejo isso muitas vezes, mas vejo, por vezes nas turmas, e se não muda a planificação deles, ou a programação da maneira como programam a atividade pedagógica, pelo menos devia mudar. Se não muda, devia mudar.</p>	
Entrevistador	<p>Então já considerou que existem aqui algumas barreiras. Gostava que me referisse que barreiras ou facilitadores é que encontra, dentro do nosso Agrupamento, para a promoção da inclusão de alunos com Multideficiência</p>	
Professora EE2	<p>Portanto as barreiras têm mesmo a ver com essa parte de pouco tempo, poucos recursos e se há poucos recursos e pouco tempo, os alunos ficam prejudicados. Em vez de estarem a maioria do tempo com o seu grupo, se calhar muitas vezes não podem estar porque se o professor está ocupado com outro aluno e se a auxiliar está para quatro meninos é óbvio que essa auxiliar tem de ficar numa sala de apoio e não se pode dividir em quatro. Por isso é logo uma barreira.</p> <p>Outra barreira é realmente ainda pensar-se muito que o professor de Educação Especial é que tem a responsabilidade destes meninos, embora nós sabemos que no papel está escrito de outra forma,</p>	

	<p>nós também, um pouco, para aliviar o muito trabalho que os professores da educação regular já têm, também acabamos por nos ocupar muito destas coisas dos meninos de Educação Especial e para não sobrecarregar os colegas, mas isso faz com que eles às vezes não se envolvam tanto no processo, para mim também é uma barreira.</p> <p>Além das barreiras, os facilitadores são o bom ambiente, em relação a esta escola, o bom ambiente entre colegas que facilita nós podermos fazer um comentário, sugerirmos. Por exemplo já tenho umas ideias para o ano para umas visitas de estudo em que dão para todos, dão para os outros e dão para estes e vão todos gostar de certeza e as colegas gostaram da ideia e mostraram logo uma grande abertura e concordaram. Isso para mim é um facilitador. Embora não assumam totalmente a responsabilidade destes alunos mas mostram interesse em querer melhorar, portanto, há um bom ambiente de trabalho e isso para mim é um facilitador.</p> <p>Depois o espaço físico, neste caso, não há muitos materiais mas o espaço físico é muito melhor, por exemplo, que o espaço físico que tínhamos no ano anterior, também tem sido um facilitador muito importante. E depois o bom relacionamento com os pais destes meninos e podermos mandar certas tarefas para eles fazerem em casa e alguns deles colaborarem e isso também depois vai facilitar o nosso trabalho aqui, se os meninos fazem em casa o que eles fazem também aqui, e as coisas vão fazendo sentido. Por exemplo a alimentação, nós começamos a treinar a alimentação de um aluno com sólidos e a mãe em casa também começa a dar sólidos, pronto isso é também um facilitador porque o nosso trabalho depois, realmente, vê-se evolução porque é feito em todos os contextos</p>	
Entrevistador	E voltando um pouco atrás quando nós falámos na mudança de práticas pedagógicas, em relação ao projeto curricular de turma, notou que houve alterações com a inclusão destes alunos ou não tem bem noção do que é que se passa nesse sentido?	
Professora EE2	Há alguma preocupação de incluir alguns aspetos em relação a estes meninos mas eu penso que é uma coisa mínima em relação àquilo que devia de ser. Acho que pode-se melhorar bastante, nesse aspeto, os professores e educadores pensarem mesmo na turma	

	<p>como um todo, ou seja, a turma inclui aqueles meninos e "com esta turma assim, como é que nós vamos fazer, como é que vamos planificar" eu, às vezes, penso que é mais planificação e prepara-se as coisas ... o projeto curricular é pensado um pouco para os outros e nalguns momentos então vamos incluir aqueles. Eu acho que poderia ser pensado de outra forma.</p>	
Entrevistador	<p>E sente que será necessária formação para melhorar as práticas inclusivas? Se sim, que tipo de formação acha necessária?</p>	
Professora EE2	<p>Ai eu acho que sim. Na formação, coisas mais específicas como trabalhar com estas crianças e muita formação também para estas pessoas, do regular, que às vezes vivem um pouco à margem ... pronto, vão-se deixando levar pelo que o professor de Educação Especial vai fazendo e vai-lhes dando umas dicas mas eles não vivem verdadeiramente as necessidades destes meninos e se vissem, se soubessem mais também era mais fácil para eles se empenharem porque às vezes nós não fazemos mais porque não sabemos como devemos fazer. E se realmente tiverem mais formação sentem-se mais à vontade para dar uma opinião e para terem uma ideia, para se lembrarem de uma atividade. Se não houver essa formação, se não houver esse conhecimento, por mais boa vontade que tenham, simplesmente, não conseguem programar mais.</p>	
Entrevistador Professora EE2	<p>E que modalidade de formação seria a mais indicada? Coisas muito práticas. Eu acho que tudo o que é observar e ir mesmo a sítios ver, ver vídeos, ver professores a funcionarem com aqueles meninos. Coisas que podem fazer. Fazerem depois atividades, aplicarem essas atividades, acho que essas são ... eu falo por mim, aquela ação que tive no ano passado, era tudo muito ... pronto. Era teórico mas era tudo falando em coisas práticas. Portanto, pegando numa atividade, como é que podemos planificar aquela atividade, para uma criança com essas características e o que é que podemos melhorar, o que é que devemos ter em conta. E isso foi muito importante, porque havia troca de conhecimentos entre as colegas que também trabalhavam com alunos com problemas.</p>	

Entrevistador	Gostaria de acrescentar alguma coisa, que não tenha sido abordado nesta entrevista?	
Professora EE2	<i>Não, acho que tudo sobre o tema, acho que foi tudo dito.</i>	
Entrevistador	Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e colaboração, indispensáveis à consecução desta tarefa.	

Entrevista à Professora EE3

Entrevistador	<p>Antes de iniciar esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação, do mestrado em Educação Especial, sobre as atitudes dos professores do regular face à inclusão de crianças com Multideficiência nas salas do ensino regular, tenho a informar que é da máxima importância a sua participação no desenvolvimento do meu trabalho.</p> <p>O objetivo deste trabalho é realizar entrevistas reflexivas que serão passadas em três momentos distintos. É importante ficar assente que não há respostas corretas ou erradas.</p> <p>Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato de cada participante.</p>	
Entrevistador Professora EE3	<p>Começo por perguntar a sua idade</p> <p>Tenho 28 anos</p>	
Entrevistador Professora EE3	<p>E quais são as suas habilitações académicas?</p> <p>Sou licenciada em Primeiro Ciclo e tenho a componente curricular do mestrado no âmbito da comunicação alternativa e tecnologias de apoio.</p>	
Entrevistador Professora EE3	<p>Qual é o seu grupo de docência?</p> <p>O meu grupo de referência é o 110 - Primeiro Ciclo mas colocada em lugar de Educação Especial</p>	
Entrevistador Professora EE3	<p>E a escola onde exerce?</p> <p>Escola Básica de Santiago Maior e Escola Básica de Beringel.</p>	
Entrevistador Professora EE3	<p>Há quantos anos exerce a profissão docente?</p> <p>Há 4 anos.</p>	
Entrevistador Professora EE3	<p>E na Educação Especial?</p> <p>Como Especializada é este o primeiro ano.</p>	
Entrevistador Professora EE3	<p>Então já exerceu outras atividades/cargos além da função docente?</p> <p>Não.</p>	
Entrevistador Professora EE3	<p>E que outras formações/especializações realizou ao longo da sua carreira, além da formação base?</p> <p>Tenho formação a nível elementar em Língua Gestual Portuguesa, estou inscrita no curso de Intervenção Precoce e tenho as formações que vou fazendo ao nível da dislexia, ... formações a título pessoal.</p>	
Entrevistador	<p>Então já me está a responder em como é que se prepara para atualização de conhecimentos face às mudanças no</p>	

Professora EE3	currículo Sim. Portanto estar sempre atualizada no âmbito das Necessidades Educativas Especiais	
Entrevistador	E qual a motivação que a leva a frequentar Ações de Formação que são oferecidas ao seu grupo de docência.	
Professora EE3	O desafio que estes alunos nos põem constantemente.	
Entrevistador	E antes de ter feito a Especialização em Educação Especial, já tinha frequentado alguma Ação de Formação na área das NEE?	
Professora EE3	Tive no curso de licenciatura, já tinha tido contato e entretanto a primeira colocação que tive, efetiva, foi no âmbito do Ensino Especial e como tal, foi o que despertou ainda mais o interesse por estes alunos, pela luta constante que eles nos dão e por querer desenvolver mais algum trabalho com eles e achar que até tenho um bocadinho de vocação.	
Entrevistador	E na formação inicial, com já referiu, foi-lhe oferecida alguma formação sobre NEE. É capaz de especificar melhor.	
Professora EE3	Sim. Tivemos uma cadeira semestral, que os semestres da Universidade se resumem a um trimestre, mas pronto, que se chamava mesmo Necessidades Educativas Especiais onde tivemos contacto, na altura, ainda era o Decreto-lei 319. Trabalhámos um bocadinho a nível de teoria. Não tivemos contacto nenhum na prática. Só mesmo na teoria, com a realização de PEIs, de alguns projetos, mas tudo em contexto de sala de aula, com a parte das NEE	
Entrevistador	E acha pertinente, tanto para si como para os docentes do ensino regular, a frequência de formação contínua na área da EE?	
Professora EE3	Muito pertinente. Eu acho que toda a gente deve trabalhar sempre mais, e encontrar formações que possam responder cada vez melhor, porque cada aluno... Todos os alunos são diferentes. em Educação Especial, os alunos ainda são mais específicos e acho que deveremos ter sempre mais formação para conseguirmos responder às necessidades que eles apresentam, na sua especificidade.	
Entrevistador	E o que acha que é para si a inclusão?	
Professora EE3	Isso é um tema muito discutido. A inclusão, é assim:	

	<p>quando falamos na parte de colocar os meninos todos dentro da sala de aula, concordo perfeitamente. Eu sou das pessoas que, se calhar, trabalho mais em contexto de sala de aula porque eu não tiro os meninos da sala de aula. Trabalho dentro da sala de aula.</p> <p>Incluir não é só isso, não é só tê-los dentro da sala de aula, há que ter estratégias diversificadas para os conseguir colocar dentro da sala de aula. Em relação aos professores de Ensino Especial, acho que deverão estar dentro da sala de aula com o professor titular, trabalhar em conjunto, conseguir que os meninos integrem as mesmas atividades dos outros tentando, sim, com estratégias que sejam adequadas a eles, mas sempre com a turma, sempre o mais tempo possível dentro da turma. Mas claro acompanhados porque acho que sozinhos ficam perdidos.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE3</p>	<p>O que a distingue da integração</p> <p>A integração ... Pondo as coisas como ... Inclusão é inclui-los, é tê-los sempre. A integração é conseguir que eles próprios aceitem os colegas. Acho que integrá-los no grupo, sim, fazendo que eles próprios também consigam entrar dentro do grupo.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE3</p>	<p>E quais as Vantagens ou desvantagens que vê na inclusão?</p> <p>Tendo em conta que sou a favor que os meninos estejam na sala, portanto acho que é uma vantagem de eles estarem integrados, que participem nas atividades, que trabalhem.</p> <p>Desvantagens,... é assim, para eles, se calhar, às vezes, não é tão benéfico porque, se calhar, há meninos que precisam mais de silêncio, e dentro da sala, se calhar, não há. Acabam por trabalhar outras coisas diferentes e que, às vezes, os fazem sentir diferentes. Se calhar aí a parte de estarem fora da sala de aula faz mais sentido, para e eles não notarem tanto a diferença mas, desvantagens, eu não vejo grandes desvantagens. Vejo mais vantagens do que desvantagens. Até porque a nível social, acho que é a maior vantagem que eles têm, estarem incluídos.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE3</p>	<p>E como vê o seu papel enquanto professora na promoção da inclusão na sala de aula onde presta apoio?</p> <p>Eu acho que faço por isso, todos os dias, quando</p>	

	<p>tento que eles pertençam ao grupo quando tento que eles participem em todas as atividades, quando os levo, por exemplo, com os meninos do pré, que faço questão que eles estejam presentes na sala de aula, faço questão que trabalhem, nem que seja preciso agarrar na mão da menina, mesmo quando a menina não consegue fazer. E eu faço para que ela participe, para que ela dê o seu contributo. Porque eu acho que ela deve lá estar.</p>	
Entrevistador	<p>Então verifica que o professor de Educação Especial tem um papel preponderante para que se implemente a inclusão.</p>	
Professora EE3	<p>Tem. O professor de Educação Especial tem um papel por um motivo: se calhar nós estamos ali porque gostamos e como tal, daí a necessidade do professor de Educação Especial, porque é um gosto. Não só para ter trabalho mas porque é um gosto porque, eu pelo menos, quando venho trabalhar é porque gosto de trabalhar com estes meninos. Porque me dão mais desafios, porque eu acho que devo fazer alguma coisa por eles, como tal, acho que ... e é alguém que tem formação na área. Independentemente disso, a formação é muito importante.</p>	
Entrevistador	<p>Durante a sua carreira, enquanto professora do regular, antes da especialização, já teve na sala alunos com deficiência? De que tipo? (mental, física, sensorial, Multideficiência)</p>	
Professora EE3	<p>A nível cognitivo. Tive em anos de estágio ... tinha tido dois meninos em que um era trissomia 21, mas tinha um professor de Educação Especial a tempo inteiro dentro da sala, portanto trabalho como estagiária, pouco. Mas tinha a nível cognitivo, alguns défices cognitivos mas não Multideficiência, nem deficiência mental profunda.</p>	
Entrevistador	<p>Então na área da Multideficiência é o primeiro contacto que tem?</p>	
Professora EE3	<p>É sim a primeira vez.</p>	
Entrevistador	<p>Como define o aluno com Multideficiência?</p>	
Professora EE3	<p>O que tem mais do que uma deficiência associada. E normalmente a nível cognitivo e a nível físico.</p>	
Entrevistador	<p>Então e quais as primeiras preocupações face à presença destes alunos com Multideficiência, na turma, onde presta apoio?</p>	

Professora EE3	Primeiro que tudo, tentei informar-me sobre a problemática da paralisia cerebral: a parte teórica. Depois o conhecer, com os técnicos que já tinham trabalhado com os alunos. Falei com a fisioterapeuta, fui ver tudo o que estava no processo dos meninos. E falar e orientar as coisas com os técnicos que já trabalhavam, que já conheciam. Com os auxiliares, com toda a gente que conhecia os meninos para conseguir entrar e fazer o melhor possível por eles.
Entrevistador	E que preocupações é que tem visto, face à inclusão destes alunos, na professora do regular.
Professora EE3	Tirando que às vezes esquecem-se que eles existem
Entrevistador	E sente isso?
Professora EE3	Sinto. Já por três ou quatro vezes, senti que quando... ou quando eu estou a chegar à sala, ou eles já lá não estão, ou porque foram a uma visita de estudo e nem sequer avisaram que havia essa visita de estudo. Poderia ser um dia inteiro, podia ser que a aluna não pudesse participar pelas suas condições físicas, mas pelo menos avisarem, porque eles fazem parte da turma e, há determinadas atividades que eles fazem e que eles até poderiam participar e não participam. Não agora no final do ano, porque estão a participar.
Entrevistador	Notou alguma evolução no final do ano.
Professora EE3	Notei
Entrevistador	E em relação à turma do primeiro ano, em relação ao aluno, como é que sente a preocupação da professora?
Professora EE3	Aí, o aluno com que trabalho a nível do primeiro ciclo, posso dizer que a professora do regular trabalha muito bem. Aceitou muito bem as dicas, entre aspas, que eu fui dando. Tudo aquilo que eu pedi, ela acedeu. Tudo aquilo que eu propus, ao nível de estratégias, ela cumpriu. Posso dizer que era alguém que não tinha contacto e que não tinha apoio nenhum sobre a problemática e que tem estado muito disponível e que aceitou todas as indicações. Que todos os trabalhos que eu deixei propostos para o aluno, durante a semana, eles foram feitos, foram realizados. Houve uma continuidade e há um apoio das duas partes. Posso dizer que sim
Entrevistador	E que iniciativas que considera importantes serem

Professora EE3	<p>tomadas, para a inclusão desses alunos na turma onde presta apoio?</p> <p>É assim. São alunos especiais, são. São alunos diferentes, sim. Precisam de outro tipo de atividades, precisam. E têm de ... é assim: eles estão lá. Também tem de se fazer trabalho. Em vez de serem só eles a fazerem as atividades dos outros, os outros fazerem as que eles fazem. Ser ao contrário um bocadinho. Se o aluno precisa, por exemplo, de vir passear à rua, de meia em meia hora, dar uma volta na rua. Então, se calhar não era só ele a vir, por vezes, os outros também: dar uma voltinha e vai tudo para dentro da sala.</p> <p>Sei lá, acho que o trabalho tem que ser feito assim.</p>	
Entrevistador	E conseguiu que haja essa articulação, entre o professor da turma e o professor de Educação Especial	
Professora EE3	Tenho conseguido, sim. Com as duas turmas do primeiro ciclo em que estou a trabalhar, felizmente. E principalmente com o aluno da Multideficiência. Que o aluno não tinha apoio até ali e não tinha ... a professora do ensino regular não tinha orientações e tem trabalhado muito.	
Entrevistador	Então existe um trabalho de parceria e de cooperação entre o professor do regular e o de apoio?	
Professora EE3	Existe. Tem existido sim.	
Entrevistador	E em relação à produção e adaptação de materiais, é feito pelo professor de Educação Especial ou é em colaboração?	
Professora EE3	É em colaboração. Tem sido em colaboração. Um dos alunos trabalha em contexto de sala de aula., portanto, o que os outros fazem, ele faz. O outro precisa de materiais adaptados e umas vezes eu deixo orientações e deixo trabalho, outras vezes deixo só as orientações e a professora do ensino regular trabalha.	
Entrevistador	Então considera positiva a inclusão destes alunos com Multideficiência nas salas do ensino regular, quer para estes alunos quer para os outros.	
Professora EE3	Considero. Até porque se nota um cuidado especial dos outros alunos para com eles, para com os nossos meninos e eles acabam por se preocupar com os outros mesmo se os virem a chorar vão. Portanto acho que é muito benéfico para eles estarem, tanto para uns como para outros.	
Entrevistador	E sente que os professores do regular, nas turmas onde	

Professora EE3	<p>está a prestar apoio, consideram positiva a inclusão de alunos com Multideficiência nas suas turmas do regular?</p> <p>Penso que sim. Eu falo deste ano especialmente, tem corrido bem. E como tem corrido bem e a aceitação destes alunos, por exemplo temos o caso do aluno da Multideficiência que seria mais benéfico para ele, por exemplo, vir para o Agrupamento. A preocupação da professora é: "e tirá-lo ao grupo e ele sair do grupo dele é bom? Será que é bom para ele?" Portanto há uma preocupação em relação ao aluno, em relação ao grupo e em relação a ele com o grupo.</p>	
Entrevistador	Então e na turma que diz que por vezes se esquecem da menina do pré-escolar, acha que considera positiva a inclusão desta menina na sala?	
Professora EE3	Eu acho que não estavam habituados a ela. Acho que foi isso, nunca tiveram tempo para se habituar a ela. E então agora como já estão à espera que ela apareça, já estão ...	
Entrevistador	Então está a notar uma mudança de atitudes?	
Professora EE3	Há uma mudança de atitudes, há. Mas às vezes ainda se esquecem. Basta eu dizer que têm duas estagiárias dentro da sala e ainda nunca vi uma única atividade preparada para eles, para os meninos da Multideficiência. Ainda nunca houve. Não comigo. Não sei dizer se com a outra colega que vai, que não tenha já havido. Mas também acho que não, que não houve.	
Entrevistador	Então quais são as possíveis soluções, que julga importantes implementar, para melhorar o funcionamento da escola inclusiva	
Professora EE3	<p>Primeiro que tudo tem que haver uma aceitação. Perceber que os meninos são nossos, são da escola, têm que estar nas turmas. Precisam de um apoio diferenciado, precisam. Mas, primeiro que tudo, mudança de mentalidades.</p> <p>A nível de apoios, voltamos ao mesmo, faltam apoios. Eu, por exemplo, sinto que fazia falta, a tempo inteiro, com a menina do pré. A tempo inteiro, tirando as terapias, como é óbvio, porque as terapias acho que lhe fazem muitíssimo bem. Mas faria falta a tempo inteiro na sala do primeiro ciclo, tanto de um aluno como do outro. Um porque tem um comportamento extremamente especial e precisava para controlá-lo e também para ajudar a professora do ensino regular, que acaba por, às</p>	

	<p>vezes, não trabalhar tanto com ele porque não dá, porque ele não permite, a nível de comportamento, e se estiver alguém ao lado dele, ele até trabalha. O outro porque, como nós costumamos dizer em relação a este menino, a cabeça anda mais rápido do que a mão e ele precisava de mais tempo de alguém com ele sempre, principalmente os três primeiros dias da semana. Se ele tivesse apoio os dias todos, ele tinha ido bem mais longe.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE3</p>	<p>Então na sua opinião deveria haver mais apoios? Mais apoios.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE3</p>	<p>E em relação a formação o que é que acha? Eu acho que os professores do ensino regular deveriam, pelo menos assim, umas noções básicas de como ... a parte teórica, portanto. Depois a prática, a parte prática depois têm-nos lá, acabam por os ter lá. Se calhar às vezes faltam-lhe bases e contacto com, nem que seja, com os outros colegas para troca de experiências. Para poder haver troca de experiências. Portanto acho que a formação também entra por aí, nem que seja por estar com os outros colegas, porque as formações, há algumas mas, ou são muito caras ou são todas em Lisboa, no Porto e afins. E aqui onde nós estamos? Não há. Não há ou são muito caras. Também não há acesso mas deveria haver, a nível de escola. A nível de escola, havia formação no início do ano, havia formação a meio do ano, havia formação no fim do ano. Haver assim um ponto de avaliação e troca de instrumentos, como é óbvio.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE3</p>	<p>E do que tem conseguido observar ao longo do ano nas salas onde presta apoio, acha que a inclusão muda a prática pedagógica dos professores do regular? Acaba por mudar porque eles acabam por se aperceber, quando têm alunos mais específicos, acabam por se aperceber e até tentar trabalhar com os outros numa maneira também mais específica. Acho que acordam um bocadinho para a vida. Porque quando só têm uma turma, vá, de meninos normais, como se diz, desligam das outras coisas. Depois ouvimos falar as colegas que têm os meninos de Ensino Especial e ... trabalham de uma maneira diferente em contexto de sala de aula. Pelo menos é</p>	

	<p>o que eu tenho sentido este ano. No ano passado não. Mas este ano sim.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE3</p>	<p>E em relação às barreiras e facilitadores que encontra, dentro do nosso Agrupamento, para a promoção da inclusão de alunos com Multideficiência</p> <p>Barreira: falta de materiais. A nível de falta de material.</p> <p>Os pais. Que às vezes, também, não são..., se calhar por algum motivo, ainda não ... eu falo da aluna que tenho. Ainda não houve a aceitação total, se calhar, do que os filhos têm e depois também ... e não sabem responder. E é uma aprendizagem constante, é verdade.</p> <p>Mas barreiras, principalmente, físicas. Acho que há muitas barreiras físicas. Nós, na Unidade, podíamos proporcionar, se tivéssemos mais materiais (a nível sensorial) podíamos proporcionar outro tipo de ensino. Mas não há dinheiro. Não há dinheiro, não podemos comprar.</p>	
<p>Entrevistador Professora EE3</p>	<p>E facilitadores?</p> <p>Facilitadores: o empenho de todos os profissionais que trabalham com os meninos.</p> <p>Cá está. Como temos os pais, como barreira, também temos os pais como facilitadores.</p> <p>A disponibilidade e a entrega dos técnicos.</p> <p>Como falei há pouco, da falta de apoios.</p> <p>Os técnicos virem de fora é mau, é uma barreira. O facto de o técnico não pertencer à escola, porque há horas estabelecidas, portanto é barreira.</p> <p>No entanto os técnicos que estão a trabalhar, considero que são muito bons e que acabam por ser facilitadores, para se trabalhar com eles e sempre disponíveis para o contacto connosco. Acho que isso tem facilitado imenso. A preocupação dos técnicos, apesar do contexto de trabalho ser outro e de alguns deles virem cá uma vez ou duas por semana, o estarem disponíveis para ...</p>	
<p>Entrevistador Professora EE3</p>	<p>E já referiu há pouco da importância da formação. Que tipo de formação acha necessária ser implementada dentro do Agrupamento?</p> <p>Teremos que fazer, se calhar, um levantamento de todas as necessidades e depois ver o que há mais de comum. É assim, se temos dez meninos com dislexia, acho que há que apostar num trabalho, numa formação sobre dislexia.</p>	
<p>Entrevistador</p>	<p>Mas eu digo na área da Multideficiência</p>	

Professora EE3	<p>A nível de Multideficiência, temos o levantamento dos alunos com Multideficiência. O que é que eles têm? Se temos uma paralisia, se temos trissomias associadas a outras doenças, a outros problemas cognitivos e sensoriais, acho que depois desse levantamento, deve fazer as formações em função desses alunos. A parte teórica tem que vir, tem que haver para se poder chegar à prática. Sem dúvida alguma.</p>	
Entrevistador Professora EE3	<p>E que modalidade de formação seria a mais indicada?</p> <p>Eu acho que as oficinas de formação funcionam melhor do que a formação aos sábados inteiros, aquelas oficinas que se calhar dava para frequentar duas vezes por semana, uma horinha, para ir lá para troca de experiências, para troca de materiais. Claro, supervisionada por especializados na área. Mas penso que a nível de paralisia cerebral, trissomia, autismo, por aí, acho que era bom apostar. Porque há alunos muito específicos e que nem sempre temos ... e formação também com os técnicos. Eu, o que senti, ao início com a aluna da paralisia. Eu não sabia como lhe mexer e eu só tenho um dia por semana, em conjunto com a técnica, com a fisioterapeuta. Eu não tenho um único dia em conjunto com a terapeuta da fala. É aí falha. Falha porque, eu nos meus dias, eu tento fazer o que a fisioterapeuta me ensinou para eu poder ajudar a aluna a evoluir, a nível físico. A nível cognitivo, vou fazendo as partes que eu sei mas acho que falta a articulação, não fora porque fora há o contacto, há a articulação, há preparação de materiais em conjunto. No entanto falta o trabalho conjunto. Porque os apoios são tão pouquinhos que não dá para conjugar as mesmas horas. Têm que se distribuir para eles terem mais tempo ocupados.</p>	
Entrevistador Professora EE3	<p>Gostaria de acrescentar alguma coisa, que não tenha sido abordado nesta entrevista?</p> <p>Penso que, apesar dos alunos deverem estar incluídos nas turmas, as Unidades são muito importantes. Muito importantes, primeiro porque são um lugar de referência deles. Os meninos quando chegam, é ali que vão ter. Porque é a sala deles. É assim, a Unidade de Multideficiência, supostamente, tem os materiais todos que eles podem usar, tanto para brincar como adaptados e</p>	

Entrevistador	<p>na sala do regular não podemos ter isso tudo. Não podemos ter os colchões, não podemos ter a piscina de bolas. Como tal, apesar de eles poderem passar mais tempo na sala com os outros, no entanto a Unidade não deve acabar e não devem estar a tempo inteiro lá. Porque eles também precisam daqueles omentos para descansar, para brincar, para trabalharem com outros materiais que dentro da sala não é possível. Portanto acho que é de reforçar que é muito importante estar dentro da sala, sim mas também é muito importante terem a salinha da Unidade, sem dúvida nenhuma.</p> <p>Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e colaboração, indispensáveis à consecução desta tarefa.</p>	
---------------	--	--

APÊNDICE nº 4

Análise de Conteúdo – 1º e 2º Ciclo da Investigação

ANÁLISE DE CONTEÚDO

FORMAÇÃO CONTÍNUA EM EDUCAÇÃO						
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.		
TIPO	Autoformação	Ed.1	- Autoformação. Procuro também atualizar-me através de leituras e revistas, dentro da minha área.	6 - 7		
		Prof.3	- (...) lendo informação que nos é dada através de e-mail - (...) ou em manuais, livros.			
		Ed.2	- Através de leituras - (...) através da internet - (...) site do Ministério			
		Ed.1	- (...) formação em grupos cooperativos - Congressos - Formação acreditada (...) que vá de encontro às minhas necessidades - Fiz ainda um curso denominado "Curso de valorização técnica orientada para a administração escolar"		10 - 11	
		Prof.1	- (...) participando em ações de formação			
		Prof.2	- (...) formações que nos são oferecidas			
	Prof.3	- Participando em ações de formação,				
	Prof.4	- (...) recorro à formação				
	Ed.2	- (...) conferências - (...) ações de formação - (...) muitas				
	ÁREA	De acordo com a necessidade do momento	Ed.1	- Sentir necessidade, nalguma área, em que eu gostaria de ter uma melhor intervenção		2
			Prof.2	- (...) escolhendo sempre aquela que eu sinto que tenho mais necessidade		
		Informática	Prof.1	- (...) informática,	2	
			Prof.4	- (...) ao nível de informática		
		Ciências da Natureza	Prof.1	- Estudo do Meio – Ciências	2	
Ed.2.			- (...) ciências			
Escrita		Ed.2	- (...) escrita	1		
Matemática		Ed.2	- (...) matemática	1		
Expressões	Ed.2	- (...) das expressões	1			
Geral	Ed.2	- (...) em todas as áreas	1			
MOTIVAÇÃO	Valorizar a sua prática	Ed.1	- (...) procurar aquela formação que eu ache que na minha área me possa ajudar na minha formação, na minha prática pedagógica do dia-a-dia.	12 - 13		
		Prof.1	- A curiosidade - (...) o interesse em relação a determinados alunos que tenho nas diferentes turmas - (...) às necessidades que vão aparecendo, - (...) à complexidade das crianças de hoje em dia - (...) nós temos de estar atualizados para dar resposta			
			Prof.2		Colmatar necessidades	

			- (...) escolhendo sempre aquela que eu sinto que tenho mais necessidade	3
		Prof.3	- Sim. Sinto necessidade (atualizar conhecimentos).	
		Prof.4	- (...) tentar melhorar a minha ação	
			- (...) tentar ajudar os meus alunos o melhor que posso	
		Ed.2	- (...) enriquecimento da minha ação	
	... para me motivar			
	Obrigatoriedade na carreira	Prof.2	Porque somos obrigados	
Prof.3		Necessidade de mudar de escalão		
		- (...) por necessidade mesmo para trabalhar na função docente		

LEGENDA:

Xxxx - Primeiro ciclo

Xxx - Segundo ciclo

FORMAÇÃO NEE/EDUCAÇÃO ESPECIAL							
	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.		
FORMAÇÃO NEE/EDUCAÇÃO ESPECIAL	FORMAÇÃO INICIAL	Não tem formação	Ed.1	- Na minha formação inicial eu não me recordo de haver assim nada. - não tenho muita ideia disso.	6		
			Prof.2	- Que eu me recorde, não.			
			Prof.3	- Não.			
				- Na formação inicial nenhuma assim dirigida às NEE.			
		Ed.2	- (...) não especificamente				
		Tem formação	Prof.1	- Acho que sim		- (...) o meu curso, na minha formação, nós tivemos Ensino Especial	4
				Prof.4		Tive uma cadeira semestral de psicologia - (...) e uma anual	
		FORMAÇÃO EM SERVIÇO	Formação em NEE	Ed.1		- No CESE que fiz de orientação pedagógica tive uma disciplina mesmo de Educação Especial	11
	Prof.2			- Só pontuais de um dia, - seminários.			
				- (...) no curso de psicologia, isso foi abordado mas é a única coisa			
Prof.3	- Já.						
	- Não me recordo quantas mas sei que já fiz						
Prof.4	- Fiz sobre a dislexia						
Ed.2	- Já várias.						
	- A última que frequentei foi sobre meninos surdos.						
	- E aqui na escola foi uma com a terapeuta da fala sobre consciência fonológica. - E também fui a uma conferência sobre dislexia.						
Não tem Formação em	Prof.1		- Especificamente não.	3			
		Prof.2	- Formação não				

	Educação Especial	Prof.3	- Não	
PERTINÊNCIA		Ed.1	- Eu acho que sim	15 - 16
		Prof.1	- Sim.	
			- Principalmente agora	
			- (...) só através de uma formação é que nós conseguimos trabalhar com elas	
		Prof.2	- (...) porque a minha turma tem vários casos de Ensino Especial	
			- Claro que sim e cada vez mais	
			- (...) nós cada vez mais somos confrontados com esses desafios,	
		Prof.3	- (...) essas crianças que vêm que são incluídas nas nossas turmas	
			- (...) às vezes temos dificuldade em resolver alguns problemas	
			- Acho,	
Prof.4	- (...) acho pertinente			
	- (...) porque cada vez temos mais alunos integrados nas turmas do regular			
	- Sim (foram uteis).			
Ed.2	- Acho muito pertinente			
	- (...) porque cada vez mais nos aparecem nas salas de aula juntamente com os alunos do regular, alunos com necessidades às quais nem sempre sabemos responder, a menos que tenhamos essas formações.			
INSATISFAÇÃO COM FORMAÇÃO ENCONTRADA		Prof.3	- Acho muito importante	2
		Prof.3	- Mas nem sempre encontro sobre o que quero como é o caso de trabalhar com estes alunos.	
			- Embora fossem muito generalistas e eram só teoria.	

LEGENDA:

Xxxx – Primeiro ciclo

Xxx - Segundo ciclo

NECESSIDADE DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.	
NECESSIDADE DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA	ÁREA	Geral	Prof.1	- (...) e cada caso é um caso diferente e sinto a necessidade de me aproximar dessas crianças	6 - 7
			Prof.2	- (...) e sentimos, se calhar, necessidade de dar respostas	
				- (...) teria de se começar por uma formação com um tema mais abrangente	
			- Sobre o "tipo" de alunos que nos podem vir parar às mãos		
			Prof.3	- (...) e sentimos essa falha de não saber como devemos lidar com eles nem como havemos de trabalhar.	
		Ed.2	- (...) formação em várias áreas		
			- Os tópicos a abordar são tantos		
		Multideficiência	Ed.1	- (...) na área de Multideficiência como é a primeira vez, que recebi uma criança	7
				- (...) tenho mesmo necessidade de formação nessa Área	
				- (...) na Multideficiência eu não tenho formação nenhuma e preciso mesmo	
	- (...)... eu precisaria e gostaria de frequentar uma ação nesse âmbito				
	Prof.3		- (...) cada vez temos mais alunos com deficiências e cada vez sentimos mais a necessidade de ter formação e nos sentimos muito perdidos nessa área		
			- A área seria a da Multideficiência		
	Prof.4	- (...) Multideficiência			
	Específicas	surdez	Prof.2	- (...) se calhar especificar (...) crianças surdas	1
autismo		Prof.4	- Muito específica- (...) acho que era preciso que tivesse outra sobre autismo,	1	
trissomia			- (...) outra sobre trissomia,	1	
Paralisia cerebral		- (...) outra sobre paralisia,	1		
TÓPICOS A TRATAR	Estratégias	Ed.1	- (...) que estratégias é que eu posso e ...	10 - 11	
			- (...) algumas estratégias		
			(...) algumas formas de trabalhar com estes meninos.		
		Prof.1	- O que é que é preciso porque eu tenho vários tipos de crianças do Ensino Especial, de vários problemas		
			- (...) o que é que eu faço com um e depois o que é que eu faço com o outro.		
		Prof.2	- (...) como é que havia de trabalhar com ela.		
			- (...) e a melhor maneira de trabalhar com eles.		
		Prof.3	(...) o que fazer para que eles atinjam aquelas metas que são propostas		
			(...) como é que nós procedemos,		
		Prof.4	- (...) estratégias,		
Ed.2	- (...) como trabalhar com essas crianças				
Relacionais	Prof.3	- (...) mais no aspeto de como chegar a esses alunos,			

MODALIDADE DE FORMAÇÃO				(...) como é que os incluímos na turma mas ao mesmo tempo não prejudicando o resto do grupo - (...) como é que fazemos, como é que lidamos com eles...	3			
			Inespecíficas	Ed.1 - Darem-me algumas soluções, Prof.1 , - O que é que eu vou fazer com elas.	2			
		Atividades	Ed.1	- (...) que atividades é que eu posso desenvolver com meninos com este tipo de deficiências,	5			
			Prof.1	- (...) que atividade fazer com essas crianças. - (...) que tipo de atividades é que eu vou fazer com elas.				
				- O que é que eu vou pôr no caderno.				
			Prof.4	- (...) coisas práticas que pudéssemos utilizar com os alunos				
		Materiais	Ed.1	- (...) que materiais eu devo usar,	4			
			Prof.1	- Que materiais, é que eu vou utilizar para trabalhar com eles.				
			Prof.4	- Os tópicos deveriam de ser materiais, - (...) construção de materiais a que pudéssemos recorrer,				
		Leituras		Ed.1 - (...) que leituras eu devo fazer também porque para ter alguma fundamentação científica sobre isso.	1			
		Oficina de Formação		Ed.1	- (...) a oficina de formação até poderia ser uma delas. - Podia ser que nós pudéssemos construir alguns materiais e, como temos os meninos, aplica-los em sala de aula e ver até que ponto é que são adaptados aos meninos e os meninos são recetivos - Sim, podia ser uma opção (Formação com pontos de reflexão continuada no tempo como no MEM) - (...) que nos deem algumas indicações de formas de trabalhar e estratégias de trabalhar todos os dias.	17 - 18		
					Prof.2		- (...) uma formação, ao longo do ano - (...) sermos elucidados e conseguirmos depois dar resposta. - Um tipo de oficina de formação	
							Prof.3	- Teria de ser uma formação com algum nível de profundidade - (...) tinha de ser uma coisa mais específica e contínua. - A modalidade de oficina de formação tem as suas vantagens - (...) com os casos concretos, nós fazemos ali coisas mais concretas, não basear só no aspeto teórico que não tem nenhuma aplicação concreta

				- Seria mais trabalharmos em casos reais e vermos o que é que entre todas poderíamos fazer e depois passar daí e tirar daí conclusões, trabalhos e materiais.			
				- Coisas que possamos aplicar depois.			
				Prof.4		- (...) formação que se relacione com a prática,	
				- (...) prefiro assim do que a teórica			
				Ed.2		- Mas uma formação essencialmente prática	
						- (...) modalidade mais de oficina,	
						- (...) uma formação que tem mais prática e dá mais oportunidade de nós fazermos e trocarmos experiências	
				Oficina e Ação de Formação		Prof.1	- (...) ação de formação e oficina.
						- A teoria e experiências dos colegas e depois o fazer.	
						- Exemplificar mas aprendendo a fazer os materiais	
					3		

LEGENDA:

Xxxx - Primeiro ciclo

Xxx - Segundo ciclo

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COM ALUNOS DE E.E.					
EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COM ALUNOS DE E.E.	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.
	TIPO DE DEFICIÊNCIA	Deficiência mental	Ed.1	- (...) tive há cerca de quatro anos um menino que tinha um síndrome que eu agora não me lembro o nome. (...) foi um menino que tinha uma deficiência mental	3
			Prof.1	- Já tive dois anos em que eram com problemas cognitivos os dois. Eram crianças que tinham, uma idade cognitiva inferior à idade que tinham à faixa etária.	
			Prof.2	- (...) só agora de há quatro anos para cá é que tive mental,	
		Dificuldades de aprendizagem	Ed.1	- Sim. Meninos, com dificuldades de aprendizagem, já tive alguns	2
			Prof.2	- (...) nos anos mais anteriores só as crianças que nós dizíamos com necessidades específicas de aprendizagem e não estas crianças com necessidades mais profundas.	
		Autismo	Prof.4	- (...) e já tive um menino autista.	1
	Sensorial	Ed.2	- Sim, (...) foi o caso de alunos surdos	1	
	Multideficiência	Ed.1	- (...) tive um menino o ano passado (com Multideficiência), entrou outro menino este ano		
		Prof.1	- (...) Um aluno com Multideficiência é o caso da minha aluna		
Prof.2		- E agora a aluna com Multideficiência.			

			Prof.3 - Tive no ano passado, ... a aluna M. que era multideficiente e este ano a mesma aluna mas com pouquíssima frequência - Esta é a primeira experiência que tenho	7
		Prof.4 - Este ano letivo, tenho um menino com trissomia 21 e apresenta problemas na mobilidade		
		Ed.2 - (...) e também com Multideficiência		

LEGENDA:

Xxxx - Primeiro ciclo

Xxx - Segundo ciclo

INCLUSÃO/INTEGRAÇÃO					
	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.
INCLUSÃO/INTEGRAÇÃO	CONCEITO	Pertença ao grupo	Ed.1	- (...) a criança faz parte do grupo,	8 - 10
				- (...) que o grupo aceite e que ela faça parte das atividades e da programação do dia-a-dia	
				- (...) a inclusão é o fazer parte do grupo,	
				- (...) faz parte.	
				- (...) é um receber a criança como uma criança (...) que é aceite como os outros,	
				- (...) Poderão haver sim, atividades (planeadas) em que estas crianças (participem com prazer): música, histórias, jogo simbólico com os outros pares, passeios, algumas atividades plásticas,	
			Prof.2	- As crianças que têm aquelas necessidades que nós chamamos de especiais poderem ter vivências com as outras crianças dos currículos normais.	
			Prof.3	- (...) é nós termos um aluno diferente, com características diferentes do restante grupo, com uma capacidade diferente de aprendizagem e tentar com que esse aluno consiga ter um percurso que vá, não em paralelo, mas que não se sinta fora do grupo turma,	
			Prof.4	- Então inclusão é... fazer com que todos participem, o mais possível, nas mesmas atividades contribuindo como podem para o desenvolvimento de uma atividade.	
			Ed.2	- A inclusão é os meninos participarem em todas as atividades. (...) Nós depois adaptamos conforme as competências que cada criança tem.	
Sentido de	Ed.1	- (...) a inclusão é todos termos alguma coisa para dar, todos temos alguma coisa para receber			
		- (...) e todos aprendemos ao mesmo tempo			
		- Se calhar a inclusão será um termo mais abrangente do incluir do ser do estar, do fazer parte			

		Equidade	Prof.1	- A inclusão para mim é perceber e entender as necessidades educativas especiais de todos os alunos na sala de forma a ajudá-las no seu percurso escolar e desenvolvimento pessoal	5 - 6
			Prof.2	- (...) todas as crianças terem a possibilidade de terem as mesmas oportunidades ou as mesmas vivências	
			Prof.3	(...) portanto que sinta que nós estamos a trabalhar com ele como estaríamos a trabalhar com o restante grupo.	
		Dificuldade em definir	Prof.1	- É incluir crianças ditas diferentes, (...) que têm problemas específicos numa turma em que as outras crianças têm um percurso dito normal no ensino, nas aprendizagens e na parte cognitiva e motora	2 - 3
				- Estamos a integrá-las em turmas “especiais” porque a inclusão é para todos.	
			Prof.4	- Inclusão é um tratamento o mais generalizado possível sem fazer diferenciação apesar de ter que haver um tratamento especial, mas fazer com que esse tratamento especial leve os alunos especiais a serem o mais regulares possível	
DIFERENÇA COM INTEGRAÇÃO	Conceitos distintos	Explicação dúbia	Ed.1	- Integrar... será mais ... não sei... está integrado no grupo, faz parte do grupo mas a inclusão é muito mais do que isso (...)Se calhar.	5 - 7
			Prof.1	- (...) integrar é uma forma de integrar crianças num determinado grupo escolar e inclusão é por exemplo um grupo diferente de etnia diferente estar dentro da sociedade, da turma	
			Prof.2	- Inclusão ... acho, se calhar que será mais abrangente e mais profundo, talvez ... inclusão ... enquanto que, integrar talvez não seja tão abrangente.	
			- (...) inclusão parece ser uma coisa mais profunda, com mais profundidade onde a criança ... temos que direcionar para ela atenções especiais porque ela tem necessidades diferentes que temos que colmatar, temos de ir ao encontro.		
		Foco no Currículo	Prof.3	- Se calhar integrar é colocá-lo na turma e trabalhar coisas diferentes do grupo e incluir é fazer com que ele pertença ao grupo e realize tarefas juntamente com os outros.	
			Prof.4	- Integrar, se lá estiver presente está integrado. Incluir implica que haja uma ação no sentido de ajudar essas crianças a participarem na vida escolar.	

			Ed. 2	- Eu acho que é na forma como está na sala. Na integração está lá mas não faz as mesmas coisas dos outros, faz outras atividades totalmente diferentes. Na inclusão o aluno faz parte do grupo, participa nalgumas atividades dos outros. Mas no caso do Alex, é muito difícil participar pois é um aluno que não interage com os outros.	
	Conceitos homólogos	Ed.1	- Integrar é fazer parte do grupo e de algumas atividades da sala, em que efetivamente eles tenham um "papel" mais ativo, mais presente, ou seja, não é só estar por estar, ... É no fundo, também, fazer ver ao grupo, que estas crianças participam nas nossas atividades, mas com as suas limitações	2 - 3	
		Prof.3	- (...) eu para mim não sinto muito bem a diferença entre a integração e a inclusão. - A inclusão para mim é, portanto, inclui-los na turma e fazer com que não haja ali uma separação em termos de alunos ... a integração é fazer com que um aluno não se sinta diferente, não se sinta um aluno especial, um aluno diferente dos outros ... é muito ténue a diferença entre integração e a inclusão, para mim.		
	Não sabe	Ed.2	- Eu penso que inclusão ... (ou integração) portanto ... não sei responder a essa pergunta	1	

LEGENDA:

Xxxx - Primeiro ciclo

Xxx - Segundo ciclo

VANTAGENS/DESVANTAGENS DA INCLUSÃO					
VANTAGENS/DESVANTAGENS DA INCLUSÃO	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.
	VANTAGENS		Não especificadas	Ed.1	- As vantagens são muitas
		Aceitação da diferença	Ed.1	- (...) porque os meninos que também fazem parte do grupo acabam por ver que há meninos diferentes e relacionarem-se com eles	5 - 6
				- (...) esses meninos, ... fazem parte da sala e são também bem recebidos e são aceites	
			Prof.1	- Sensibilizar e aceitar as diferenças.	
			Prof.2	- E as outras crianças porque acabam por também ter vivências com essas crianças com NEE a acabam por ganhar o respeito a essas crianças e isso acaba por enriquecer todos.	
			Prof.3	- (...) a vantagem é fazer com que os meninos não se sintam marginalizados.	
	Prof.4	- Eu acho que é benéfico para os alunos, quer do regular quer do especial, porque todos tomam contacto com todas as realidades.			

		Partilha	Ed.1	- (...) aprendem uns com os outros. - (...) é aceite por mim e pelo grupo, e fazer sentir igualmente no grupo, que todos queremos que ela seja “feliz” e que participe nas atividades da sala, tal como já foi referido, dentro das suas possibilidades.	3 - 5	
			Ed.2	- (...) há uma interajuda, uma partilha, o mostrar como é que se faz por parte dos outros meninos.		
			Prof.2	- As que têm essas necessidades educativas especiais que acabam por ter as experiências e vivências que se calhar se não estivessem incluídas numa turma do regular, não teriam.		
			Prof.4	- Os alunos “especiais” sentem que podem dar um contributo válido e os “regulares” respeitam os esforços dos colegas.		
	DESVANTAGENS	Nenhumas	Ed.1	- (...) eu não vejo propriamente desvantagens.	1	
		Maior exigência face à dinâmica da sala	Ed.1	- O que eu sinto é que eu não consigo chegar a esses meninos tanto como eu chego a meninos que têm alguma dificuldade de aprendizagem, que os sento a meu lado e que adapto a atividade que estou a desenvolver e dou um apoio individualizado. - Estes meninos necessitam de muita, muita disponibilidade. - E é o que eu sinto e tenho muita necessidade. O que é que eu faço?	3	
			Currículo	Ed.1	- (...) faz sentido para uma criança destas estar presente quando eu estou a fazer trabalho de texto?	1
			Provoca ansiedade nos professores	Ed.1	- Porque ao ver as crianças, fiquei preocupada, não me sentia segura, porque era a 1ª vez que ia trabalhar com estas crianças.	2 - 3
		Prof.2		- (...) pode ser um bocado a ansiedade de alguns professores, - (...) a ansiedade porque temos medo de não conseguir dar resposta às necessidades que aquela criança em particular tem e de dar resposta ao grupo turma grande e depois àquela criança em particular.		
		Exigência de mais formação	Ed.2	- Nalgumas atividades eu tenho dificuldade. Primeiro porque como não tenho muitas bases para trabalhar com crianças com esses problemas, nunca sei se estou a fazer bem ao nível da dinamização da atividade	3	
			Prof.3	- (...) é, eles não estarem a ter ... não terem o acompanhamento devido numa sala de aula do regular por uma professora que não tem formação		

			- Se a professora não tiver (formação), eu acho que é uma desvantagem para os alunos com NEE porque não têm o acompanhamento devido e necessário.	
	Falta de recursos humanos e técnicos	Ed.2	Eu penso que nesse caso (não tinha apoio) é desvantajoso nós não estamos para esses meninos, nem estamos para os outros. Não devia de haver inclusão quando não há meios técnicos para acompanhar.	2
	Variam de acordo com os problemas	Prof.1	- Eu acho que depende dos problemas que as crianças têm. - Porque há crianças que deveriam estar a tempo inteiro dentro da sala de aula porque conseguem acompanhar nalguns aspetos a dinâmica da turma mas há outras crianças que deveriam ter só um determinado período dentro da sala de aula para estar em contato com as outras crianças para trabalhar com as outras crianças mas ao mesmo tempo porque têm outro tipo de necessidade que é necessário retirá-las da sala para trabalhar o aspeto motor, a fala ou as sensações, ter outro tipo de atividades mas fora da sala de aula	2

LEGENDA:

Xxxx - Primeiro ciclo

Xxx - Segundo ciclo

O PAPEL DO PROFESSOR NA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO				
O PAPEL DO PROFESSOR NA PROMOÇÃO DA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.
	Apresentar o valor da diferença	Aos alunos	Ed.1	- (...) é o de fazer ver às crianças que é importante que aquelas crianças estejam na sala e que façam parte do grupo. - Porque são crianças com dificuldades mas são meninos como nós que tiveram alguma ... como explico aos meninos, que não nasceram como eles mas que fazem parte do grupo - (...) tento ver que é uma realidade e nós temos de aceitar os meninos e que eles devem estar ali para aprender connosco e nós aprendemos com eles.
Prof.4			- No sentido de fazer com que o aluno não se sinta diminuído por qualquer razão, seja por uma deficiência que tem ou por uma incapacidade qualquer.	
	Aos funcionários	Ed.1	- Ao nível dos funcionários também tento, e cada vez mais, que eles se familiarizarem com esta inclusão que é importante.	1

Mediador entre criança diferente e a turma	Ed.2	- (...) proporcionar a inclusão, é proporcionar ... dar espaço a que essa criança também possa participar nas atividades	8 - 10
		- Fazendo com que os outros meninos interajam com ele, que compreendam que ele é diferente.	
		- (...) fazemos com que ele esteja presente quando os meninos cantam e dançam para ela conviver com os outros	
	Prof.1	- Eu acho que sou um fio condutor	
		- (...) tenho de descer ao nível da criança para tentar chegar até ela e ensinar alguma coisa e ser o fio condutor para o resto da turma.	
		- Ajudá-las, de forma a que, as outras crianças também não se sintam ressentidas ou não aceitem a diferença.	
Prof.2	- Acho que também parte do professor a atitude que o professor tem dentro da sala de aula para não haver atritos “entre aspas” entre as crianças.		
	- As outras também têm que aceitar a diferença porque hoje em dia, na sociedade, todos somos diferentes e cada vez se sente mais e há mais diferenças quer a nível físico, cognitivo mas também cultural, religioso, tudo.		
Prof.3	- Isso é muito importante.- A professora acaba por ser o elo de ligação, no fundo entre todos. Entre a criança com NEE e as outras crianças.	2	
	- Acaba por haver ali um elo de ligação e pronto, é importante ter um elo de ligação, um elo forte e seguro.		
Não define	Prof.3	- O meu papel nesse aspeto da inclusão é um papel um bocado apagado, ainda,	
		- (...) porque eu não tenho muita experiência Senti-me perdida, ... portanto eu não tenho um papel muito ativo nesse aspeto visto que não tenho formação e tenho receio depois de, com a pouca formação que tenho, estar a prejudicar mais a aluna do que propriamente a promover qualquer de avanço na aluna ou no aluno.	

LEGENDA:

Xxxx - Primeiro ciclo

Xxx - Segundo ciclo

IMPACTO DA INCLUSÃO NOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR			
SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.
Currículo da turma	Ed.1	- (...) quando eu planifico para amanhã, para a semana, eu sei que tenho aqueles meninos na sala e tento adaptar algumas atividades a esses meninos.	6
	Ed.2	- Aquilo que eu mudei, no caso de Alex., foi a introdução de muita música, que é também uma mais-valia para os outros	
	Prof.1	Eles vão estar integrados numa turma que tem um percurso escolar, têm uns objetivos a cumprir. Ao estarem incluídos esses miúdos dentro da sala de aula o professor tem de reformular todas as suas estratégias	
	Prof.1	- (...) e os objetivos estarem também adequados a esses meninos.	
	Prof.2	- (...) não digo para tentar chegar ao mesmo objetivo porque o objetivo pode não ser o mesmo mas objetivos podem-se dizer paralelos,	
	Prof.3	- (...) ali já temos que ter muita variedade de atividades para que esse aluno consiga atingir as metas que estão propostas no seu programa.	
Dinâmica da sala: Forma como organiza a sala	Ed.1	- Há mudanças na prática pedagógica,	7 - 14
	Prof.1	- (...) a forma de falar também, mais devagar, perguntas mais simples para todos se estarem a sentir incluídos na sala de aula.	
		- As estratégias têm de ser diferentes	
		- Atividades onde desenvolvam a destreza manual, jogos, pinturas, dobragens, contagens	
		- É realizar com elas atividades mais simples que elas sejam capazes de fazer	
		- Trabalho individualmente ou em grupo	
	- Quando necessário, sim (adapta a dinâmica da sala a esses alunos).		
- As crianças dão a sua opinião, participam com o trabalho manual, distribuir livros e cadernos aos colegas, marcar as presenças, etc.			
Estratégias	Prof.2	- (...) muda porque temos que estar a pensar sempre estratégias diferentes	
	- (...) portanto, temos de estar constantemente a remodelar, a pensar na estratégia.		
Relacionamento mais personalizado	Prof.3	- Não se limita só à parte académica mas sim à compreensão daquelas necessidades que os meninos têm.	
	- Faz com que nós tenhamos necessidade de descer mais ao nível daquelas crianças, ver o que é que elas conseguem fazer		
	Prof. 4	- Valorização do trabalho autónomo;	

	Trabalho equipe		- Trabalho de equipa entre professora/aluno com NEE/ aluno de entreajuda;		
	Diferenciação Pedagógica:	Prof.2	- Para chegar a determinado objetivo, para aquele aluno especial temos de fazer de uma forma, para os outros de outra.	6 - 12	
			Conteúdo		Tanto ao nível das adequações curriculares como na diferenciação pedagógica.
	Estratégias	Prof.3	- (...) e nós próprios temos que nos adaptar a essas necessidades, coisa que não acontece com a turma do regular, onde nós limitamo-nos a fazer aqueles trabalhos que sabemos que os miúdos conseguem e que acompanham.		
			- Seguramente que vai provocar uma mudança nas práticas pedagógicas porque nós não nos limitamos àquele trabalho que consideramos um pouco de rotina,		
			Prof.4		- Estou a utilizar diferenciação pedagógica sim.
					- Mudei sim (alterações curriculares), eu não estava muito virada para retroceder com os alunos, por exemplo ao nível do pré-escolar e insistia muito mais ao nível dos grafismos para desenvolvimento da motricidade basicamente e agora começo a aperceber-me que há outros parâmetros que também não vêm às vezes muito bem desenvolvidos e começo já a recorrer a estratégias para desenvolver esses aspetos porque acho que acabam por fazer falta para o progresso das aprendizagens ao nível do primeiro ciclo
					- A subdivisão do trabalho e desenvolvimento de atividades por etapas;
					Negociação de tarefas em troca de momentos lúdicos;
					- Valorização dos interesses dos alunos;
					- Organização de materiais de estudo (portefólios e dicionários);
- Negociação de prémios;					
- Autoavaliação do trabalho/ balanço do dia.					
Necessidade continuada de formação	Ed.1	- No caso da multideficiência, é mais complicado porque eu não tenho qualquer formação.	2 - 4		
	Prof.2	Agora coisas mais específicas (adaptação de materiais) se calhar não consigo.			
	Prof.3	- Terá talvez de haver mudança (em relação à modalidade de trabalho docente), talvez de mentalidade, de nós aceitarmos estes alunos com NEEs e Multideficiências como um ... um facto e aceitá-lo e prepararmo-nos.			

		- (...) mas se calhar nem sempre o fazemos da melhor forma por não estarmos ainda despertos para como trabalhar com estes alunos	
Aquisição de novos conhecimentos	Ed. 1	- (...) porque nós aprendemos muito com estes meninos.	10 - 11
	Ed.2	- Eu penso que muda positivamente porque ao trabalharmos com crianças com problemas acabamos por estar mais despertas para certas coisas, mesmo em relação aos outros miúdos.	
		- A nível da minha prática e também o facto de me despertar para outras coisas.	
		- Para o benefício que estes meninos têm em conviver com os outros meninos ditos normais e para o benefício que os outros têm em aprender a conviver com crianças com deficiência	
	Prof.3	- Eu acho que a inclusão muda porque dá-nos outra formação,	
		- (...) alarga muito mais a nossa formação.	
- Não se limita só à parte académica mas sim à compreensão daquelas necessidades que os meninos têm			
Prof.4	- Muda porque a experiência conta para muita coisa, as pessoas vão acabando por aprender.		
	- Pelo menos é o que se passa comigo, eu aprendo todos os anos		
	- (...) e vou alterando a minha prática a partir daquilo que eu aprendo e uma experiência destas, sendo nova, acaba por alterar		
	- Alterou a minha prática, aprendi coisas que não sabia, por necessidade e pelo facto de ter este aluno na minha turma		
Construção de Materiais didáticos	Ed.1	- (...) (mudanças) na preparação dos materiais	3 - 4
	Prof.2	- Depende de que materiais falamos (adaptação de materiais). Quando falamos de uma ficha de trabalho ou de uma ficha de avaliação, de uma ficha para o dia-a-dia, mais ou menos, acho que posso.	
		- Nós docentes do primeiro ciclo, somos especialistas em adaptar materiais e em improvisar.	
Prof.4	- Eu senti necessidade de fazer os mesmos materiais mas a nível individual porque os materiais que são utilizados pela turma em si vão rodando e faz com que o A. só tenha contacto com eles, esporadicamente. Eu tenho um registo só dele, para que ele possa fazer isso com mais frequência		
Partilha de entre docentes	Prof.2	- A relação entre docentes, eu sempre fui (...) apologista da partilha, sempre	
		- E acho que todos temos a perder se não partilharmos.	

			- De dificuldades, de ansiedades, de soluções encontradas, de materiais.	4 - 5
		Prof.3	- E entre docentes haver uma troca, uma partilha para que as experiências de uns sirvam de experiência para os outros e não nos limitemos só àquilo que eu sei e por vezes aproveitar o que os outros colegas sabem para podermos realizar.	
		Prof.3	- O ideal era um trabalho cooperativo entre docentes.	
	Adaptação dos Instrumentos de avaliação	Ed.1	- (...) e (há mudanças) nos instrumentos de avaliação.	4 - 6
		Prof.3	- Acho que terão de ser diferentes (instrumentos de avaliação) uma vez que as necessidades são outras,	
			- (...) terá de ser uma avaliação adaptada às necessidades dos alunos	
Prof.4		- E instrumentos de avaliação diferenciados, sim		
	- Observação direta, - (...) fichas formativas			

LEGENDA:

Xxxx - Primeiro ciclo

Xxx - Segundo ciclo

PROPOSTAS PARA UMA MELHOR INCLUSÃO DO ALUNO MULTIDEFICIENTE					
PROPOSTAS PARA UMA MELHOR INCLUSÃO DO ALUNO MULTIDEFICIENTE	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.	
	Formação	Ed.1		- Depois essa questão da formação que eu já falei e que é importante	14 - 16
				- Primeiro a formação.	
				- (...) nós, os adultos, é que deveríamos de nos apetrechar realmente de alguma formação neste âmbito para que possamos realizar algumas atividades com consciência e ter a convicção de que aquilo que eu estou fazendo está correto.	
				- (...) a nível do Agrupamento poderia haver, e ainda mais agora que nós temos uma Unidade aqui no Agrupamento poderia haver ou deveria haver formação para os educadores e professores que têm esses meninos, para lhe fornecerem estratégias e formas de trabalhar com estas crianças	
		Ed.2		- Eu penso que parte tudo da formação, da nossa formação	
				- (...) mas uma formação que não seja só teórica porque aquilo que nós apanhamos nos livros e na internet acaba por não ser o suficiente	
				- Ser uma formação em que haja troca de experiências	
		Prof.1		- A formação do professor titular. Porque o professor titular não tem formação específica	
				- (...) e a formação.	

	<p>Prof.2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mais formação, junto dos professores do regular, acho que isso aí é fundamental. - (...) os professores terem uma preparação maior para isso - Sim, (da inclusão do aluno na turma) - (...) e da preparação do professor para o receber. <p>Prof.3</p> <ul style="list-style-type: none"> - Essencialmente a formação na área da Multideficiência, - (...) nomeadamente na Multideficiência profunda - O que não está adequado ainda é a professora que ainda não está formada no aspeto de poder assumir essa aluna ou esse aluno sem recurso a um funcionário ou a uma docente especializada. 	
Tempo	<p>Ed.1</p> <ul style="list-style-type: none"> - É preciso “tempo” para “estar” com estas crianças - Sinto “necessidade” do tempo, que é escasso 	2
Profissionais especializados na sala	<p>Ed.1</p> <ul style="list-style-type: none"> - (...) estas crianças precisam de ter sempre algum adulto “ao seu lado”. <p>Prof.1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Por professores especializados dentro da sala de aula para apoiar o professor - Recursos humanos essenciais, - Deveria haver uma pessoa que dinamizasse atividades (no recreio) - Alguém que dinamize atividades: Jogos, canções ou danças. <p>Prof.2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Relativamente aos recursos humanos achamos sempre poucos, achamos sempre necessidade de mais. <p>Prof.4</p> <ul style="list-style-type: none"> - Acho que seriam necessários mais recursos humanos - (...) deveria ser criada a possibilidade de haver uma equipa que permanente - (...) diariamente, ... um par pedagógico - (...) ou uma professora do Ensino Especial que estivesse todos os dias presente. - Estes alunos estarem mais acompanhados. 	9 - 11
Recursos materiais	<p>Ed.1</p> <ul style="list-style-type: none"> - (...) na sala que tenho. Para estes meninos, eu não tenho materiais de trabalho para estes meninos. - temos de ter as condições ideais, a nível de materiais - Sinto necessidade de alguns materiais mais adequados a estas crianças <p>Prof.1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Haver também materiais adequados aos alunos dentro da sala de aula - (...) adaptação e produção de materiais <p>Prof.2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Claro que eles (recursos materiais) nunca são demais porque essas crianças também têm necessidades muito específicas 	6 - 7

		Prof.4	- (...) mesmo a nível de material didático quer de informática, quer de jogos manipuláveis não temos muita variedade e os que há são muito antigos	
--	--	---------------	--	--

LEGENDA:

Xxxx - Primeiro ciclo

Xxx - Segundo ciclo

BOAS PRÁTICAS APONTADAS				
SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES		FR.
Procurar informação	Ed.2	- (...) aquilo que eu tentei foi fazer pesquisa na internet		3
	Prof.3	- (...) li o que vinha no dossier da aluna e esclareceu-me ou pouco sobre o que ela tinha		
	Prof.4	- Informei-me a nível próprio, pesquisei, fui à internet, li livros		
Promover a participação de todos os alunos	Prof.1	- É tratá-los como se não tivessem dificuldades, tratá-los como qualquer outra criança, não fazer diferença.		10
		- (...) tudo o que seja determinada informação falar também para eles		
		- (...)se houver um trabalho em grupo eles estarem também em grupo		
		- (...) não estarem à parte		
	- (...) quando há discussões dentro da sala de aula também perguntar a opinião deles porque eles sentem-se bem, a importância com que vão participar.			
	- (...) incluí-los nos outros trabalhos de grupo do grande grupo em tudo o que seja manual			
	Prof.3	- (...) foi tentar fazer com que a aluna seja bem recebida, apresentando-se aos outros ou ... nós apresentámo-la, no caso de ela não se expressar		
		- De os alunos respeitarem o aluno, dos outros colegas respeitarem esse aluno		
Prof.4	- O participar em trabalhos de grupo			
	- (...) e a participação em trabalhos comuns.			
Informação aos Encarregados de Educação	Ed.1	- (...) os pais foram informados todos, (...) os pais foram informados que tínhamos meninos com NEE e alguns meninos multideficientes que iriam integrar as nossas salas e que iriam fazer parte de duas		2
		- (...) para terem conhecimento disso, para os pais saberem que, nós como escola, que recebemos esses meninos tal e qual como os outros e que daremos o melhor, faremos o melhor para eles.		
Adequação das rotinas de sala ao aluno	Ed.1	- A sala tem uma rotina, que é conhecida do grupo, mas em colaboração com o técnico de educação especial, e do seu horário, essa rotina pode ser alterada, no sentido dessas crianças poderem participar em atividades mais específicas e dirigidas à sua problemática		1

	Promover a aceitação do aluno diferente	Ed.2	- Falar com os meninos para aceitarem o aluno na sala e recebê-lo na sala da mesma forma que recebo os outros para o envolver nas atividades em que pode estar presente.	2 - 4
		Prof.2	- (...), mas que é aceite por mim e pelo grupo, e fazer sentir igualmente no grupo, que todos queremos que ela seja “feliz”	
		Prof.3	- De os alunos respeitarem o aluno, dos outros colegas respeitarem esse aluno	
		Prof.4	- (...) fazer com que os outros, caso haja alguns que não aceitem e que façam grandes distinções entre essas crianças para que não haja diferenciação	
	Planificação pensada no aluno multideficiente	Ed.1	- (...) planificamos atividades em que seja possível a participação dessas crianças.	1
	Valorização do trabalho do aluno multideficiente	Ed.1	- (...) estas crianças podem fazer “coisas diferentes” e mostrar depois ao resto do grupo as suas produções, valorizando-as. Aliás esta é uma prática diária e as crianças ajudam-se todas umas às outras.	1
	Apoio individualizado em atividades específicas	Ed.1	- (...) receber/integrar no grupo uma criança com múltiplas deficiências, exige um trabalho totalmente diferente	4 - 8
			- (...) o trabalho individualizado com a criança, é aqui o elemento fundamental do desenvolvimento do CEI.	
		Prof.1	- Desenvolvo um trabalho mais individualizado com eles, os trabalhos estarem de acordo com o grau de dificuldade que eles têm	
		Prof.3	- (...) e principalmente dedicar-lhe um bocadinho de tempo, deixando o grosso da turma a fazer um trabalho mais específico	
			- (...) e dedicar um bocadinho para que aquele aluno não sinta que há ali aquela diferença.	
			- Tentar arranjar um bocadinho de tempo para os outros alunos e para esse aluno.	
			- (...) estes (alunos com Multideficiência) precisam de uma atenção muito particular devido às suas grandes dificuldades	
			- (...) dando-lhe apoio na realização das atividades	
Trabalho colaborativo	Entre alunos	Ed.1	- Na sala as crianças tanto trabalham individualmente, como a pares, pequeno ou grande grupo.	5
			- Os mais velhos costumam ajudar os mais novos ou outros que têm mais dificuldade.	
		Prof. 3	- (...) fazendo com que interaja com o grupo.	
		Prof.4	- Trabalho de pequenos ou grandes grupos e apresentação/exposição de trabalhos individuais.	
			- Distribuição de tarefas e entreajuda entre colegas.	

	Entre professor do ensino regular e a equipa de EE	Ed.1	- (...) porque a professora de Educação especial que aqui vem, embora esteja na sala e está com os meninos a trabalhar mas eu às vezes falo com ela no sentido de nós as duas trabalharmos a pares e eu adquirir mais saberes neste âmbito. - Sim, sim. (Peço colaboração) E na construção dos materiais também	8		
		Ed.2	- (...) e junto dos técnicos que o acompanham, pedir dicas e informações sobre a forma como se deve proceder com meninos com esses problemas.			
		Prof.2	- (...) depois também a relação que existe entre o professor titular e o professor do especial também é muito importante, pelo menos eu sinto isso. - Acabo mais por pedir colaboração à colega do especial do que em documentar-me. - É onde eu procuro ajuda (da colega de Ed. Especial).			
			Prof.3		- E recorri aos conhecimentos que os professores de EE tinham do caso - (...) essencialmente dos professores (de Ed. Especial) que já a conheciam ou se não a conheciam, tinham mais conhecimento do que eu.	
		Inclusão do aluno nas atividades da turma	Prof. 2		- Tento sempre incluir essa criança em todas as atividades da turma onde tal é possível	2
			Prof. 3		- Incluindo-o na turma,	
		Adaptação de atividades	Prof. 3		- (...) adaptar "aquela" atividade à criança em particular.	3
			Ed. 2		- (...) quando contamos uma história, mostramos as imagens ao aluno, deixamos ele mexer no livro... - Quando fazemos uma dança ou cantamos uma canção fazemos com que ele preste atenção pois ele gosta muito de música. Acalma com música clássica.	
		Observação direta			Prof.3	- (...)e depois tentando observá-la e vendo o que é que poderia fazer para ir de encontro a ela.
Prof.4	- (...) e até pelo conhecimento através da relação que vim a ter com o aluno, fui mais ou menos desenvolvendo uma relação de proximidade que me permitiu também ter algum conhecimento das necessidades dele.					

LEGENDA:

Xxxx - Primeiro ciclo

Xxx - Segundo ciclo

BARREIRAS/FACILITADORES DA INCLUSÃO

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.
BARREIRAS	Preconceitos	Ed.1	- (...) às vezes quando falamos (com os Enc. Ed.) e até mesmo aqui com os auxiliares, há um ou outro que põe ... mas que benefícios, o que é que estes meninos aqui, na Multideficiência, poderão lucrar, entre aspas, em fazer parte de uma turma onde eles, muitas das atividades não são adequadas a eles, visto que, o desenvolvimento deles está muito aquém da faixa etária.	2
			- (...) há ainda aquela ideia que estes meninos, enfim, deveriam estar num espaço que fosse unicamente dedicado a eles e não fazerem parte do grupo regular.	
	Falta de tempo	Ed.1	- Eu gostaria de me dedicar mais a esses meninos mas não tenho ... se esses meninos não tivessem um acompanhamento de outro adulto, isso para mim seria uma barreira muito grande porque eu não conseguiria chegar a eles.	1 - 3
		Prof.4	- Neste aluno especificamente, acontece com frequência uma desmotivação na conclusão de trabalhos o que requer tempo para ele em exclusivo da minha parte e sinto que, na maioria das vezes, o tempo que lhe consigo dedicar não é o suficiente.	
	Falta de interação, no recreio, entre alunos com e sem Multideficiência	Prof.1	- (...) nos intervalos, por exemplo, não vemos muito os miúdos a brincar com os outros colegas.	1
Físicas	Prof.2		- Barreiras físicas	7
			- (...) uma criança com deficiência motora que não se pudesse deslocar, para o primeiro andar não poderia vir porque os acessos estão construídos mas não está a funcionar o elevador	
			- (...) se pensarmos numa criança com uma deficiência visual, eu não sei se a escola está equipada para esse tipo de deficiência.	
		- Não sei se a nível visual estará preparada.		
Prof.3		- (...) em termo espacial, têm os espaços de sala de aula não muito adequados porque não existem espaços suficientes para nós fazermos atividades diversificadas,		
		- (...) portanto limita-se à sala de aula, não se pode dividir mais. - O espaço de sala de aula não permite fazer mais do que aquilo que se faz dentro da sala de aula.		

	Falta de formação	Ed.2	- (...) e a falta de formação.	4 - 5
		Prof.3	- Olhe uma barreira grande é nós não estarmos preparados (inclusão de alunos multideficientes).	
			- Essa é a barreira principal.	
			- Não me sinto preparada de forma alguma (produção e adaptação de materiais) - Pois é preciso estar-se bem preparado para se desenvolver um trabalho tão complexo como o é trabalhar com crianças com problemas tão complicados ao mesmo tempo que temos de trabalhar com uma turma inteira que tem metas para atingir e exames no final de ciclo.	
	Falta de apoio	Ed.1	- (...) o educador (...) precisa de (...) apoios, pois as crianças são muito pequenas	2 - 3
		Ed.2	- (...) a falta de apoio	
		Prof.4	- (...) o facto de muitas vezes me ver sozinha e de não conseguir dar resposta.	
	Falta de material específico	Ed.2	- aqui nesta sala, por exemplo se eu tivesse um computador diferente (com ecrã tátil)	3
			- (...) se nós tivéssemos alguns materiais aqui também, adaptados de forma a que ele tenha sucesso também ao jogar com os outros	
- (...) não tem materiais adaptados para ele				
FACILITADORES	Aceitação por parte dos Enc. Ed.	Ed.1	- (...) eu acho que os pais que eu tenho na sala, acho que aceitam, isto é um aspeto, que aceitam bem estes meninos e não veem ... pronto ,	2
			- (...) aceitam e veem com bons olhos e que acham que a inclusão que poderá beneficiar.	
	Aceitação por parte dos colegas	Prof.3	- (...) os alunos em si também não são alunos que tenham uma atitude negativa em relação a esses alunos.	2
			- (...) vejo os outros alunos como um facilitador de inclusão.	
	Espaços interiores	Prof.2	- (...) os espaços são muito mais abertos.	3
		- Pensando numa criança com deficiência motora mais profunda tem mais facilidade em se deslocar		
	Recursos humanos	Prof.3	- (...) existe a sala própria para eles	1
		Prof.3	- (...) existem técnicos para trabalhar	
	Recursos materiais	Ed.2	- (...) como a sala de Multideficiência fica aqui perto, para ele está solucionado	2
		Prof.3	- (...) existem materiais	
Resposta do aluno	Prof.4	- (...) a resposta do próprio aluno que faz subir o meu ego.	2	
		- A resposta que ele me dá, considero-a positiva.		

LEGENDA:

Xxxx - Primeiro ciclo

Xxx - Segundo ciclo

MULTIDEFICIÊNCIA				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.
MULTIDEFICIÊNCIA	Conjunto de défices múltiplos	Ed.1	- Um aluno com Multideficiência é uma criança com um conjunto de défices a vários níveis.	6
			- Pronto é um conjunto de dificuldades (...) crianças totalmente diferentes dos outros.	
		Ed.2	- É um menino que tem limitações a todos os níveis	
		Prof.1	- (...) vários tipos de dificuldades	
		Prof.2	- Como a palavra diz, Multideficiência, várias deficiências ou vários handicaps, de mais do que uma natureza,	
	- Portanto tem de ser de vária natureza: multi – é isso que eu entendo.			
	Nível motor, linguagem e cognitivo	Ed.1	- (...) a nível ... sobretudo a nível motor, a nível da linguagem, a nível cognitivo,	3
		Prof.1	- É um aluno que tem dificuldades cognitivas, motoras,	
		Prof.2	- (...) é isso que eu entendo, handicaps mentais e sensoriais, motores.	
	Deficiência física e mental, com mais incidência no mental	Ed.2	. A nível motor, cognitivo. No caso do Alex. Ele não se desloca sozinho, ele não realiza uma atividade sozinho, há necessidade de se estar sempre com ele.	5 - 7
			- Ele não se exprime, não se consegue exprimir espontaneamente.	
		Prof.1	- Estas crianças com NEE têm características específicas e especiais: físicas e cognitivas.	
		Prof.2	- Será uma desvantagem física ou mental.	
Prof.3		- Primeiro é um aluno que não corresponde aos parâmetros que normalmente um aluno tem, de aprendizagem, com o ritmo, com a capacidade e depois que apresenta tanto uma deficiência a nível mental com deficiência física.		
	- (...) deficiência mental, deficiência física, não é, mais a deficiência mental que não tem a capacidade de aquisição dos conteúdos como os outros meninos poderão ter			
Prof.4	- É um aluno que se distingue dos outros alunos do regular por algum tipo de deficiência, física e mental, que apresenta que seja diagnosticada por um médico ou por um psicólogo que possa atestar que realmente que o aluno tem essa deficiência			
PREOCUPAÇÕES FACE À PRESENÇA		Ed.1	- Como é que eu vou trabalhar com estes meninos?	

DE ALUNOS COM MULTIDEFICIÊNCIA	Como Trabalhar com os alunos		- Do que é que eu preciso de me apetrechar, de estratégias e de metodologias e de alguns saberes para trabalhar com estes meninos.	4
		Prof.2	- (...) será que eu conseguia dar resposta às necessidades da criança em particular	
			- (...) se eu conseguia, em simultâneo, dar resposta ao resto da turma - ao grupo turma todo e a ela em particular, (...) nos momentos em que a professora do Especial não estivesse na sala.	
	Procurar formação	Ed.2	- (...) o que fiz tentar fazer formação e ler	1
	Procura de aceitação pelos outros	Prof.1	- Que sejam aceites pelo grande grupo	4
		Prof.3	- (...) fazer com que o aluno se sinta no meio de pessoas que a aceitem.	
			- Que não se note a diferença, principalmente a nível do acolhimento, da integração dentro da sala de aula, não haver aquela diferença, (...) não olharem para ele como se fosse uma pessoa que não é igual.	
	Preparar o grupo para aceitação da diferença	Prof.3	- Preparar a sala, primeiro a turma para receber esse aluno, (...) aceitá-lo como ele é, a diferença que é	3
			- Portanto não haja ali uma diferença porque aquele menino é diferente dos outros	
			- À partida são iguais ... é atenderem às diferenças e respeitá-las essencialmente	
Incluir os alunos nas atividades da turma	Ed.1	- (...) que participe nas atividades da sala, (...) dentro das suas possibilidades	1 - 2	
	Prof.4	- O incluí-los em tudo, em todas as atividades que faço com os outros também.		
Conhecer bem o aluno	Prof.1	- Eu tento sempre adaptar-me, aceitá-las e depois tentar trabalhar, ver os limites, conhecê-las, conhecer o ambiente familiar e dar-lhe muito apoio. Não é só o apoio moral mas também o apoio afetivo que às vezes é isso que faz com que a gente se aproxime mais delas e depois trabalhar com elas.	1	

LEGENDA:

Xxxx - Primeiro ciclo

Xxx - Segundo ciclo

PARECER SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM MULTIDEFICIÊNCIA

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.
POSITIVO	Para os alunos com multideficiência	Socialização	Prof.1 - O contacto com outras crianças	1
		Autonomia	Prof.1 - (...) o desenvolver a autonomia	1
	Para todos os alunos	Ed.1	- Acho positivo para os dois lados. - (...) a inclusão realmente é vista como um benefício para todos, tanto para os meninos com multideficiência, como para o próprio grupo	6
		Prof.1	- Para todos	
		Prof.2	- É positiva para os dois - Tanto para uns como para outros porque as experiências acabam por ser mais diversificadas e os alunos do regular acabam também por ganhar mais respeito por essas crianças e isso é muito importante.	
			Prof.4	
	Para os outros alunos aceitarem a diferença	Ed.1	- O grupo aceita bem a “diferença”, brincam juntos e estabelecem uma boa interação. Sentem-se felizes e as aprendizagens vão acontecendo ...	2 - 3
		Ed.2	- (...) eu acho que é uma mais-valia, mesmo na relação,... a forma como as outras crianças, ditas normais, se relacionam com os outros com deficiência, os meninos diferentes, é completamente diferente.	
		Prof.1	- Porque os outros, como eu disse anteriormente, têm que estar habituados e aceitar as diferenças.	
	Desde que haja apoios	Ed.1	- Importante não esquecer que estas crianças precisam sempre do apoio/supervisão do adulto durante todas as atividades desenvolvidas, d e forma a serem trabalhadas todas as áreas do seu CEI.	4 - 5
Ed.2		- (...) desde que seja acompanhados por técnicos - Mas desde que tenha um apoio técnico, eu acho que sim que é positivo.		
		Prof.2	- desde que ... haja as tais ajudas - (...) agora, com um colega do Especial, mesmo que não esteja a tempo inteiro mas que esteja a tempo parcial, acho que é possível trabalhar.	
Prof.3		- Para ser sincera não acho muito positivo. (...) Esta menina é multideficiente, portanto não está integrada na turma porque vem muito pouco, não aproveita praticamente nada daquilo que nós fazemos na sala de aula porque o tempo que nós lhe dedicamos é muito pouco.	2	
NÃO POSITIVO	Falta de assiduidade dos alunos	Prof.3	- Para ser sincera não acho muito positivo. (...) Esta menina é multideficiente, portanto não está integrada na turma porque vem muito pouco, não aproveita praticamente nada daquilo que nós fazemos na sala de aula porque o tempo que nós lhe dedicamos é muito pouco.	2

				- A falta de assiduidade da aluna tem prejudicado isso, o facto de ela não participar, não vir, não há uma sequência nos trabalhos que nós estamos a fazer com a aluna e a turma.	
	Falta de tempo para os outros alunos	Ed.2		- (...) e nesses momentos em que ele está sozinho, é difícil eu dar atenção às outras crianças porque ele é completamente dependente	2
		Prof.3		- o tempo em que estou com ela que é uma aluna específica, com necessidades específicas, estou acho eu, que estou talvez a prejudicar um bocadinho os outros em termos de não fazer um trabalho que eles possam participar, possam também interagir com a aluna.	
	Falta de tempo para o aluno	Ed.2		- Aí eu não poderei dar o apoio e trabalhar com ele de forma a ser positivo para ele.	1
	Falta de apoio de técnicos	Ed.2		- porque se isso não acontecer (acompanhamento por técnicos), são miúdos que nos absorvem	2
		Prof.2		- Se o docente do regular estiver sozinho na sala de aula com um grupo assim acho que não é viável.	
	Tarefas diferentes	Prof.3		- Portanto há uma separação nas tarefas, uma vez que é de Multideficiência e profunda, não há atividades integradas nas atividades da sala de aula.	1

LEGENDA:

Xxxx - Primeiro ciclo

Xxx - Segundo ciclo

Análise de Conteúdo Prof EE

FORMAÇÃO CONTÍNUA EM EDUCAÇÃO				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.
TIPO	Autoformação	Prof. EE 1	- (...) estar atualizada (...) dentro do nosso grupo (EE)	2
			- (...) e com os próprios docentes com que trabalhamos	
	Formação Formal	Prof. EE 1	- Tento fazer formação contínua	4
			Prof. EE 2	
Prof. EE 3		- (...) através dessas formações contínuas que nós vamos tendo ao longo dos anos		
ÁREA	Bibliotecas escolares	Prof. EE 1	- (...) tenho um curso de formação em bibliotecas escolares	1
MOTIVAÇÃO	Valorizar a sua prática	Prof. EE1	- (...) muita motivação porque nós em educação especial como é uma área tão complexa, exige um aperfeiçoamento contínuo, exige que nós tenhamos ferramentas e instrumentos de trabalho também muito ao nível das Tecnologias, das TIC, portanto, é indispensável que façamos essa formação sem dúvida	6
			Prof. EE 2	
		Prof. EE 3		
			- Portanto fazer um trabalho melhor.	
			- O desafio que estes alunos nos põem constantemente	
			- (...) por querer desenvolver mais algum trabalho com eles e achar que até tenho um bocadinho de vocação	

FORMAÇÃO NEE/EDUCAÇÃO ESPECIAL				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.
FORMAÇÃO INICIAL	Não tem formação em E.E.	Prof. EE 1	- Não.	3
			- A formação inicial, já lá vão cerca de vinte e seis anos, e nessa altura as coisas estavam um bocadinho diferentes.	
			- (...) nesse tempo, não era um tema que fosse muito aprofundado, pelo menos no nosso curso	
	Tem formação Em E.E.	Prof. EE 2	- Havia uma disciplina que eu frequentei.	4
- Mas foi insuficiente para aquilo que eu gostaria de saber (...) sobre as NEE.				
Prof. EE 3		- Tive no curso de licenciatura,		
			- Tivemos uma cadeira semestral (...) que se chamava mesmo Necessidades Educativas Especiais	
		Prof. EE 1	- Sim.	
			- Já tinha frequentado ao nível do Ministério da Educação, quando saiu o Decreto-lei nº3 de 2008, avaliação por referência à CIF	

FORMAÇÃO EM SERVIÇO	Formação em NEE		- (...) também, tecnologias de apoio, no âmbito da intervenção precoce	13			
			- (...) íamos tendo formação para nos apoiar e podermos ter um desempenho profissional mais ajustado no acompanhamento que fazíamos				
			- (...) especialização em Educação Especial				
			- E depois da especialização já fiz uma em dislexia				
		Prof. EE 2	- (...) dislexia,				
			- (...) Multideficiência				
			- (...) tecnologias de apoio				
			- (...) especialização em Educação Especial				
		Prof. EE 3	- (...) formação a nível elementar em Língua Gestual Portuguesa				
			- (...) parte curricular do Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio				
			- (...) dislexia				
		PERTINÊNCIA			Prof. EE 1	- Não tenho quaisquer dúvidas.	12
						- E hoje em dia é indispensável que isso aconteça porque estamos a viver um processo de inclusão, portanto, todos os alunos estão na nossa escola,	
- (...) logo os professores titulares, que não de Educação Especial, sendo responsáveis pela coordenação do Programa Educativo dos seus alunos, têm que ter forçosamente formação nesta área e têm que ter esse saber e conhecimento							
- Eu acho que sim							
- Pois é exatamente isso que eu acho							
Prof. EE 2	- (...) porque eu senti na minha formação inicial que era para professores do primeiro ciclo que só aquela disciplina não tinha sido suficiente.						
	- Portanto ou teria de ser no próprio currículo de formação ou com outras ações posteriores porque não era suficiente.						
	- Porque o que nós aprendemos lá era só uma coisa muito básica mesmo.						
	- E acho que era muito importante saber mais						
Prof. EE 3	- Muito pertinente.						
	- Eu acho que toda a gente deve trabalhar sempre mais, e encontrar formações que possam responder cada vez melhor, porque cada aluno... Todos os alunos são diferentes.						
	- Em Educação Especial, os alunos ainda são mais específicos e acho que deveremos ter sempre mais formação para conseguirmos responder às necessidades que eles apresentam, na sua especificidade.						

NECESSIDADE DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA						
CATEGORIA		SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.	
NECESSIDADE DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA	PERTINÊNCIA		Importância	<p>Prof. EE1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não tenho quaisquer dúvidas. - E hoje em dia é indispensável que isso aconteça porque estamos a viver um processo de inclusão, portanto, todos os alunos estão na nossa escola, logo os professores titulares, que não de Educação Especial, sendo responsáveis pela coordenação do Programa Educativo dos seus alunos, têm que ter forçosamente formação nesta área e têm que ter esse saber e conhecimento - Eu acho que sim <p>Prof. EE 2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ai eu acho que sim. - Pois é exatamente isso que eu acho, - (...) porque eu senti na minha formação inicial que era para professores do primeiro ciclo que só aquela disciplina não tinha sido suficiente. - Portanto ou teria de ser no próprio currículo de formação ou com outras ações posteriores porque não era suficiente. - Porque o que nós aprendemos lá era só uma coisa muito básica mesmo. E acho que era muito importante saber mais. <p>Prof. EE 3</p> <ul style="list-style-type: none"> - Muito pertinente. - Eu acho que toda a gente deve trabalhar sempre mais, e encontrar formações que possam responder cada vez melhor, porque cada aluno... Todos os alunos são diferentes. - Em Educação Especial, os alunos ainda são mais específicos e acho que deveremos ter sempre mais formação para conseguirmos responder às necessidades que eles apresentam, na sua especificidade. - (...) e é alguém que tem formação na área. Independentemente disso, a formação é muito importante 	12	
	TEMAS	Sobre problemáticas	Inclusão	Prof. EE1	- (...) a questão da inclusão, não obstante ser muito, muito abrangente mas depois, teríamos que ver, dependendo da especificidade do professor.	1
			De acordo com as necessidades dos docentes	Prof. EE1	<ul style="list-style-type: none"> - (...) eu acho que tínhamos que ter aqui muito a especificidade da situação - (...) e também perguntar às pessoas, - (...) não somos nós que decidimos, o que é que as pessoas gostam de ver tratadas e do que é que têm necessidade de tratar acerca dessa questão. - Seguramente eu acho que a questão do estar na sala de aula, fazer o quê?, como?, como é que se organizam os materiais? O computador deveria estar sempre a funcionar. 	5

MODALIDADE DE FORMAÇÃO	Sobre metodologias	Específicas		Prof. EE 3	- Teremos que fazer, se calhar, um levantamento de todas as necessidades e depois ver o que há mais de comum.	
			Dislexia	Prof. EE 3	- (...) se temos dez meninos com dislexia, acho que há que apostar num trabalho, numa formação sobre dislexia.	1
			paralisia cerebral	Prof. EE 3	- (...) paralisia cerebral	1
			trissomia	Prof. EE 3	- (...) trissomia	1
			autismo	Prof. EE 3	- (...) autismo	1
		De acordo com as problemáticas dos alunos	Prof. EE 3	- (...) temos o levantamento dos alunos com multideficiência (...) deve fazer as formações em função desses alunos	1	
		Estratégias para a aprendizagem	Prof. EE1	- (...) coisas mais específicas como trabalhar com estas crianças	5	
	- (...) e muita formação também para estas pessoas, do regular,					
	- (...) porque às vezes nós não fazemos mais porque não sabemos como devemos fazer.					
	- E se realmente tiverem mais formação sentem-se mais à vontade para dar uma opinião e para terem uma ideia, para se lembrarem de uma atividade.					
	Oficina de Formação	Prof. EE1	- (...) a formação a acontecer ali no terreno, oficina de formação.	4		
- A oficina de formação tem sempre uma componente teórica mas depois tem uma componente prática em que as pessoas experimentam e trazem as dúvidas e levam as dúvidas para a formação, portanto é muito mais interativa, é muito mais acompanhada. Depois também a pessoa sente rede.						
- Eu acho que as oficinas de formação funcionam melhor do que a formação aos sábados inteiros, aquelas oficinas que se calhar dava para frequentar duas vezes por semana, uma horinha, para ir lá para troca de experiências, para troca de materiais						
	Formação com os técnicos	Prof. EE 3	- A parte teórica tem que vir, tem que haver para se poder chegar à prática.(justificação da oficina)	1		
			... e formação também com os técnicos.			

INCLUSÃO/INTEGRAÇÃO					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA		PART	INDICADORES	FR.
INCLUSÃO/INTEGRAÇÃO	ATRIBUTOS DO CONCEITO	Pertença ao grupo	Prof. EE 2	- (...) num grupo com diferentes características, portanto uns alunos são especiais mas estão incluídos num grupo comum	4
			Prof. EE1	- (...) são todos os alunos a aprenderem juntos, independentemente das suas necessidades e características	
				- (...) só juntos é que o processo de aprendizagem pode ser eficaz e pode realmente fazer sentido	
				Quer dizer, para mim, não faz sentido que os meninos não aprendam todos juntos uns com os outros, independentemente das suas características	
		Exigência de estratégias diversificadas	Prof. EE 3	- Incluir, não é só tê-los dentro da sala de aula, há que ter estratégias diversificadas para os conseguir colocar dentro da sala de aula.	2
				- (...) sim, com estratégias que sejam adequadas a ele	
		Sentido de Equidade	Prof. EE 2	- (...) mas é depois conseguir-se que essa inclusão seja tão boa que eles tenham as mesmas oportunidades de aprender como os outros.	3
				- Estão realmente a aprender e naquele contexto mais natural possível. Isso é que é, para mim, a verdadeira inclusão	
			Prof. EE 3	- (...) conseguir que os meninos integrem as mesmas atividades dos outros	
		Aprendizagens na turma	Prof. EE 2	Portanto, não é só eles estarem lá mas é realmente... estão lá e aquilo está a ser realmente proveitoso.	2
Prof. EE 3	- Trabalho dentro da sala de aula.com estratégias que sejam adequadas a eles, mas sempre com a turma, sempre o mais tempo possível dentro da turma				
	Conceitos distintos	Foco no Currículo	Prof. EE1	- A integração, é um processo em que os alunos de facto estão fisicamente mas são integrados na turma, mas a turma, o currículo, o projeto curricular de turma não tem que se adequar à sua especificidade, portanto, são eles que se têm de ajustar ao que já existe. - Num processo de inclusão não, num processo de inclusão requer que todos consigamos olhar os alunos e ajustar o currículo e o desenho curricular daquela turma de acordo com as necessidades dos meninos e não o contrário não os meninos que se ajustam ao currículo.	

DIFERENÇA COM INTEGRAÇÃO		Prof. EE 2	<p>- É que a integração, eles podem estar integrados e não estarem... aquelas aprendizagens que eles estão a fazer não serem assim tão importantes para a vida deles, mas estão lá com os outros, que também é importante, e às vezes acontece, muitas vezes no dia-a-dia, há certas atividades que nós fazemos com os alunos que não são assim tão importantes, mas há a importância de estar com o grupo. Mas para mim, isso só pode ser uma coisa que aconteça pontualmente.</p> <p>- O mais importante é eles estarem incluídos no grupo e estarem realmente com um trabalho ... o trabalho é tão bem pensado, para eles, em tudo, que eles estão ali mas é como se estivessem a fazer um trabalho ... no fundo um apoio especializado que eles conseguem aprender, estão com os outros, mas aquilo é mesmo importante para eles. Conseguem aprender no dia-a-dia, sempre, sempre, sempre e nenhum tempo é desperdiçado.</p>	4
	Explicação dúbida	Prof. EE 3	- A integração ... Pondo as coisas como ... Inclusão é inclui-los, é tê-los sempre. A integração é conseguir que eles próprios aceitem os colegas. Acho que integrá-los no grupo, sim, fazendo que eles próprios também consigam entrar dentro do grupo.	1

VANTAGENS/DESvantagens DA INCLUSÃO					
VANTAGENS/DESvantagens DA INCLUSÃO	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.
	VANTAGENS	Alunos com deficiência	Aprender com os seus pares	Prof. EE1	- Vantagens em aprender com os seus pares ... - (...) estes meninos, como todos, agem muito por modelos, obviamente se tiverem um modelo dos meninos, ... da maioria dos meninos, só têm a ganhar.
Prof. EE 3				- (...) que é uma vantagem de eles estarem integrados, que participem nas atividades, que trabalhem.	
Ganhos sociais			Prof. EE 3	- Até porque a nível social, acho que é a maior vantagem que eles têm, estarem incluídos	1
Alunos "normais"		Aceitação da diferença	Prof. EE1	- (...) há todo um lidar com meninos diferentes que lhes faz crescer do ponto de vista da sua formação pessoal e social - (...) do ponto de vista, inclusivamente, das estratégias que eles às vezes utilizam para explicar outras coisas aos meninos que têm mais dificuldades e quase que de uma forma natural, os alunos são capazes de fazer isso.	2
	Nenhumas		Prof. EE 2	- Eu acho que não há qualquer desvantagem	

DESvantagens		Prof. EE 3	- (...) desvantagens, eu não vejo grandes desvantagens. - Vejo mais vantagens do que desvantagens.	2
	Dificuldade em responder à Especificidade curricular	Prof. EE1	- (...) não conseguimos pôr a funcionar o currículo dos meninos à medida das suas necessidades - (...) as barreiras quase que são mais do ponto de vista da orientação curricular que nós às vezes lhe damos do que propriamente ser uma desvantagem do menino	5
		Prof. EE 2	- As desvantagens, é porque realmente é muito difícil de a conseguir (a aprendizagem) a cem por cento. - É difícil essa verdadeira inclusão em que todos os dias se consegue que o menino esteja a aprender	
		Prof. EE 3	- (...) às vezes, não é tão benéfico porque, se calhar, há meninos que precisam mais de silêncio, e dentro da sala, se calhar, não há.	
	Constatação da diferença	Prof. EE 3	- Acabam por trabalhar outras coisas diferentes e que às vezes, os fazem sentir diferentes.	2
			- Se calhar aí a parte de estarem fora da sala de aula faz mais sentido, para eles não notarem tanto a diferença	
	Falta de apoios	Prof. EE 2	(...) uma vez que as condições a nível, por exemplo, do pessoal e mesmo até de condições físicas (não são as melhores)	2
			- (...) a desvantagem na inclusão é que, realmente, nós não temos recursos materiais e humanos suficientes para a conseguir fazer da maneira plena.	
Falta de espaço	Prof. EE 2	- O ideal era que ele ... na sala onde ele está, pudesse, sempre, usar o andarilho, ou seja eu estava a treinar, além das outras coisas todas, a mobilidade, da maneira como ele a vai usar.	3	
		- Só que eu não tenho espaço nessa sala para ele usar sempre o andarilho e então ando com ele de outras formas.		
		- Se nós tivermos um menino incluído numa turma e não houver, por exemplo,... se nunca conseguir andar com aquele aluno com o andarilho que ele devia andar porque não há espaço para ele circular e outras coisas mais, se calhar a inclusão tem de ser pensada.		
Falta de tempo para apoiar os alunos com problemas	Prof. EE 2	- (...) ele estar dentro do grupo e fazer essas mesmas aprendizagens, isso é que era realmente o ideal. Só que nem sempre se consegue (por falta de tempo).	2	
		- (...) se ele não puder fazer as aprendizagens porque não há condições no grupo para o fazer, ele também tem que estar com momentos fora		

PAPEL DO PROFESSOR DE E.E. NA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO			
CATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.
Ter atitude positiva	Prof. EE1	- É um papel muito, muito importante, porque passarmos esta mensagem, para já temos que acreditar nela (...)	4
		- (...) a forma como nós nos posicionamos, o apoio, a segurança, o nosso acreditar tem de ser transmitido ao colega	
	Prof. EE 3	- (...) é um gosto porque, (...) gosto de trabalhar com estes meninos.	
		- Porque me dão mais desafios, porque eu acho que devo fazer alguma coisa por eles, (...)	
Apoiar o professor do ensino regular	Prof. EE1	(...) depois dar (...) confiança segurança ao professor titular de turma é uma grande responsabilidade.	5
		(...) nós temos de estar lá para o apoiar, um bocadinho, para o orientarmos,	
		- (...) porque tendencialmente os professores titulares (...) às vezes estas questões relacionadas com os alunos de Educação Especial passam a ser um bocadinho deixadas para trás, para outras pessoas.	
	- Eu acho que sim, que se serve (o prof. de ensino regular) deste pilar		
Prof. EE 2	- (...) mas podemos dar dicas ao professor do regular, como é que ele pode trabalhar com o miúdo, como é que ele pode fazer essa interação do menino com os outros		
Valorizar o papel do professor do ensino regular	Prof. EE1	- E o nosso papel é de facto mostrar que não pode ser assim, que todos são alunos e que eles têm um papel igualmente importante no ensino e na aprendizagem destes alunos.	2
	Prof. EE 2	(...) valorizarem os progressos destes colegas (...)	
Valorizar as aprendizagens dos alunos com EE	Prof. EE 2	- O facto de precisarem de mais coisas, não faz com que eles sejam inferiores. São especiais mas todos no fundo acabam por ser.	12
		- E o meu papel que eu tento sempre é: todas as semanas levar pequenas coisas para os miúdos verem que (...)eles não aprenderam aquela música que eles aprenderam mas já aprenderam a fazer um jogo ou já aprenderam a encaixar uma peça ou já aprenderam a virar a página de um livro, - (...) isto são coisas simples e eu tento sempre, todas as semanas não deixar em branco essas evoluções, mostrar aos colegas, ou mesmo, in loco eles verem o colega a fazer	

		<p>(...) ou trazer vídeos para eles verem e depois eles começam-se a interessar por esses próprios progressos e querem também participar e ajudar.</p> <p>- Portanto é essencial o meu papel nessa parte.</p> <p>- Se eu só chegar lá e não promover esse interesse dos colegas pelas coisas que aquele aluno faz e que aquele aluno precisa, ensinar essas coisas, a inclusão não é conseguida.</p> <p>- Acho essencial, até porque nós conhecemos tão bem os alunos, não é que a gente tenha de estar lá sempre e depois haver momentos em que nós já não precisamos de lá estar.</p>	
	Prof. EE 3	<p>- Eu acho que faço por isso, todos os dias, quando tento que eles pertençam ao grupo</p> <p>- (...) quando tento que eles participem em todas as atividades, quando os levo, por exemplo, com os meninos do pré, que faço questão que eles estejam presentes na sala de aula,</p> <p>- (...) acho que deverão estar dentro da sala de aula com o professor titular, trabalhar em conjunto,</p> <p>- (...) faço questão que trabalhem, nem que seja preciso agarrar na mão da menina, mesmo quando a menina não consegue fazer.</p> <p>- E eu faço para que ela participe, para que ela dê o seu contributo. Porque eu acho que ela deve lá estar.</p>	
Adequar e traçar estratégias para a aprendizagem	Prof. EE1	- Nós, enquanto docentes de Educação Especial, temos de pensar nesse tipo de estratégias (organização dos espaços e materiais) que são determinantes para a aprendizagem.	2
	Prof. EE 3	- (...) tentando, sim, com estratégias que sejam adequadas a eles, mas sempre com a turma, sempre o mais tempo possível dentro da turma.	
Agentes de mudança nas práticas do Professor do ensino regular	Prof. EE1	<p>- Tem que mudar, forçosamente.</p> <p>- Já sinto avanços.</p>	16
	Prof. EE 2	<p>- Há várias atividades que se podem fazer para mudar um pouco a ideia de como estes miúdos são</p> <p>- Sim. - Muitas mudanças.</p> <p>- Os alunos já podem ser deixados sozinhos (sem o prof.de EE na sala) em momentos curtos</p> <p>- Mas já houve mudanças,</p> <p>- (...) já há mais interesse,</p> <p>- (...) já há mais vontade,</p> <p>- (...) já não há aquele pânico da criança ficar ali.</p> <p>- Já é diferente.</p> <p>- (...) calculo que muitos dos colegas também mudem,</p>	
	Prof.	- Há uma mudança de atitudes, há.	

	EE 3	- Acaba por mudar porque eles acabam por se aperceber, quando têm alunos mais específicos, ... até tentar trabalhar com os outros numa maneira também mais específica.	
		- Acho que acordam um bocadinho para a vida.	
		- Pelo menos é o que eu tenho sentido este ano.	
		- No ano passado não. Mas este ano sim.	

IMPACTO DA INCLUSÃO NOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR							
CATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.				
IMPACTO DA INCLUSÃO NOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR	AUSÊNCIA DE IMPACTO	Prof. EE1	- Não, não há cuidado em preparar atividades para estes alunos. - Por enquanto acho que não.	9			
			- Às vezes pode haver, por exemplo houve agora um passeio mas também não houve uma preocupação se aquele passeio seria adequado a esses alunos. -				
			- Mas eu penso que ainda não estamos nesse ponto.				
		Prof. EE 2	- (...) outros não, outros tentam passar ao lado. - Tentam que o trabalho seja completamente feito pelo professor de Educação Especial e não há qualquer mudança na rotina da turma - (...) e não vejo isso muitas vezes,				
		Prof. EE 3	- Mas às vezes ainda se esquecem. - Basta eu dizer que têm duas estagiárias dentro da sala e ainda nunca vi uma única atividade preparada para eles, para os meninos da multideficiência. Ainda nunca houve.				
		Prof. EE1	- Só que às vezes os professores (...) parece que não pensam nisso (organização dos espaços e materiais). - (...) não havia tempo para fazer essa planificação prévia e aí pois é uma falha e as coisas seguramente não correm como nós gostaríamos.		2		
		Dificuldade em responder às novas exigências	Pedagogia diferenciada		Prof. EE1	- (...) em termos da prática propriamente dita, duma pedagogia diferenciada, os professores tentam fazer mas não é fácil	4
					Prof. EE 2	- Há alguma preocupação de incluir alguns aspetos em relação a estes meninos mas eu penso que é uma coisa mínima em relação àquilo que devia de ser.	
	- Acho que pode-se melhorar bastante, nesse aspeto,						

	Currículo		- (...) os professores e educadores pensarem mesmo na turma como um todo, ou seja “com esta turma assim, como é que nós vamos fazer, como é que vamos planificar”	7	
		Prof. EE1	- (...) só que há outros aspetos que tem a ver mais com as questões curriculares, - (...) as questões finas do currículo, com o Projeto Curricular de Turma, como à bocadinha referi, - (...) portanto a inclusão tem de ser de facto abrangente e que tem que abarcar esses aspetos todos. Eu acho que ainda é um processo que não estamos lá. (diferenciação curricular) - Não contempla.(o projeto curricular de turma) - (...) dizem “mas está bem, existem estes dois alunos mas também existem os outros vinte”. - Aqui a questão é nós realmente tentarmos arranjar um meio-termo onde caibam todos os vinte e dois. Portanto eu acho que ainda não está no ponto...		
		Prof. EE 2	- (...) o projeto curricular é pensado um pouco para os outros e nalguns momentos então vamos incluir aqueles - Eu acho que poderia ser pensado de outra forma.		
		Prof. EE1	- Eu acho que não porque também no grupo de ano existe a especificidade de cada turma, e nem todas as turmas têm alunos com estas características. - (...) realmente o próprio ano não discute essas coisas. - Fica só pelas questões curriculares, discute o currículo mas é aquele currículo normal, digamos assim, entre aspas, e não estas especificidades.		3
	Resposta adequada	Organização da sala (acessibilidade assegurada)	Prof. EE1	- A organização dos espaços, também foi uma conquista, - (...) a organização dos espaços e dos materiais para essas alunas... - (...) portanto os alunos têm de estar posicionados em lugares estratégicos na sala de aula.	4
			Prof. EE 3	- (...) já oiço dizer que as colegas que têm os meninos de Ensino Especial trabalham de uma maneira diferente em contexto de sala de aula	
		Adequação das rotinas	Prof. EE1	- Mais em termos de atividades concretas, - (...) nas rotinas do dia-a-dia na sala de aula. Já há alguma preocupação a esse nível	2
	Articulação entre professor	Geral	Prof. EE 3	- Tenho conseguido uma boa articulação	5
				- Existe.	
- Tem existido trabalho de parceria, sim					
- Com as duas turmas do primeiro ciclo em que estou a trabalhar, felizmente.					

			- E principalmente com o aluno da multideficiência. A professora do ensino regular não tinha orientações (formação específica) e tem trabalhado muito. (baseada nas pistas que lhe dei)	
	Específica	Prof. EE1	- Pronto existe alguma articulação mas não existe: “vamos fazer as duas, hoje, neste momento este material”. Isso ainda não.	3
	Adaptação / Construção de Materiais		- Sim há trocas Realmente fazemos propostas, eu mando para a colega, ela manda para mim com algumas alterações. Temos de pensar como é que vamos chegar aí. (á colaboração)	
	Troca de ideias		- Trocava impressões com a professora da turma e ela também às vezes quando tinha algumas ideias trocava comigo	
	Colaboração	Prof. EE 3	- É em colaboração.	4
			- Tem sido em colaboração	
			- (...) umas vezes eu deixo orientações e deixo trabalho, outras vezes deixo só as orientações e a professora do ensino regular trabalha.	
			- Houve uma continuidade e há um apoio das duas partes. Posso dizer que sim	
	Planificação de atividades	Prof. EE1	- (...) ao nível da planificação das atividades,	3
			- (...) tentamos adequar as atividades àquilo que a turma faz e que é feito na turma.	
			- Portanto temos de andar todos muito certinhos, num passo muito certo.	
	Mais recursos	Prof. EE1	- (...) para respondermos a todos os alunos necessitamos de ter recursos, sim, para que realmente esses alunos tivessem um papel mais ativo	1
	Práticas inclusivas contempladas no Projeto curricular de escola	Prof. EE1	- (...) é preciso que saibamos todos para onde é que queremos caminhar, o que é que ensinamos aos alunos, onde, como, com quem, com que estratégias,	2
			- (...) é um processo muito complexo para que realmente as aprendizagens façam sentido e o menino não passe de um processo de inclusão, quer dizer, física mas uma inclusão plena. É isso que eu acho que todos temos de procurar.	
	Formação	Prof. EE1	- Temos que nos munir de muitas armas, de muita formação, de muita sensibilização e estou convencida que chegaremos a bom porto,	9
			- Eu acho que passa por formação	
		Prof. EE 2	- (...) além das pessoas terem formação,	
			- (...) irem evoluindo, aprenderem, terem essa formação	
		Prof. EE 3	- Eu acho que os professores do ensino regular deveriam, pelo menos assim, umas noções básicas de como ... a parte teórica, portanto.	

		<p>- Se calhar às vezes faltam-lhe bases e contacto com, nem que seja, com os outros colegas para troca de experiências.</p> <p>- Para poder haver troca de experiências. Portanto acho que a formação também entra por aí, nem que seja por estar com os outros colegas</p> <p>- A nível de escola, havia formação no início do ano, havia formação a meio do ano, havia formação no fim do ano.</p> <p>- Haver assim um ponto de avaliação e troca de instrumentos, como é óbvio.</p>	
Informação	Prof. EE1	- (...) e informação	1
Maior envolvimento do professor do ensino regular na inclusão	Prof. EE1	<p>- (...) e passa também por um processo de motivação em que realmente os professores têm que perceber que eles também fazem crescer estes alunos, seguramente</p> <p>- (...) eu acho que tem que haver aqui um papel de grande proximidade, mas também não sermos só nós a liderar o processo.</p> <p>- Quer dizer, nós ajudarmos a conduzir o processo mas deixarmos também para o professor do regular o ele sentir que está a educar esses alunos.</p> <p>- Não podemos correr o risco de os isolarmos, não é, nós sermos um recurso, de facto orientador, da organização, mas o professor tem de ser responsável pela educação deles.</p> <p>- Porque senão corremos o risco de eles se irem demitindo deste papel já que o mundo da educação e da aprendizagem é tão complexo, é tão exigente.</p>	5
Aceitação	Prof. EE 3	- Primeiro que tudo tem que haver uma aceitação. Perceber que os meninos são nossos, são da escola, têm que estar nas turmas	1
Mudança de mentalidades	Prof. EE 3	- Mas, primeiro que tudo, mudança de mentalidades.	1
Cooperação entre docentes, instituída	Prof. EE1	<p>- E se calhar é uma coisa que eu acho que até a própria escola ou a própria organização ou o próprio grupo de Educação Especial, não sei, mas tem de pensar (cooperação entre docentes do regular sobre estratégias a adotar com alunos de EE)</p> <p>- Isto é um alerta que deixo que deveria ser tratado nos grupos e ano.</p> <p>- Deveria haver partilha entre docentes.</p> <p>- (...) no grupo de ano, em que as pessoas elaboram materiais, escolhem os manuais, ... deveria de haver, (...) esta especificidade destes alunos.</p> <p>- Mas tinha de haver aqui momentos obrigatórios de planificação conjunta com os professores de Educação Especial e os professores da turma</p>	8

		- (...) mas devia de haver uma contrapartida e uma orientação explícita em que tem que ser assim.	
		- A planificação conjunta, a avaliação e momentos disponíveis no horário das pessoas para este fim.	
	Prof. EE 2	- (...) além dessas planificações em conjunto e com a escola e em conjunto com o professor para melhorar a atividade pedagógica.	
Estratégias pedagógicas	Prof. EE 2	- (...) a planificação deles, ou a programação da maneira como programam a atividade pedagógica, pelo menos devia mudar	1
Recursos humanos	Prof. EE 2	- (...) é realmente haver mais recursos humanos, - (...) e especializados	7
	Prof. EE 3	- Precisam de um apoio diferenciado, precisam - (...) faltam apoios.	
		- (...) as terapias acho que lhe fazem muitíssimo bem	
		- Se ele tivesse apoio os dias todos, ele tinha ido bem mais longe.	
		- Mais apoios.	
Recursos materiais	Prof. EE 2	- (...) haver também recursos físicos, também é muito importante,	1
Mais Tempo de apoio	Prof. EE 2	- (...) para se fazer um bom trabalho com estas crianças, eles precisam muito da sua atenção e precisam muito de tempo, muita disponibilidade e, por mais que o professor do regular queira fazer, é impossível ensinar aquilo que eles realmente precisam, porque não há tempo para isso. Portanto tem de haver mais tempo com estes meninos.	3
		- Mas se não houver realmente tempo, um tempo de qualidade, claro, mas tempo para estar com estes meninos e para lhes ensinar essas coisas que eles precisam, porque eles não aprendem sozinhos.	
		- Portanto esse tempo, para mim é das ... o tempo que se tem com esses meninos, haver bastante tempo	

BARREIRAS/FACILITADORES DA INCLUSÃO

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.	
BARREIRAS	Desresponsabilização do professor do regular	Prof. EE 2	- (...) ainda pensar-se muito que o professor de Educação Especial é que tem a responsabilidade destes meninos,	2	
			- (...) isso faz com que eles às vezes não se envolvam tanto no processo, para mim também é uma barreira.		
	Falta de tempo	Prof. EE 2	- (...) as barreiras têm mesmo a ver com essa parte de pouco tempo, poucos recursos e se há poucos recursos e pouco tempo, os alunos ficam prejudicados	1	
	Falta de preparação dos pais	Prof. EE 3	- Os pais (...) Ainda não houve a aceitação total, se calhar, do que os filhos têm e depois também ... e não sabem responder.	1	
	Falta de acessibilidade exterior	Prof. EE1	- (...) o único constrangimento que sentimos é mesmo de facto o espaço exterior que é um espaço mal aproveitado mas isto é um problema de todos os alunos, não é só especificamente destes.	2	
			- Acho que há muitas barreiras físicas.		
	Falta de Materiais	Prof. EE 2 Prof. EE 3	- (...) não há muitos materiais	4	
			- Barreira: falta de materiais.		
			- A nível de falta de material. - Nós, na Unidade, podíamos proporcionar, se tivéssemos mais materiais (a nível sensorial) podíamos proporcionar outro tipo de ensino.		
	Os técnicos não pertencerem à escola	Prof. EE 3	- Os técnicos virem de fora é mau, é uma barreira.	2	
- O facto de o técnico não pertencer à escola, porque há horas estabelecidas, portanto é barreira.					
FACILITADORES	Espaços interiores	Prof. EE1	- (...) nós temos, neste momento, uma escola que tem todas as condições para ter os meninos em termos de elevador, e vamos tentando ajustar também às necessidades deles,	2	
			Prof. EE 2		- (...) o espaço físico é muito melhor, por exemplo, que o espaço físico que tínhamos no ano anterior,
	Bom ambiente de trabalho	Prof. EE 2	- Embora não assumam totalmente a responsabilidade destes alunos mas mostram interesse em querer melhorar, portanto, há um bom ambiente de trabalho e isso para mim é um facilitador.	3	
			Prof. EE 2		- (...) o bom ambiente, em relação a esta escola,
			Prof. EE 2		- (...) o bom ambiente entre colegas que facilita nós podermos fazer um comentário, sugerirmos.
Cooperação ente pais e	Prof. EE 2	- (...) o bom relacionamento com os pais destes meninos			

	escola	Prof. EE 2	- (...) e podermos mandar certas tarefas para eles fazerem em casa e alguns deles colaborarem e isso também depois vai facilitar o nosso trabalho aqui,	3
		Prof. EE 3	- (...) também temos os pais como facilitadores	
	O empenho dos técnicos	Prof. EE 3	- (...) o empenho de todos os profissionais que trabalham com os meninos.	4
			- A disponibilidade e a entrega dos técnicos.	
- (...) os técnicos que estão a trabalhar, considero que são muito bons e que acabam por ser facilitadores, para se trabalhar com eles e sempre disponíveis para o contacto connosco.				
- (...) os técnicos que estão a trabalhar, considero que são muito bons e que acabam por ser facilitadores, para se trabalhar com eles e sempre disponíveis para o contacto connosco.				

MULTIDEFICIÊNCIA					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.	
MULTIDEFICIÊNCIA	DEFINIÇÃO	Prof EE1	- (...) é um aluno que tem mais do que uma ou duas deficiências, sejam elas mentais ..., geralmente esse aluno tem deficiência mental, mas pode ser motora ou pode ser também sensorial.	5	
		Prof EE 2	- (...) é um aluno que tem a parte cognitiva afetada e depois uma das outras áreas também, a parte da mobilidade ou uma parte sensorial - Tem de ter duas grandes áreas comprometidas para se considerar um aluno com multideficiência.		
		Prof EE 3	- O que tem mais do que uma deficiência associada. - E normalmente a nível cognitivo e a nível físico.		
	Especificidades únicas	Prof EE1	- (...) não há um aluno com multideficiência que seja igual ao outro,	1	
	Limitações na interação com os outros	Prof EE1	- (...) é um aluno que do ponto de vista de interação, do relacionar-se com o mundo, do relacionar-se com os outros, tem muitas limitações,	2	
			- Portanto é um aluno que do ponto de vista de interação, do relacionar-se com o mundo, do relacionar-se com os outros, tem muitas limitações		
PREOCUPAÇÕES FACE À PRESENÇA DE ALUNOS COM MULTIDEFICIÊNCIA	Do professor	Conhecer os alunos	Prof EE1	- (...) para já, foi conhecê-los e interagir com eles, também para que os meus alunos ganhassem confiança comigo e se sentissem seguros comigo.	2
			Prof EE 2	- Foi falar com os professores de Educação Especial, foi falar com os pais, perceber o máximo possível daqueles alunos	

		Do prof. do regular	Procurar informação	Prof EE 2	- Tentei logo procurar coisas que os outros alunos pudessem colaborar com eles e trabalharem	7			
					- Então tive também de aprender				
					- (...) e depois também procurar ideias, com pessoas que já trabalhavam com esse tipo de alunos, de coisas interessantes que eu pudesse fazer com eles.				
				Prof EE 3	- Primeiro que tudo, tentei informar-me sobre a problemática				
					- Depois o conhecer, com os técnicos que já tinham trabalhado com os alunos.				
					- E falar e orientar as coisas com os técnicos que já trabalhavam, que já conheciam.				
			Incluir os alunos na turma	Prof EE1	- (...) depois ao estar na turma, acima de tudo foi realmente inclui-los no verdadeiro sentido da palavra.	1			
			Interação entre todos	Prof EE1	- Que os outros os conhecessem que eles conhecessem os outros alunos, que eles interagissem no sentido de colaboração mútua. - Que eles se respeitassem mutuamente.	3			
					- De aceitação porque havia meninos que, não é que não aceitassem, mas aqueles alunos eram-lhes indiferentes e nenhum aluno pode ser indiferente ao outro.				
					- E foi todo um trabalho de esclarecimento,				
			Medo	Prof EE 2	- A primeira coisa que eu senti foi o muito medo de serem deixados com eles sozinhos. O não saberem muito bem como haviam de atuar e com medo que houvessem momentos em que os alunos iriam ficar sozinhos com eles.	2			
- Portanto foi muito medo.									
Esquecimento	Prof EE 3	- às vezes esquecem-se que eles existem	3						
		- Já por três ou quatro vezes, senti que quando... ou quando eu estou a chegar à sala, ou eles já lá não estão, ou porque foram a uma visita de estudo e nem sequer avisaram que havia essa visita de estudo.							
		- há determinadas atividades que eles fazem e que eles até poderiam participar e não participam.							
Mudança de atitude	Prof EE 3	- Não agora no final do ano, porque estão a participar.	2						
		- Notei evolução							
Preocupação em trabalhar	Prof EE 3	- a professora do regular trabalha muito bem.							
		- Aceitou muito bem as dicas, entre aspas, que eu fui dando. Tudo aquilo que eu pedi, ela acedeu.							

			com o aluno		- Tudo aquilo que eu propus, ao nível de estratégias, ela cumpriu.	4
					- Que todos os trabalhos que eu deixei propostos para o aluno, durante a semana, eles foram feitos, foram realizados.	

PROPOSTAS PARA UMA MELHOR INCLUSÃO DO ALUNO MULTIDEFICIENTE			
CATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.
Valorização do aluno com multideficiência	Prof. EE 2	- (...) atividade ou atividades (...) de valorizar aquele aluno perante os outros e trazer coisas que os outros alunos gostem.	2
		- (...) dentro do possível, porque nem sempre é possível fazer coisas iguais, mas é, as coisas que aqueles alunos fazem, que podem ter uma ponte com os outros, devem ser mostradas, devem ser valorizadas.	
Dar a conhecer a Unidade aos outros alunos	Prof. EE 2	- Levar também os meninos, por exemplo, ao espaço onde eles estão a trabalhar noutros sítios, por exemplo, levar os meninos à Unidade	2
		- Portanto, de uma maneira é nós realmente deixarmos-los entrar nesse mundo do aluno	
Envolver os pais	Prof. EE 2	- (...) trazer um bocado os pais, esses pais a participarem em certas coisas, que também não é fácil, desses meninos.	1
Trabalho cooperativo	Prof. EE 2	- (...) as pessoas terem um bocadinho de tempo para se sentarem e falarem sobre as coisas, que não é fácil, às vezes não é fácil arranjar esse tempo.	7
		- Partilhar todas essas evoluções que nós também temos, não só na sala mas fora da sala, noutros contextos, com essa colega	
		- Mostrar depois também à colega. Fazê-las, realmente, ficar também contentes e empenharem-se nas evoluções que os alunos têm.	
		- Mas essa questão também do tempo da programação é muito importante.	
		- (...) como nós temos a reunião da Unidade, também haver ali um espaço de reunião (entre todos)	
		- fazer assim várias reuniões, acho que seria bom.	
		- (...) há necessidade de planificação em conjunto.	
Atividades diferenciadas	Prof. EE 3	- Precisam de outro tipo de atividades	1
Troca de	Prof. EE 2	- No fundo é deixá-los entrar no mundo do colega também.	

	atividades entre alunos	Prof. EE 3	- Em vez de serem só eles a fazerem as atividades dos outros, os outros fazerem as que eles fazem. Ser ao contrário um bocadinho. Se o aluno precisa, por exemplo, de vir passear à rua, de meia em meia hora, dar uma volta na rua. Então, se calhar não era só ele a vir, por vezes, os outros também: dar uma voltinha e vai tudo para dentro da sala.	2
--	-------------------------	------------	---	---

PARECER SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM MULTIDEFICIÊNCIA					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	FR.	
PARECER SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM MULTIDEFICIÊNCIA	Professor de EE	ASPETOS POSITIVOS	Desenvolvimento de aprendizagens	Prof EE1 - Ai, não tenho quaisquer dúvidas. mas não interessa que os meninos estejam na turma ou que estejam na sala fisicamente, se não estiverem, de facto, a desenvolverem aprendizagens, a fazer aprendizagens significativas. - Como é que os meninos estão na turma e que têm realmente de realizar aprendizagens significativas. E eu acho que aqui temos de estar muito atentos a esta situação	3
			Prof EE 2 - Eu considero muito importante e benéfico Portanto é benéfico mas tem de se criar essas condições (de aprendizagem)		
			Interacção entre pares	Prof EE1 -(...) há aqui um dar e receber. Portanto há aqui uma interacção. E é neste todo que os meninos aprendem e se desenvolvem e eles percebem as diferenças e respeitam-nas, ao fim e ao cabo, e preocupam-se - Pensam neles mas, também pensam naqueles meninos que têm outro tipo de limitações, como é que vamos fazer. Já os sentem pertença do grupo - Esse sentido de pertença, eu acho, que pelo menos este ano, sinto.	
		Prof EE 3 - Considero. Até porque se nota um cuidado especial dos outros alunos para com eles, para com os nossos meninos e eles acabam por se preocupar com os outros mesmo se os virem a chorar vão. Portanto acho que é muito benéfico para eles estarem, tanto para uns como para outros.			
		ASPETOS NEGATIVOS	Falta de condições físicas e humanas	Prof EE 2 - (...) mas o que acontece é que, por falta de condições humanas, e por vezes físicas, essa inclusão, por vezes, não é benéfica. - Não havendo muitas condições, o aluno não poderá estar a aprender aquilo que realmente precisa. - (...) se não há essas condições, não há maneira de criar essas condições ali, o aluno então, tem de ser retirado, bastantes momentos, e fazer um trabalho específico nas áreas que ele precisa porque ali não vai ter essa resposta	3

Para os professores do Regular	ASPETOS POSITIVOS	Viabilidade da Inclusão	Prof EE1	- Consideram positiva mas o que sei dizer é que existe ainda muito este tipo de discurso. “Os alunos estão cá mas se houver apoio”.	4
				- (...) mas as pessoas estão um bocadinho formatadas para também não facilitar muito	
				- (...) há alguma flexibilidade mas... as alunas só vão se alguém for com elas	
		Prof EE 2	- Eu acho que eles consideram (positivo)		
	Boa aceitação dos alunos	Prof EE 3	- Penso que sim.	6	
			- Eu falo deste ano especialmente, tem corrido bem.		
- (...) tem corrido bem a aceitação destes alunos					
- Portanto há uma preocupação em relação ao aluno,					
- (...) em relação ao grupo e em relação a ele com o grupo.					
- Eu acho que não estavam habituados a ela. Acho que foi isso, nunca tiveram tempo para se habituar a ela. E então agora como já estão à espera que ela apareça, já estão ...					
ASPETOS NEGATIVOS	Os alunos sem multideficiência estão em primeiro lugar	Prof EE 2	- (...) mas continuam a achar, sempre, que os outros alunos nunca podem ser prejudicados devido a estes.	5	
			- E não percebem, não têm aquela perspetiva de que também estes alunos não devem ser prejudicados.		
			- (...) a balança pesa sempre mais no número de alunos que há mais,		
			- (...) portanto, se há mais alunos sem multideficiência, se o grupo é muito grande, esse grupo é que não é prejudicado. Se for necessário prejudicar alguém, é o aluno com multideficiência.		
			- (...) dá-se sempre mais importância ao outro grupo maior.		

APÊNDICE nº 5
Entrevistas – 3º Ciclo da Investigação

EDUCADORA 1

Qual o balanço que faz sobre como decorreu o ano letivo em relação à inclusão do alunos com Multideficiência na sua sala?

O ano decorreu dentro da normalidade. O aluno tem vindo a fazer muitos progressos, tanto em poder estar em sala de aula sozinho comigo como na mobilidade, pois já consegue deslocar-se sozinho de um lado para o outro agarrado aos móveis ou a rastejar. Isto por um lado é bom mas por outro requer que precisemos de estar mais atentos a ele pois joga a mão a tudo e atira tudo aos outros. Precisa ainda mais de ter uma pessoa com ele quando está na sala.

A menina por ser muito pequenina e não se movimentar era considerada como um bebé e queriam todos pegar-lhe na mãozinha e falar com ela.

Houve uma boa articulação com a professora de Educação Especial que me foi dando dicas sobre como deveríamos trabalhar com o menino, assim como com as técnicas que trabalhavam com ele.

Acho que consegui também mais desperta para o tipo de intervenção que estes meninos precisam através da informação que me forneceu ao longo do ano.

Consegue identificar, algumas das mudanças que foi implementando na turma e alguns constrangimentos que ainda sente, perante a inclusão destes alunos na sua sala?

Como me pude informar um pouco mais sobre estes alunos. Acho que fiquei mais sensibilizada para a importância destes miúdos a frequentarem o Pré junto das outras crianças para poderem conviver com elas e brincarem juntas.

Como ele já consegue se movimentar um pouco melhor, então criámos um momento por semana de dança, em que todos os alunos vão à sala da Unidade para dançarem.

Também criámos momentos, como também já referi, em que ele fica sozinho comigo na sala para ele perceber que pertence à quele grupo, onde os outros brincam com ele e o ajudam nos brinquedos. Também começámos, eu e a professora de Educação Especial, a combinar antecipadamente as atividades e saídas em que ele podia ser incluído.

A menina também começou a ficar momentos comigo na sala sem nenhum tipo de apoio e as outras crianças sabiam que ela fazia parte do grupo e brincavam com ela, chamando pelo seu nome e ela reagia às vozes e aos sons que eles faziam com os brinquedos. Acho que este tipo de estimulação foi muito importante para ela

Um dos constrangimentos que senti prende-se com o facto de o aluno quando fica comigo na sala sozinho precisar de muita atenção por mexer em tudo e atirar tudo o que fez com que acabasse por não poder dar a atenção devida tanto ao grupo como a ele.

Que sugestões gostaria de deixar para serem implementadas desde o início do próximo ano?

Em primeiro lugar acho que é muito importante que logo no início do ano se defina em conjunto quais os momentos em que os alunos vêm à sala e planificarmos também em conjunto as atividades em que eles possam participar, assim como os locais de saídas que sejam importantes para os alunos visitarem.

Acho também importante continuar a receber informação sobre multideficiência e sobre atividades que possa fazer com eles. Não esquecendo que seria importante haver a tal formação que referi no início do ano.

Acho que é muito importante trabalhar com eles as questões da socialização, da comunicação e da mobilidade.

EDUCADORA 2

Qual o balanço que faz sobre como decorreu o ano letivo em relação à inclusão dos alunos com Multideficiência na sua sala?

Considero que o ano correu bem. O aluno foi bem aceite pelos outros. As outras crianças foram sensibilizadas para verem as limitações deste menino como uma coisa natural. O Alex apesar de não interagir com os colegas, todos o queriam ajudar, dando-lhe brinquedos ou livros à mão. Acho que foi benéfico para uns e para outros poderem estar todos juntos.

O trabalho de articulação que estabeleci com a colega e técnicas que trabalharam com o aluno também decorreu bem e foi muito proveitoso.

Consegue identificar, algumas das mudanças que foi implementando na turma e alguns constrangimentos que ainda sente, perante a inclusão destes alunos na sua sala?

Acho que fui ficando um pouco mais confiante com o decorrer do tempo e com a informação que me forneceu bem como com as orientações que as professoras do EE me foram dando. Percebo que é muito importante que estes meninos participem nas atividades do grupo e convivam com eles.

O Alex como é um caso mais complicado não podia ficar aqui na sala sozinho. Então a professora de EE ou uma técnica vinham com ele no andarilho para treinar a marcha e para tomar contacto com os outros colegas e participava nas pinturas e estava também presente no momento da música e canções. A professora também costumava trazer trabalhos que ele fazia com ela para mostrar aos outros o que ele podia fazer e o que conseguia e eles gostavam. Também costumávamos ir à sala de Multideficiência para eles conhecerem onde o colega trabalhava e brincava.

Os constrangimentos que posso referir prendem-se com o facto de não poder estar alguns momentos com o Alex na sala sozinha. Preciso sempre de mais apoio porque tenho outros casos que também necessitam de uma atenção especial e são muitos no grupo.

Que sugestões gostaria de deixar para serem implementadas desde o início do próximo ano?

Acho que é muito importante que nós consigamos vir a receber mais informação sobre a Multideficiência, quer com documentos que nos possa fornecer quer através de ações de formação como logo no início do anos referi.

É importante que se estabeleça desde logo o início do ano uma boa articulação entre mim e as pessoas que vão trabalhar com o aluno para planearmos o que é necessário trabalhar com ele, para eu ir percebendo o que posso também fazer com ele.

PROFESSORA 1

Qual o balanço que faz sobre como decorreu o ano letivo em relação à inclusão do alunos com Multideficiência na sua sala?

Decorreu mais ou menos bem, atendendo que tenho uma turma muito complicada e com muitos casos complicados. Além das duas meninas da Unidade tenho mais dois de EE, fora os outros que também precisam de uma atenção especial. A minha sorte foi a boa parceria que estabeleci com a professora de EE.

Relativamente às alunas da Unidade, este ano elas praticamente estavam o tempo todo na sala, quando a professora de EE estava lá. Aprenderam rotinas e a saber estar na sala. Uma delas foi um bocadinho mais complicado porque a família não queria dar a medicação e gritava muito e andava muitas vezes pela sala.

Mas sinto que ao longo do ano com as dicas que fui recebendo da professora de EE assim como da informação que me disponibilizou, fiquei mais sensibilizada sobre a importância e sobre como se deve envolver estas meninas nas atividades da turma.

Consegue identificar, algumas das mudanças que foi implementando na turma e alguns constrangimentos que ainda sente, perante a inclusão destes alunos na sua sala?

Sim. Aos poucos fomos desenvolvendo atividades na turma em que as meninas pudessem participar. Elas colaboravam com os outros a marcar as presenças, a distribuir os cadernos, para aprenderem os nomes deles e a distribuir o leite. Aproveitava para dar as expressões nos momentos em que elas estavam na sala para poderem participar no grupo.

Fui-me apercebendo que este tipo de alunas precisa muito de estar junto dos outros alunos para irem aprendendo com eles, principalmente em como se comportar em sala de aula e também as ajudam a desenvolver a linguagem pois falam muito uns com os outros.

Relativamente a constrangimentos, o facto da minha turma, como já referi, ter muitos alunos de Educação Especial e ser muito grande, o que faz com que não possa dispor de muito tempo para estas miúdas em particular.

Que sugestões gostaria de deixar para serem implementadas desde o início do próximo ano?

Acho que será importante que a turma continue a ter apoio pois para o ano estão no terceiro ano e as matérias a trabalhar são muitas. Em relação a estas alunas é importante que continuem a ter o mesmo tipo de apoios que tiveram este ano, tanto da professora de apoio como das outras técnicas da Unidade.

Também acho importante continuar a haver articulação entre mim e a professora de apoio na planificação das atividades e também que houvesse mais informação ou formação sobre este tipo de alunos.

PROFESSORA 2

Qual o balanço que faz sobre como decorreu o ano letivo em relação à inclusão do alunos com Multideficiência na sua sala?

Considero que o ano decorreu bem. Acho que aprendi muitas coisas com a presença desta aluna na minha sala pois foi a primeira vez que trabalhei com alunos assim. Acho que me sinto mais desperta para o que é um aluno com multideficiência. O trabalho com a professora de EE também me ajudou bastante a perceber como se deve trabalhar com estes alunos, embora ainda não me sinta muito à vontade nesta matéria.

Consegue identificar, algumas das mudanças que foi implementando na turma e alguns constrangimentos que ainda sente, perante a inclusão destes alunos na sua sala?

Acho que me fui adaptado aos poucos a esta nova realidade e fui percebendo que precisava de pensar em atividades para a turma que envolvessem a aluna. Depois as dicas e a informação que a professora de EE me foi fornecendo foi-me elucidando sobre o que era a Multideficiência e sobre como deveríamos lidar com estes alunos quando estão na nossa sala. Consegui perceber que não é só importante trabalhar conteúdos académicos mas também dar importância a aspetos do relacionamento com os outros e às terapias que ela beneficiava e que a ajudavam a se desenvolver a todos os níveis.

Os constrangimentos que sinto é que neste caso a problemática não era muito complicada mas quando vejo aqueles meninos mais pequenos que estão no Pré, não sei como deveria de trabalhar com eles quando vierem para o 1º Ciclo. Acho que não estou preparada para isso. Sinto que estou mais desperta para a importância da inclusão destes alunos nas turmas regulares mas sei que preciso de receber formação no terreno quando passar por uma situação dessas.

Que sugestões gostaria de deixar para serem implementadas desde o início do próximo ano?

Ao longo do ano fui-me apercebendo que há muitas coisas que precisam de ser mudadas na nossa prática. Eu falo por mim, mas julgo que é generalizado. Precisamos que logo desde o início quando elaboramos o projeto curricular de turma, devemos de ter em conta estes alunos e pensar nas atividades que sejam para todos. Depois deve de haver uma grande articulação com os professores de EE e técnicos que trabalham com estes alunos para saber como se deve trabalhar com eles. Talvez estabelecer momentos de reunião para planificar em conjunto e avaliar o que se está a fazer com eles.

E principalmente formação porque eu para o ano vou ter primeiro ano e não sei se vou ter ou não meninos destes e necessito que logo desde o início estar envolvida no processo

PROFESSORA 3

Qual o balanço que faz sobre como decorreu o ano letivo em relação à inclusão do alunos com Multideficiência na sua sala?

Bem, não posso dizer que tenha decorrido como esperava pois a aluna foi muito pouco assídua. O trabalho que se deveria desenvolver, e que era de extrema importância para ela, relativa à socialização com os outros, o aprender regras de convivência em grupo, o saber estar em ambiente educativo, perdeu-se por não ser um trabalho continuado.

O facto de a família e a sua cultura não ter capacidades para valorizar a escola torna-se um entrave ao desenvolvimento desta criança. Sinto que já se queimaram muitas etapas que se tivesse sido estimulada desde cedo, talvez tivesse adquirido competências que agora dificilmente se conseguirão pois o pouco que se faz na escola perde-se por não haver regras básicas de higiene e de educação no seio da família.

Havia todas as condições para trabalhar com a aluna, desde professores, técnicos e material e a família não sabe valorizar o que a escola pretende contribuir para o desenvolvimento da menina. A escola fez de tudo, desde contactos com os pais, com a CPCJ, com a Cáritas, para que a família percebesse a importância da vinda de crianças para a escola mas nada surtiu efeito, pois ausentam-se por longos períodos e perdemos o rasto deles.

Consegue identificar, algumas das mudanças que foi implementando na turma e alguns constrangimentos que ainda sente, perante a inclusão destes alunos na sua sala?

Foram poucas as mudanças devido ao absentismo da aluna mas nas poucas vezes que frequentou a escola tentámos que ela tivesse momentos em sala de aula para tomar contacto com as outras crianças e aprendesse hábitos de estar em sala de aula e respeitar os outros. Também fizemos um trabalho com a turma para que compreendessem a deficiência da colega e a sua má apresentação e falta de higiene. E isso, acho que conseguimos, pois apesarem de notar o seu mau cheiro, ninguém se recusou em aceitá-la na sala.

Ao longo do ano fui-me informando um pouco mais, graças à documentação que me forneceu, sobre as necessidades educativas destes alunos com vista a poder preparar a minha intervenção com ela mas não consegui colocar grande coisa em prática pois ele vinha um dia ou dois e depois estava uma semana ou mais sem vir. Perdia-se tudo.

O maior constrangimento que noto é efetivamente o seu absentismo e a falta de compreensão dos pais para a importância da escola no desenvolvimento da menina.

Que sugestões gostaria de deixar para serem implementadas desde o início do próximo ano?

Acho que temos desde logo contactar as entidades responsáveis que acompanham a família para a pressionar na vinda da criança à escola e a tratarem da higiene da mesma. Depois devemos planificar logo desde o início os momentos que vem à sala e atividades que pode desenvolver em conjunto com os colegas.

PROFESSORA 4

Qual o balanço que faz sobre como decorreu o ano letivo em relação à inclusão do alunos com Multideficiência na sua sala?

Decorreu dentro da normalidade. O aluno que tenho na minha sala adaptou-se bem aos colegas e ao ritmo das aulas. Eu também sinto que fui ganhando ao longo do ano confiança no trabalho que desenvolvi com ele. A professora de apoio também me ajudou bastante, não só no trabalho de apoio ao aluno mas também nas orientações que me foi dando. Penso que com o passar do tempo me fui adaptando ao aluno e ele a mim.

Acho que ele beneficiou bastante do contacto com os outros meninos da sala pois como tem muitos problemas na comunicação, foi benéfico a interação com os outros para estimular esta parte.

Depois como tinha muito pouco tempo de apoio e não podia beneficiar da sala de Multideficiência, por me encontrar longe da escola sede, os outros alunos ajudavam-me nas tarefas com este aluno, o que foi positivo pois tornavam-se mais responsáveis e amigos dele.

Consegue identificar, algumas das mudanças que foi implementando na turma e alguns constrangimentos que ainda sente, perante a inclusão destes alunos na sua sala?

Tentei sempre que o ritmo da sala fosse o mais normal possível. Algumas atividades que desenvolvia com os outros e que ele não conseguia realizar igual, eram adaptadas para que ficassem, o mais parecido, com as dos outros. As fichas tinham de ser adaptadas. E como já disse, sempre que não tinha a professora de apoio, eram os outros que o ajudavam.

Graças à professora de EE que me dava uma preciosa ajuda nas orientações sobre o trabalho que deveria de realizar ao longo da semana e à informação que me disponibilizou sobre estas problemáticas e sobre estratégias de intervenção com estes alunos penso que consegui melhorar um pouco no meu modo de atuar com ele. Comecei a dar mais atenção às questões da comunicação e da socialização com os outros, e fazê-lo participar em todas as atividades do grande grupo, dentro das suas capacidades.

Os constrangimentos têm a ver com o facto de se tratar de uma escola longe da sede o que faz com que tenha menos recursos materiais e humanos. Tem-se muito menos apoio.

Que sugestões gostaria de deixar para serem implementadas desde o início do próximo ano?

Gostaria que houvesse mais apoios, principalmente dos técnicos e mais materiais didáticos. Que houvesse também momentos estipulados para reunir com as outras professoras que têm meninos com estas características para podermos trocar experiências e ideias sobre trabalhos a desenvolver. E claro que nos fosse dada alguma formação nesta área.

APÊNDICE nº 6

Análise de Conteúdo – 3º Ciclo da Investigação

ANÁLISE DE CONTEÚDO- 3º Ciclo da Investigação

AVALIAÇÃO DA INCLUSÃO EM SALA DE AULA NO ANO LETIVO

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES	F R .	
APRECIACÃO	Percurso normal	Ed.1	- O ano decorreu dentro da normalidade	5	
		Ed.2	- Considero que o ano correu bem		
		Prof.1	- Decorreu mais ou menos bem, atendendo que tenho uma turma muito complicada e com muitos casos complicados		
		Prof.2	- Considero que o ano decorreu bem		
		Prof.4	- Decorreu dentro da normalidade		
	Aspectos positivos	Inclusão na aula	Ed.1	- Acho que este tipo de estimulação (estar na aula) foi muito importante para ela	4
			Ed.2	- O aluno foi bem aceite pelos outros (...) apesar de não interagir com os colegas, todos o queriam ajudar, dando-lhe brinquedos ou livros à mão. - Acho que foi benéfico para uns e para outros poderem estar todos juntos.	
			Prof.2	- Sinto que estou mais desperta para a importância da inclusão destes alunos nas turmas regulares	
		Atitude mais positiva do professor			1
	Constrangimentos Inerentes a ...	criança	Ed.1	- (...) (o aluno) sozinho precisar de muita atenção por mexer em tudo e atirar tudo	1
		Organização escolar	Prof.4	- (...) o facto de se tratar de uma escola longe da sede o que faz com que tenha menos recursos materiais e humanos. Tem-se muito menos apoio.	2
			Prof.1	- (...) o facto da minha turma, (...) ter muitos alunos de Educação Especial e ser muito grande, o que faz com que não possa dispor de muito tempo para estas miúdas em particular	
Família: ▪ Não valorização da escola ▪Entrave ao desenvolvimento de práticas		Prof.1	- Uma delas foi um bocadinho mais complicado porque a família não queria dar a medicação e gritava muito e andava muitas vezes pela sala	5	
		Prof.3	- (...) a aluna foi muito pouco assídua. - O facto de a família e a sua cultura não ter capacidades para valorizar a escola torna-se um entrave ao desenvolvimento desta criança		

			inclusivas		<p>- O trabalho que se deveria desenvolver, e que era de extrema importância para ela, relativa à socialização com os outros, o aprender regras de convivência em grupo, o saber estar em ambiente educativo, perdeu-se por não ser um trabalho continuado.</p> <p>- Havia todas as condições para trabalhar com a aluna, desde professores, técnicos e material e a família não sabe valorizar o que a escola pretende contribuir para o desenvolvimento da menina</p>	2
			professora	Ed.2	- Preciso sempre de mais apoio porque tenho outros casos que também necessitam de uma atenção especial e são muitos no grupo.	
				Prof.2	- (...) embora ainda não me sinta muito à vontade nesta matéria	
ARTICULAÇÃO ENTRE PROFESSOR DO ENSINO REGULAR E PROFESSOR DE EE		Orientações	Prof. EE	Ed.1	- Houve uma boa articulação com a professora de Educação Especial que me foi dando dicas sobre como deveríamos trabalhar com o menino	9
				Ed.2	- O trabalho de articulação que estabeleci com a colega (...) decorreu bem.	
					- (...) bem como com as orientações que as professoras do EE me foram dando	
				Prof.1	- A minha sorte foi a boa parceria que estabeleci com a professora de EE.	
					- Mas sinto que ao longo do ano com as dicas que fui recebendo da professora de EE	
				Prof.2	- O trabalho com a professora de EE também me ajudou bastante a perceber como se deve trabalhar com estes alunos, - Depois as dicas que a professora de EE me foi fornecendo, como deveríamos lidar com estes alunos quando estão na nossa sala,	
	Prof.4	- A professora de EE também me ajudou bastante, não só no trabalho de apoio ao aluno mas também nas orientações que me foi dando. - Graças à professora de EE que me dava uma preciosa ajuda nas orientações sobre o trabalho que deveria de realizar ao longo da semana				

			Técnicos	Ed.1	- (...) assim como com as técnicas que trabalhavam com ele.	2
				Ed.2	- (...) (articulação estabelecida com) técnicas que trabalharam com o aluno (...) foi muito proveitoso	
			Planificação conjunta de atividades	Ed.1	- Também começámos, eu e a professora de Educação Especial, a combinar antecipadamente as atividades e saídas em que ele podia ser incluído	1
	INFORMAÇÃO RECEBIDA DA INVESTIGADORA		Permitiu melhorar a prática	Ed.1	- Acho que consegui também mais desperta para o tipo de intervenção que estes meninos precisam através da informação que me forneceu ao longo do ano.	5
Ed.2				- (...) e com a informação que me forneceu (investigadora) (fui ficando um pouco mais confiante)		
Prof.1				- (...) assim como da informação que me disponibilizou, fiquei mais sensibilizada sobre como se deve envolver estas meninas nas atividades da turma		
Prof.3				- Ao longo do ano fui-me informando um pouco mais, graças à documentação que me forneceu, (investigadora) sobre as necessidades educativas destes alunos com vista a poder preparar a minha intervenção com ela.		
Prof.4				- (...) e à informação que me disponibilizou (investigadora) sobre estas problemáticas e sobre estratégias de intervenção com estes alunos		
			Melhor relacionamento com os alunos multideficientes	Prof.2	- (...) a informação que a professora de EE (investigadora) me foi fornecendo foi-me elucidando sobre o que era a Multideficiência e como lidar com eles	1
	EVOLUÇÃO	Do aluno	Relacional	Ed.1	- O aluno tem vindo a fazer muitos progressos, tanto em poder estar em sala de aula sozinho comigo	7
				- (...) começou a ficar momentos comigo na sala sem nenhum tipo de apoio		
				- (...) e as outras crianças sabiam que ela fazia parte do grupo e brincavam com ela, chamando pelo seu nome e ela reagia às vozes e aos sons que eles faziam com os brinquedos.		
Prof.1				- Aprenderam rotinas e a saber estar na sala.		

			Prof.2	- (...) tentámos que ela tivesse momentos em sala de aula para tomar contacto com as outras crianças e aprendesse hábitos de estar em sala de aula e respeitar os outros	
			Prof.4	- O aluno que tenho na minha sala adaptou-se bem aos colegas e ao ritmo das aulas. - (...) e ele a mim (adaptação à professora)	
		Pessoal (Autonomia motora)	Ed.1	- (...) como na mobilidade	1
		Comunicação	Prof.4	- (...) ele beneficiou bastante do contacto com os outros meninos da sala pois como tem muitos problemas na comunicação, foi benéfico a interação com os outros para estimular esta parte	1
	Do professor	Sensibilização para a inclusão	Ed.1	- Acho que fiquei mais sensibilizada para a importância destes miúdos a frequentarem o Pré junto das outras crianças para poderem conviver com elas e brincarem juntas.	4
Ed.2			- Percebo (agora) que é muito importante que estes meninos participem nas atividades do grupo e convivam com eles.		
Prof.1			- (...) fiquei mais sensibilizada sobre a importância (da inclusão)		
Prof.2			- Consegui perceber que não é só importante trabalhar conteúdos académicos mas também dar importância a aspetos do relacionamento com os outros		
		Acreditar nas aprendizagens	Prof.1	- Fui-me apercebendo que este tipo de alunas precisa muito de estar junto dos outros alunos para irem aprendendo com eles - (...) também as ajudam a desenvolver a linguagem pois falam muito uns com os outros.	5
		Prof.2	- Acho que me fui adaptando aos poucos a esta nova realidade e fui percebendo que precisava de pensar em atividades para a turma que envolvessem a aluna		
		Prof.4	- Eu também sinto que fui ganhando ao longo do ano confiança no trabalho que desenvolvi com ele		

				(...) penso que consegui melhorar um pouco no meu modo de atuar com ele.	
		Conhecimento sobre o aluno com multideficiência	Prof.2	- Acho que me sinto mais desperta para o que é um aluno com multideficiência.	2
			Prof.4	- Penso que com o passar do tempo me fui adaptando ao aluno	
	Das práticas	Espaços partilhados	Ed.1	- Como ele já consegue se movimentar um pouco melhor, então criámos um momento por semana de dança, em que todos os alunos vão à sala da Unidade para dançarem.	2
			Ed.2	- Também costumávamos ir à sala de Multideficiência para eles conhecerem onde o colega trabalhava e brincava.	
		Responsabilização do professor da turma	Ed.1	- Criámos momentos, como também já referi, em que ele fica sozinho comigo na sala para ele perceber que pertence à quele grupo, onde os outros brincam com ele e o ajudam nos brinquedos	2
			Prof.4	- Comecei a dar mais atenção às questões da comunicação e da socialização com os outros,	
		Atividades partilhadas	Ed.2	- (...) e participava nas pinturas e estava também presente no momento da música e canções.	5
			Prof.1	- Aos poucos fomos desenvolvendo atividades na turma em que as meninas pudessem participar	
				- Elas colaboravam com os outros a marcar as presenças, a distribuir os cadernos, para aprenderem os nomes deles e a distribuir o leite	
			- Aproveitava para dar as expressões nos momentos em que elas estavam na sala para poderem participar no grupo.		
		Trabalho de tutoria entre alunos	Prof.4	- Os alunos ajudavam-me nas tarefas com este aluno, o que foi positivo pois tornavam-se mais responsáveis e amigos dele.	2
				- (...) sempre que não tinha a professora de apoio, eram os outros que o ajudavam.	
	Adaptação de atividades	Prof.4	- Algumas atividades que desenvolvia com os outros e que ele não conseguia realizar igual, eram adaptadas para que ficassem, o mais parecido, com as dos outros.	1	
	Adaptação de materiais	Prof.4	- As fichas tinham de ser adaptadas	1	

			Sensibilização para a diferença	Ed.2	- As outras crianças foram sensibilizadas para verem as limitações deste menino como uma coisa natural	3
					- A professora também costumava trazer trabalhos que ele fazia com ela para mostrar aos outros o que ele podia fazer e o que conseguia e eles gostavam.	
				Prof.3	- Também fizemos um trabalho com a turma para que compreendessem a deficiência da colega e a sua má apresentação e falta de higiene. E isso, acho que conseguimos, pois apesarem de notar o seu mau cheiro, ninguém se recusou em aceitá-la na sala.	

SUGESTÕES					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PART	INDICADORES		FR.
SUGESTÕES	PLANIFICAÇÃO DA INCLUSÃO	Tempo na sala	Ed.1	- Em primeiro lugar acho que é muito importante que logo no início do ano se defina em conjunto quais os momentos em que os alunos vêm à sala	1
		Atividades	Ed.1	(planificar desde o início) (...)os locais de saídas que sejam importantes para os alunos visitarem	5
	Prof.2		- (...) trabalhar com eles (alunos) as questões da socialização, da comunicação e da mobilidade.		
	Prof.2		- (...) desde o início quando elaboramos o projeto curricular de turma, devemos de ter em conta estes alunos e pensar nas atividades que sejam para todos		
	Prof.2		- (...) e necessito que logo desde o início estar envolvida no processo		
	Articulação	Prof.3	- Depois devemos planificar logo desde o início os momentos que vem à sala e atividades que pode desenvolver em conjunto com os colegas	5	
		Ed.1	- (...) planificarmos também em conjunto as atividades em que eles possam participar		
		Prof.1	- (...) continuar a haver articulação entre mim e a professora de EE na planificação das atividades		
		Prof.2	- (...) deve de haver uma grande articulação com os professores de EE e técnicos que trabalham com estes alunos para saber como se deve trabalhar com eles.		
			Ed.2	- Talvez estabelecer momentos de reunião para planificar em conjunto e avaliar o que se está a fazer com eles	
		Ed.2	- É importante que se estabeleça desde logo o início do ano uma boa articulação entre mim e as pessoas que vão trabalhar com o aluno para planearmos o que é necessário trabalhar com ele, para eu ir percebendo o que posso também fazer com ele.		
		Ed.1	- Precisa ainda mais de ter uma pessoa com ele quando está na sala.		

APOIO ESPECIALIZADO POR PARTE DA PROFESSORA DE EE	Prof.1	- Em relação a estas alunas é importante que continuem a ter o mesmo tipo de apoios que tiveram este ano, tanto da professora de EE como das outras técnicas da Unidade	2
RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	Prof.4	- Gostaria que houvesse mais apoios, principalmente dos técnicos e mais materiais didáticos	1
INFORMAÇÃO	Ed.1	- Acho também importante continuar a receber informação sobre multideficiência e sobre atividades que possa fazer com eles	3
	Prof.1	- (...) também que houvesse mais informação.	
	Ed.2	- É importante que nós consigamos vir a receber mais informação sobre a Multideficiência, quer com documentos que nos possa fornecer	
FORMAÇÃO	Ed.1	- Não esquecendo que seria importante haver a tal formação que referi no início do ano.	7
	Prof.1	- (...) formação sobre este tipo de alunos	
	Prof.2	- (...) preciso de receber formação no terreno quando passar por uma situação dessas.	
		- (...) principalmente formação	
	Prof.4	- Que houvesse também momentos estipulados para reunir com as outras professoras que têm meninos com estas características para podermos trocar experiências e ideias sobre trabalhos a desenvolver.	
		- E claro que nos fosse dada alguma formação nesta área.	
Ed.2	- (...) quer através de ações de formação como logo no início do ano referi.		

APÊNDICE Nº 7

Quadro: Opinião das Professoras de E.E. sobre o Impacto que a Inclusão tem sobre os Professores do Ensino Regular

Quadro: Opinião das Professoras de E.E. sobre o Impacto que a Inclusão tem sobre os Professores do Ensino Regular

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Prof. E.E.1	Prof. E.E.2	Prof. E.E.3	∑ FR	
Ausência de Impacto		4	3	2	9	
Dificuldade em responder às novas exigências	Organização dos espaços, Materiais e do Tempo	2			2	
	Pedagogia diferenciada	Práticas	1	3		4
		Currículo	5	2		7
	Dificuldade em o grupo de professores assumir aqueles alunos	3			3	
Resposta adequada	Organização da sala (acessibilidade assegurada)	3		1	4	
	Adequação das rotinas	2			2	
Articulação entre professor do ensino regular e professor de E.E.	Geral			5	5	
	Específica Adaptação/ Construção de Materiais Troca de ideias	3			3	
	Colaboração			4	4	
	Planificação de atividades	3			3	
Mais recursos		1			1	
Práticas inclusivas contempladas no Projeto curricular de escola		2			2	
Formação		2	2	5	9	
Informação		1			1	
Maior envolvimento do prof. regular na inclusão		5			5	
Aceitação				1	1	
Mudança de mentalidades				1	1	
Cooperação entre docentes, instituída		7	1		8	
Estratégias pedagógicas			1		1	
Recursos humanos			2	5	7	
Recursos materiais			1		1	
Mais Tempo de apoio			3		3	
				Total	86	

APÊNDICE Nº 8

Quadro: Avaliação da Inclusão em Sala de Aula no Ano Letivo

AVALIAÇÃO DA INCLUSÃO EM SALA DE AULA NO ANO LETIVO

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Ed.1	Prof.1	Prof.2	Prof.3	Prof.4	Ed.2	∑ FR	
APRECIÇÃO	Percurso normal	1	1	1		1	1	5	
	Aspectos positivos	Inclusão na aula	1					3	4
		Atitude mais positiva do professor			1				1
	Constrangimentos Inerentes a	criança	1						1
		Organização escolar		1			1		2
		Família: ▪ Não valorização da escola ▪ Entrave ao desenvolvimento de práticas inclusivas		1		4			5
		professora			1			1	2
ARTICULAÇÃO ENTRE PROFESSOR DO ENSINO REGULAR E PROFESSOR DE E.E.	Orientações	Professores de E.E.	1	2	2		2	2	9
		Técnicos	1					1	2
	Planificação conjunta de atividades	1							1
INFORMAÇÃO RECEBIDA DA INVESTIGADORA	Permitiu melhorar a prática	1	1		1	1	1	5	
	Melhor relacionamento com os alunos multideficientes			1					1
EVOLUÇÃO	Do aluno	Relacional	3	1	1		2		7
		Pessoal (Autonomia motora)	1						1
		Comunicação					1		1
	Do professor	Sensibilização para a inclusão	1	1	1			1	4
		Acreditar nas aprendizagens		2	1		2		5
		Conhecimento sobre o aluno com Multideficiência			1		1		2
	Das práticas	Espaços partilhados	1					1	2
		Responsabilização do professor da turma	1				1		2
		Atividades partilhadas		3			1	1	5
		Trabalho de tutoria entre alunos					2		2
		Adaptação de atividades					1		1
		Adaptação de materiais					1		1
		Sensibilização para a diferença				1		2	3
Total								74	